

**JUAREZ E SILVA CHAGAS**

**REPRESENTAÇÕES DA MORTE  
NOS MEIOS ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO  
NATALENSES (NATAL, BRASIL)**



**DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA  
ESPECIALIDADE EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA MARIA NATÁLIA RAMOS**

**UNIVERSIDADE ABERTA  
Lisboa, 2011**

Juarez e Silva Chagas

**REPRESENTAÇÕES DA MORTE NOS MEIOS ESCOLAR  
E UNIVERSITÁRIO NATALENSES (NATAL, BRASIL)**

Tese para obtenção do Grau de Doutor  
em Psicologia

Universidade Aberta

Lisboa, 2011

“A morte de qualquer homem me diminui, porque estou envolto no contexto da humanidade. Portanto, nunca mande alguém saber para quem os sinos dobram, eles dobram para você”.

(Donne, 1624)

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta Tese de Doutoramento, a qual representa o desejo pessoal de apresentar às comunidades escolar, académica e à sociedade em geral pesquisas sobre os anseios, pensamentos e, sobretudo a maneira como parcelas representativas destas comunidades lidam com conceitos, representações e valores existenciais de seu próprio desenvolvimento humano, agradeço a **DEUS**, em primeiro lugar, pela dádiva e privilégio da realização desta tarefa.

Estendo também o meu profundo agradecimento, a todas as pessoas que, com maior ou menor parcela de colaboração (porém, não menos importante), me ajudaram nas várias etapas para a conclusão deste trabalho, às quais quero aqui orgulhosamente registrar:

À Professora Doutora Maria Natália Pereira Ramos que, de forma calorosa, humana e, sobretudo, académica e científica me orientou nesta tão instigante e apaixonante, embora temerosa, pesquisa que, mesmo questionando a morte, demonstra imensa paixão pela vida;

Às Professoras Maria Lúcia da Costa e Maria Emília Henriques pela amizade e companheirismo demonstrados no interesse pela minha busca e por esta realização;

À Professora Doutora Maria da Penha Lima Coutinho, pela sua colaboração na análise dos desenhos elaborados pelos entrevistados;

À professora Mestre. Isabel Nobre, pela valiosa e imprescindível colaboração no tratamento estatístico dos dados deste trabalho;

Aos amigos Professora Mestre. Maria Tabita Almeida e Professor Doutor José Coelho Matias pela sincera amizade, colaboração e acolhimento no seio de sua família durante minha estada em Lisboa, para a concretização deste trabalho;

Ao Professor Mestre. Adelino Torres Antunes, por sua colaboração e valiosas sugestões quanto à formatação deste trabalho;

À minha Família, à qual desejo agradecer especificamente:

À Minha esposa, Fátima Ramos Chagas, a quem dedico as mais sinceras homenagens pela paciência, colaboração, abnegação, amor e compreensão, especialmente nos momentos de ausência exigida durante a elaboração deste trabalho;

Aos meus Filhos e Filha, Juary Luís Chagas, Jussara Ramos Chagas e Juandy Luís Chagas pelo carinho, amor e orgulho e pela certeza da continuação de nossas vidas neste Planeta;

Aos meus Pais (*in memoriam*), Francisco Luiz Chagas e Delfina Silva Chagas, cujas ausências, a cada dia, se tornam mais presentes;

Ao meu querido Irmão Otacílio Luiz Chagas por tudo o que representa para mim, tanto no passado e presente, como, seguramente, no futuro. Foi ele que, entre outros legados, me apresentou o mundo da banda desenhada (os quadrinhos), através dos quais aprendi a ler e a desenhar;

Aos meus saudosos Mestres de todos os tempos, desde o início da alfabetização até às Universidades, aos quais continuo a prestar o meu mais profundo respeito;

A todos os pacientes que tenho atendido em Psicologia Clínica, em especial aqueles que se encontravam em fase terminal da sua vida e, aos idosos, com quem tanto aprendi a olhar o outro e a fortalecer cada vez mais o respeito prestado e cujas lições de vida através da morte, carregarei para sempre comigo;

A todos aqueles que acreditaram em mim e no propósito de estudar e divulgar estudos sobre a finitude humana com o objectivo do desenvolvimento humano e valorização da vida;

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram e também até mesmo àqueles que, não acreditando no propósito deste trabalho como sendo uma tarefa fundamental para o conhecimento humano, instigaram e incentivaram a minha persistência.

## RESUMO

O presente trabalho trata da importância da representação e da subjectividade da morte que habitam não somente no imaginário do ser humano, como também fazem parte de sua constituição psicológica individual e colectiva, enquanto indivíduo social. O medo da morte, por sua vez, também gera conflitos que estas duas condições causam no imaginário, tanto individual quanto colectivo do ser humano.

Paradoxalmente, ao longo da nossa existência, em virtude da morte não ser ainda vista e tratada como uma questão comum, nem tão pouco discutida escolar e academicamente, no intuito de um melhor entendimento do desenvolvimento humano e, sobretudo, da aceitação da finitude humana, o entendimento deveria completar o conhecimento sobre o próprio ser humano, na sua trajectória em busca, não só do seu próprio conhecimento, como também de uma melhor qualidade de vida, mesmo através da compreensão da sua finitude.

Dever-se-ia esperar que, ao tratar-se sobre o tema da morte e suas respectivas repercussões na sua subjectividade, fosse o meio académico aquele que melhores condições e mais profundo entendimento tivesse sobre esta, quando comparado com outros grupos escolares considerados de níveis inferiores. Porém, o resultado final da nossa pesquisa aponta noutra direcção e apresenta surpresas no que diz respeito a esta visão.

O presente trabalho faz uma abordagem geral, sobre o conceito, medos e representações da morte, sobre o entendimento da temporalidade e finitude do ser humano. A partir do que pensamos sobre o ponto de vista psico-socio-cultural concentramo-nos na questão de sua representação social e do medo que dela advém, uma vez que o ser humano é o único, entre todos os animais, que tem a certeza da sua própria morte e contra a qual procura lutar incessantemente.

Esta questão remete, evidentemente, para algumas consequências de ordem psicossocial, uma vez que o comportamento humano, frente às adversidades, tem grande importância no que diz respeito ao modo como o indivíduo vive, bem ou mal, no seu meio ambiente, tanto na sociedade, como consigo mesmo. Assim sendo, foi realizado um estudo empírico, tendo-se construído um conjunto de indicadores para retratar o objecto de estudo. A abordagem metodológica foi elaborada através da análise de material iconográfico e do inquérito por questionário.

Pensamos, assim, contribuir para outros estudos e debates, pois que a morte ainda constitui, para muitos seres humanos, um dos mais resistentes tabus da actualidade, ocupando um lugar de destaque na nossa sociedade, tanto do ponto de vista subjectivo, como comportamental e, possibilitar ao mesmo tempo, uma discussão sobre este tema nas escolas e nas universidades, para que, assim, se possa conviver melhor, com a certeza de nossa finitude, a qual faz parte do nosso ser como um todo, mas que se encontra fora dos parâmetros educacionais modernos.

**Palavras-Chaves:** Morte; Representações Sociais; Representações da Morte; Subjectividade; Temporalidade.

## ABSTRACT

The present research is about the concept of Death and its Subjectivity and the fear it causes as the result of human being conflicts and frightful thoughts about dying, seen and felt individually as well as collectively, because perhaps the most widely inner attitude toward death is fear. Studies have demonstrated that fear for death is much more disturbing than death itself. So, the death anxiety and how it is managed by the individual is worthy of modern scientific investigation.

Paradoxically, it was expected that the fear of death among students and professors of local universities would be less than other common people (without university graduation) from society known as general population, because knowledge would be a very powerful “weapon” against fear of death, however the result of this present research, which took three years of study, brought unexpected surprises concerning this idea.

This work also deals, in general aspect, with the concept of death and its cultural view and meaning, so that, from this point on, emphasizes the fear of death, which is a universal phenomenon, no matter where the person is from in the world, because everybody is afraid of dying and the less someone knows about death the more he becomes afraid of, once death is considered the biggest unknown mystery of them all.

The instrument used in the present research is a self-report questionnaire, which consists of twenty questions about death and fear of death. The result expresses quality and quantity as well. Subjects for this research consists of two groups, including students and professors, male and female, representing the local academic or university community in Natal, capital of RN, a Brazilian State.

The finding results suggest that the fear for death is almost the same among students and professors of a university, as well as in general population of society without knowledge about death. This suggests, on the other hand, that the lack of specific information about death in both groups is almost about the same and that and urgent education on this area, taught in schools and university would be very important and fundamental for everyone, all around the world.

**Key-Words:** Death; Social Representations; Death Representations; Subjectivity; Temporality.

## RÉSUMÉ

Cette recherche verse sur l'importance de la représentation et de la subjectivité de la vie et de la mort qui habite, non seulement l'imaginaire de l'être humain, comme elle fait partie de sa propre composition psychologique individuelle et collective, en tant qu'individu social. La peur de la mort et la certitude de son inévitabilité créent des conflits que ces deux conditions vont imprimer, pour toujours, dans l'intime de l'être humain.

La mort, est inévitable, mais la peur de la mort gère, à son tour, des conflits qui sont imprimés dans l'intimité de l'être humain tout au long de sa vie.

Paradoxalement, parce que la mort n'est pas considérée et traitée comme une question commune, elle n'est ni discutée à l'école, ni à l'enseignement supérieur, ce qui empêche la compréhension du développement humain et en particulier l'acceptation de la finitude de l'homme.

En comparaison avec d'autres groupes scolaires (de niveaux inférieurs), on aurait pu prévoir qu'en se traitant du thème de la mort et de son impact sur sa propre subjectivité, le monde universitaire serait celui qui aurait, non seulement, des conditions, comme une profonde connaissance sur ce thème, mais cela n'est pas vrai.

Ainsi, compte tenu de l'existence de quelques études sur le sujet de la mort, il est prévu dans cette étude, une approche générale sur des concepts différents, des représentations sur la peur de la mort, et sur la compréhension de la temporalité et de la finitude de l'être humain, non seulement à travers sa représentation sociale, mais aussi à travers la terreur et les conflits individuels et collectifs qui en découle.

Sans doute, la mort a été formée, au fil du temps, menaçant de plus en plus les tabous de l'humanité, mais la raison principale de sa perception c'est non seulement, la capacité de destruction de l'être humain et de tout ce qui lui concerne, mais aussi la distance et le manque de débat sur la propre mort.

A partir de ce qu'on pense, sur le point de vue psycho-socio-culturel, nous nous concentrons sur la question de la représentation sociale de la peur sur l'être humain, parce que celui-ci est le seul, parmi tous les animaux, qui est sûr de sa propre mort mais que, au même temps la combat sans cesse.

Cette question fait référence, à certaines conséquences psychosociales, dans la mesure où le comportement humain, face à l'adversité, se remplit d'une grande importance en ce qui concerne, non seulement l'individu et son environnement, mais aussi la société et lui-même.

Notre étude a été construite par un ensemble d'indicateurs qui ont joué un important rôle dans la population observée, grâce à une position, sur le terrain, qui nous a permis un bon poste d'observation.

L'approche méthodologique a été élaborée à travers l'analyse de documents iconographiques et des enquêtes par questionnaire.

Nous pensons pouvoir contribuer à de nouvelles études et à de nouvelles discussions, car la mort est encore, pour de nombreuses personnes, l'un des tabous les plus difficiles, occupant une place importante dans notre société, tant du point de vue subjectif comme du point de vue comportemental. De notre point de vue, il est fondamentale qu'il y ait la possibilité d'avoir des discussions sur ce thème dans les écoles et dans les universités, à fin que les personnes puissent mieux vivre avec l'idée de la mort qui fait partie de notre être dans son ensemble, mais qui reste en dehors des paramètres de l'éducation moderne.

Mots-Clés: Mort; Représentation Sociale; Représentation de la Mort; Subjectivité; Temporalité.

## **SÍMBOLOS E ABREVIATURAS**

CDF – Colégio CDF

ENADE – Exame Nacional do desempenho do Estudante

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação e Cultura

ONU – Organização das Nações Unidas

PNC – Parâmetros Curriculares Nacionais

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNB – Universidade de Brasília

# ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS .....	3
RESUMO .....	5
ABSTRACT .....	7
RÉSUMÉ .....	8
SÍMBOLOS E ABREVIATURAS .....	10
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES .....	14
ÍNDICE DE DESENHOS .....	14
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	15
ÍNDICE DE FOTOS .....	15
ÍNDICE DAS TABELAS .....	15
INTRODUÇÃO .....	19
1 - JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO .....	19
2 - RELEVÂNCIA DO ESTUDO .....	20
3 - OBJECTIVO DA INVESTIGAÇÃO .....	22
3.1 - OBJECTIVO GERAL .....	22
3.2 - OBJECTIVOS ESPECÍFICOS .....	23
4 - ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO ESTUDO .....	23
<b>ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>26</b>
<b>SOBRE A MORTE .....</b>	<b>26</b>
1. - A VISÃO A RESPEITO DA MORTE .....	27
2. - NO MEIO FAMILIAR .....	27
3. - NO MEIO ESCOLAR .....	29
4. - NO MEIO ACADÉMICO .....	34
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>37</b>
<b>PERSPECTIVAS SOBRE A MORTE .....</b>	<b>37</b>
1. - DEFINIÇÃO DE MORTE E BUSCA DO SEU ENTENDIMENTO .....	38
2. - TIPOS DE MORTE .....	56
3. - A MORTE DO OUTRO .....	57
4. - A MORTE DE SI PRÓPRIO .....	58
5. - A MORTE COLECTIVA (DESASTRES, CATÁSTROFES, GUERRAS, ETC) .....	60
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>62</b>
<b>A MORTE ATRAVÉS DOS TEMPOS .....</b>	<b>62</b>
1. - A MORTE NA ANTIGUIDADE .....	63
2. - MORTE NA IDADE MÉDIA .....	64
2.1. - MORTE NO RENASCIMENTO .....	66
2.2. - MORTE NA IDADE MODERNA .....	66
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>68</b>
<b>REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....</b>	<b>68</b>
1. - DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS .....	69
2. - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORTE .....	74
3. - SÍMBOLOS E ICONOGRAFIAS DA MORTE .....	82
3.1. - A MORTE REPRESENTADA POR UM PÁSSARO .....	83
3.2. - A MORTE REPRESENTADA POR UM ANJO .....	85
3.3. - A MORTE REPRESENTADA POR UM ESQUELETO .....	87
3.4. - A MORTE REPRESENTADA POR UM DEMÓNIO .....	95
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>98</b>
<b>AS REPRESENTAÇÕES DA MORTE EM DIFERENTES CONTEXTOS .....</b>	<b>98</b>
1 - O MEDO DA MORTE .....	99

2 - A TEMPORALIDADE DO SER HUMANO .....	108
3 - MORTE ATRAVÉS DA ARTE .....	127
4 - MORTE ATRAVÉS DAS RELIGIÕES .....	158
4.1 - A MORTE, SEGUNDO O BUDISMO .....	160
4.2 - A MORTE SEGUNDO O HINDUÍSMO .....	162
4.3 - A MORTE, SEGUNDO O ISLAMISMO (RELIGIÃO MUÇULMANA) .....	163
4.4 - A MORTE, SEGUNDO O ESPIRITISMO .....	165
4.5 - A MORTE, SEGUNDO O CRISTIANISMO .....	166
4.6 - A MORTE ATRAVÉS DA CIÊNCIA .....	168
<b>PARTE II:</b> .....	<b>172</b>
<b>INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA</b> .....	<b>172</b>
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>173</b>
<b>ABORDAGEM METODOLÓGICA</b> .....	<b>173</b>
1 - PROBLEMÁTICA .....	174
2 - LOCAL DO ESTUDO .....	175
3 - MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO .....	178
4 - POPULAÇÃO/AMOSTRA .....	179
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>184</b>
<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>184</b>
1 - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....	185
1.1 - DISTRIBUIÇÃO DOS ENTREVISTADOS .....	185
1.2 - GÊNERO .....	186
1.3 - FAIXA ETÁRIA .....	186
1.4 - ETNIA .....	187
1.5 - NACIONALIDADE E NATURALIDADE .....	187
1.6 - RELIGIÃO .....	188
2 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS QUESTÕES SOBRE MORTE .....	188
2.1 - QUANTO AO MEDO DA MORTE .....	188
2.2 - MOTIVOS DO MEDO DA MORTE .....	189
2.3 - MOTIVOS PARA NÃO TER MEDO DA MORTE .....	194
2.4 - A MORTE COMO NECESSIDADE PARA CONTROLO POPULACIONAL DO PLANETA .....	198
2.5 - QUANTO À DISCUSSÃO SOBRE A MORTE NO MEIO DE CONVIVÊNCIA .....	199
2.6 - QUANTO A LEITURA OU INFORMAÇÃO SOBRE A MORTE .....	201
2.7 - QUANTO À FREQUÊNCIA A VELÓRIOS DE PARENTES E AMIGOS .....	202
2.8 - MOTIVOS DA IDA AO VELÓRIO .....	204
2.9 - MOTIVOS PARA NÃO IR AO VELÓRIO .....	206
2.10 - CHORA A MORTE DE ÍDOLOS (LITERATURA, MÚSICA, ARTE)? .....	208
2.11 - A MORTE DEVERIA SER ESTUDADA ESCOLAR E ACADEMICAMENTE? .....	209
2.12 - RAZÕES PELAS QUAIS A MORTE DEVERIA SER ESTUDADA ESCOLAR E ACADEMICAMENTE .....	211
2.13 - RAZÕES PELAS QUAIS A MORTE NÃO DEVERIA SER ESTUDADA ESCOLAR E ACADEMICAMENTE .....	214
2.14 - GOSTARIA DE VIVER ETERNAMENTE? .....	217
2.15 - MOTIVOS PELOS QUAIS GOSTARIA DE VIVER ETERNAMENTE .....	218
2.16 - MOTIVOS PELOS QUAIS NÃO GOSTARIA DE VIVER ETERNAMENTE .....	222
2.17 - SOBRE A CRENÇA NA VIDA APÓS A MORTE .....	225
2.18 - MOTIVOS PELOS QUAIS SE ACREDITA-SE NA VIDA APÓS A MORTE .....	226
2.19 - MOTIVOS PELOS QUAIS NÃO ACREDITA NA VIDA APÓS A MORTE .....	229
3 - REPRESENTAÇÕES DA MORTE .....	231
3.1 - REPRESENTAÇÃO GERAL .....	231
3.2 - UMA PALAVRA .....	232
3.3 - UM SOM .....	234
3.4 - UMA COR .....	236
3.5 - UM ANIMAL .....	237
3.6 - UM OBJECTO .....	239
3.7 - UM LUGAR .....	240

3.8 - <i>UMA MÚSICA</i> .....	241
3.9 - <i>UM RUÍDO</i> .....	242
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>244</b>
<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DESENHOS</b> .....	<b>244</b>
1 - DESENHOS FEITOS PELOS PROFESSORES (UFRN) .....	245
2 - DESENHOS FEITOS PELOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS (UFRN) .....	252
3 - DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS DO CDF .....	256
4 - DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS DO ATHENEU .....	262
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>270</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>279</b>

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Cena do Filme “O Corvo” .....	85
Ilustração 2 - "The Angel of Death" (O Anjo da Morte) .....	87
Ilustração 3 - Death (Morte) .....	88
Ilustração 4 - Vesalius and The Anatomy of man .....	92
Ilustração 5 – Capa do livro de Humani Corporis Fabrica .....	93
Ilustração 6 - The Sixteenth Century Anatomist .....	94
Ilustração 7 - Sem título .....	95
Ilustração 8 – In Love with Death .....	97
Ilustração 9 - A Dança da Morte .....	129
Ilustração 10 - O Êxtase de Santa Teresa .....	131
Ilustração 11 - O Êxtase místico de Santa Teresa .....	132
Ilustração 12 - Detalhe (rosto) do Êxtase de Santa Ludovica Albertoni, 1674 .....	133
Ilustração 13 - Detalhe (rosto) do Êxtase de Santa Ludovica Albertoni .....	133
Ilustração 14 - Homem Esfolado .....	140
Ilustração 15 - Homem e a sua pele .....	141
Ilustração 16 - O Corpo Humano .....	142
Ilustração 17 - Biologia e Morte .....	143
Ilustração 18 - Cavaleiro, Morte e Demónio .....	144
Ilustração 19 - Os quatro cavaleiros do Apocalipse .....	145
Ilustração 20 - As três idades da Morte .....	146
Ilustração 21 - A Morte como um amigo .....	147
Ilustração 22 - A Criança .....	148
Ilustração 23 - O Melhor Médico .....	149
Ilustração 24 – A Morte e a Moça .....	150
Ilustração 25 - A Morte e a Moça .....	151
Ilustração 26 - A Morte e a Moça .....	151
Ilustração 27 - O Triunfo da Morte segundo Pieter Bruegel .....	153
Ilustração 28 - O Triunfo da Morte segundo Alfred Rethel .....	154
Ilustração 29 - São Jerónimo .....	155
Ilustração 30 - Caveira com Cigarro Aceso .....	156
Ilustração 31 - Morte como um degolador .....	157
Ilustração 32 - A Vida e a Morte .....	158
Ilustração 33 - Estátua de Buda no Templo Mahabodhi .....	161
Ilustração 34 - Brama, uma das principais divindades do hinduísmo .....	163
Ilustração 35 - Cruz, símbolo oficial do Cristianismo .....	167
Ilustração 36 - Vista da Reitoria da UFRN .....	176
Ilustração 37 - A criança e o Urubu .....	238

## ÍNDICE DE DESENHOS

Desenho 1 - Crucifixo .....	246
Desenho 2 - Interrogação .....	248
Desenho 3 – Tumba .....	248
Desenho 4 - Mãos rezando à luz de Vela .....	249
Desenho 5 - Caixão: morto velado .....	249
Desenho 6 – Linhas do tempo .....	250
Desenho 7 - Doente, enfermaria e morto .....	251
Desenho 8 - Cemitério .....	252
Desenho 9 - Lápide caracterizada e identificada .....	253
Desenho 10 – Dona morte em frente a lápide .....	253
Desenho 11 – Violência .....	254
Desenho 12 – Seca e morte .....	255
Desenho 13 - Encontro com os ancestrais .....	256
Desenho 14 – Caveira com vela .....	257

Desenho 15 - Representação da morte com o seu capuz e foice .....	257
Desenho 16 - Homicídio, lápide e céu.....	258
Desenho 17 - Álcool e morte.....	259
Desenho 18 – Morte, Inferno e Céu .....	260
Desenho 19 – Perda, separação .....	261
Desenho 20 - Velório (morto no caixão) .....	263
Desenho 21 - Armas e Drogas.....	264
Desenho 22 – Perda, separação .....	264
Desenho 23 - Buraco negro, vazio.....	265
Desenho 24 - Certeza da morte.....	265
Desenho 25 - Aluno do CDF “Senhor Morte”.....	267
Desenho 26 – Aluno do Atheneu “Senhora Morte” .....	268
Desenho 27 - Estudante universitário, “Morte e foice” .....	268
Desenho 28 – Professor universitário, “Morte e foice” .....	268
Desenho 29 – Professora universitária (morte e foice).....	269

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Expectativa de vida segundo os Continentes: .....	119
Gráfico 2 – Distribuição dos entrevistados segundo formação escolar e académica.....	185
Gráfico 3 - Distribuição dos Inquiridos segundo o sexo .....	186
Gráfico 4 - Distribuição dos Inquiridos segundo faixa etária .....	186
Gráfico 5 - Distribuição dos entrevistados segundo origem étnica/cultural .....	187
Gráfico 6 - Distribuição dos entrevistados segundo a naturalidade (Estado) .....	187
Gráfico 7 - Distribuição dos entrevistados segundo a religião .....	188
Gráfico 8 – Tem medo da morte? (Totalidade dos inquiridos).....	189
Gráfico 9 – Opinião sobre a morte como controle populacional do planeta.....	199
Gráfico 10 - A morte é discutida no meio em que você convive? .....	201
Gráfico 11 - Lê ou informa-se sobre a morte?.....	202
Gráfico 12 - Vai ao velório de parentes e amigos? .....	204
Gráfico 13 - Chora a morte de ídolos (literatura, música, arte...)? .....	209
Gráfico 14 - Acha que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? .....	211
Gráfico 15 - Você gostaria de viver eternamente? .....	221
Gráfico 16 - Você acredita na vida após a morte? .....	226

## ÍNDICE DE FOTOS

Foto 1 - Capela dos Ossos de Évora .....	139
Foto 2 - Capela dos Ossos de Évora (Corredor lateral) .....	139
Foto 3 - A Cúpula da Rocha, em Jerusalém .....	164
Foto 4 – Vista aérea do Atheneu Norteriograndese .....	177
Foto 5 – Colégio CDF .....	178

## ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 1- Temporalidade de alguns Animais Vertebrados (em anos).....	115
Tabela 2 - Média de vida segundo as Eras .....	118
Tabela 3 - Média para o período 2005-2010) .....	119
Tabela 4– Distribuição dos entrevistados segundo formação escolar e académica .....	185
Tabela 5 - Distribuição dos Inquiridos segundo o sexo.....	186
Tabela 6 - Distribuição dos entrevistados segundo a faixa etária.....	186
Tabela 7 - Distribuição dos entrevistados segundo origem étnica/cultural .....	187
Tabela 8 - Distribuição dos entrevistados segundo a naturalidade (Estado).....	187

Tabela 9 – Distribuição dos entrevistados segundo a religião .....	188
Tabela 10 – Tem medo da Morte? (professores e estudantes da UFRN) .....	188
Tabela 11 – Tem medo da morte? .....	189
Tabela 12 – Motivos pelos quais alguns Professores da UFRN têm medo da morte .....	191
Tabela 13 – Motivos pelos quais alguns Alunos da UFRN têm medo da morte .....	192
Tabela 14 – Motivos pelos quais alguns Alunos do CDF têm medo da morte .....	192
Tabela 15 – Motivos pelos quais alguns Alunos do ATHENEU têm medo da morte .....	193
Tabela 16 – Motivos pelos quais alguns Professores da UFRN não têm medo da morte .....	195
Tabela 17 – Motivos pelos quais alguns Alunos da UFRN não têm medo da morte .....	195
Tabela 18 – Motivos pelos quais alguns Alunos do CDF não têm medo da morte .....	196
Tabela 19 – Motivos pelos quais alguns Alunos do Atheneu não têm medo da morte .....	197
Tabela 20 – Opinião sobre a morte como controle populacional do planeta .....	198
Tabela 21 – Opinião sobre a morte como controle populacional do planeta .....	199
Tabela 22 – Respostas quanto à discussão sobre a morte no meio em que vivem – Professores – UFRN e Estudantes - UFRN .....	200
Tabela 23 – Respostas quanto à discussão sobre a morte no meio em que vivem – Estudantes – CDF e Estudante - ATHENEU .....	200
Tabela 24 – Respostas sobre o facto de ler sobre a morte – Professores e Estudantes da UFRN .....	201
Tabela 25 – Respostas sobre o facto de ler sobre a morte – Estudantes da CDF e ATHENEU .....	202
Tabela 26 - Vai ao velório de parentes e amigos? .....	203
Tabela 27 - Vai ao velório de parentes e amigos? .....	203
Tabela 28 - Porque os professores vão ao velório de parentes e amigos? .....	204
Tabela 29 - Porque os estudantes (UFRN) vão ao velório de parentes e amigos? .....	205
Tabela 30 - Porque os estudantes (CDF) vão ao velório de parentes e amigos? .....	205
Tabela 31 - Porque os estudantes (ATHENEU) vão ao velório de parentes e amigos? .....	206
Tabela 32 - Porque os professores (UFRN) <i>não</i> vão ao velório de parentes e amigos? .....	206
Tabela 33 – Porque os estudantes (UFRN) <i>não</i> vão ao velório de parentes e amigos? .....	207
Tabela 34 – Porque os estudantes (CDF) <i>não</i> vão ao velório de parentes e amigos? .....	207
Tabela 35 – Porque os estudantes (ATHENEU) <i>não</i> vão ao velório de parentes e amigos? .....	208
Tabela 36 - Chora a morte de ídolos (literatura, música, arte...)? .....	208
Tabela 37 - Chora a morte de ídolos (literatura, música, arte...)? .....	209
Tabela 38 - Crê que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? .....	210
Tabela 39 - Crê que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? .....	210
Tabela 40 - Porque acha que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? (Professores) ....	211
Tabela 41 - Porque pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? (Alunos UFRN) .....	212
Tabela 42 - Sobre a questão: Porque pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? (alunos do CDF).....	213
Tabela 43 - Sobre a questão: Porque pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? alunos(as) do Atheneu.....	214
Tabela 44 - Razões pelas quais a Morte NÃO deveria ser estudada escolar e academicamente .....	214
Tabela 45 - Razões pelas quais a Morte NÃO deveria ser estudada escolar e academicamente (Alunos UFRN) .....	215
Tabela 46 - Razões pelas quais a Morte NÃO deveria ser estudada escolar e academicamente (Alunos CDF) .....	216
Tabela 47 - Porque pensa que a morte <i>não</i> deveria ser estudada escolar e academicamente? .....	217
Tabela 48 - Você gostaria de viver eternamente? .....	217
Tabela 49 - Você gostaria de viver eternamente? .....	218
Tabela 50 – Porque você gostaria de viver eternamente? .....	218
Tabela 51 - Porque você gostaria de viver eternamente? .....	219
Tabela 52 - Porque você gostaria de viver eternamente? .....	220
Tabela 53 - Porque você gostaria de viver eternamente .....	220
Tabela 54 - Porque você <i>não</i> gostaria de viver eternamente? .....	222
Tabela 55 - Porque você <i>não</i> gostaria de viver eternamente .....	223
Tabela 56 - Sobre a questão: Porque você <i>não</i> gostaria de viver eternamente? .....	224
Tabela 57 - Porque você <i>não</i> gostaria de viver eternamente? .....	224
Tabela 58 - Você acredita na vida após a morte? .....	225
Tabela 59 - Você acredita na vida após a morte? .....	225
Tabela 60 - Porque você acredita na vida após a morte? .....	226
Tabela 61 - Porque você acredita na vida após a morte? .....	227

Tabela 62 - Porque você acredita na vida após a morte? .....	228
Tabela 63 - Porque você acredita na vida após a morte? .....	229
Tabela 64 - Porque você <i>não</i> acredita na vida após a morte? .....	229
Tabela 65 - Porque você <i>não</i> acredita na vida após a morte? .....	230
Tabela 66 - Porque você <i>não</i> acredita na vida após a morte? .....	230
Tabela 67 - Porque você <i>não</i> acredita em vida após a morte? .....	230
Tabela 68 - Que representação atribui à morte? .....	231
Tabela 69 - Sobre a questão: Cite uma palavra, que para si represente a morte .....	233
Tabela 70 - Cite um som que para você represente a morte .....	235
Tabela 71 - Que cor atribui à morte? .....	236
Tabela 72 - Cite um animal que para si represente a morte .....	238
Tabela 73 - Cite um objecto que para si represente a morte? .....	239
Tabela 74 - Cite um lugar que para si represente a morte .....	240
Tabela 75 - Cite uma música que para si represente a morte.....	241
Tabela 76 - Cite um ruído que para si represente a morte .....	242
Tabela 77 - Significados dos desenhos agrupados em categorias.....	245
Tabela 78 - Desenhos feitos pelos professores da UFRN para representar a morte .....	246
Tabela 79 - Categorias de Desenhos dos Estudantes da UFRN.....	252
Tabela 80 - Categorias de Desenhos feitos pelos Alunos do CDF .....	256
Tabela 81 - Categorias de Desenhos feitos pelos Alunos do Atheneu.....	262
Tabela 82 - Represente graficamente( ou desene) o que a morte representa para si.....	266

**PARTE I**

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

# INTRODUÇÃO

## 1 - JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO

O crescente e renovado interesse pelo debate e discussão sobre o fenómeno da morte, está voltando ao seio das diversas sociedades e dos grupos sociais em todo o mundo como um interesse corajoso sobre o entendimento e maior aceitação sobre a finitude humana e sua inevitabilidade, uma vez que esse tema é um dos que mais têm preocupado a humanidade e um dos que mais ocupa o nosso imaginário e subjectividade individual e colectiva, imprimindo diversos sentimentos em nosso ser: o medo e o sentimento de perda, tanto pessoal, quanto colectiva.

Apesar de inúmeras instituições e organizações nacionais e internacionais se envolverem e se preocuparem com a questão da morte, talvez como sendo o fenómeno que mais influencia o comportamento humano, pelo que tem vindo a ser demonstrado através da divulgação dos Media, no que diz respeito aos aspectos e representações socioculturais, essas instituições e organizações não têm tratado desta importante questão do ponto de vista educacional, social e académico, como realmente merece ser tratada.

É evidente que temos presenciado uma crescente preocupação em relação à discussão do tema, embora de uma maneira ainda incipiente e longe de ser institucionalizada. Assim sendo, acreditamos ser esta uma das mais fortes e justificadas razões, pela qual a morte continua sendo “esse sinistro fenómeno” que apavora e perturba o ser humano, a ponto de influir na sua qualidade de vida, estigmatizando comportamentos diversos, os quais devem ser trabalhados de forma a atenuar essa angústia, ansiedade e medo, proporcionando um melhor entendimento acerca da finitude humana e, em consequência disto, mais respeito e mais valorização pela vida.

Acreditamos, portanto, que a resposta a essa questão resida no âmbito da educação, por mais inusitado que nos possa parecer, pois a própria educação institucionalizada, exactamente pelas razões citadas, ainda não se debruçou, (como fez com outras questões de complexidade - a educação sexual, por exemplo) sobre o mais angustiante e desafiador processo do desenvolvimento humano que é a inevitabilidade da finitude do ser humano.

## **2 - RELEVÂNCIA DO ESTUDO**

Nesse sentido, o nosso trabalho pretende discutir a possibilidade de fazer do fórum escolar e acadêmico, o lugar por excelência para o estudo e discussão sobre o fenómeno da morte, uma vez que observamos a ausência quase total de um tratamento académico e escolar dessa abordagem nas instituições escolares e universitárias, as quais são organizações norteadoras, por excelência, da formação educacional da nossa sociedade e, como tais, devem sempre buscar fundamentações e esclarecimentos educacionais, para que tenhamos uma sociedade melhor preparada a aceitar e a resolver os seus conflitos e questões da complexidade do mundo actual. Acreditamos que, uma vez discutindo e conhecendo melhor o fenómeno da morte como fazendo parte da trajectória humana, haverá certamente um olhar mais cuidadoso e amoroso para com a vida.

Portanto, este trabalho aborda uma pesquisa realizada no âmbito escolar e académico brasileiro, entre estudantes do ensino médio de duas diferentes escolas, estudantes e professores universitários de uma universidade federal, numa pequena cidade nordestina e capital de um dos 26 Estados do Brasil, com o objectivo de identificar conceitos e representações sociais da morte, com vista a uma melhor compreensão e aceitação do seu contexto na formação da pessoa, tendo este universo como objecto de estudo para posteriores considerações em estudos comparativos.

Uma vez discutida a questão da finitude humana, abordando os seus vários aspectos, tais como, conceito de medo, representações e outras questões academicamente pertinentes, acreditamos que o aspecto bio-psico-socio-cultural possa ser atingido com mais propriedade, já que o ser humano não pode viver fora deste contexto e, por ser prova cabal, a questão do medo e subjectividade da morte que é um dos aspectos principais no contexto da humanidade. Por outro lado, enquanto o desconhecido predominar, a sociedade conviverá com tabus e permanecerá ignorante e assustada.

Vários estudiosos e pesquisadores do medo atestam que muitos dos medos podem se transformar em fobias, ansiedade, delírios e pânico, os quais podem ser analisados como estádios crónicos do medo, cujas consequências e repercussões são, normalmente, desastrosas e comprometedoras, por vezes, afectando o nosso

comportamento e personalidade, perante o individual e colectivo, nos diversos contextos sociais.

O medo é um estado emocional de alerta frente ao perigo, à ameaça, à insegurança e às incertezas, existindo como um mecanismo psicológico de defesa. Vários têm sido os conceitos para o medo e, ainda assim, parece que cada um deles apenas nos mostra uma das suas facetas, permanecendo portanto, nas entrelinhas, muito mais do que realmente é e, adormecido ou sempre em estado de alerta, nos nossos sentimentos e na nossa consciência. Também já foi afirmado que o medo da morte é a base de todos os demais medos (Kastenbaum, 1967) e, portanto, merece estudos e discussões mais específicas, em razão de sua capacidade de mudanças comportamentais do ser humano, frente a esta questão.

O medo também é uma das mais antigas emoções do ser humano que, embora não pareça, tem garantido a sua existência e sobrevivência através dos tempos, possuindo grande importância no psiquismo e personalidade humana, a ponto de exercer enorme influência e determinações no seu comportamento. É através do medo que o ser humano descobre o quanto é vulnerável nas suas fraquezas e incapacidades de enfrentar determinadas situações, transpor obstáculos e manter-se isento de perigos. O medo também é psicossomático e essa condição está intimamente relacionada com as diferentes reacções desencadeadas como respostas a este fenómeno que, diga-se de passagem, são várias e normalmente diferentes, de pessoa para pessoa. Portanto, temos medo da dor porque ela “faz doer” o nosso físico e a sensação psíquica que temos é de sofrimento imediato.

Também é notória a dificuldade que pessoas, grupos e mesmo sociedades diversas apresentam em conceituar a morte, assim como também indicar, falar ou descrever sobre a sua representação, demonstrando claramente não haver entendimento sobre essa questão que, na verdade, causa angústia mesmo que subjectiva, afectando o seu modo de vida.

Por outro lado, o medo também “invade” as nossas mentes e habita o nosso sistema emocional, manifestando uma dor mais lenta, porém mais duradoura, arrefecendo o nosso corpo e desencadeando, inclusive patologias orgânicas e psicológicas.

O medo da morte explica-se por si só, ou seja, pelo factor medo e não somente pelo facto da morte existir, mas pela constante e infindável ameaça, perigo e insegurança que a mesma provoca em nós. Em segundo lugar, vem o desconhecimento sobre a morte, responsável pelo constante temor do que ela representa e pelo seu eterno mistério desconhecido. Como se isso não bastasse, para a aflição dos humanos, o medo da morte é rotulado também como sendo a origem e a evolução de todos os demais medos. Isso explica porque temos medo da separação, da distância e da perda de tudo o que gostamos, necessitamos e apegamos-nos pois, ao perdemos algo, alguém ou qualquer coisa que represente essa necessidade ou afeição, esse algo que já é parte do nosso ser, é algo que morre em nós, porém não antes da angústia, do medo nos conduzir a esse facto.

### **3 - OBJECTIVO DA INVESTIGAÇÃO**

Na tentativa de tornar o tema uma questão educacional, não apenas como discussão curricular paralelo, como hoje é o género, trânsito, sexo, cidadania e meio ambiente bem como outros temas da complexidade, próprios do mundo moderno em que vivemos, o objectivo do nosso trabalho é tentar avaliar os conceitos e as representações, assim como o medo e a subjectividade da morte no âmbito académico e escolar e posteriormente, tentar torná-lo uma prática educacional de alcance social imprescindível, pois acreditamos ser uma grande contribuição para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, definimos como objectivos deste trabalho o seguinte:

#### **3.1 - OBJECTIVO GERAL**

Identificar conceitos e representações da morte e a importância da sua subjectividade, no meio académico e escolar para que se possa, através da visão dos próprios universitários e estudantes de nível médio, entender o sentimento do medo sobre a morte e a sua compreensão fenomenológica, no contexto bio-psico-social, sobre a finitude humana e as suas consequências.

### 3.2 - OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Identificar a representação da morte, em diferentes contextos educativos na comunidade universitária e estudantil local e confrontar a mesma com as pesquisas nacionais e internacionais;

Identificar, a partir da subjectividade do indivíduo e das diferentes fases da vida e da escolarização, o valor da compreensão da representação da morte e a sua influência no desenvolvimento e comportamento humano, considerando a visão sobre a finitude humana;

Tentar desenvolver e desencadear estudos sobre a questão da morte, nas escolas e universidades, no sentido de se adquirir mais conhecimento sobre a morte, o medo e a importância de se lidar melhor com o conflito da terminalidade, que a mesma exerce sobre o comportamento humano.

## 4 - ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO ESTUDO

O nosso estudo encontra-se organizado da seguinte forma:

Após os agradecimentos e resumo, passamos à apresentação do índice geral, sendo seguido imediatamente pelos índices de ilustrações, quadros, tabelas, fotografias e anexos.

Seguindo a Introdução temos a divisão propriamente dita da Tese que se organiza em duas grandes partes, constando a primeira do Enquadramento Teórico que se desenvolve em quatro capítulos: *o primeiro* trata da construção do objecto do estudo, *o segundo* da definição e perspectivas da morte, *o terceiro* das representações sociais, o qual termina com o *capítulo quarto* que é dedicado às representações da morte e às suas relações.

Por sua vez, a segunda parte é dedicada à Investigação Empírica, sendo constituída, por dois grandes capítulos. No primeiro desta parte – que equivale ao quinto capítulo da tese – é dedicado à Abordagem Metodológica, onde abordaremos o tipo, o local do estudo e, bem assim, a constituição da amostra e o instrumento e método de análise utilizados no campo da recolha dos dados. No segundo - Apresentação e Análise

dos Resultados -, faz-se a análise, a discussão e tiram-se as respectivas conclusões. Segue-se, por fim, a Bibliografia Geral, seguida dos Anexos, devidamente identificados através de numeração própria.

## **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## **CAPITULO 1**

### **SOBRE A MORTE**

## **1. - A VISÃO A RESPEITO DA MORTE**

A visão da morte pelo homem, através dos tempos, passa preliminarmente por questões filosóficas e religiosas até chegar ao entendimento pessoal e aos conflitos existenciais desencadeados pela aceção da inevitabilidade e finitude humanas e pelas suas consequências.

Indubitavelmente, a morte constituiu-se, ao longo do tempo, no maior e mais ameaçador tabu da humanidade, tendo como principal motivo a percepção da capacidade destruidora do ser e de tudo o que lhe diz respeito, o despreparo e distanciamento de discussões sobre transitoriedade e terminalidade humanas. Portanto, os atributos da morte continuam a desafiar as mais diversas culturas, as quais buscam respostas na filosofia, na mitologia, nas religiões, na arte e nas ciências, no intuito de que o desconhecido seja melhor compreendido e o pavor e angústia gerados pelo mesmo sejam aplacados. Porém, contraditoriamente, o homem continua a ocultar, a ignorar e a encobrir essa questão como uma forma de se manter distante da mesma, como sendo uma protecção à sua integridade física e psicológica e como se ignorasse o próprio fim ou condição de morte.

## **2. - NO MEIO FAMILIAR**

Nossa sociedade, apesar das diferentes culturas e suas representações sociais, não tem tradição sobre discussões, entendimento e preparo sobre a morte no seio da família, principalmente na sociedade ocidental. Ao contrário, a morte sempre foi tratada como algo a ser oculto, rejeitada, não discutida e, principalmente combatida pela ciência, o mais veementemente possível.

Se considerarmos a primeira educação mais importante e decisiva do ser humano como sendo a educação familiar, devemos pois considerar que todo e qualquer princípio de informação e formação estão alicerçados na família. Entretanto, no que diz respeito à questão da morte, é facto comprovado e reconhecido mundialmente, que a família tradicionalmente oculta a questão da morte no seio familiar, ao longo do tempo. Às crianças, não lhes são dadas as condições, mesmo como membros da família e futura continuação da mesma, de participarem, assistirem e vivenciarem os rituais da morte, fazendo com

que, se mantenha o tabu e o medo, sobretudo medo velado, sobre a finitude humana. Quem é que teve alguma orientação familiar sobre a morte? Talvez, não nos consigamos lembrar, exactamente porque não a tivemos. E se a tivemos, mesmo que tenha sido, deve ter sido pálida e restritamente, deve ter sido tão veladamente ou por possíveis analogias que as explicações se perderam no seu objectivo primordial.

Citar trabalhos e pesquisas neste contexto é uma busca enriquecedora, em termos, tanto norteadores quanto comparativos, mas tem sido difícil encontrar referências nesse sentido, no que diz respeito à questão da morte, pois não é um assunto discutido no âmbito familiar. Já não se pode dizer o mesmo relativamente aos livros e trabalhos sobre a família e a sua evolução, como instituição criadora, e formadora de si própria, onde existem muitas pesquisas, e onde é omitida categórica e textualmente a questão da morte no seio da família.

Relvas (2006), professora e psicóloga da Universidade de Coimbra, aborda o contexto familiar e as suas dificuldades dentro de sua própria perspectiva evolutiva, no entanto não parece existir uma reflexão ou qualquer consideração sobre a morte no seio da família, pois que o ciclo vital implica também a finitude humana, pois o individuo não é eterno e a morte faz parte do seu ciclo evolutivo, carecendo portanto, discussão nesse sentido e contexto.

Esta questão não configura um erro de análise do trabalho da autora, porém uma dificuldade encontrada sobre a questão da morte no seio familiar. Evidentemente, que a autora justifica a não abordagem sobre o tema da morte no seu estudo, porém, isso apenas fortalece a ideia da dificuldade que encontramos sobre a não discussão do tema onde lhe é pertinente sobre a qual justifica, como vemos em sua seguinte observação:

“Não é nosso objectivo descrever aqui os movimentos associados à morte e luto na família, contudo é importante salientar o valor particular que a morte destes elementos tem para a família. A geração intermédia deixa de o ser para se transformar na última geração viva”. (Relvas, 2006, p. 227)

Grollman (1990), no seu livro *Talking About Death* (Falando Sobre Morte) afirma que a questão não é se a criança deveria receber educação sobre a morte, mas se essa educação que ela recebe a ajuda em algo e se a torna confiante e segura, pois o

entendimento sobre a morte é um processo para toda a vida, o qual vai da infância à velhice. Sobre isso, o autor enfatiza:

“Das várias maneiras de se lidar com a morte, a que mais está fadada ao fracasso, é tentar ignorá-la. Conte às suas crianças imediatamente sobre a morte na família. A demora faz com que todo pareça com que elas saberão através da pessoa errada e da forma errada”. (Grollman, 1990, p. 1)

### **3. - NO MEIO ESCOLAR**

Em virtude dos poucos estudos específicos sobre a questão da morte em contexto escolar e acadêmico e, conseqüentemente, de uma lacuna existente, ao longo do tempo nestas instituições de ensino, a ausência de estudos sobre o fenómeno da morte no âmbito educacional e, ainda a falta de discussões sobre a morte, do ponto de vista biológico, psicológico e social no contexto actual, e mais precisamente, sobre as suas representações e o medo da morte e suas conseqüências, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento quanto ao comportamento humano em si, e ainda como questão psico-social imprescindível, decidimos fortalecer a ideia da necessidade de um trabalho que pudesse evidenciar, através da pesquisa empírica, o que a comunidade escolar e universitária local pensa a respeito do assunto. Isto, para, a partir daí, podermos demonstrar então, a real necessidade da desmistificação da morte, pautada no tabu e no medo do desconhecido, principalmente no meio educacional.

Hoje sabemos, apesar ainda da resistência e dificuldades inerentes ao tema, da iniciativa de alguns estudiosos sobre o assunto, inclusive no Brasil (Kovacks, 1992) e em Portugal, Mónica (2011), segundo os quais este assunto tem sido amplamente discutido nos Estados Unidos e em alguns países europeus, porém quase nada ou pouco em Portugal.

Apesar das dificuldades existentes sobre estes estudos específicos, do ponto de vista da aceitação deste assunto pela própria sociedade, é importante dizer que algumas tentativas de trazer estas discussões à tona, com uma maior consciência e postura educacional participativa, têm sido feitas por professores e pesquisadores, em algumas partes do mundo, especialmente na Europa. Entretanto, as dificuldades e resistências permanecem, apesar dos esforços de alguns estudiosos e pesquisadores.

Alguns exemplos podem ser citados a título de ilustração e fundamentação apresentados por estudiosos que, sensíveis a essa necessidade da discussão sobre o desenvolvimento humano como um todo, merecem destaque, frente à problemática apresentada.

Segundo Carvalho et al (1989), num trabalho de contexto pedagógico didáctico, a ideia da morte perpassa por todo o ensino-aprendizagem da Disciplina de História no ensino Secundário. O trabalho sugere que a noção de finitude é condição *sine qua non* para o contexto e existência da própria historicidade, nesta região específica de Portugal, cujo exemplo é importante.

Neste tipo de ensino, fica claro que em alguns conteúdos programáticos o tema é fortemente velado e, em outros não, possibilitando que o aluno seja confrontado com marcas de sua omnipresença, pois construções funerárias, rituais e formas de enterramento, assim como crises demográficas e suas consequências, são alguns dos exemplos desta realidade.

É importante frisar, no entanto, que o jovem aluno, dificilmente toma consciência da complexidade subjacente à presença dos factos ou problemas que são relacionados com a ideia da morte. Contraditoriamente, mesmo sem a abordagem institucional no ensino, o quotidiano do aluno é repleto de sinais associados à morte e ao morrer, pois os *média*, num contexto de comunicação sensacionalista, tratam a morte como espectáculo.

A autora (Carvalho et al, 1989) divulga que, pela primeira vez, ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História, o aluno é confrontado com a temática da morte, objectivada e não camuflada, isto porque no 12º ano de História, há uma unidade específica, intitulada *O Homem perante a Morte*, como fazendo parte do tema *A Demografia do Antigo Regime e a Família*. Um avanço fundamentalmente importante, como se pode constatar, para fundamentar estudos comparativos.

Ainda em relação ao mesmo trabalho desta autora, porém num outro exemplo, desta feita na disciplina de Antropologia Cultural, a qual faz parte da unidade *As representações Colectivas – os ritos e os rituais*, o aluno da área de estudos humanísticos que opta pela referida disciplina de formação vocacional, tem contacto

com esta temática ao estudar os diferentes *ritos de passagem* das sociedades diversas, fazendo com que a sua atenção, sob o aspecto antropológico e sobre a morte em si, se delineia de modo mais natural.

Na verdade, este trabalho também chama a atenção para o facto da rejeição desta temática no ensino secundário por esta apresentar dificuldades específicas, por ser um tema árido por natureza, muito embora devesse inclui-se a sua abordagem como exemplo dum modelo de ensino, no qual a formação integral prepare o aluno para, no futuro, enfrentar a complexidade, o imprevisto e as necessárias mudanças, ao longo de sua existência.

Ainda considerado o resultado final da pesquisa da autora percebe-se, poder haver uma surpresa, tanto para o aluno, quanto para o orientador do processo de ensino-aprendizagem, concomitantemente, pois o seu desenrolar promove o desenvolvimento de atitudes científicas e a aquisição de um dispositivo mental específico, cuja optimização é potencializada, neste contexto.

No Brasil, em certas escolas do Rio de Janeiro, foi elaborado um estudo semelhante, porém com metodologia e objectivos diversificados, embora com o mesmo interesse em tornar o tema comum e necessário nas salas de aula. O trabalho, que merece ser conhecido, aborda uma pesquisa que foi realizada com estudantes do ensino médio de duas escolas diferentes. O seu objectivo era a identificação das representações sociais da morte, porém desta feita, especialmente expressas nas aulas da disciplina de Biologia. Como se sabe, a disciplina de Biologia aborda, de modo geral e com algumas especificidades, a vida da flora e fauna, a sua diversidade e as suas formas de interagir com o ambiente. No caso da fauna, especificamente no aspecto zoológico, discorre sobre todos os animais, inclusive o homem. Assim, Coelho, (2006, p. 61-64) indaga “por que então, se a morte faz parte do processo vital dos seres vivos e dos seres humanos em particular, a sua abordagem no espaço educacional é pouco desenvolvida?”.

Reconhecemos ser esta uma pergunta pertinente e oportuna, a qual demonstra que, na realidade, a questão da terminalidade dos seres e, especialmente, do ser humano não deve ser relegada, nem posta de lado do processo evolutivo da humanidade, como se ela não existisse ou não tivesse importância contextual e formativa.

Partindo desta interrogação, no sentido de questionar especialmente a Biologia, sobre este tema, e tratando esta disciplina sobre o ciclo de vida dos seres vivos, porque não se utiliza o espaço das aulas para falar sobre a finitude da vida humana, que é parte fundamental do ciclo de vida dos seres humanos e que inclui a consciência? A questão é coerente, uma vez que a morte faz parte da vida, como intersecção ou como o seu lado oposto, que forma o todo.

Carvalho (2004) reafirma, que a abordagem da morte do ponto de vista psicológico e sociológico, relacionada com o conhecimento científico específico da Biologia está praticamente ausente no espaço das aulas desta disciplina. No entender deste autor, “a morte humana não é abordada com qualquer enfoque especial, ou diferenciado dos outros seres vivos”.

Ainda sobre esta temática, existe, pelo menos um outro estudo no Brasil (na cidade de Natal), relacionado com a questão da aceitabilidade da morte no seio da Educação. Esse trabalho foi desenvolvido por Mello (2007, p. 8), do qual destacamos o seguinte texto:

“A relevância deste estudo concerne às nossas inquietações quanto à formação e o posicionamento de professores da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental em torno da temática debatida, bem como às inquietações em torno do tratamento dado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, documento que auxilia as práticas educacionais em nosso país. Para tanto, foram consultadas quatro professoras licenciadas em Pedagogia e que exercem suas funções, em uma escola pública da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte, situada na Zona Sul de Natal. Além disso, buscou-se analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais referentes às séries de ensino já citadas, na tentativa de identificar trechos que poderiam contemplar o assunto e orientar o seu tratamento em sala de aula”.

Segundo esta autora, estas interrogações conduziram-na a procurar respostas na análise dos dados coligidos através da aplicação de questionário com professoras que actuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental, numa escola pública da rede estadual de ensino, situada num bairro da Zona Sul do município de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. Esse instrumento, de colecta de dados foi conseguido com a ajuda de professoras, as quais leccionavam uma das séries iniciais da Educação Básica, e que

trabalharam sobre o fenómeno da morte junto dos alunos. Além do questionário como instrumento de pesquisa aplicada, foi efectuada uma análise do texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, na tentativa de encontrar trechos que abordassem o tema da morte, bem como possíveis orientações didático-pedagógicas aos docentes brasileiros, sobre o assunto no âmbito escolar, em especial na sala de aula.

Sobre a questão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é de notar que estes são documentos elaborados ao longo de vários anos de estudos e debates, reflectindo sobre as necessidades de uma escola que possibilite, ao educando, uma formação que enquadre as principais áreas de conhecimento e a sua relação com o mundo natural e actual. Desse modo, devem servir como instrumento de apoio ao professor, auxiliando-o na execução do trabalho escolar bem como fornecer-lhe uma consciencialização também voltada para a cidadania.

Os dez volumes dos PCN acham-se organizados da seguinte forma: Introdução e áreas do conhecimento, como: Língua Portuguesa; Matemática; Ciências Naturais; História e Geografia; Arte; Educação Física; Temas Transversais e Ética; Meio Ambiente e Saúde; Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Nesta parte, é apresentada uma análise do texto dos PCN, a fim de perceber e registar como a temática da morte – em especial, a do ser humano – está inserida nesse documento do Ministério da Educação (MEC), embora não sejam apresentados todos os dez, mas apenas quatro – aqueles em que se considera que a temática da morte é mais explícita, a saber: o de Ciências Naturais, História e Geografia; Temas Transversais e Ética; Meio Ambiente e Saúde.

Mesmo com esta organização, não significa que os parâmetros curriculares estejam fechados para novas necessidades e implementações que venham a ser requeridas, à medida que novas necessidades possam surgir no seio da educação, para uma melhor formação e desenvolvimento do indivíduo.

Acreditamos portanto, que o tema Morte possa, no futuro próximo, fazer parte desses parâmetros curriculares com mais eficiência.

#### 4. - NO MEIO ACADÉMICO

É um facto que nos últimos anos as universidades e instituições académicas se têm preocupado de forma mais consistente com palestras, seminários e cursos expansionistas sobre a questão da morte. Por outro lado, isso evidencia a falta do assunto no contexto curricular e formativo, uma vez que profissionais, tanto das áreas filosóficas, como médicas e psicológicas ainda carecem deste conteúdo nos seus cursos de formação académica, para melhor exercer as suas profissões e melhor tratar do assunto com o outro e consigo mesmos.

Evidentemente, que a razão para esta lacuna é a mesma ocorrida no âmbito familiar e escolar, ou seja, o distanciamento sobre a questão da finitude humana, como se ela existisse apenas veladamente e, surgisse e desaparecesse da mesma forma, sem que a importância real lhe fosse atribuída.

Uma importante pesquisa realizada na UNB, intitulada “*O Estudante, o Médico e o Professor de Medicina perante a Morte e o Paciente terminal*” (Vianna & Picceli, 1993), cujo objectivo foi determinar os perfis do estudante, do médico e do professor de Medicina num hospital universitário, em pacientes terminais, portanto, diante da morte, para que possíveis mudanças fossem identificadas, ao longo da formação médica, assim como também, após a formação médica.

Chamamos a atenção para o primeiro parágrafo da introdução desta pesquisa, o qual corrobora o que no nosso trabalho tem sido exposto sobre a postura mais comum do médico perante a questão da morte:

“ Fasear a morte constitui permanente desafio para o homem desde as mais remotas civilizações. A Medicina, mais do qualquer outra ciência coloca directamente a problemática da morte, diante do profissional. O médico responde a esse desafio muitas vezes com ansiedade, medo e até ameaça à sua própria vida”. (Vianna e Picceli, p.1, 1993)

É importante também observar que na conclusão da sua pesquisa, os autores sugerem que a educação formal sobre o assunto nas escolas de medicina, do início ao término do curso, tenha especial atenção a essa problemática por parte dos profissionais,

no sentido de modificar o comportamento do estudante e do médico, capacitando-os a melhor lidar com a morte e o paciente terminal.

Na verdade, esta pesquisa vem reforçar e constatar a necessidade de reforços e acções que mudem a realidade em questão.

Em razão dos motivos expostos e, tentando atingir um universo de contexto educacional e formativo, optamos, no estudo empírico apresentado na segunda parte, por ouvir os alunos de instituições de ensino médio e estudantes e professores do ensino superior, com o objectivo de saber o que os mesmos pensam e reflectem sobre essa questão, ainda tão polémica na sociedade moderna, como um todo. As instituições escolhidas para aferir este estudo são provenientes de diferentes níveis e áreas, a saber: Colégio Estadual do Atheneu Northeriograndense, CDF e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), todas instituições de ensino da cidade de Natal, RN, Brasil. Através de questionários específicos, buscamos saber como eles vêem a questão do fenómeno da morte através das representações da mesma e do seu conteúdo subjectivo e acima de tudo, sobre a compreensão da finitude humana e suas consequências.

Partindo da construção deste objecto de estudo, podemos observar que a nossa comunidade universitária, apesar de possuir conhecimentos académicos nas várias áreas das ciências, apresenta dificuldades em compreender a morte e enfrentar o medo da morte, justamente por não ter sido preparada para tal, ao longo da sua vivência no seu contexto humanitário. Portanto, o objectivo desta investigação é detectar como esse problema acontece.

Apesar da certeza da morte e da constatação da mesma a todo instante na vida, tanto dos seres humanos como dos animais em geral, esta certeza, ao invés de funcionar como estímulo à reflexão sobre este fenómeno, funciona justamente ao contrário, aumentando cada vez mais o medo, a ansiedade e o terror, factores estes despoletadores de mudanças comportamentais nas pessoas, o que influi sobremaneira na sua forma de ser e agir socialmente.

Ainda sobre a elaboração deste trabalho, achamos importante, rebuscarmos os diversos conceitos de morte, assim como também tentarmos identificar o que a comunidade universitária local pensa e entende sobre as diversas representações da morte e qual a sua influencia na questão subjectiva e no próprio medo da morte. Também a

questão do medo da própria morte, ou seja, da morte de si próprio, do self, assim como também da morte do outro ou da morte do próximo, tem uma importância e todo um sentido fundamentais no contexto deste trabalho, uma vez que são questões inerentes e intrínsecas e que habitam a subjectividade de cada um de nós e de todos.

Por outro lado, não foi esquecida nem tão pouco relegada, a questão da temporalidade do ser humano, o que na verdade, constitui uma consciencialização estimulante sobre o próprio tempo de vida do ser humano, ao longo de sua escala ontogenética e filogenética.

Factores biopsicossociais também se acham presentes neste contexto, uma vez que não se pode dissociar o indivíduo em partes específicas como fragmentos humanos, e sim, analisá-lo como um todo dentro de suas características biológicas, psicológicas e sociais, no contexto do ser humano na sociedade. Vale a pena lembrar o que Edgar Morin (1999, p. 51) diz no seu livro *Os Sete Saberes para a educação do Futuro*:

“A educação do futuro deverá ser um ensino primeiro e universal centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum apodera-se dos humanos onde quer que estejam. Estes devem reconhecer-se na sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo quanto é humano.”

## **CAPÍTULO 2**

### **PERSPECTIVAS SOBRE A MORTE**

## 1. - DEFINIÇÃO DE MORTE E BUSCA DO SEU ENTENDIMENTO

“Morrer é a própria condição de vossa condição; a morte é a parte integrante de vós mesmos.”(Montaigne, 2000).

O entendimento e a aceitação da ideia da morte constituem hoje um dos maiores desafios do ser humano. Na verdade, talvez sempre o tenha sido, porém o temor diante do seu próprio fim, tenha feito com que o homem a mantenha cada vez mais distante de si, como um desconhecido e eterno inimigo, ou, por outro lado, tente veementemente combatê-la, como sendo esta o seu mais devastador inimigo, apesar desta se achar nele próprio desde o momento da sua concepção, pois independentemente de qualquer teoria filosófica, teológica ou científica, começamos a morrer no momento em que nascemos. É o que nos ensina o próprio processo biológico dos seres vivos: nascer, viver e morrer.

É essa clara ideia ocidental da morte que causa os mais diferentes comportamentos e posturas do homem diante desta, advindas do imaginário individual e coletivo do ser humano.

Analisar e discorrer sobre a morte parece fácil, no entanto tem sido justamente o contrário, exactamente devido à sua não aceitação pelo ser humano, como sendo parte do processo biológico do ser vivo, em especial por ser o ser humano, o único entre os animais que tem consciência da sua própria morte e, principalmente, da sua inevitabilidade.

O processo biológico orgânico da morte é diferente do mesmo processo psíquico mental e subjectivo no sujeito e, estes dois últimos estão inseridos no primeiro como as partes de um todo, o que leva a uma profunda reflexão e questão social, pois é notório que o ser humano não aceita, a morte, como sendo parte integrante da vida, embora diga concordar com esta situação, tem sido este o seu maior desafio até aos nossos dias.

Embora o tema morte seja tão contraditório quanto complexo e, pela própria dificuldade que o ser humano tem em lidar ao longo do tempo com sua própria temporalidade e fim, e mesmo que pareça contraditório, muitos são os estudiosos e pesquisadores que se têm debruçado sobre essa tão importante questão, tendo sido a Europa, pioneira deste avanço que vai desde os antigos filósofos e teólogos aos mais modernos

humanistas, psicólogos, educadores, médicos e cientistas, cujos estudos e pesquisas serão referências e fontes de contribuição para o enriquecimento do presente trabalho.

Apesar dos estudiosos pesquisarem sobre a temática da morte, infelizmente ainda presenciamos poucos estudos e discussões no ambiente escolar e academicamente organizadas sobre a finitude humana, tema tão imprescindível em nossas vidas, com vista a um melhor desenvolvimento do sujeito e da sociedade, como um todo. Em virtude disto, há um distanciamento e descompromisso por parte da política escolar e acadêmica e, até certo ponto, também científica, sobre a questão da morte no que diz respeito à inclusão da sua compreensão no contexto do desenvolvimento humano, de tal forma a que possam ser incluídos, em estudos mais vigorosos sobre as suas motivações, compromissos e interesses epistemológicos, no âmbito da educação, assim como das políticas socialmente implicadas nos problemas específicos de uma Psicologia Social no próprio campo da Psicologia, enquanto principal ciência do comportamento humano.

Entretanto, ao analisarmos como a questão da morte humana tem, ao longo do tempo, passado por importantes percepções tanto psicológicas, quanto sociais, torna-se importante realçar a maneira ou formas como as sociedades diversas e a própria humanidade têm assimilado, incorporado ou, por outro lado, tentado afastar-se cada vez mais do entendimento da sua própria terminalidade ao longo do seu percurso, como ser social.

Para a Filosofia, especialmente a Filosofia antiga (greco-romana), a morte era uma inspiração, muitas vezes declamada e enaltecida. Diriam os antigos filósofos que não haveria filosofia sem a morte, sua musa inspiradora. Portanto, remontando ao passado e recorrendo a Epicuro (341-270 a.C.), onde o seu pensamento filosófico, de acordo com seus seguidores nos remete para o seguinte:

“Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós, visto que todo o mal e todo o bem se encontram na sensibilidade e a morte é a privação da sensibilidade”. (Epicuro, 1973, pag.14)

Podemos então perceber analogamente, que nesse sentido filosófico, a morte é simplesmente a dissolução do agregado corpóreo a que pertence a sensibilidade. Partindo, então, dessa perspectiva do antigo pensamento filosófico, a morte não existe para nós enquanto vivemos, assim como não existimos para ela quando surge, uma vez que

já não existe sensibilidade ou capacidade de sofrimento. Assim sendo, para Epicuro, a filosofia mostra-se como função terapêutica que deve libertar o espírito humano das perturbações que o abalam. É o que se pode entender da sua afirmação, quando o mesmo afirma: “Deves servir à filosofia para alcançar a verdadeira liberdade” (Epicuro, 1973, p.13)

Segundo esse autor, Epicuro diz ainda que a Filosofia é a arte da vida e que sua função é, através do conhecimento do mundo e da física, libertar o homem de seus grandes medos que ele tem a respeito da sua vida, da morte e do além-túmulo.

Entretanto, a serenidade do sábio não é perturbada pelo medo da morte, pois segundo ele mesmo todo mal e todo bem se encontram na sensação, e a morte é a ausência de sensibilidade, portanto, de sofrimento. Afirma que nunca nos encontraremos com a morte, pois quando nós somos, a morte não é, quando ela é, nós não somos mais. Como podemos ver, mesmo não defendendo o suicídio como forma de vencer a morte, Epicuro busca na Filosofia a resposta para vencer a morte.

Já Sócrates (427 a.C.), expôs as suas mais fortes convicções sobre a morte, quando foi acusado de impiedade e de corrupção da juventude, e em consequência disso foi condenado à morte por envenenamento. Porém, enquanto aguarda a sua morte, espera com calma e tranquilidade e, na sua última conversa com amigos e discípulos, percebe-se um misto de espanto, respeito e admiração, não apenas pela nobreza com que enfrenta a morte, mas também pela lucidez das suas palavras e a serenidade dos seus actos. Então, cabe a pergunta que muitos fizeram e fazem: O que permite a este homem injustamente condenado a comportar-se de forma tão digna? A resposta encontra-se na visão do mundo que advoga, na sua concepção da realidade, do propósito da vida, da morte e do saber. É dele a famosa frase, já de uso popular, que reflecte o seu pensamento e o que a filosofia da época pregava: “...Pois a Filosofia não é o estudo da morte?”, indaga Sócrates.

Como Sócrates não deixou escritos de sua obra, tudo o que sabemos hoje sobre este episódio provém principalmente dos escritos de Platão, seu fiel discípulo, ficando claro que, para entendermos Sócrates, devemos estudar Platão. Assim, recorre-se aos escritos deste último, para melhor entendermos esta questão.

Mas, seguindo o pensamento filosófico, podemos perceber perfeitamente que, na Filosofia antiga a visão que se tinha da morte era mais aceitável do que a partir da Idade Média até aos dias de hoje, muito embora no Oriente, este pensamento seja divergente. Esta, não deixa de ser uma outra questão que merece considerações posteriores, uma vez que se trata de diferentes culturas, perante o mesmo conflito.

Neste contexto o pensamento do autor enfatiza que a vida deve, em todos os casos, findar-se e que não vale a pena inquietar-se tanto com tão curto espaço de tempo, que é a vida, chegando ao ponto de afirmar que o apego à vida, da forma demonstrada, é cego e irracional e é causado pela falta de conhecimento. Porém, contrapondo essa ideia, ele prossegue afirmando que o conhecimento, ao contrário, actua em sentido oposto, conferindo desapego e combatendo o medo da morte. Este conhecimento deve prevalecer de tal forma que quanto mais o homem tem discernimento sobre este facto, mais ele avança ao encontro da morte com o coração firme e tranquilo e, a partir daí, a sua conduta deve ser honrada como grandiosa e nobre, o que ainda segundo este pensamento, será então celebrado o triunfo do conhecimento sobre a vontade de vida cega, sobre aquela vontade que nada mais é do que o princípio da nossa própria existência.

Torna-se importante abordar, embora de forma resumida, como o presente assunto é visto neste momento no Brasil. Na verdade, ainda há poucas investigações sobre o conceito de morte, porém alguns estudos devem ser citados como referências importantes, tais como as pesquisas sobre o tema, como por exemplo, o trabalho de Fávero e Salim (1995) e também a importante contribuição dos pesquisadores Nunes, Carraro, Jou e Sperb (1998). Existe também o trabalho dos pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), os quais mantêm um laboratório de estudos sobre a morte desencadeando aí pesquisas, que se tornam fundamentais, no âmbito da psicologia da morte.

Observando outro grande estudioso, porém mais próximo da contemporaneidade, Schopenhauer (2001, p. 23) este discorre sobre a Morte e a sua relação com a indestrutibilidade do nosso *ser-em-si*, referindo que a morte é propriamente o génio, ou a musa da filosofia e citando o próprio Sócrates, observa que:

“A morte é propriamente o génio inspirador, ou a musa da filosofia e por isso Sócrates a definiu como "preparação para a morte". Sem a morte, seria mesmo difícil que se tivesse filosofia”

É dele também, uma das primeiras ideias que comparam a morte dos animais com a morte do homem em si, afirmando que o animal vive sem ter conhecimento algum da morte e, por isso não a teme, uma vez que o mesmo só tem “consciência” do infinito. Outra constatação importante de Schopenhauer (2001, p. 23) sobre a sua visão de morte é quando ele, atesta que é em torno deste fim que se dirigem todos os sistemas religiosos e filosóficos e isso só poderia acontecer no pensamento humano, por ser o único animal dotado de consciência reflexiva e inteligência. Por isso este autor fazia a diferença entre a percepção da morte nos animais e no homem afirmando que:

“O animal vive sem ter conhecimento da morte: por isso o indivíduo do género animal desfruta imediatamente de toda a imutabilidade da espécie, visto que só tem consciência de si como infinito. Entre os homens surgiu, com a razão, por uma conexão necessária, a certeza terrível da morte”. (Ibidem)

Na verdade, hoje sabe-se que o homem criou as religiões, a mitologia e as ciências, não apenas como antídoto da razão, que através das suas reflexões, dispõe contra a certeza da finitude humana, mas também para que se pudesse responder a perguntas e respostas, que não se conseguem fazer através do conhecimento humano e, acima de tudo, para enfrentar o desconhecido.

Relativamente ao temor da morte, o autor continua a referir que este é “ independente de todo o conhecimento, pois o animal o possui, ainda que não conheça a morte. Tudo o que nasce já traz consigo. Esse temor da morte a priori é justamente o reverso da vontade de vida, fundo comum de nosso ser”, e que, “o pior dos males, o mais terrível dos perigos que pode nos ameaçar, é a morte; o maior terror é o da morte. Nada nos arrasta tão irresistivelmente à mais viva simpatia do que a visão de um outro homem em perigo de morte; não há espectáculo mais medonho do que uma execução” (Ibidem).

Por sua vez Freud (1957, p. 266) enfatiza a pulsão de morte do seguinte modo:

“... A morte é interpretada somente como uma contraposição contraditória da vida, como a ausência de vida, em suma como o *não-ser*. Mas a morte é um facto que tem também seus significado positivo, é um aspecto particular do ser e não só do *não-ser*; é um certo algo e não um completo nada. Esse significado positivo da morte é desconhecido pela Biologia.

Na verdade, a morte é a lei universal do vivo; é impossível conceber que esse fenómeno nada represente no organismo, isto é, nos processos de vida. É difícil crer que a morte careça de significado ou só tenha um significado negativo”

Já os estudos de Ariès (1989) concentrados na Idade Medieval e Moderna, observam as importantes mudanças da visão do ser humano sobre a morte expressa de uma forma alegórica e ritualista, através dos tempos, inclusive corroborando o conceito de morte, no sentido de uma evolução do mesmo através dos séculos. Sobre isto, o historiador afirma, em seus estudos, que antigamente, a morte era tida como uma tragédia e até muitas vezes cómica, através da qual se representava o papel daquele que morria. Posteriormente, fazendo uma análise comparativa, o autor diz ser a morte hoje, uma comédia, embora muitas vezes dramática e onde se representa o papel daquele que não sabe que vai morrer.

De acordo com suas pesquisas, no início da Idade Média, havia uma familiaridade com a morte, que a elevava ao estatuto de um acontecimento público. A partir do momento em que o moribundo percebia o momento da morte, o mesmo se recolhia ao seu quarto, acompanhado por parentes, amigos e vizinhos. Dessa forma, cumpria um ritual: pedia perdão pelas suas culpas, legava os seus bens e esperava pela chegada da morte. Embora sendo fatal, não havia um carácter dramático ou gestos de emoção excessivos, como refere o historiador:

“O homem submetia-se na morte a uma das grandes leis da espécie e não pensava nem em se lhe esquivar nem em a exaltar. Aceitava-a simplesmente como justa, o que carecia de solenidade para marcar a importância das grandes fases por que todas as vidas devem passar”.  
(Ariès, 1989, p. 112)

No século XVIII, a morte assumiria um sentido dramático, passando a ser vista e percebida como uma transgressão, que ceifava a vida do ser humano do seu quotidiano, de sua família e da sociedade. Assim sendo, ficaram mais evidenciados os rituais e o culto aos cemitérios, e o luto passou a ser exagerado, tendo como consequência disso um outro personagem perante a morte: a família, e não mais o morto. Não se temia mais a própria morte, mas a do outro.

A partir da segunda metade do século XIX, a morte transformou-se em tabu: os parentes do moribundo passaram a tentar poupá-lo, ocultando a gravidade do seu estado. A morte passa a ser velada de uma forma enfática, sob vários aspectos.

Assim sendo, a percepção da morte através dos séculos, tem marcado as diversas sociedades, no que diz respeito ao seu tempo histórico, inserido no contexto social e cultural. Portanto, Ariès compara a morte de acordo com uma visão cronológica e os seus mais importantes períodos:

“Seguimos através da Idade Média, os progressos de uma sensibilidade que dava à morte real um sempre mais forte, um lugar sempre maior. Este movimento remonta às inquietações monásticas da época carolíngia desenvolveu-se entre os *litterati* e estendeu-se ao mesmo tempo que a sua influência. Prosseguiu durante vários séculos com constância e, no final da Idade Média, atingiu sua intensidade...”. (Ariès, 1977, p. 11)

Os trabalhos de Ariès inspiraram muitos outros estudiosos modernos, tanto do ponto de vista antropológico, quanto sociológico ou psicológico, servindo de base para uma nova visão da morte no Ocidente.

Segundo Heidegger, um dos maiores filósofos do século XX, a morte pertence à estrutura fundamental do homem, onde se encontra constantemente presente. O ser está sempre nesta possibilidade, depois da morte não há outras. É importante frisar que o pensamento de Heidegger, neste sentido, apesar de ser filosófico, assemelha-se à questão do ser biológico, que entende que a morte começa com o início da vida, ou seja, apenas já se começa existir e já está entregue à possibilidade da terminalidade. Entretanto, o paradoxo surge quando este autor defende que com a morte o homem conquista a totalidade da sua vida. Ainda, de acordo com este filósofo enquanto a morte chega e não chega, falta-lhe alguma coisa que ainda não pode ser e que será. O homem adquire consciência da sua submissão à morte através da angústia, outra disposição fundamental do ser.

Heidegger (2005) chama a morte de princípio de individuação, o princípio formal da vida humana: a vida humana torna-se um todo somente mediante a morte, que a limita. Só a morte permite ao homem ser completo.

Morin (2001) sociólogo e filósofo francês, um dos estudiosos da actualidade, cujos trabalhos sobre a complexidade humana merecem ser registados e sobre a qual afirma que a morte é a característica mais humana, mais cultural do *anthropos*. Podemos portanto, afirmar que esta visão antropológica, a qual o próprio Morin afirma ser igualmente bio antropológica, não tem encontrado, ainda, a devida importância no âmbito da Biologia e Psicologia, respectivamente, a ponto de “tranquilizar” o ser humano no que diz respeito à sua própria finitude.

Vejamos como este mesmo autor (2001, p. 20) discorre sobre o tema da complexidade, na qual a finitude humana é uma das mais inquietantes questões:

“A Complexidade é um tecido de constituintes heterogéneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. A complexidade é efectivamente o tecido de acontecimentos, acções, interacções, retroacções, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Mas então a complexidade, apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...Daí a necessidade, para o conhecimento, de pôr ordem nos fenómenos ao rejeitar a desordem, de afastar o incerto, isto é, de seleccionar os elementos de ordem e de certeza, de retirar a ambiguidade, de clarificar, de distinguir, de hierarquizar...”

Freud (1923) não se preocupou apenas com a Psicanálise e outros importantes estudos científicos sobre o desenvolvimento humano. Ele também se debruçou sobre as questões da finitude humana, mesmo que tenha sido envolvida de certa forma na sua teoria psicanalítica. Nesse sentido, Freud busca a compreensão da natureza humana e do seu dilema diante da civilização, utilizando o conceito de pulsão, na verdade uma teoria já desenvolvida nos seus estudos anteriores.

A partir desta teoria, este autor classificou-a em duas partes ou categorias: *pulsão do ego* e *pulsões objectais*; onde tenta reflectir sobre estas instâncias constitutivas do ser humano nas suas relações com a civilização. Na realidade, este contexto tornou-se depois uma marca original do pensamento freudiano, a respeito do desenvolvimento humano, envolvendo os dois lados opostos de sua existência: pulsão de vida e pulsão de morte.

A propósito, já tendo Freud apresentado o seu trabalho sobre a pulsão sexual, o qual foi classificado como sendo responsável pela tarefa de unir a vida orgânica (o que ele chamou de Eros), este autor apresenta, por outro lado, o que considera o oposto à pulsão da sexualidade, que é na verdade a existência de uma pulsão, denominada pulsão de morte. Esta opera igualmente na vida orgânica, porém em sentido contrário ao de Eros, gerando assim um permanente e incansável conflito.

Este autor diz-nos o seguinte:

“Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos concluí que, ao lado da pulsão para preservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outra pulsão, contrário aquela, buscando dissolver essas unidades e conduzi-las de volta ao seu estado primeiro e inorgânico. Isso equivalia a dizer que, assim como Eros, existia também uma pulsão de morte. Os fenómenos da vida podiam ser explicados pela acção autodestruição concorrente, ou mutuamente oposta, dessas duas pulsões.” (Freud, 1923, p. 141)

Com este enunciado, Freud afirma que a pulsão de morte poderia em determinado momento se colocar ao serviço de Eros, projectando desse modo, a sua agressividade para o mundo exterior. Torna-se possível, uma vez que o mundo externo reprime a possibilidade de descarregar esta agressividade, e, assim, está a voltar-se para dentro do indivíduo em forma de *auto-destruição*.

Assim sendo, Freud admite que as duas pulsões se encontram imbricadas mutuamente. Para ele, a luta e o conflito incessante entre estas duas forças poderosas da natureza humana tem sido o que verdadeiramente, move o ser humano.

Klüber-Ross (1996, p. 41) uma das mais recentes estudiosas sobre a morte, defendia veementemente que a medicina tinha um outro olhar sobre a finitude humana, que não fosse apenas combater a morte a qualquer custo. Assim, segundo esta autora “deveríamos criar o hábito de pensar na morte e no morrer de vez em quando, antes que tenhamos de nos defrontar com ela na vida”.

Esta autora iniciou as suas observações sobre a morte, na Polónia quando, como médica voluntária no serviço de assistência social no pós-guerra, no campo de concentração de Maidanec, uma das mais horrendas e famosas fábricas de morte de Adolf

Hitler, Klüber-Ross, percebeu que a sua experiência na área de aconselhamento aos pacientes, trazia uma nova questão tão necessária ao entendimento sobre a finitude e desenvolvimento humanos.

Foi justamente nos Estados Unidos, considerado um dos países mais desenvolvidos do mundo, que a médica suíça enfrentou o descrédito dos seus colegas de medicina quando se dedicou a cuidar de pacientes terminais aplicando o seu conhecimento para que os mesmos tivessem uma morte mais digna e entendessem mais sobre o que é morrer.

Nesse ponto, pelo menos no sentido da antiga Filosofia, onde a morte parecia não causar tanto medo e impacto, vale a analogia do pensamento de Klüber-Ross sobre a terminalidade humana. No primeiro capítulo do seu último livro, *A Roda da Vida* (1998, p. 15) esta autora refere que:

“Talvez isso ajude. Há anos tenho sido perseguida por uma certa má reputação. Na verdade, tenho sido perseguida por pessoas que me vêem como Aquela Senhora que Fala Sobre a Morte e o Morrer. Acreditem que o facto de ter passado mais de três décadas fazendo pesquisas sobre a morte e a vida depois da morte, faz de mim uma especialista no assunto. Acho que não compreenderam bem. O único facto incontestável em meu trabalho é a importância da vida. Sempre digo que a morte poder ser uma das maiores experiências que se pode ter. Se você vive bem cada dia de sua vida, não tem o que temer. Talvez este, que é certamente meu último livro, torne isso mais claro. Poderá também despertar algumas novas perguntas e talvez até mesmo fornecer respostas. Hoje, aqui sentada nesta sala cheia de flores de minha casa em Scottsdale, Arizona os últimos setenta anos de minha vida me parecem extraordinários. Aquela menina criada na Suíça, que eu fui, jamais poderia prever, nem em seus sonhos mais extravagantes – e eles eram bastante extravagantes – que acabaria sendo a autora mundialmente famosa de Sobre a Morte e o Morrer, um livro que, ao explorar o trecho final da vida, lançou-me no centro de uma controvérsia médica e teológica. Nem muito menos poderia imaginar que em seguida passaria o resto de seus dias explicando que a morte não existe.

Também um dos actuais estudiosos sobre a morte, Kastenbaum e Aisenberg (1983, p. 4), tem insistido na afirmação de que o conceito da morte é sempre relativo, ao afirmar que, o desenvolvimento não significa necessariamente idade cronológica do indivíduo, muito embora a idade cronológica possa fornecer importantes dados sobre o

tempo e modo de vida de uma pessoa, a nível estrutural. Com esta proposição, Kastenbaum afirma que os conceitos da morte são vários, mudam com o tempo e que dependem da experiência do indivíduo.

“Ao caracterizar o conceito de morte de uma pessoa em determinado instante do tempo, não deveríamos supor que essa descrição do conceito continuará a ser verdadeira indefinidamente”.

Concordando com a carência de trabalhos e pesquisas nesta área, Torres (2002, pp. 9-34), relata no seu trabalho sobre o conceito de morte de crianças portadoras de doenças crônicas, que:

“No Brasil existem poucas investigações sobre o conceito de morte, podendo ser citados, entre estas, os estudos de Torres (1979,1993,1996), o de Fávero e Salim (1995) e o de Nunes, Carraro, Jou e Sperb (1998), as duas últimas utilizando-se da técnica de desenho na colecta de dados. Na primeira pesquisa de Torres (1979), a partir de uma perspectiva piagetiana, a avaliação quantitativa (teste de hipóteses) e os dados obtidos através do exame qualitativo através das respostas das crianças ao Instrumento de Sondagem do Conceito de Morte (Torres, 1979), permitiram identificar três níveis de desenvolvimento do conceito de morte, descritivos do pensamento da criança nos diferentes períodos de desenvolvimento cognitivo: Pré-Operacional, Operacional Concreto e Operacional Formal. Estes dados apontam, portanto, para a importância do nível de desenvolvimento cognitivo na evolução deste conceito, confirmando estudos precedentes (Anthony, 1972; Kane, 1978, 1979; Koocher, 1972), e para uma confirmação das formulações baseadas em Piaget, segundo as quais o conceito de morte se desenvolve em interação com outros conceitos como os de animado/inanimado, de tempo, de quantidade, de conservação/não conservação, causa e probabilidade”

É de notar que o seu trabalho trata especificamente de investigações sobre a compreensão da morte pela criança, no entanto os conceitos de morte, encontram-se bastante evidenciados tornando-se importantes como referências.

Por outro lado, no que diz respeito a esta questão, no âmbito das Ciências Biológicas, como sendo essencialmente, por definição, o estudo da vida, deveria haver

mais atenção por parte desta ciência no que diz respeito ao seu papel fundamental no processo do desenvolvimento e evolução humanas. Poderíamos, a título de exemplo, indagar por que é que a Biologia estuda, trata e discorre sobre todas as fases de desenvolvimento humano, do ponto de vista orgânico e mental, desde a fecundação, desenvolvimento embriológico, nascimento, 1ª infância, 2ª infância, 3ª infância, adolescência, fase adulta e senil e não discute igualmente sobre o fenómeno da morte, ao longo de todo este processo, como se o indivíduo fosse imortal? E por que é que quando o discute, o faz veladamente? Esta deveria ser uma das respostas que a sociedade deveria buscar, especialmente no âmbito escolar e académico, uma vez que não se pode estudar o homem incompleto ou fragmentado, onde os tabus possam ser maiores do que o seu conhecimento sobre si próprio.

Sobre este aspecto de como a questão da morte é vista no âmbito das Ciências Biológicas, o recente trabalho de Lino e Falcão (2004) é enfático, quando refere que o biólogo não se preocupa com pensamentos e sentimentos pessoais, mas que o educador sim. Sabemos que a disciplina de Biologia aborda os organismos vivos de uma maneira geral, analisando a sua diversidade e as suas formas de interagir no ambiente. A questão que o trabalho levanta é a seguinte: se a morte faz parte do processo vital dos seres vivos, e dos seres humanos em particular, os quais são os únicos entre os animais a ter certeza de sua finitude e a temê-la veementemente, porque é que não há uma discussão educacional sobre este processo? Por que não se utiliza o espaço das aulas para falar sobre a finitude da vida humana, que é parte fundamental do ciclo de vida dos seres humanos e que inclui a consciência? Este pesquisador questiona ainda sobre a abordagem da morte do ponto de vista psicológico e sociológico relacionando-a com o conhecimento científico específico da Biologia, mas está quase ausente no espaço das aulas de Biologia e, que em consequência disso não é abordada a morte humana com qualquer enfoque especial, no sentido de se elucidar as dúvidas sobre a inevitabilidade da morte.

Retomando Morin (1997), vamos encontrar forte constatação filosófica e de carácter socialmente representado sobre as atitudes e crenças diante da morte expressas pelo homem, onde o mesmo diz que a sociedade funciona organizada pela morte, ao mesmo tempo que luta contra ela. Nesse aspecto, Morin corrobora a questão filogenética sobre a ontogenética, onde afirma que a existência da cultura só tem sentido porque as antigas gerações morrem e é necessário transmiti-la às novas gerações, tornando a morte um dos traços mais culturais da espécie humana.

O autor ainda enfatiza que a consciência da morte não é algo inato, porém uma experiência que se aprende, estabelecendo uma consciência que capta o real, fazendo com que o ser humano se torne consciente de sua própria finitude. Segundo ele, a morte humana é um conhecimento do indivíduo que vem sempre do exterior, ou seja, é um conhecimento aprendido, favorecendo uma atitude de surpresa diante de cada fim de uma vida.

Já em 1977, Morin entendia o fenómeno da terminalidade como algo aprendido. Segundo este autor, as pessoas, atribuíam à morte um sentido ocasional o que demonstra uma tendência colectiva de admiti-la como uma necessidade biológica, antropológica, e filogenética para a continuação da espécie humana. Isso que pudemos observar anteriormente corrobora o pensamento de Freud, sobre esta questão.

Ressaltamos, neste ponto, a importância para o entendimento de que quem perece é o ontogenético e não o filogenético, ou seja, o indivíduo é que morre e não a sua espécie, a qual é renovada tão constantemente quanto este perece, pois o fenómeno da reprodução, antagónico ao fenómeno da morte, confere ao ser humano a sua indestrutibilidade, se é que assim se pode chamar.

Por outro lado, a consciência dessa finitude é que apavora o ser humano, não apenas no contexto antropológico-social, porém na questão de índole psicológica, influenciando, sobremaneira, as suas atitudes e comportamentos.

Por esse e outros motivos de ordem temporal e comportamental, Morin (1970, p. 54) atesta:

“A consciência humana da morte não supões apenas a consciência do que era inconsciente no animal, mas também uma ruptura no seio da relação indivíduo-espécie, numa proporção da individualidade em relação à espécie, uma decadência da espécie, em relação à individualidade. (...) A morte surge como uma árdua vitória da espécie sobre o indivíduo e parece contradizer a unidade da espécie, mas o indivíduo não passa de um ser genérico determinado, e como tal é morta”.

Portanto, biologicamente está comprovado que a ontogenia recapitula a filogenia, constatando que o homem não passa de um indivíduo de seu *gênero* e que portanto

perece, enquanto que a espécie não. Esta perpetua-se através da reprodução. Nesse aspecto a morte não consegue vencer o *Filo*.

A princípio, parece fácil definir-se a morte, mas não é. Tanto é verdade essa afirmação que até hoje não temos uma definição adequada para a morte, apesar da mesma ser tão ou mais antiga do que o próprio ser humano e de todos os seres que têm vida.

Parece que, assim como o sol e a lua, a noite e o dia, o bem e o mal, o masculino e o feminino, o positivo e o negativo e todas as dualidades e simetrias, mesmo paradoxalmente heterogéneas, se é que assim podemos chamá-las, a morte também já surgiu com a vida, para ser o seu lado simétrico e ao mesmo tempo antagónico, por exactamente ser o oposto, mas também, em conjunto formar o seu todo, encerrando o ciclo vital das plantas, animais e seres humanos.

Afinal, como seria a vida sem a morte? O nosso planeta suportaria seres imortais sem renovação do ciclo vital? E quanto à superpopulação? Teríamos espaço, água, ar e alimento suficientes para todos e mais ainda os que nasceriam a cada dia?

Estudos sobre a busca da possibilidade de uma vida eterna ou da possibilidade do ser humano vir a vencer a morte, traz controvérsias no que diz respeito à possibilidade deste facto ser um bom ou mau resultado no contexto dessa utópica conquista. Não seria a vida uma sucessão eterna de factos, acções repetidas e intermináveis rotinas sem emoções, pois o tempo seria infinito. Não somente as coisas boas, mas também as más seriam intermináveis. Os conflitos poderiam levar séculos ou a vida inteira, pois a noção de futuro não existiria. Viveríamos num eterno presente sem perspectivas de amanhã ou de futuro. O relógio, certamente não teria tanta importância e os compromissos poderiam ser adiados tantas vezes quantas fossem necessárias, pois tudo seria atemporal.

Daí a pergunta de como seria a vida sem a morte? Parece que uma das respostas à pergunta colocada é a constatação de que a morte não é apenas algo inevitável, porém também necessária, assim como a própria vida, pois na verdade, ambas estão inseridas no próprio contexto da existência, com início, meio e fim.

A filosofia oriental sugere que devemos conhecer o *yin* e o *yang*, o claro e o escuro, o *positivo* e o *negativo*, o *bem* e o *mal*, para que possamos viver em equilíbrio.

O Ocidente tenta combater a morte através de todos os meios. As demais culturas dos diferentes povos têm a sua própria maneira de ver, encarar, tentar evitar ou se esconder da morte. Então, ganha força e se estabelece cada vez, a pior das metades complementares do ciclo existencial do ser humano, a morte. Isto, é inegável dizer, atemoriza e aterroriza a quase totalidade dos seres humanos, o que acaba sendo um comportamento aceitável, pois não fomos preparados para aceitar esse facto de modo diferente. Ao contrário, fomos preparados para temer a morte, tentar evitá-la e até excluí-la de nosso pensamento e imaginação. Mas, como evitar algo que está presente, não somente em nosso consciente, porém paralelamente lado a lado nas nossas vidas, na nossa subjectividade?

A razão desse facto é bastante clara e evidente, pois o próprio medo do ser humano frente à morte e o que ela significa para toda a humanidade, fez com que diferentes culturas procurassem vê-la e tratá-la de diversas maneiras, procurando, na maioria das vezes, ocultá-la ou mesmo evitar falar a seu respeito, como uma forma de auto protecção, resultando em diferentes conceitos.

Um claro exemplo verifica-se quando observamos que, enquanto o Oriente procura entender a morte no campo espiritual, aceitando-a conscientemente, o Ocidente a vê como a sua pior inimiga e procura cada vez mais combatê-la com experimentos e tecnologia, argumentando que a revolução biomédica a sobreporá, em breve, tentando manter cada vez mais fortes os processos vitais orgânicos, tornando a velhice apenas um período mais saudável da vida e, assim, transformando a morte em algo do passado.

É inegável que a certeza da morte humana e, a impotência frente à irreversibilidade deste facto, provoca uma série de mecanismos psicológicos que, de maneira e níveis diferentes se manifestam na personalidade e *modus vivendi* das pessoas de um modo geral, o que acaba influenciando, de forma consciente ou inconscientemente, a vida de cada um. Portanto, parece muito mais fácil saber e entender o que as pessoas sentem em relação à morte do que, propriamente, defini-la ou tentar representá-la simbolicamente.

Por outro lado, mesmo que o ser humano sempre tenha evitado conhecer o fenómeno da morte de perto, o que se tem tornado compreensível pela herança do passado, parece que, de repente, está surgindo um interesse, de se saber mais sobre a morte para que se possa aprender a conviver melhor com essa realidade e estabelecer com-

portamentos que tranquilizem e equilibrem as nossas vidas, valorizando mais a nossa existência. Sobre esse aspecto em particular, Kastenbaum (1983, p. 5) refere que:

“A concepção de morte pode influir no comportamento de muitos modos complexos e remotos. Padrões de comportamento que não parecem ter nada de especial a ver com a morte podem, todavia, ser influenciados por essas cognições. Insônia, por exemplo, ou pânico em virtude da separação temporária de um ser querido às vezes podem ter origem em preocupações com a morte”.

Nesse sentido, podemos referir a América do Norte e a Europa, como sendo as duas sociedades que têm tentado, actualmente, estudar, discutir e desvendar cada vez mais os mistérios da morte e a sua íntima relação com a vida. São inúmeras as organizações, equipas de estudos e pesquisas e fóruns de debates criados com o objectivo de tornar o assunto cada vez mais familiar, muito embora, permaneça o medo oculto ou aparente, velado ou exposto, que a morte continua a desencadear no íntimo de cada um. Como vimos anteriormente, talvez se trouxéssemos a discussão para o meio escolar e académico, teríamos uma melhor educação sobre o assunto e, certamente, lidaríamos bem melhor com o mesmo.

Mas, o que realmente é a morte e quais suas diferentes representações? Por que é representada por diferentes símbolos e configurações de diferentes maneiras e interpretações? Por que seus conceitos são diversos, muito embora, o sentido seja o mesmo? Por que tem sido um tabu intransponível ao longo do tempo e durante todo o percurso da humanidade?

Jung (1977), refere que os símbolos, juntamente com as “pessoas” do inconsciente constituem a linguagem. Portanto, é de imaginar-se que a morte simbolizada já faça parte do inconsciente individual e colectivo, constituindo uma linguagem, fúnebre, misteriosa e assustadora, através da qual ninguém parece gostar de se comunicar.

Ainda sobre esse aspecto, parece-nos que a carga psicológica já existente sobre a ideia da morte, fica mais pesada ainda quando admitimos que a morte também sempre fez parte do consciente, uma vez que não podemos fugir dela, que por sua vez, se faz real e claramente presente no dia-a-dia das pessoas, seja individual ou colectivamente.

Isso leva-nos a uma conclusão natural e consciente de que, não há outra alternativa que não seja encarar e enfrentar a morte, uma vez que ela está em nós mesmos, desde que nascemos. Assim, parece surgir outro problema: a luta do indivíduo consigo mesmo, a qual é a pior de todas. Pois, além do medo da morte, acaba-se por resistir contra si próprio para aceitar o facto da consumação da morte e de que cedo ou tarde morreremos. Isso gera uma luta interior na maioria das pessoas, originando conflitos.

Verificando-se desde o conceito popular, o histórico, o religioso, o mitológico e o científico dentre outros, encontramos conceitos diversos da morte, muitas vezes, cada um deles coloca-se como sendo o mais apropriado ou mais importante, segundo a óptica de quem a conceitua. Todos levam em conta os aspectos históricos e culturais, pelo que a sua definição não é unânime, tornando difícil a ideia real da sua configuração no sentido de se encontrar concordância no imaginário colectivo. Individualmente, pelo menos uma vez na vida, cada um já se deve ter perguntado o que, quem e como é a morte.

Semanticamente analisando, vejamos como Buarque (2004, p. 265) situa a morte: “Morte – (substantivo no feminino) 1. Acto de morrer; o fim da vida animal ou vegetal. 2. Termo, fim. 3. Destruição, ruína. 4. (Figurativo) – Grande dor; pesar profundo. 5. Entidade imaginária da crença popular, representada em geral por um esqueleto, armado de uma foice com que ceifa as vidas.”

Porém, entendemos que este é um conceito gramaticalmente técnico e que a sua definição não contempla nem engloba todo o seu conteúdo significativo e fica, portanto, a necessidade de uma compreensão mais profunda, no sentido de atender, de certa forma, o sentido mais amplo e subjectivo do seu significado.

Surgem então formas, fórmulas e tentativas nas resoluções dos problemas do ser humano. Assim, como várias outras necessidades inventadas pelo homem para se proteger a si mesmo, foi criada a mitologia como uma necessidade de responder a muitas dúvidas sobre o imaginário tanto individual quanto colectivo. Poderíamos dizer que a mitologia é a arte de contar e ilustrar a própria história do homem.

No que diz respeito à simbologia do amor e da morte, a mitologia deixou-nos uma herança que jamais será esquecida através dos tempos, porque de certa forma faz parte de nossa história pela busca de nossas verdades, mesmo através de um mundo imaginário.

Ao estudar-se os seus mitos, narrados em eventos ocorridos num passado longínquo, cujos seres dotados de poderes mágicos, superiores aos dos homens normais, simbolizavam deuses e heróis que intermediavam e interferiam na realidade vivida pelos seres humanos, o homem convencionou que havia um antagonismo constante entre *Eros*, o deus grego do amor e *Thanatos*, o deus da morte. Sobre este último, alguns povos gregos representavam, morfologicamente, como sendo um velho de barbas longas cruel e sem misericórdia. Daí, o termo *Tanatologia* significar o estudo da morte.

Enquanto *Thanatos* alimentava forças e instintos destrutivos, por outro lado, *Eros* representava as forças e os instintos da vida e do amor, resultando desse jogo um antagonismo permanente, mas que se complementavam ao mesmo tempo.

Hoje em dia admitimos que a importância mitológica e a sua influência no pensamento e personalidade humana é tamanha, que o próprio Freud utilizou-se desse conhecimento para ampliar os seus estudos sobre a teoria da psicanálise, a qual também considera a questão da morte, onde analisa *Thanatos* como o contraponto da vida e *Eros*, em sua formação binária, o que impulsiona o ser humano na sua trajetória existencial. No entanto, culturalmente tem ficado claro ao longo do tempo que, o amor (*Eros*) é a vida e de onde ela surge e emana, enquanto a morte (*Thanatos*), o seu fim. Como resultado, herdamos um eterno dilema existencial humano!

É preciso desmistificar a morte, para que possamos entender melhor a nossa vida. Pois já não resta nenhuma dúvida que é entendendo melhor a morte que podemos amar mais a vida e assim, viver melhor.

Não é objectivo deste trabalho abordar questões religiosas específicas sobre a morte, dado a grande controvérsia existente entre as várias religiões, dogmas e crenças, havendo essa possibilidade noutros espaços, fóruns específicos para tais discussões entre elas. Porém, por outro lado, não podemos negar que a religião e a fé têm contribuído muito para vencer o medo da morte, fundamentar os seus conceitos e suas representações, pois as pesquisas feitas nesse sentido têm atestado que pessoas religiosas e que usam a fé como forma de protecção e conforto interior, lidam melhor com o assunto e com o conflito que este gera.

A ciência utiliza um conceito de morte no sentido mais técnico, justificado, não só, pela visão cientificamente prática que detém, mas também pelo facto de alguns sucessos já alcançados em técnicas de cirurgias de transplantes de órgãos, devolvendo, a vida ao indivíduo, mesmo que temporariamente, o que indubitavelmente já é considerado um avanço e um ganho contra a morte, do ponto de vista técnico.

A medicina, por sua vez, preocupa-se em estabelecer um conceito ético de morte, por entender ser difícil precisar o momento exacto da morte, pois ela não se manifesta como um facto instantâneo, e sim como uma sequência de fenómenos estabelecidos gradativamente nas várias estruturas, tecidos, órgãos e sistemas de manutenção da vida. Explica-se portanto algumas frases comuns usadas por médicos como: a falência múltipla dos órgãos, o enfarto fulminante, a morte cerebral, a morte clínica e outras definições comuns ao meio médico.

## 2. - TIPOS DE MORTE

É possível observarmos também que o conceito de morte, além do aspecto da sua diversificação cultural, pode estar igualmente relacionado com os diversos tipos de morte, portanto, muitas vezes confundindo ou proporcionando interpretações diversas. Isto ocorre normalmente por ocasião da verificação da morte do outro, ou quando se perde alguém próximo, que se torna necessário saber a *causa mortis*, como reflecte o pensamento científico, clínico ou biológico, do ponto de vista do senso comum, podendo ser a morte ao nível individual ou colectivo. Portanto, há diferentes conotações e conceitos sobre a morte, segundo esta perspectiva. Vejamos portanto, alguns tipos de morte:

- *Morte Clínica* – é aquela que é caracterizada por parada cardíaca, sem pulsação, respiração e midríase parálitica. Em determinados casos, pode ser reversível, caso as medidas técnicas cabíveis de reanimação sejam tomadas a tempo e propriamente.
- *Morte Biológica* – Aparece como sendo uma continuação da morte clínica, sendo porém de carácter irreversível, pois há uma destruição celular e até tecidual no organismo. Por exemplo, a lesão encefálica irreversível.
- *Morte Encefálica* – Tipo específica de morte biológica, caracterizada por lesão encefálica irreversível, onde os comandos da vida se interrompem, tornando impossível a manutenção da homeostasia corpórea.
- *Morte Cerebral* - Parecida, porém não igual à morte encefálica. Na *morte cerebral* há a perda da consciência da respiração, a qual permanece funcionando de forma

"automática"; na *morte encefálica* o centro respiratório torna-se danificado de forma irreversível, podendo ser mantida apenas com o emprego de aparelhos.

- *Morte por acidentes* – Trânsito, trabalho, negligência humana, falhas mecânicas, etc.
- *Morte por Fenômenos da Natureza* – vulcões, catástrofes, maremotos, terremotos, pestes, endemias, epidemias, ciclones, etc.
- *Morte Natural* – A morte “desejada”, onde a vitalidade orgânica cessa.

Evidentemente que muitos destes conceitos encontram-se ainda em discussão no âmbito científico e até semântico, pois por força do uso e não de padronização, vêm sendo usados indiscriminadamente. Por exemplo, encontramos ainda, em Oliveira (2008, p. 73) que “no domínio das crenças populares ocidentais pontifica a chamada morte espiritual, ou melhor, religiosa, tão ou mais horrível do que as outras, por levar o crente a pensar que a alma se encontra em estado de pecado mortal, pelo que ele será condenado ao sofrimento eterno, nas profundezas do inferno!?”

Assim sendo, é compreensível que alguns destes conceitos de morte tenham como principal objectivo demonstrar a dimensão do problema da morte e o seu amplo significado. Tanto assim o é, que discute-se também no momento a morte psicológica como a extinção da estrutura psíquica do indivíduo, onde a biografia do sujeito ímpar, pode verificar-se de várias maneiras.

Fica, portanto, claro quão difícil é conceituar a morte, uma vez que o seu amplo sentido de finitude não se refere apenas a uma questão antropológica, biológica, social ou psicológica, porém a todas elas, de igual modo.

### **3. - A MORTE DO OUTRO**

Ariès (2002, p. 65), nos seus estudos sobre a morte, caracteriza a morte do outro como uma evolução da resignação familiar ao destino colectivo da espécie, a partir do século XVIII, onde as sociedades ocidentais dão um novo sentido à morte, dando-lhe uma conotação retórica e romântica, – a morte do outro, chorado, lamentado e aparecendo como motivo de saudade, inclusive fortemente imprimida nas representações iconográficas. Se existimos porque o outro existe e se a nossa existência e relação com o outro pode ser considerada uma reflexão sobre si próprio, então é perfeitamente com-

preensível que a morte do outro reflecta a nossa própria morte e é através da morte do outro que nos certificamos cada vez mais, da inevitabilidade do nosso próprio fim.

A morte não é apenas um processo finito pessoal, mas também é um processo social através do qual a morte do indivíduo reflecte a morte individual e colectiva, igualmente, fazendo com que a morte do outro seja um espelho da sua própria morte. Nesse sentido, vale a pena citar Legrée (2002, p. 187), quando afirma: “Mas, na outra ponta da vida a morte do indivíduo não é somente o termo de uma vida singular, mas, sim ainda, a condição da individualidade”.

A morte não é apenas um processo finito pessoal, mas também é um processo social através do qual a morte do indivíduo reflecte a morte individual e colectiva, igualmente, fazendo com que a morte do outro seja um espelho da morte de si.

Por esta razão, reconhecemos que o afrontamento da morte é conflituante e angustiante para quem a vivência ao observar e acompanhar o processo do morrer do outro, seja através de um ente querido ou amigo, analisando as perdas irreparáveis e seu resultado inexorável, com profundas rupturas para quem fica com a certeza de que será o próximo a morrer. Tal como Kastenbaum e Aisenberg (1983) mostram no seu trabalho, o ser humano tem duas concepções em relação à morte: a concepção da própria morte, na qual o ser humano sente o seu limite existencial através da consciência da finitude e da sua inevitabilidade, fazendo com que todos nós evitemos encarar o desconhecido que, ambigualmente é conhecido e dele fugimos e, a morte do outro, que se caracteriza pelo medo do abandono, solidão e perda, e que demonstra que o trajecto do ser humano em direcção à terminalidade, é único.

#### **4. - A MORTE DE SI PRÓPRIO**

Ariès (1988) na sua descrição sobre a morte de si próprio, chama a atenção para a preocupação da particularidade de cada indivíduo, contrariamente à forma com a qual o homem de antigamente via a morte, ou seja, como forma de aceitação da ordem da natureza, submetendo-se na morte a uma das grande leis da espécie como um fenómeno justo Assim sendo, este autor demonstra, através das artes *moriendi* a questão do rito colectivo e ao mesmo tempo a inquietação de uma interrogação pessoal. Nesse sentido, este escritor enfatiza que antes havia uma relação desconhecida entre a morte de cada

um e a consciência da própria individualidade, neste contexto mostrava que esta era captada no espelho da morte ou *speculum mortis*:

“No espelho da sua própria morte, cada homem redescobre o segredo da sua individualidade. E esta relação, que a antiguidade greco-romana e mais particularmente o epicurismo tinha entrevisto, e que mais tarde se perdera, jamais cessou de impressionar a nossa civilização ocidental. O homem das sociedades tradicionais, que era o da primeira Idade Média, mas que era também o de todas as culturas populares e orais, resignava-se sem dificuldade de maior à ideia e que somos todos mortais. Desde meados da Idade média, o homem ocidental rico, poderoso ou letrado reconhece-se a si mesmo na sua morte: ele descobriu a morte de si próprio”. (Ariès, 1988, p. 42)

Por outro lado, a questão da consciência da morte de si, acha-se também intimamente relacionada com a questão da morte vista do ponto de vista filosófico de antigamente, embora muitos não vejam assim, por achar que a filosofia enaltecia a morte, inclusive fazendo-lhe apologia. Entretanto, no momento em que o homem assimila a indissociável ligação da morte com a noção de tempo e a consciência de sua própria temporalidade, então ele se vê mensurado pelo tempo e passa então a enfrentar a morte, dentro de suas possibilidades. Em consequência disto, os conflitos suscitando diferentes tipos de emoções, sentimentos e atitudes, obtendo através do medo as respostas mais peculiares diante da morte.

Morin (2005, p. 47) chama a atenção para a questão da morte de si, vista como um aniquilamento de si mesmo e para as suas consequências:

“A morte como ideia de aniquilamento de si mesmo introduz a contradição, a desolação e o horror ao coração do sujeito, ser egocêntrico que é tudo para ele mesmo, mas que se sabe, ao mesmo tempo, um separa a morte, ou seja, fadado ao nada; essa contradição entre o tudo e o nada se torna a fonte mais profunda da angústia humana: "Cada um carrega com a sua morte minúscula, um cataclismo de fim de mundo". Mas essa contradição torna-se, ao mesmo tempo, a fonte mais profunda da mitologia humana e suscitará aos exorcismos mágicos, religiosos, filosóficos, contra a morte. Ritos, funerais, enterros, cremações, embalamentos, cultos, túmulos, rezas, religiões, salvação, inferno, paraíso, marcarão as culturas e os indivíduos. Revelam-nos, ao mesmo tempo, o profundo trauma e a marca, doravante capital, da morte na vida humana”.

## 5. - A MORTE COLECTIVA (DESASTRES, CATÁSTROFES, GUERRAS, ETC)

Entre os tipos e causas de mortes existentes, não se pode deixar de observar a morte colectiva a qual tem um importante valor social na história da humanidade, uma vez que as mesmas são causadas por distintos *Fenómenos da Natureza* que por vezes são cíclicos e podem devastar populações inteiras em diferentes áreas geográficas do Planeta, ou mesmo em todo o mundo.

O Planeta Terra, por sua vez, ao longo de sua existência, sofreu terríveis catástrofes e desastres ecológicos considerados naturais, culminando com mortes e destruições implacáveis, afectando profundamente sociedades diversas e, por vezes, submergindo cidades inteiras.

A morte colectiva, talvez pudesse ser entendida como a “morte dos outros”, num contexto social mais específico, uma vez que nos remete a um sentimento de compaixão de morte diferente da morte de si e da morte do outro e, portanto, por sua vez, tratando da morte implacável, colectivamente.

A considerar historicamente, desde o princípio dos tempos, a morte colectiva, como sendo consequência de fenómenos da Natureza uma ameaça inclusive ao planeta e não apenas ao indivíduo e à sua espécie, temos alguns exemplos suficientes que obrigam as diversas sociedades a dirigirem um olhar específico para esse tipo de morte que, devemos perceber, abrange questões que vão desde a selecção natural às mudanças de comportamentos do homem contemporâneo, em relação à sua moradia e ao seu tipo de vida, e mais presentemente ao aquecimento global.

A causa destas mortes sociais ou colectivas permanecem tão adormecidas quanto actuantes, de acordo com as “forças catalisadoras” que têm provocado mortes colectivas desde o início do planeta, das mais variadas formas possíveis, tais como sismos, tsunamis, erupções vulcânicas, glaciações, pestes, desertificações, secas, fomes, inundações, furacões, tufões, tornados, terremotos, maremotos, tempestades, pestes e epidemias diversas, ciclones, acidentes de trânsito terrestre e aéreo e, inclusive, as guerras que o homem continua a propagar por ganância e poder, mas que tem a morte como a sua principal mensageira.

O número anual de mortos por causa dessas catástrofes é altíssimo e é considerado calamidade universal que atinge várias partes do mundo, daí a questão da morte através dos fenómenos desastrosos da Natureza povoar o imaginário colectivo do ser humano, especialmente daqueles que moram em ambientes de risco, os quais podem, a qualquer momento, sofrer as acções destes fenómenos, causando medo pela sobrevivência e um estado de alerta permanente, que influencia a rotina do ser humano e, em especial, o seu comportamento, pondo em risco sua sobrevivência.

A Europa Medieval, por exemplo, foi, em 1347, assolada pela mais feroz epidemia da história, a chamada *peste negra*, causada pelas pulgas da ratazana negra, que evitou inexplicavelmente, apenas algumas áreas do Continente Europeu, como a área que originou a Bélgica e outra na Boémia. Já a Europa Central e Ocidental, entre 1315 e 1317, sofreram fortes chuvas que devastaram as colheitas, provocando um período de fome que matou cerca de 10% de sua população.

Os exemplos são inúmeros e todos eles espalham a morte por onde passaram. Terramotos e Tsunamis também ocorrem com certa frequência, em relação a outros desastres ecológicos. Para se ter uma ideia, uma das piores marés do género, ocorrida em 1703, na ilha japonesa de Awa, matou mais de cem mil pessoas. Em 2004 ocorreu um dos maiores Tsunamis dos últimos tempos, atingindo uma velocidade em torno de 600 km num espaço de tempo de uma hora e trinta minutos, aproximadamente, devastando várias cidades e matando cerca de 300 mil pessoas.

Nesse sentido, desastres naturais e as guerras provocadas pelo homem, também se têm tornado ao longo do tempo, causa *mortis* definitivamente representativa na vida das sociedades, com consequências desastrosas irreparáveis para a humanidade, muitas delas tendo o próprio homem como despoletador de mudanças ambientais, como o aquecimento global, por exemplo, e a poluição das águas de rios e mares, fazendo com que respostas a essas agressões sejam fatais tanto para o ambiente, quanto para o próprio homem.

## **CAPÍTULO 3**

### **A MORTE ATRAVÉS DOS TEMPOS**

## 1. – A MORTE NA ANTIGUIDADE

“A morte nos faz cair em seu alçapão, é uma mão que nos agarra e nunca mais nos solta. A morte para todos faz capa escura, e faz da terra uma toalha; sem distinção ela nos serve, põe o segredo a descoberto.

A morte liberta o escravo, A morte submete rei e papa e paga a cada seu salário e devolve ao pobre o que ele perde e toma do rico o que ele abocanha.” (Os Versos da Morte - Poema do séc. XII)  
Hélinand de Froidmont.

Cronologicamente, considera-se antiguidade, todo e qualquer período antes de Cristo, portanto de dois mil anos, para trás. Porém, a história ocidental apresenta uma sequência mais didáctica onde a História Antiga vai de cerca de 4.000 a. C, até à tomada do Império Romano do Ocidente, por volta do ano 476 d. C..

Sendo esta a ideia correcta de tempos antigos, é importante que tenhamos a exacta noção de como a morte era vista, sentida e considerada pela sociedade durante esse importante período da história da humanidade.

Oliveira (2003) diz no seu trabalho que a generalidade dos povos primitivos encarava a morte de uma forma natural e sem medo e que a morte não era vista como um fim, mas como uma porta de passagem. Mas, havia medo dos mortos. Muitas dessas sociedades primitivas, algumas das quais ainda nossas contemporâneas, acreditavam na continuação da vida além-morte, atribuindo aos mortos poderes especiais, achando que os seus espíritos perseguiram os vivos.

Também se sabe que os antigos egípcios acreditavam na vida após a morte e, por essa razão, além de outros rituais, como cerimónias fúnebres, desenvolveram a técnica do embalsamamento e mumificação por acreditarem que o espírito viria um dia buscar o seu corpo morto, preservado ao longo do tempo.

Os estudos de Morin (1997), por sua vez demonstram que na pré-história, os mortos de determinados povos eram cobertos por pedras, principalmente sobre o rosto e a cabeça, no sentido de proteger o cadáver dos animais, assim como também para evitar que retornassem ao mundo dos vivos. Posteriormente, depositavam alimentos e as

armas do morto sobre a sepultura de pedras, sendo o esqueleto pintado com uma substância vermelha. Esse ritual tinha significado e mensagem direccionadas.

## 2. - MORTE NA IDADE MÉDIA

“Não somente o homem de Neandertal enterra seus mortos, mas às vezes os reúne (gruta das crianças, perto de Menton (...)) O não abandono dos mortos implica a sobrevivência deles. Não há relato de praticamente nenhum grupo arcaico que abandone seus mortos ou que os abandone sem ritos”. (Morin, 1997, p. 97)

Na Idade Média, deve-se considerar a forte influência do catolicismo como o principal factor sobre a concepção da morte, a partir deste período, no qual a morte passou a ser dita e aceite como “uma passagem para uma vida melhor, tornando-se mais natural ainda mesmo com o luto menos intenso e uma crença da vida após a morte, constituindo-se num grande momento de transição das coisas passageiras para a eternidade e praticamente ausente na iconografia medieval como atesta Le Goff (1984, p. 325).

Durante este período a morte era tida como uma grande cerimónia pública onde toda a família participava do ritual e, o mais importante, normalmente ninguém morria sozinho. “A morte era uma festa, momento máximo do convívio social” (Duby, 1990, p. 65-66). Sobre esse facto, Ariès (1989) afirma que todos, inclusive as crianças, acompanhavam a passagem do moribundo, praticamente como um ritual colectivo. Por outro lado, a morte era temida pelo facto de ser imprevisível, porém, paradoxalmente desejada pelo cristão quando anunciada, através de sonhos ou visões. Era como se o indivíduo tivesse um *certo prenúncio de sua própria morte*.

Na verdade, o contexto da morte na Idade Média não foi linear, porém evolutivo na sua forma de ser vista e sentida pela sociedade da época. Era tida mais como um rito de passagem, e era aguardada no leito em casa.

O próprio Ariès (2003, p. 106) aponta importantes considerações sobre a morte na Idade Média, especificamente, na civilização ocidental.

“Na primeira metade da Idade Média, um ritual da morte fixou-se a partir de elementos muito mais antigos. Foi em seguida submetido a grandes mudanças, sobre tudo nas classes superiores; após ter sido parcialmente encoberta, demorou mais a transparecer, sendo encontrada nas fábulas de La Fontaine ou em narrativas de Tolstoi. Este ritual diz, antes de mais nada, como se deve morrer”.

Na verdade, a morte era um acontecimento que se transformou numa cerimónia pública, num ritual compartilhado por toda a família, vizinhos e amigos e, sobretudo, havia um cuidadoso preparo para este ritual colectivo, tornando-se, assim, num momento social de grande importância, tanto para a família, quanto para a sociedade medieval, como um todo.

No trabalho sobre este assunto, Costa (2003, p. 4-7), resume o seu pensamento sobre a morte na Idade Média, da seguinte forma:

“Na Idade Média a morte foi domesticada nos corações desejada pelos guerreiros, aguardada pelos religiosos, temida por ser inesperada, a morte foi sentida como um rito de passagem para um outro mundo, o Além. Os medievais percebiam o Além como uma realidade: a Idade Média foi o tempo do Além. A preocupação com o pós-morte foi uma constante em suas vidas. E de todos os homens, o usurário foi o contra modelo social escolhido para representar as opções da geografia do Além, qual a localização das vidas futuras dos crentes. Assim, o Além espelhou, em certa medida, todo o emaranhado imaginário de esperanças, de expectativas e de angústias de toda uma sociedade, daquela sociedade dita medieval”.

Seguindo a evolução natural ocorrida através do tempo, podemos observar que no final da Idade Média surge um novo entendimento sobre o fenómeno da morte, principalmente no que diz respeito à questão espiritual e da sua representação, especialmente a do aspecto macabro do esqueleto com sua foice, transformando-se na principal representação da finitude humana, representação esta que perdura, fortemente, até aos dias de hoje.

## 2.1. - MORTE NO RENASCIMENTO

O Renascimento ou a Renascença, como é mais conhecida, foi o período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, marcada por grandes mudanças e conquistas culturais, ocorridas especialmente na Europa entre os séculos XIV e XVI, mudanças estas partindo daí para o mundo.

Na verdade, o movimento renascentista foi uma verdadeira revolução de valores e princípios, culminando também, sobremaneira com o avanço da ciência e, consequentemente, influenciando também sobre a visão da morte, com o advento da medicina e o melhor conhecimento do corpo humano, através da anatomia.

Mesmo assim, ainda permanecia, mesmo paralelamente, uma espécie de glorificação da morte, como se achasse bonito morrer por uma boa causa, especialmente amorosa, como narra Shakespeare, em Romeu e Julieta.

Nesse período, fica claro uma evolução no sentido de uma aproximação diferente entre Thanatos e Eros, como numa busca pelo fascínio da morte, havendo inclusive, também um sentido erótico-macabro, ao mesmo tempo. Em consequência disso, o teatro barroco passa a ser rico em cenas de amor nos túmulos e cemitérios, de tal forma que a sua representação passou a ser fortemente exigida pela família do morto.

## 2.2.- MORTE NA IDADE MODERNA

Era de se esperar que, com o incontestável avanço da tecnologia que a visão da morte sofresse mudanças tanto no seu conceito, quanto na percepção social, no modo de encarar a morte. O temor da morte retorna de uma forma mais intensa e radical. A morte passa a ser interdita ou proibida e, de certa forma, intencionalmente velada, pois os idosos e doentes são encaminhados para asilos e hospitais no sentido de aguardarem a morte longe da família. O morto passa a ter atenção e cuidado logístico, sendo encaminhado para o necrotério e, posteriormente, com velórios sofisticados, segundo a classe social da família. A sofisticação atinge tipos e qualidades sociais diferenciadas, sendo criadas, inclusive "*Funeral Home*", casa de embelezamento de cadáveres, (Ariès, 1977).

Como estamos vivendo no limiar do período contemporâneo, final do séc. XX e, no início do Século XXI, podemos referir praticamente a mesma visão de morte para ambos os períodos, sem profundas modificações ainda registradas, muito embora alguns estudiosos e pesquisadores façam uma clara distinção entre ambos os períodos, como é o caso do livro de Menezes (2000, p. 20), sobre o seu trabalho *Em Busca da Boa Morte: Antropologia dos Cuidados Paliativos*, onde a autora refere:

“Em primeiro lugar, então, a própria questão da "boa morte": como seu Ideário é construído no Brasil, constituindo o que a autora chama de "morte contemporânea", em oposição à "morte moderna", que expropria o paciente e seus familiares de sua própria morte, em função de uma exacerbação do poder médico e do encarniçamento terapêutico colocado em cena em unidades tais como os CTIs. Assim, de acordo com os divulgadores dos Cuidados Paliativos, a proposta de oferecer uma assistência não mais curativa, e sim voltada a cuidar e aplacar o sofrimento, surgiu em contraposição à prática médica eminentemente tecnológica e institucionalizada, na qual o doente é excluído do processo de tomada de decisões relativas à sua vida e à própria morte”.

É importante enfatizar que o movimento sobre o entendimento em favor da “boa morte” teve início na Europa e nos Estados Unidos por volta dos anos 80, tendo defensores importantes como Klüber-Ross e outros que, com muito esforço e convicção conseguiram propagar uma nova visão de finitude humana, especialmente no que diz respeito ao entendimento da *morte pacífica*.

## **CAPÍTULO 4**

### **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

## 1. - DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

“As Representações Sociais se manifestam em um espaço discursivo, mas também expressam elementos da subjectividade social que não se explicitam em formas discursivas, tomando outras formas que aparecem no imaginário social, nas tradições, crenças...”(Rey, 2002, pp. 125-126)

Discutir, presentemente, o conceito de representação social e sua importância, tornou-se praticamente uma obrigação nas diversas áreas de estudos, especialmente na Psicologia Social, sem no entanto, pertencer estas representações somente aos campos específicos das ciências sociais ou humanas, porém tornando-se comum a todas elas, pelo seu amplo significado simbólico que habita as consciências e o imaginário, individual e colectivo do ser humano.

Nos últimos anos trabalhos e pesquisas têm recorrido a conceitos e noções de representação e memória social no sentido de melhores esclarecimentos nos vários campos de estudos, pois conceitos diversos têm surgido, muito embora se mantenha os oriundos da sociologia de Durkheim, e basicamente da psicologia social onde a representação social adquire uma teorização, desenvolvida por Serge Moscovici e aprofundada por Denise Jodelet, no sentido de que haja uma melhor compreensão da sociedade como um todo, na questão de suas representações sociais e seus significados.

É importante enfatizar que essa teorização passa a constituir-se numa importante ferramenta para outros campos, passando por sua vez a apresentar propostas teóricas diversificadas, que muito contribuem para uma melhor compreensão de estudos específicos e gerais.

Quando se trata de representações sociais é importante referir Moscovici (1994), pelo seu trabalho mundialmente reconhecido e discutido, não só no campo da psicologia, como também na história e nas ciências sociais. Os seus estudos sobre a teoria das representações sociais têm influenciado, ao longo dos últimos quarenta anos, toda a Europa, as Américas, nomeadamente o Brasil.

Historicamente, sabemos que foi Durkheim (1912) o introdutor do conceito de representação colectiva na Sociologia, para quem a vida é, no contexto social essen-

cialmente formada de representações, especialmente as representações colectivas, as quais são produções sociais que impõem aos indivíduos forças exteriores, criadas pelo próprio homem para tentar representar subjectiva e cognitivamente os seus anseios, dúvidas e crenças, constituindo, conseqüentemente, verdadeiras *instituições* como as ciências, a mitologia e as religiões.

Com esta visão e compreensão, podemos observar que do ponto de vista de Durkheim, as representações sociais ou *representações colectivas*, evidenciam a primazia da sociedade em relação ao indivíduo, como foi posto acima, pois para ele é a sociedade que exerce uma acção coerciva sobre as consciências individuais, embora não anulando, porém restringindo as possibilidades de manifestações individuais na medida em que reduz as possibilidades de manifestações individuais, uma vez que o indivíduo encontra as formas colectivas de pensar formadas e conformando-se com as mesmas (Herzlich, 1991).

Na verdade, o que fez com que Durkheim pensasse assim, foi o facto de ele considerar que a vida colectiva e mental dos indivíduos era feita de representações. Assim sendo, uma vez constituídas, essas representações tornam-se realidades parcialmente autónomas, com vida própria, mesmo que mantenham íntimas relações com os seus respectivos substratos, as representações individuais e colectivas são, até certo ponto, independentes. Por outro lado, já Moscovici (1994, p. 16) introduz na noção de representação a ênfase no sujeito activo e construtor (neste sentido aproxima-se de Weber). O autor confere à sociedade um peso diferenciado da perspectiva durkheimiana, e de certa forma, amplia a capacidade explicativa do conceito, como se segue:

“Nos dois mundos, o da experiência individual todos os comportamentos e todas as percepções são compreendidas como resultantes de processos íntimos, às vezes de natureza fisiológica. No outro mundo, o dos grupos, o das relações entre pessoas, tudo é explicado em função de interacções, de estruturas, de trocas de poder...

Esses dois pontos de vista são claramente erróneos pelo simples motivo de que o conflito entre o individual e o colectivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social”.

Ainda sobre o pensamento apresentado por Moscovici (1994) e por Reigota (1999), percebemos que a ideia de representação social, a princípio apresentada por Moscovici, sofreu uma progressiva evolução comparada à sua ideia anterior, proporcionando assim um melhor desenvolvimento e teorização e, principalmente, proporcionando um amplo espaço para discussões, trabalhos e pesquisas abrangendo um melhor entendimento a respeito de actividades cognitivas, afectivas e sobretudo simbólicas, no quotidiano das pessoas. Assim, Reigota (1999, p. 71) refere que:

“A teoria das representações sociais, desenvolvida por Serge Moscovici, tornou-se fundamental para o estudo das principais questões contemporâneas e imprescindível para o entendimento da evolução social como um todo. Em decorrência disto e do pensamento de Moscovici, muitas definições de representações sociais tem surgido e tornando-se referências em estudos nas áreas da Psicologia, Sociologia, Pedagogia e tantos outros campos de estudos, nos quais a sociedade deva ser vista como um todo, porém levando também em conta os conhecimentos tradicionais, étnicos, populares e científicos, visões específicas de mundo e senso comum, que indivíduos e grupos sociais possuem de forma fragmentada e difusa. Corroborando este sentido, recorreremos a uma das definições deste estudioso, onde diz o seguinte: “As representações sociais são um conhecimento de segunda mão, cuja operação básica consiste na contínua apropriação de imagens, das noções e das linguagens que a ciência não cessa de inventar”. Vale salientar que a imagem à qual o referido conceito se refere, pode ser entendido além da linguagem, de tal forma a propiciar também imagens representativas em novos estudos”.

É muito importante também enfatizar que Moscovici sempre tem defendido o carácter simbólico das representações sociais e, é nesse sentido que se dá a importância deste aspecto em relação ao trabalho ora apresentado.

Neste contexto, na mesma direcção de Moscovici, está Jodelet (1984) e Deaux (2001) quando afirmam que a teoria das representações sociais cria um elo entre as explicações psicológicas e sociológicas, o mundo individual e o mundo social, de tal forma a permitir articular crenças e níveis de pensamentos colectivos com o imaginário individual, observando seres humanos que socialmente, se encontram em grupos ou individualmente, pautados nas posições e ambientes que ocupam socialmente e

apoiando-se nas suas questões sociais como sujeitos, pensam, relacionam-se e vivem no seio de uma sociedade pensante e activa, produzida pelo próprio sujeito (ser humano).

Neste aspecto e com esse pensamento, as representações sociais encaixam-se também no presente trabalho, como veremos posteriormente ao abordarmos as representações da morte, social e culturalmente expressas, uma vez que a importância da simbologia também se acha presente nas representações do imaginário das pessoas.

No entender de Rey (1998, p. 143), na introdução do seu trabalho sobre representações sociais como produção subjectiva e seu impacto na hipertensão e no cancro, um trabalho específico porém de cunho representativo:

“A teoria das representações sociais inaugurou o estudo dos processos de subjectivação da vida social e, embora na própria teoria, de forma explícita, o tema da subjectividade tenha entrado de forma relativamente recente (González Rey, 2002; Jodelet, 2005; Moscovici, 2005), pode-se dizer que desde os trabalhos pioneiros neste tema (Moscovici, 1961; Herzlich, 1973; Jodelet, 1989), a questão da subjectividade tem ficado muito presente, ao identificar a representação social como uma organização simbólica sobre a qual se desenvolvem as diferentes práticas e relações sociais dos membros de um grupo, instituição e comunidade, o que representa uma produção subjectiva”.

Tal afirmação aborda não apenas os principais teóricos das Representações Sociais, como também estabelece uma relação articulada entre os processos de subjectivação sociais e individuais e as próprias representações sociais.

Não devemos esquecer também Wagner et al. (1998) que apresentam as representações sociais como sendo um conteúdo mental devidamente estruturado, ou seja, cognitivo, avaliativo, afectivo e simbólico, sobre um determinado fenómeno social importante que, adquire a forma de imagem ou metáfora, o qual é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social, tornando-se assim de certa forma, colectivo. Essa particularidade torna-se fundamentalmente importante para o nosso trabalho, uma vez que, analogamente, demonstramos também esse tipo de representação como forma de entendimento individual e colectivo.

É interessante também comparar a abordagem de Carvalho (2003), no seu trabalho *Entre a Busca da Verdade e a Identificação do Consenso: Reflexões Sobre a Pes-*

*quisa em Representações Sociais*, onde a autora reavalia Wagner no contexto da representação social como ciência popularizada, onde as representações cumprem as funções declarativa, instrumental e expositora, de tal forma que o aspecto declarativo descreve e demonstra o fenómeno social para o qual a ciência popular se mostra relevante, enquanto o aspecto expositor proporciona uma compreensão familiar para as suas razões subjacentes. Neste aspecto, a autora afirma que se tomarmos a representação social como *imaginação cultural*, tem o propósito de dar realidade às coisas que habitam o mundo social, onde os objectos têm uma longa história estabelecida.

Segundo esta opinião e, analisando as representações sociais de estruturas e os eventos sociais, a autora ainda discorre sobre a questão dizendo que as representações são diacronicamente menos estáveis, assim como sincronicamente menos válidas por serem compartilhadas por grupos menores de pessoas, no entanto mantendo a sua importância. Sob esse aspecto, são característicos desse campo os conflitos sociais, onde tais representações sociais são sempre o produto de um processo explícito de avaliação social, como apontava Wagner (1998).

Hoje está bem claro que o conceito de representação social aponta também para a criação de um espaço de um novo sentido no âmbito da Psicologia Social, orientado num dos processos mais significativos da subjectividade social, outrora ignorado pela própria psicologia social, que foi o processo de criação e desenvolvimento social. Nesse sentido, a categoria de representação social contribuiu para a compreensão de que o conhecimento social possui uma natureza simbólica e social, o qual produz significações além do objecto concreto que surja como conteúdo de uma representação. Portanto, cabe aqui a observação de Moscovici (1981, p. 141) na qual refere não haver “nada na representação que não esteja na realidade, excepto a própria representação”.

Retomando Rey (2003), o mesmo aponta que as RS estão constituídas por uma multiplicidade de elementos de sentido e significação que circulam na sociedade, sendo os que dão dimensões simbólicas, social e subjectiva às representações, consequentemente, responsáveis pela unidade inseparável entre o emocional e o simbólico. Rey (2003, p. 126) prossegue:

“As RS representam as formas organizadas do espaço simbólico em que as pessoas se desenvolvem. A realidade aparece para as pessoas por meio das RS e dos diferentes discursos que formam o tecido social, mediante os quais os sujeitos indivi-

duais, implicados em um determinado espaço social, configuram o sentido subjectivo das diferentes esferas de suas vidas, e produzem significações em relação a si mesmo mesmos e aos outros. Essa organização simbólica do meio social é na realidade uma produção de sentido que integra emoções procedentes de diferentes espaços da história social dos grupos em que as representações são produzidas”.

Nesse sentido, sendo a morte, o fim humano o próprio conflito da humanidade, estas representações sociais ajustam-se no contexto desse processo, uma vez que se acham ambas difusas e intimamente imbricadas nessa questão.

Enfatizamos, portanto a atenção para a importância do conceito de Representação Social e a sua fundamental importância para o presente trabalho, onde, de certa forma, o fenómeno social da morte, justamente adquire a forma de imagem ou de metáfora, conscientemente e inconscientemente, compartilhado entre indivíduos e grupos sociais, tornando-se colectivo ao longo do tempo. Como Wagner (1998) refere sobre a representação social, ela deve ser entendida como um conteúdo mental estruturado, ou seja, cognitivo, avaliativo e simbólico sobre um determinado fenómeno social relevante, de tal forma que toma a forma de imagens ou metáforas e que é, conscientemente, compartilhado com outros membros do grupo social.

Portanto, a partir daqui, revistos alguns conceitos e as suas variações, de acordo com a evolução conceitual sedimentados no pensamento de Moscovici, enfatizamos a importância das Representações Sociais no presente trabalho, com o intuito de melhor fundamentá-lo e justificar melhor o seu valor referencial, como o temos apresentado até então.

## **2. - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORTE**

“Os aspectos simbólicos da morte também ocupam lugar relativamente pequeno em nossa vida diária”. (Kastenbaum, 1983, p. 167).

As representações parecem ser algo tão inerente ao ser humano quanto a sua própria identidade *vestida* das suas actuações e *personificações* sociais, simbologias e significados subjectivos e representativos, cumprindo o seu papel enquanto pessoa e

sujeito, numa sociedade eclética e culturalmente diversificada. Vemo-nos revestidos de representações dos mais variados tipos e das mais tradicionais, enquanto individual e colectivamente.

Esta parece ser uma condição social imprimida no homem e pelo homem ao longo do tempo e da qual ele jamais se libertará, pois a sua própria natureza e condição humanas, não lhe permitem viver e actuar sem representações, simbologias ou referenciais. A criação da Mitologia, para que pudesse responder às questões e aos enigmas do homem, é prova cabal disto.

Portanto, abordar temas cujas complexidade e conceitos advêm de tabus, mistérios e do próprio desconhecido que, ao longo do tempo têm desencadeado medos e receios de torná-los comuns, especialmente nas esferas académicas do conhecimento humano, sem se deparar com sua representação social, torna-se praticamente impossível.

Tem-se tornado um desafio, cada vez mais necessário, a desmistificação da morte uma vez que o seu afastamento e a falta de confronto pelo próprio homem tem causado temor no que diz respeito ao seu próprio fim. Talvez, por este motivo, aliado a outros factores de ordem subjectiva, tenha sido tão difícil a formulação de uma única representação da morte para o ser humano, no contexto social.

A afirmação de Kastenbaum (1983) é bastante propícia quando este afirma que as cognições do homem sobre a morte se relacionam com o mundo em que ele vive. Isso convida-nos a considerar, um segundo pensamento do autor, sobre a tendência de personificar ou personalizar a morte, a exemplo do que tem ocorrido nas diversas sociedades, segue uma necessidade lógica como uma estratégia básica do homem para estabelecer uma relação pessoal e seu universo, o que inclui inevitavelmente o conflito entre a vida e a morte.

Nesse sentido, podemos observar muito bem que a necessidade do homem personificar a morte reside na busca de um equilíbrio, a qual Kastenbaum denomina de simetria psico-biológica, relacionada com o mundo exterior para que os sentimentos intensos e subjectivos possam ter uma relação e identificação com o mesmo. Ou seja, o homem cria uma personificação para a morte, para consciente ou inconscientemente

estabelecer uma relação com a mesma, seja esta de entendimento ou de medo, mas que lhe dá uma noção exacta do seu viver e da sua própria finitude.

Outras visões e entendimentos de alguns estudiosos sobre as representações da morte, como as observações de Oliveira (2003, p. 120) chamam a atenção da questão, afirmando que os vários grupos sociais são responsáveis por essa diversidade de representações, quando afirma:

“As representações sociais da morte, como as do suicídio, têm as suas raízes e ancoram nas modalidades do saber e do poder, do pensar e do sentir, nos processos de regulação, comunicação e socialização educacional-profissional, na ideologia, na religião, na cultura, enfim, em todos os domínios que interferem com o desenvolvimento pessoal e social; elas interagem, intimamente, com os grupos sociais onde os indivíduos enquadram e intervem, sendo os próprios grupos geradores e manipulações de representações”.

Já sabemos que a morte e a sua personificação, constituíram, ao longo do tempo, uma entidade presente no imaginário de várias sociedades em virtude das diferenças culturais.

Também sabemos que o homem, no Ocidente, lançou mão da mitologia, assim como da cultura popular para representar *Thanatos* como sendo o Deus da Morte e o *Hades*, o deus guardião do mundo da morte. Estava aí pois, já uma representação mitológica que se popularizou ao longo do tempo. A partir daí, verifica-se uma evolução segundo as diversas sociedades, pautadas nas suas culturas e conhecimentos, o que culmina com uma certa diversidade representativa.

Na Psicologia Social o sentido destas representações tem um valor significativo muito grande, uma vez que as acções que estas representações exercem na subjectividade humana influem no seu comportamento e personalidade.

A questão da morte para o indivíduo e para a sociedade transcende épocas, tradições e barreiras, pois faz parte de sua própria vida e está, portanto inserido na sua subjectividade. Assim sendo, não haveria como escapar à sua representação e, o seu papel e influência, assumindo portanto diferentes conotações, segundo as sociedades e tradições culturais.

Estudos antigos e recentes mostram que a morte se faz representar ao longo do tempo de diversas formas e sentidos, mesmo que, no final seja o seu significado apenas um: personagem que representa a finitude humana e é isto que permanece tão forte no imaginário das pessoas.

É importante observar que as representações da morte foram evoluindo ao longo do tempo e estão calcadas no sentimento e imaginário humano, o qual se manifesta eclecticamente, indo do sentido religioso, ao cultural, do social ao científico, do medo à admiração.

Para exemplificar tais questões tão importantes, do ponto de vista simbólico, é fundamental que se distingam algumas linhas de evolução dentro da iconografia da morte, dentro das quais esta se acha representada.

Ao longo da história da sociedade, temos observado actualmente, mais do que em qualquer outra época que, as representações sociais se moldam através de conceitos e pensamentos diversos, oriundas duma interacção social, cujos processos de comunicação entre si estabelecem modelos sociais contemporâneos diversos. Assim sendo, as representações sociais englobam processos enraizados na comunicação, ideologia, cultura, religião e ciência.

No que diz respeito às representações sociais da morte, justamente pela dificuldade que o ser humano tem (pelas razões já apresentadas) em aceitá-la e entendê-la, esta encontra-se pautada no abstraccionismo, mitológico, simbólico, religioso e, acima de tudo, na subjectividade humana. Também está incluída no sentido científico. Em consequência disto, a morte pode apresentar não apenas uma representação, mas várias ao mesmo tempo e indistintamente.

A representação da morte tem sido, ao longo do tempo, mantida muito mais por questões religiosas, espirituais e até místicas do que, propriamente por qualquer outra questão cultural e, a partir daí, surgiram também aspectos artísticos, configurados através de símbolos e alegorias, amplamente estudados, tanto na arte sacra quanto contemporânea social.

Este é um facto bastante compreensível e aceitável, uma vez que foram as religiões que primeiro trataram do entendimento da morte, apontando uma outra perspec-

tiva dimensional ou simplesmente oferecendo suporte espiritual para aplacar a dor e a perda, como uma forma de aceitar e consolar o moribundo e a sua família.

A ciência somente apresentaria a sua representação mais convincente, a partir da Idade Média, depois da Renascença. Assim, sendo a representação habitual da morte e realismo da mesma, tem tido já por volta do séc. XIII (Áries, 1974) o seu significado mais voltado para os costumes funerários da época, especialmente na Itália e França Meridional, onde uma estátua de madeira e cera representava o morto, nalguns momentos do ritual funerário. Também existia a representação das máscaras mortuárias, a qual se arrastou até o século XIX.

A propósito de estudos sobre a iconografia da morte, existem vários em diversos países, especialmente na Europa, os quais tratam da sua importância sobre as atitudes perante a morte e a sua conotação social.

É oportuno citar Xavier (2001, p. 27 - 28), o qual elaborou um importante estudo sobre a morte, representada por símbolos e alegorias em estudos iconográficos sobre a arte portuguesa e europeia, e que manifesta, desta forma, a sua posição acerca deste assunto:

“A Iconografia da Morte, num sentido mais lato, abarca todas as imagens que de algum modo se relacionam com o sentimento religioso, a atitude cultural ou as práticas sociais que os homens desenvolvem perante a morte, como, por exemplo, autos-de-fé, naturezas mortas, o Senhor do Bom Fim ou a Senhora da Boa Morte, a “Morte de São Bernardo” (Alcobaça) ou a “Morte de São Francisco” (Évora), etc. Certas cenas como as do Juízo Final, do Apocalipse, do Inferno, do Purgatório ou do Paraíso, embora pertencentes à categoria de imagem que explicita uma determinada visão da morte e da vida para além da morte (a visão crista), surgem, a maior parte das vezes, em contextos que não o funerário, embora aconteçam casos de iconografia tumular em que estas mesmas cenas são representadas, como ilustra o tema do Juízo Final esculpido num dos topos da arca funerária de D. Inez de Castro, em Alcobaça (...). As representações de esqueletos em tratados científicos constituem também objectos de estudo da Iconografia da Morte, mas já não necessariamente da Iconografia Funerária, a não ser que e veja (por exemplo) que aquelas representações vieram a influenciar uma determinada linha de produção tumular; isso também se aplica a certos quadros que tema anatomia como tema”.

As primeiras gravuras sobre a morte, datam de 30. 000 Anos a. C, como atesta Debray (1994, p. 8) no seu trabalho. Neste trabalho há importantes considerações sobre imagens da morte, ao longo da história, as quais servem de subsídios iconográficos. Vejamos algumas destas considerações:

“Es una constata trivial que el arte nace funerario, y renal e inmediatamente muerto, bajo el aguijón de la muerte. Los honores de la tumba relanzan de un sitio a otro la imaginación plástica, las sepulturas de los grandes fueron nuestros primeros museos, hilos difuntos nuestros primeros coleccionistas, pues esos tesoros de armas y vajilla, vasos, diademas, cofrecillos de oro, bustos de mármol, muebles de maderas preciosas, no se ofrecían a la mirada de los vivos. No eran amontonados en el fondo de túmulos, pirámides o fosas para que sirvieran de ornamento, sino para que prestaran servicio. En la mayoría de casos estaba prohibido el acceso a las criptas, tan pronto como se volvían a cerrar, a pesar de que en ellas se acumulaban las materias más ricas. Nuestros depósitos de imágenes, entre nosotros los modernos, se exponen a la vista”.

Dizem alguns pensadores que “ a morte é, em primeiro lugar, uma imagem e, que esta imagem continua imagem. Assim sendo, não haveria como esta imagem não povoar “eternamente”, o imaginário e se incutir na subjectividade humanas” . Sobre isso, vejamos o que ainda nos diz o mesmo autor (Ibidem):

“La idea de inmortalidad no es un dato inmutable, la del alma tampoco, y las dos no van siempre juntas (la supervivencia antes de la revolución cristiana, era ate todo un asunto de cuerpo). No confundamos a los nómadas que incineran a sus muertos confiándolos al viento, a las estrellas o al océano, y los sedentarios que los amortajan en posición fetal para devolverlos a su madre, la tierra, que los hará renacer. Cada civilización trata la muerte a su manera, por lo cual no se parece a ninguna otra; y cada una tiene sus sepulcrales; pero no sería ya una civilización si no la tratara de alguna manera (y el decaimiento de la arquitectura funeraria acerca nuestra modernidad a la barbarie). Las sociedades arcaicas que han hecho de la muerte su núcleo organizador no tiene la misma monumentalidad, puesto que no tienen el mismo más allá (...)”.

A discussão sobre a representação da morte inicia-se pelo facto de que não existe apenas uma única imagem ou personificação da mesma, na concepção individual ou colectiva do ser humano (Kastenbaum, 1976). Aliado a esse entendimento, está a ques-

tão da diversificação e dificuldade do conceito de morte, pelo facto da diversidade cultural. Uma das primeiras dúvidas sobre a morte é se a mesma é masculina ou feminina, o que já nos proporciona uma diversidade de personificação.

Prosseguindo com o pensamento deste autor. (1983, p. 132) e sobre as personificações (representações) contemporâneas da morte, ele aponta o que obteve nas suas pesquisas: “Não existe uma única imagem, difundida, partilhada por todos em nossa sociedade; existe sim, uma variedade de imagens, encontráveis até dentre as limitações de amostras apresentadas...”

A tendência de personificar a morte, através do tempo e das sociedades, é muito antiga e fica claro, portanto, que o homem lançou mão da Mitologia para responder às suas indagações e necessidades que, por si só, não consegue. Idealizar representações da morte é um exemplo típico.

Mesmo tendo a morte adquirido uma imagem desconhecida, através dos tempos, por causa de sua invisibilidade, o ser humano precisa de visualizá-la e, mais ainda, de contextualizá-la na sua forma ainda que subjectiva, para que melhor possa combater o terror que ela espalha sobre a humanidade, tornando o ser humano eterno escravo do seu medo.

Sem pretender estabelecer aspectos cronológicos sobre a imagem da morte, porém procurando começar por registos históricos, encontramos, embora que metaforicamente, citações bíblicas que, por questão de personificação, atribuíram à morte uma forma humana. Isso, mais tarde levou os artistas neoclássicos a representarem a morte como sendo um anjo que ficou conhecido como o Anjo da morte. Mas, como que pretendendo manter-se sem face definida, por causa da teologia do pecado, foi atribuído ao demónio como responsável pelo pecado original. Por outro lado, outras correntes religiosas apontam uma Ave agourenta como sendo a primeira representação simbólica da morte.

A representação da morte na Idade Média era vista como a encarnação do demónio. Entretanto, já estava então estabelecida a ideia de que a morte tinha várias faces, porém nenhuma ao mesmo tempo. Hoje em dia, imaginamos ser por isso que ela pode surgir de várias formas, desde um simples acidente à mais desejada das mortes, como a

morte natural no leito numa cama, onde o moribundo pode morrer até sorrindo, como se com ela partisse de braço dado.

Alguns autores e estudiosos sobre o tema têm atribuído, em sua forma física, a morte como sendo uma personagem masculina, como foi abordado anteriormente. Porém, a maioria das representações configura-a como feminina. Essas ideias estereotipadas fundamentam-se, evidentemente, em vários aspectos o que acaba sedimentando aspectos culturais, sobretudo religiosos, que se arrastam através dos tempos.

Mas, entre todas as representações simbólicas da morte, o esqueleto é uma das mais populares e mundialmente conhecidas, a partir da Idade Média até aos dias de hoje. A mesma tem sido descrita, desenhada, pintada e até representada na literatura, no teatro e cinema incontáveis vezes. Essa morte em forma de esqueleto, coberto com uma longa capa preta, geralmente montada em seu cavalo, segura uma longa e afiada foice, a qual representa o instrumento com o qual ceifa as vidas. Em algumas situações pode ter também em uma das mãos uma bola de cristal transparente a qual simboliza o relógio do tempo. Ou seja, a morte tem o domínio do tempo e da vida do indivíduo, em sua configuração.

Áries (1992, p. 142) reporta-se às representações habituais da morte e ao realismo destas representações quando aponta as grandes mudanças nos costumes funerários situados por volta do século XIII, nos países mediterrâneos, como a França Meridional e Itália. Na verdade, ele refere-se a estas representações muito mais do ponto de vista sacro e ritualista, do que propriamente simbólico.

É importante salientar que as transformações da representação social da morte passam, por vezes, praticamente despercebidas, por serem assimiladas muito lentamente e acompanhadas por longos períodos de estabilidade. Em consequência disso, o tempo que as separa pode ser comparado a várias gerações, ultrapassando assim a capacidade de memória colectiva e, também, individual. Assim, Ariès apresentou importantes estudos, baseados em textos literários, inscrições em túmulos e obras de arte para estabelecer estas importantes representações da morte.

A determinação ou influência sobre uma imagem específica da morte, sob a criação de uma sociedade é o que define a sua simbologia, pelo menos para essa socie-

dade ou grupos sociais específicos (Slater, 1963). Foi assim no caso de se ver a morte como uma figura feminina ou masculina, segundo algumas sociedades.

O cuidado que se deve ter ao tratar da ou das representações da morte é o mesmo com que se devem apresentar referências que o próprio tempo se encarregou de preservar através das diferentes sociedades e culturas, no ensejo de traduzir uma subjectividade que habita o mais profundo sentimento humano, no que diz respeito à sua própria vida e finitude. Daí a complexidade, o tabu, a resistência e as dificuldades em tornar algo tão complexo e polémico numa discussão aberta e académica, o que por outro lado, deveria ser o contrário.

Também é compreensível a impossibilidade de se abordar tal assunto sem (mesmo respeitando as suas dimensões e especificidades) integrar os aspectos religiosos, culturais, artísticos, filosóficos e científicos, mesmo que este não seja o principal objectivo do nosso estudo, por entendermos que a morte está inserida em tudo o que tem vida.

Assim sendo, as representações em relação à morte, que se seguem, são, na verdade, referências sociais e culturais diversas, segundo dogmas, crenças, religiões, filosofias e ciências, todas elas vindas, de uma abordagem mais restrita, ou mais ampla, não poderiam ser relegadas, nem esquecidas, uma vez que existem no imaginário do ser humano.

### **3. - SÍMBOLOS E ICONOGRAFIAS DA MORTE**

A simbologia e iconografia da Morte, especialmente no que diz respeito à arte sacra e à própria arte plástica de uma maneira geral, constitui um acervo riquíssimo sobre a relação que o homem tem com sua própria vida e finitude, de tal forma, que existe uma arte alegórica a qual traduz esta íntima relação que, infelizmente, e contraditoriamente, o homem continua a tentar manter distante, quando se trata de discutir a sua própria morte.

A morte é, indubitavelmente, o mais antigo factor promotor de dogmas e crenças religiosas e essa tradição de rituais funerários desde a mais antiga, até ao presente

momento, está registada nos símbolos e iconografia da morte, sobretudo através da arte sacra.

Portanto, desde o Homo Sapiens, que o homem de Neandertal, praticava os seus rituais, nos quais enterrava objectos juntamente com os mortos, utilizando objectos nos rituais funerários. Este aspecto simbólico permanece até aos nossos dias, onde a morte moderna também nos revela a sua simbologia e ritos, ficando a iconografia com o mesmo sentido representativo e sociocultural.

### 3.1. - A MORTE REPRESENTADA POR UM PÁSSARO

A representação da morte como sendo um pássaro é, talvez, a mais antiga das representações da morte, considerada pelos povos da antiguidade. Antigos escritos e minuciosas pesquisas sobre o assunto dizem que um pássaro preto gigante é uma das mais antigas, senão a mais antiga, representação da personificação da morte, a qual data do século VII, antes de Cristo. Nesse tipo de pássaro a morte assumiria a aparência de uma ave em forma de vulto de um corpo humano sem cabeça. A partir daí, muitas outras evidências, tais como as pinturas do período das cavernas traduziam a morte como sendo um indivíduo de asas, alto, extremamente magro e de configuração pálida (sem vida).

Os escritos que transmitem esses dados, afirmam que nesse período a morte não tinha qualquer nome, apenas a imagem representava a sua energia sinistra, a qual se colocava superior à vida. Isso leva-nos a crer que, por esta razão, em muitas bibliografias e antigos contos e ficções, como aqueles apresentados por Poe (2009), a morte seja representada por um pássaro preto, agourento e sinistro, chamado corvo.

No poema de Poe (2009, p. 155-158) – *O Corvo*, retrata a inexorabilidade da morte sobre a personagem, onde uma ave, o corvo, representa sentimentos negativos e é descrito como “mensageiro do Além”. Observemos duas estrofes do poema de Poe e o significado da representação da morte, através do corvo:

“Abro a janela e, de repente,  
Vejo tumultuosamente  
Um nobre Corvo entrar, digno de antigos dias.  
Não dependeu em cortesias  
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto

De um lord ou de uma lady. E pronto e reto  
Movendo no ar as suas negras alas.  
Acima voa dos portais,  
Trepado, no alto da porta, em um busto de Palas;  
Trepado fica, e nada mais  
Diante da ave feia e escura,  
Naquela rígida postura,  
Com o gesto severo - o triste pensamento  
Sorriu-me ali por um momento,  
E eu disse: “Ó tu que das noturnas plagas  
Vens, embora a cabeça nua tragas,  
Sem topete, não és ave medrosa,  
Dize os teus nomes senhoriais:  
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

Essas referências, certamente, levam-nos a crer que deve ser por esta razão que, religiões representam o anjo da morte com longas asas, num misto de ave e de ser humano, ao mesmo tempo.

Também trazida da ficção para a Banda Desenhada por James O' Barr, em 1989 e depois para o cinema, o filme *O Corvo*, em que o seu personagem, depois de morto, ressurgiu da tumba voltando para vingar a sua morte sob os poderes de um corvo, do qual depende a sua vida de morto-vivo. Para ilustrar essa ficção, foi empolada a figura que realmente, segundo as pesquisas citadas, foi a primeira representação simbólica da morte.

**Ilustração 1 - Cena do Filme “O Corvo”**



**Fonte:** The Crow. Miramax Films. USA (1994). CBN Express, retirado de <http://comicbookmovie.com/fansites/GulfCoastAvengers/news/?a=17312>

### **3.2. - A MORTE REPRESENTADA POR UM ANJO**

Não podemos negar que, um dos aspectos mais polémicos sobre o estudo da representação da morte, independentemente da diversidade cultural ou, por outro lado, exactamente por causa disso, é a sua discussão sob o aspecto religioso.

Não podemos igualmente negar que a Teologia tem-se constituído, ao longo do tempo, numa das mais actuaentes formas que o homem tem utilizado no que diz respeito ao entendimento da morte nos vários segmentos da sociedade, tudo isso na tentativa de compreender melhor a morte nas sociedades humanas.

Portanto, mesmo não sendo intenção do presente trabalho uma abordagem teológica, é compreensível que tais factos não podem ser relegados, por essa razão, é importante apontar tendências histórico-religiosas que perduram até hoje, inclusive porque, medicina e religião surgiram, também, além dos propósitos socioculturais, para debelar o medo da morte, ou até vencê-la, se possível for. Não é em vão que, praticamente em

quase todos os hospitais, existem padres, religiosas e pastores com o objectivo de tranquilizar os pacientes, especialmente aqueles terminais. Isso demonstra que medicina e religião se entendem em algum momento sobre a finitude humana.

Assim sendo, no mundo judaico e cristão, o “*Anjo da Morte*”, literalmente traduzido como “aquele ajudado por Deus”, tornou-se conhecido como Azrael, que é uma derivação do nome hebraico (Ilustração 2).

Escritos retirados dos ensinamentos islâmicos dizem que, “entre os quatro anjos Miguel, Gabriel, Israfel e Azrael, apenas este último não falhou na missão terrena em contribuir sobre a criação de Adão. Portanto, por causa do seu sucesso nesta missão, este quarto anjo foi incumbido de separar o corpo da alma, passando a ser conhecido popularmente como o Anjo da Morte”. (<http://eltemplodelaluzinterior.wordpress.com/2009/05/30/el-angel-de-la-muerte-no-es-la-santa-muerte/>).

Mesmo entendendo ser tudo isso primórdios de crença religiosa, sabemos muito bem que é típico do ser humano interagir o seu imaginário individual e também muitas vezes colectivo, com a personificação da morte, uma vez que ela tem uma história que se arrasta através dos tempos, tanto quanto a vida e que esta história acha-se atrelada à forte influência do medo e respeito à religião sob o domínio de Deus.

## Ilustração 2 - "The Angel of Death" (O Anjo da Morte)



**Fonte:** – Evelyn de Morgan (1855-1919), retirado de [http://www.google.com/search?q=Evelyn+de+Morgan+\(1855-1919\)&hl=pt-PT&biw=1280&bih=664&prmd=imvns&source=lnms&tbn=isch&ei=th6nTtCEEsu38gONgqm1Dw&sa=X&oi=mode\\_link&ct=mode&cd=2&sqi=2&ved=0CBAQ\\_AUoAQ](http://www.google.com/search?q=Evelyn+de+Morgan+(1855-1919)&hl=pt-PT&biw=1280&bih=664&prmd=imvns&source=lnms&tbn=isch&ei=th6nTtCEEsu38gONgqm1Dw&sa=X&oi=mode_link&ct=mode&cd=2&sqi=2&ved=0CBAQ_AUoAQ), em 19 de Julho de 2008

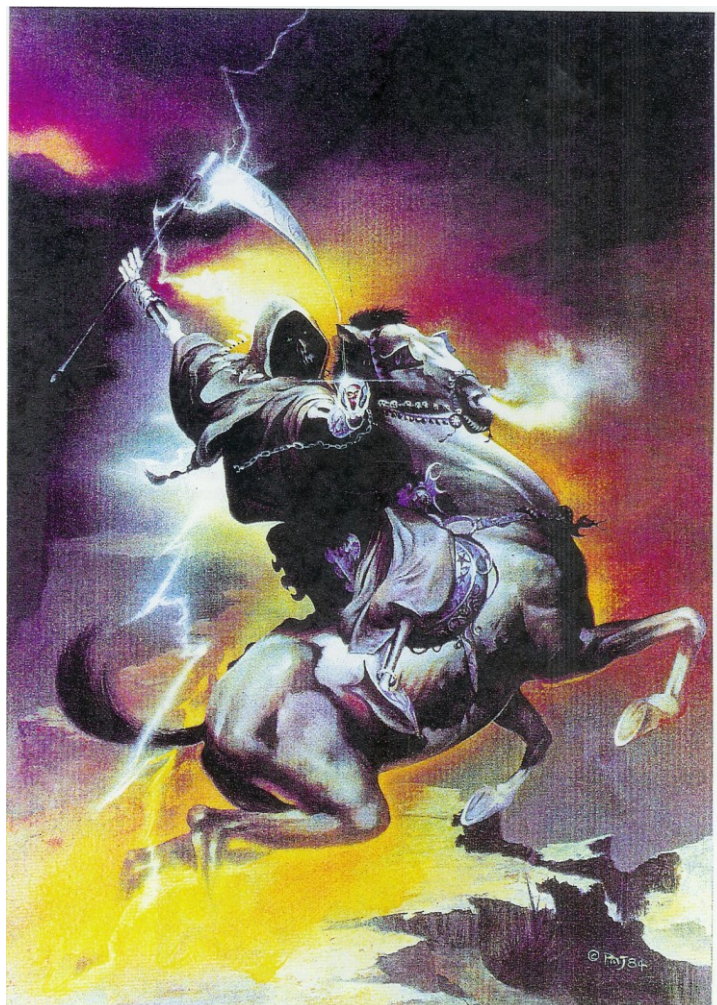
### 3.3 - A MORTE REPRESENTADA POR UM ESQUELETO

Inegavelmente, por questões culturais, científicas e até religiosas, o esqueleto é tido como o mais famoso representante da morte, no seu contexto social. A morte em forma de esqueleto parece ter ganhado mais força na sua representação, a partir do final da Idade Média, porém mesmo muito antes disso, já era visto como a representação da própria morte, quando o estudo do corpo humano era totalmente proibido e condenado pela Igreja, mas que era mesmo assim violado para o conhecimento do corpo humano e da ciência, ocultamente.

A ideia da sua representação como esqueleto montado no seu cavalo, empunhando uma foice, talvez seja a mais aceita entre todas as culturas, tendo perdurado essa aceitação até aos dias de hoje (Ilustração 3). Através de algumas pesquisas, pudemos constatar ser uma concepção baseada na teologia cristã (depois modificada pela

ciência), a qual sugere que a morte não foi agraciada com um nome específico, porém foi descrita como uma figura sinistra no pálido cavalo.

### Ilustração 3 - Death (Morte)



Fonte: Peter Jones, 1984

O esqueleto é uma das representações mais populares e mundialmente conhecidas da morte. Mas nem sempre foi assim. Antes do esqueleto transformar-se no símbolo da morte, representava apenas o morto depois de decomposto. Era também, costume popular utilizar-se da figura do esqueleto para assombrar as pessoas ou representar lugares mal-assombrados. Assim, o esqueleto já simbolizava a ideia fúnebre. A sua transformação, personificando a morte aconteceu gradualmente ao longo do tempo e, só no início do século XVI é que realmente o esqueleto se tornou um símbolo da morte. Por outro lado, como bem atesta Froidmont (1996, p. 2), em *Les Vers de la Mort*, Poème du XII siècle:

“A tradicional imagem da morte, tal como a conhecemos, um esqueleto carregando uma

foice, tem suas origens na Idade Média. Invadiu o imaginário colectivo entre 1150 a 1250”.

É histórico, como sabemos, a questão do respeito que se tinha e a proibição quanto ao uso do cadáver e a severidade das leis vigentes para quem ousasse violar o corpo humano que, deveria ser chorado e enterrado, segundo a religiosidade. Isso, evidentemente mantinha duas questões em evidência: o temor pela questão da morte aumentava (e esta continuava tendo uma outra representação muito mais de medo e castigo) e o atraso da ciência permanecia em detrimento da religião que estipulava as leis perante o Estado.

Para termos uma ideia do que se passava, até à época de Hipócrates (460 a. C), embora este fosse considerado o Pai da Medicina, destacou-se muito mais pelos princípios éticos da medicina, em consonância com a Igreja, do que propriamente se interessou em estudar o corpo humano, como realmente é. Tanto foi assim que o Juramento Hipocrático (ainda hoje feito pelos finalistas de medicina) escrito em grego, se encontra em forma de cruz, como evidencia Bernardes (1981). Indo de Hipócrates a Galeno (129 - 201), famoso médico, cujos ensinamentos anatómicos, totalmente empíricos, duraram 15 séculos, nunca dissecou um corpo humano. Consequentemente, os seus estudos resultaram em muitos erros anatómicos e contribuiu ainda mais para que o esqueleto não fosse visto como a morte, pois uma vez que seguia os preceitos da Igreja, não disse-cava cadáveres humanos.

Assim sendo, foi no Renascimento, a maior revolução cultural de que se tem notícia, cuja efervescência começou por volta de 1300, no início da Idade Moderna, e na qual, a humanidade escreveria a sua nova história e trajectória, indo até 1650, aproximadamente. Surgiu Andréas Vesalius (1514 – 1564), médico belga que frequentou as universidades de Lovaina, Paris e Pádua, considerado o pai da Anatomia Moderna, o qual contrapôs a anatomia de Galeno, conquistando a Religião, a quem convenceu fazer uma dissecação do corpo humano, em público, para o bem da medicina e da humanidade. Este facto por si só, mudou totalmente, o conceito de representação da morte, até então e, a partir daí, a medicina evoluiu, passando por outro lado, a combater a própria morte veementemente, o que causou um outro tipo de comportamento em relação à finitude humana, do ponto de vista científico.

Também é importante salientar que, mesmo com conotação científica, os termos cadáver e esqueleto, muitas vezes tornaram-se num só significado, por força do hábito, principalmente para pessoas leigas e comuns, não conhecedoras do mundo científico.

Conta-se que mesmo antes de Vesalius e seus adeptos e colegas, terem conquistado o advento da dissecação do corpo humano, era comum encontrarem-se na calada da noite, nos calabouços e outros lugares escondidos, para dissecarem cadáveres, às escondidas, para assim fugirem da leis severas e proibitivas dessa prática. Assim sendo, era comum os grupos organizarem-se, para estabelecer dia, local e hora. Normalmente eram avisados um dia antes, através de um *mensageiro* que passava uma senha para cada componente, a qual era: *Care data Vermis*, o que significava dizer que naquele dia ou naquela noite haveria dissecação. Acredita-se que a palavra Cadáver seja a junção das primeiras sílabas das três palavras. Isso, evidentemente, fortalecia a ideia de morte, pois esses cadáveres normalmente pertenciam a ladrões, assassinos ou indigentes, cujas famílias não reclamavam os seus corpos, os quais eram roubados para serem estudados.

Sobre esse contexto, chama-se a atenção para a importância das *artes moriendi*, através da qual o homem deixou um rico registo sobre a maneira pictórica de se ver a morte, pois nesse contexto o “ cadáver decomposto” rebusca a ideia da morte, como esqueleto:

“ (...) No século XII, o esqueleto ou os ossos – a morte seca, e não mais o cadáver em decomposição – difundiram-se sobre todas as tumbas, chegando mesmo a penetrar no interior das casas, sobre as chaminés e móveis. Mas a vulgarização dos objectos macabros sob a forma de crânios e ossos tem, a partir do fim do século XVI, uma significação diversa daquela do cadáver putrefacto”.

A partir daí, além das capelas e igrejas tradicionais terem os seus próprios cemitérios para enterrarem os seus mortos, cujos esqueletos eram venerados, posteriormente pelos familiares, a ciência trazia agora uma nova conotação de Esqueleto, a qual reforçava a ideia de morte.

No parecer de Xavier (2001, p. 31), esta “localiza-se habitualmente nos muros e pilares nas naves das igrejas ou junto da capela-mor, em galerias, claustros, etc...”

Uma das primeiras ideias e já a aceitação do esqueleto como sendo, além do material de estudo, a representação da morte, no que diz respeito a essa nova atitude e visão, directa ou indirectamente propagada por essa nova fase da anatomia e medicina, foi a representação impressa nas pranchas e desenhos da anatomia de Vesalius, feita pelo seu aluno e artista Kalkar, ilustrador de seu livro *De Humani Corporis Fabrica*. Estas gravuras estão entre os maiores achados do século XVI e uma das mais famosas é justamente a página-título da sua obra, onde numa demonstração feita ao ar livre, foi montada uma estrutura em forma de palacete, muito comum do estilo da Renascença e onde muitas pessoas, das mais variadas classes sociais, inclusive da Igreja e do Estado, se achavam presentes.

Uma estrutura de madeira, lembrando um anfiteatro foi erguida para obter melhor visão. No centro do anfiteatro Vesalius faz a dissecação em forma de aula, cercado não somente por estudantes, mas também por amigos médicos, reitores da universidade, cônsul, representante da nobreza e autoridades da igreja. Vesalius estava imponente e revestido de toda a autoridade conferida através de seu conhecimento e fama. Depois, vem o segundo mais importante personagem do momento que é o cadáver de uma mulher, sendo dissecada. No centro e à cabeceira da mesa de dissecação, está um esqueleto em pé que, além do significado didáctico, segura uma longa foice, representando a morte. Esta, até ao momento, no que diz respeito à ciência é a figura mais importante sobre a representação da morte e, a partir daí, tem sido a mais aceita em todo o mundo (Ilustrações 4,5 e 6).

**Ilustração 4 - Vesalius and The Anatomy of man**



**Fonte:** Great Moments in Medicine, retirado de <http://dodd.cmcvellore.ac.in/hom/12%20-%20Vaselin.html>, em 13 de Dezembro de 2007

Ilustração 5 – Capa do livro de *Humani Corporis Fabrica*



Fonte: Prancha de Von Kalkar, Basileia, 1543, retirado de <http://www.auladeanatomia.com/comparada/comparada.htm>, em 20 de Dezembro de 2006

### Ilustração 6 - The Sixteenth Century Anatomist



**Fonte:** E. Hammam, 1936, retirado de <http://nemingha.hubpages.com/hub/The-History-of-Western-Medicine>, em 3 de Maio de 2007

É importante lembrar também, que o esqueleto humano, além de ser visto como configuração ou *representante* da morte, o que parece ter ocorrido primeiro, depois do reconhecimento inevitável do estudo da anatomia humana, usando cadáveres para seu estudo prático, este passou a ser utilizado como material didático nas aulas de medicina. Isso tomou impulso e ganhou força nas universidades, depois das dissecações públicas de Andréas Vesalius, por volta de 1540, o primeiro anatomista a instituir o ensino acadêmico da anatomia humana, através da dissecação de cadáveres, facto este antes desse período, proibido pela Igreja, a qual determinava veementemente que fossem punidos todos aqueles que ousassem violar o corpo humano, tendo como pena, a sentença de serem queimados, em praça pública. Era tempo de inquisição.

**Ilustração 7 - Sem título**



**Fonte:** – Tela de Milton Rodrigues Alves, 1993

Ainda sobre a grande ousadia e visão académica de Vesalius que, como ninguém, estudou e dissecou cadáveres de pessoas desconhecidas, normalmente de ladrões e assassinos, ora exumados clandestinamente, ora escondidos em calabouços e dissecados na calada da noite, sob luz de velas, foi quem pela primeira vez, instituiu o método sistemático, especialmente prático, de se estudar o corpo humano. As suas descobertas e conhecimento chegaram a tanto, que não podia mais concordar com conceitos simplesmente teóricos e, por vezes distorcidos, estabelecidos por Galeno que jamais havia dissecado um só cadáver humano, mas cujo período anatómico durou cerca de quinze séculos, difundindo a anatomia humana baseada pura e simplesmente em estudos comparados em animais como cachorro, macaco e bovinos, pois como um bom político grego e com tamanho prestígio na sagrada profissão da medicina, era preferível continuar gozando de sua inabalável fama a ser queimado em praça pública como um bruxo.

### **3.4 - A MORTE REPRESENTADA POR UM DEMÓNIO**

“Contrariamente a Deus, o Diabo é múltiplo pois evoluiu ao longo do tempo e se adaptou à sociedade humana. Entre a queda dos anjos rebeldes e sua última derrota, no Apocalipse, Ele mudou muitas vezes de rosto e de nome”. (Laurent Vissière. nº 12, p. 8)

A partir da Idade Média surge mais uma configuração popular da morte, o demónio. Estudos teológicos, cuja importância para a sociedade, como uma representa-

ção no imaginário das pessoas, não pode ser relegada, apontam diversidades do poder do demónio, como figura macabra, a começar por uma das suas faces preferidas, o pecado. Há uma crença de aspecto cultural que diz que esta figura ou imagem foi criada, sobretudo, pela Igreja Católica que atribuiu o nome e forma à entidade sobrenatural maligna da tradição judaico-cristã, no sentido de punir quem cometesse pecado.

Já na Mitologia Grega, o demónio é herdeiro directo de *Hades*, o Deus do mundo dos mortos, local para onde as almas dos condenados eram enviadas.

Na cultura popular, através de crenças advindas de cunho religioso, parece que para confundir mais ainda as pessoas, a morte configura-se com o próprio demónio, chegando, inclusive a causar à mente humana, principalmente em algumas culturas, tamanha dúvida se não é o demónio a própria morte.

A religião, especialmente a católica, atribuiu a Satã a imagem da morte, como uma criação antagónica aos preceitos de Deus. Com essa ideia e representação teológica, o demónio passou a ser confundido com o mal e a assumir várias outras representações malignas e contra o homem, tendo surgido no século VI, cuja aparência lembra um ser humano, mas que podia assumir qualquer outra silhueta, inclusive a da morte.

### Ilustração 8 – In Love with Death



**Fonte:** Tela em acrílico, Leilah Wendel, retirado de <http://www.thecarnivalnoir.com/?p=590>, em 10 de Janeiro de 2008

No imaginário popular, por influência religiosa, a aparência de Lúcifer, chamado de Diabo, embora mantenha um padrão visual e simbólico, sofre muitas transformações, assumindo a forma que desejar, podendo passar-se por qualquer pessoa. O seu aspecto físico criado pela Igreja nos seus primeiros séculos e, posteriormente herdado pelas várias religiões cristãs, fora copiado de várias entidades das mitologias e religiões de diferentes povos e seu reino. A mesma concepção sobre os Infernos (morada de Hades) foi designada como o local para onde iam as almas dos mortos, como se o Demônio tivesse o controle das almas impuras dos maus pecadores, conferindo mais ainda uma força eternamente em conflito com Deus.

## **CAPÍTULO 5**

### **AS REPRESENTAÇÕES DA MORTE EM DIFERENTES CONTEXTOS**

## 1 - O MEDO DA MORTE

Muitos são os estudiosos e pesquisadores sobre o medo, os quais atestam que estes medos podem se transformar em fobias, ansiedade, delírios e pânico e que os mesmos também podem ser analisados como estágios crônicos, cujas consequências e repercussões são, normalmente, desastrosas e comprometedoras, por vezes, afectando nosso comportamento e personalidade, perante o individual e colectivo, no contexto bio psicossocial.

O medo do estranho e do desconhecido torna-se profundo e poderoso na subjectividade do indivíduo, passando a confundir-se como uma ameaça constante, a ponto de influir no comportamento humano, muitas vezes trazendo angústia e ansiedade referenciais.

Por outro lado, o medo também é importante nas nossas vidas, talvez, tanto ou mais do que a coragem e a bravura, seus antagónicos, desde que se manifeste como alerta consciente à sobrevivência e nos faça pensar melhor nas nossas atitudes e suas consequências, porque se constitui em estado emocional de alerta frente ao perigo, à ameaça, à insegurança e às incertezas, existindo como um mecanismo psicológico de defesa.

Porém, em relação à morte, o medo manifesta-se de uma forma diferente por razões diversas, desencadeando diferentes reacções, de acordo com o significado da sua representação e a individualidade de cada pessoa.

O medo da morte é inerente ao desenvolvimento humano, surgindo na infância com as primeiras experiências de perda e pela visão cultural propagada ao longo do tempo à sociedade. Este medo, por sua vez, tem várias facetas, todas pautadas no medo do desconhecido, evidentemente, fortalecido pelo medo da ideia da própria extinção, da questão afectiva, das perdas causadas pela morte, da solidão, da dor e do sofrimento. Na verdade, são muitos medos num só medo.

Vimos anteriormente que os filósofos pregavam um entendimento pacífico com a morte, a ponto de a enaltecerem, afirmando que ter medo da morte é uma tolice. Isto pode ser constatado nas próprias palavras do filósofo grego Epicuro, sobre o qual já

falámos antes: “Aquele que se atormenta com a perspectiva da morte futura – e não porque ela o esteja a agarrar e a causar dor – é um tolo” (Epicuro, 3341 – 270 a. C.)

Já o escritor francês Montaigne pensa um pouco diferente, quando de certa forma, contrapõe essa filosofia: “A morte assusta-nos, é um tormento perpétuo para o qual não há qualquer tipo de consolação podemos continuamente desviar as nossas cabeças, como um campo suspeito, mas não a podemos esquecer” (Montaigne, 2000, p. 201).

Vários têm sido os conceitos para o medo e, no final, parece que cada um deles apenas nos mostra uma das suas facetas, permanecendo assim, nas entrelinhas, muito mais do que realmente é e, acaba adormecido ou sempre em estado de alerta, nos nossos sentimentos e na nossa consciência.

Como os instintos necessários à sobrevivência, o medo também é uma das mais antigas emoções do ser humano que, embora não pareça, tem garantido sua existência e sobrevivência através dos tempos, possuindo grande importância no psiquismo e personalidade humana, a ponto de exercer enorme influência e determinação no seu comportamento.

É por meio do medo que o ser humano descobre o quanto é vulnerável através das suas fraquezas e incapacidades de enfrentar determinadas situações, transpor obstáculos e se manter isento de perigos. O medo também é psicossomático e essa condição está intimamente relacionada às diferentes reacções desencadeadas como respostas a este fenómeno que são várias e normalmente diferentes, de pessoa para pessoa.

Portanto, temos medo da dor porque ela “faz doer” o nosso corpo e a sensação psíquica que temos é de sofrimento imediato; temos medo do desconhecido porque nos causa incerteza e angústia, dúvidas e instabilidade; temos medo das perdas porque nos sentimos diminuídos com a falta do que possamos não mais ter ou possuir e, assim por diante.

Quando questionamos sobre o medo da morte, é ampla a discussão, embora a diversidade cultural do medo da morte resida na questão da perda e angústia sobre a finitude humana. Aliado a isso, considera-se também, no imaginário popular, que a

morte passou a representar um castigo, uma punição e uma incapacidade de alcançar aquilo que sempre se buscou: o estado pleno da felicidade, através de uma longa vida.

Para Bromberg (1994) entre outros pesquisadores, fica evidente que a nossa cultura, imprimiu ao longo do tempo que a morte não foi incorporada como sendo parte da vida, e sim como um castigo ou punição. Isso conseqüentemente, resultou num medo generalizado da morte, pois quem não tem pavor de castigo ou punição?

Por outro lado, uma sociedade que também celebra a beleza, a juventude eterna, que trabalha o corpo perfeito, que luta contra a arte insidiosa e intolerante do tempo, não poderia encontrar espaço para uma reflexão profunda e sincera sobre a morte, nem iria se aliar a um entendimento e aceitação de seu próprio fim. Resultado: medo e conflitos que “castigam” o ser humano, ininterruptamente.

Entendemos também que a cultura da sociedade como um todo, apesar de haver algum vislumbamento de mudança nesse sentido, ainda não vê o envelhecimento como algo saudável o qual busca uma qualidade de vida melhor, na velhice. Isso, sobremaneira, ao longo do tempo, sedimenta mais o medo da morte, achando-se que a senilidade é tida como o estágio final da vida, como declínio orgânico, mesmo antes de o sê-lo, propriamente, sob condições orgânicas vitais. Nesse, sentido o Ocidente ainda vê o envelhecimento como decrepitude, fardo e degeneração vital do ser. Evidentemente, que esse pensamento, contribui para uma exacerbação do medo da morte, sem ao menos cultivar a velhice como um possível estágio de possibilidades de uma vida saudável, ainda que em condições físicas e mentais mais delicadas.

Sabemos também que o medo “invade” as nossas mentes e habita o nosso ser, manifestando uma dor mais lenta, porém mais duradoura, arrefecendo o nosso corpo e desencadeando, inclusive patologias orgânicas de várias ordens. Porém, pior ainda, é se criamos o medo no nosso imaginário, antecipando “possíveis ilusões, traumas e dores psíquicas” relacionado com alguma coisa que ainda não aconteceu ou irá acontecer. Esta possibilidade, que da dor psíquica, pode desencadear uma sintomatologia orgânica é igualmente dolorosa, tornando o indivíduo doente. Surge assim, o medo antecipado.

Como podemos ver, o medo, quando na forma patológica, pode causar muitos problemas, de várias ordens, em nossas vidas.

Na realidade, a dor psíquica, na espécie humana diante da morte tem sido considerada fisiológica, porém há discussões quanto à sua duração, intensidade e frequência com que a mesma pode ocorrer em cada pessoa, levando-se em conta a questão individual de cada um.

Essa dor psíquica, que nenhum outro animal apresenta, a não ser o homem, é movida por sentimentos dos mais diversos, como a tristeza, sensação de perdas, de finitude, de angústia, de ansiedade, de medo, de abandono, de fragilidade, de insegurança, e de falta de amor.

A sócio-antropóloga Des Aulniers (2008, p. 119), da Universidade do Quebec, que tem recentes estudos sobre o medo da morte, também não destoa do pensamento da maioria dos estudiosos do assunto, assegurando que o medo é fundamentalmente importante, seja do lado positivo, seja do lado negativo:

“Esse medo funciona como um pivot e como motor de todas as civilizações. A partir do desejo de perenidade, se desenvolvem as instituições, as crenças, as ciências, as artes, as técnicas e mesmo as organizações políticas econômicas. O medo da morte nos força a viver e a nos relacionar, a procriar, a criar, a construir coisas que nos transcendam”.

Por esta razão, o medo da morte, o qual tem sido considerado um medo *culturalmente genético*, se é que poderíamos assim denominá-lo, explica-se por si só, ou seja, pelo factor medo e não somente pelo facto da morte existir, mas pela constante e infundável ameaça que a mesma semeia sobre nós, por não aceitarmos ainda o entendimento da nossa terminalidade, o que acaba como resultado, em diferentes níveis, na sensação de perda, mesmo antes desta ocorrer.

Na realidade, as origens do medo da morte encontram-se na história da evolução do próprio desenvolvimento humano, como algo já inerente à pessoa. Em segundo lugar, virá o desconhecimento sobre a morte, responsável pelo constante temor do que ela representa e pelo seu eterno mistério desconhecido. Como se isso não bastasse, para a aflição dos humanos, segundo Kastenbaum (1983), o medo da morte é rotulado também como sendo a origem e a evolução de todos os demais medos. Isso explica porque temos medo da separação, da distância e da perda de tudo que gostamos, necessitamos e nos apegamos, pois ao perdemos algo, alguém ou qualquer coisa que

represente essa necessidade ou afeição, esse algo que já é parte de nosso ser e de nossa subjectividade, é algo que morre em nós, porém não antes da angústia do medo nos conduzir a esse facto.

Dentro dos seus estudos sobre a complexidade, Morin (1997, p. 33) também analisou a questão do medo da morte, apontando as suas consequências, de tal forma que enfatiza o sentimento específico do ser humano em relação à dor e aos traumas causados por esta, referindo que:

“O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda da sua individualidade. Emoção - choque, de dor, de terror ou horror. Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual, ou seja, consciência traumática”.

Este autor reere ainda sobre a questão do medo da morte, da seguinte forma:

“A consciência da morte acompanha-nos desde a infância, como consciência da destruição absoluta do nosso único e precioso tesouro, o nosso eu” (...) A angústia da morte sobre o espírito humano leva-os a interrogar-se sobre os mistérios da existência, o seu destino, a vida, o mundo”. (Ibidem)

Há também os rituais e cultos da morte, que as sociedades desenvolveram ao longo do tempo e que, embora atrelados às culturas e à religiosidade, proporcionam um misto de paz e medo ao mesmo tempo. Segundo Morin (1970), uma morte provoca no círculo dos vivos profundas transformações, pois que o funeral não é senão um conjunto de práticas que muitos consagram à mudança de estado do morto, que provocam emoções, que reflectem complexos e perturbações profundas. Assim, observa-se que as pompas funebres aterrorizam mais do que a própria morte, pois essas pompas provêm do próprio terror.

Freud afirma que o homem insiste sistematicamente no carácter ocasional da morte, através dos acidentes, doenças, infecções e velhice adiantada (isso dito quando ele mesmo se sentia em idade avançada e acometido de doença), revelando assim, uma clara tendência para despojar a morte, tornando-a um acontecimento accidental. Já no final de sua vida, disse claramente que a morte já se encontra em nós e, na sua última

entrevista dá um claro depoimento da sua opinião sobre o facto de conviver bem ou não com a certeza da morte.

É importante frisar que no meio desse medo da morte, se estabelece uma nítida distinção entre o medo do processo individual de morrer de cada um e o medo da morte do outro. O medo de morrer do eu, do self ou do meu próprio ser, acha-se cercado por várias circunstâncias indesejáveis de sofrimento que vão além do próprio medo de morrer, como por exemplo: o medo de ideias como *abandono*, *desamor pelos outros* e *dependência do outro*.

Pesquisas nesse sentido têm demonstrado que o medo da morte não significa simplesmente o medo da morte em si mesmo. Porém, acha-se acompanhado duma série de pensamentos e suposições de degradação do ser humano, enquanto pessoa.

Por outro lado, o medo da morte do outro, de uma forma ou de outra, acaba conduzindo ao medo da morte do eu, pois o final do seu processo consciente também acaba conduzindo às reflexões sobre o medo da própria morte. Nesse sentido, o outro passa a reflectir-nos como num espelho, reflectindo a nossa própria finitude.

Este medo, na realidade, reflecte-se na morte do eu e isso fica muito claro quando alguém que amamos ou com quem temos alguma relação, morre. Isso está enraizado no nosso ser, pois é no outro que, nos vemos, em determinadas condições humanamente análogas, nos completamos, seja na relação de amor ou de ódio, de bem ou de mal, de alegria ou de tristeza, de protecção ou dependência ou de qualquer outra assimetria existencial, se é que assim podemos dizer, pois precisamos, consciente ou inconscientemente, de um espelho para nos reflectir e ver nos outros, muito ou pouco de nós mesmos.

Na morte do eu também é inevitável o sentimento de perda e da separação, pois ao morrermos também perdemos e nos separamos dos nossos entes queridos. Nesse aspecto, a separação passa a ser a principal característica da morte após a sua concretização. Os rituais, as oferendas, as rezas, o luto e as visitas aos túmulos dos mortos caracterizam essa separação significando diminuição da distância na medida em que a necessidade do vínculo de quem ficou se faz presente.

Retomando a questão básica sobre o medo da morte, Kastenbaum (1983) diz, no primeiro capítulo de seu livro *Psicologia da Morte* que o medo à morte não deve ser cultivado nem tolerado: deve ser superado. Se analisarmos melhor, veremos que esta não é uma frase de efeito, porém um sábio entendimento, pois no dia em que superarmos o medo da morte, certamente a venceremos mesmo que continuemos a morrer. No entanto, viveremos mais tranquilos em relação à finitude.

Entretanto, ainda em relação à morte do outro, existe pelo menos um dos ciclos de nossas vidas, que o medo da morte do ser humano, de modo geral, normalmente não é pensado como preocupação pessoal. Ou seja, não há tanta preocupação na morte do outro, como em outras situações e épocas. Isso pode acontecer antes da adolescência.

Por outro lado, as crianças têm um modo peculiar de encarar a morte, pois estão em contacto simbólico com ela através de encenações sobre a morte, desenhos animados e filmes infantis onde vêem a morte como uma perdedora e não como vencedora. Talvez, por essa razão, a morte não tenha tanto impacto nas crianças (em determinadas fases das suas vidas) que, com exceção à regra e nos casos apontados pela citada pesquisa, são no seu mundo infantil, rico e imaginário, todas vencedoras.

Ainda sobre a visão das crianças em relação à morte e de como elas lidam com o seu significado e representações nas suas vidas, é bastante clara a diferença existente no modo como os adultos lidam com o mesmo problema. É muito comum nas crianças *brincarem de morrer* e existem algumas brincadeiras especiais onde o lúdico assume a ideia de tragédia, sendo porém, para elas, apenas divertido. Aliás, o brinquedo tem sido considerado uma das actividades mais importantes, tanto na expressão como na liberdade do ser humano. Pois bem, quem já não brincou de menino e bandido? Pois é, o bandido sempre morre no final... e nesse momento, a criança brinca com a morte, apenas brincando de morrer ou de matar e desempenha o seu papel com a maior naturalidade e sem o mínimo trauma ou conflito.

Assim, não apenas cientificamente, mas no quotidiano, ao logo do tempo tem-se observado que tentar poupar a criança ou evitar falar-lhe da morte ou exemplificar sobre o conceito de morte, pelo simples facto de achar que ela não é suficientemente grande para entender, não parece ser a decisão ideal, achando que a mesma irá crescer sem medo, ocultando o fenómeno da morte. É inevitável que a terminalidade, o fim da vida,

seja de uma pessoa ou de um animal de estimação é algo doloroso e angustiante e, na criança passa a ser uma realidade à parte da segunda infância, por volta dos sete e oito anos.

Mais uma vez, Kastenbaum (1983, p. 17), vai mais além quando fala de *Brincar de Morrer*. Ele afirma que, quando as crianças brincam de morrer, estão, de certa forma, assumindo o estado tanatomimético, ou seja, assumem uma situação de *pretensa morte* ou *morte de brincadeira*, por assim dizer. O importante disso tudo é que, nesse momento, a criança está exercitando, na prática, a acomodação do significado da morte e, mais ainda, está aprendendo a lidar e a enfrentar a morte da forma mais natural possível, começando por eliminar o seu medo a respeito da mesma.

O que dizer também de actores adultos que actuam no teatro, na ópera, nos filmes e nas novelas? Eles também brincam a sério quando morrem frequentemente, pois ao encenar a personagem de alguém que morre numa apresentação, numa cena muitas vezes repetida, estão acomodando no seu subconsciente, no seu comportamento e personalidade a questão da naturalidade da morte. Essas pessoas, evidentemente, vêem a morte e a sua face ou forma, de maneira diferente de outras que não pertencem ao seu meio artístico e passam a incorporá-la no seu imaginário como algo menos dramático do que normalmente costuma parecer.

Há, portanto, o alento de que, se conhecermos o nosso medo ou os nossos medos da morte, podemos na pior das hipóteses, colocar um limite nesse medo, isso porque, psicologicamente, o medo da morte tem valor limitado, mesmo o medo que dure um segundo ou horas ou dias, ou se apresente intermitentemente, ele acaba sendo substituído por outras respostas emocionais, de auto-preservação e auto-protecção do indivíduo, até que possa voltar novamente, quando ocorrer.

Uma dessas respostas emocionais pode ser a tristeza, angústia ou depressão que se apodera da pessoa após a morte de um ente querido. Muitas vezes essa tristeza e desolação podem ser substituídas por uma reacção de isolamento do mundo ou simplesmente um estado depressivo como resultado de entrega ao desânimo e a uma limitação de si mesmo. Mas, também pode apresentar-se como uma súbita reacção em forma de revolta ou súbita coragem que tenta contestar e querer enfrentar a morte, por ter tirado algo seu que lhe era por demais valioso. Então, algumas pessoas, em estado de

dor, revolta e indignação vêm-se pela primeira vez desafiando a morte, tornando esse acto também um dos limites do medo da morte. Nesse momento de confronto, a morte desaparece, embora não signifique dizer que tenha sido vencida.

Ainda sobre a questão do medo da morte, especialmente para os profissionais da área da saúde e, especificamente para o médico que, lida com a morte quase que diariamente Klüber-Ross (1998) não apenas elaborou um criterioso estudo sobre o assunto, como também foi uma das primeiras a trabalhar efectivamente na urgente necessidade de uma educação para a morte, não somente em relação ao paciente, mas também em relação ao próprio médico. Para tal, Klüber-Ross fez uma investigação junto de moribundos e das suas famílias no sentido de uma melhor aceitação para a finitude.

O resultado dessa pesquisa e acurado trabalho tornou-se uma importante necessidade para os profissionais da saúde que cuidam de pacientes terminais e, consequentemente, precisam manter contacto directo com as suas famílias, muitas vezes desoladas e revoltadas com a situação na qual se encontram.

Assim sendo, Klüber-Ross (1998, p. 180) determinou cinco fases que se estabelecem após a cessão da vida, que são negação, raiva, negociação, depressão e aceitação.

Observemos que o medo não é citado, pelo menos, explicitamente, nestas cinco fases descritas pela autora, mesmo que o mesmo possa estar de alguma forma na subjectividade da pessoa.

Klüber-Ross achou fundamental trabalhar-se cada uma dessas fases e, a importância da sua descrição estar intimamente relacionada com o seu particular desenvolvimento.

A *negação* é caracterizada pela *anulação* que o impacto da informação da morte causa e, age como um mecanismo de defesa no qual o indivíduo se recusa a aceitar o facto, em primeira instância; a *raiva* ocorre em virtude de um sentimento de revolta onde o indivíduo tem sentimentos de cólera e, muitas vezes pergunta-se por que “*ele*” e não outra pessoa estar passando por “isso”; a *negociação*, conhecida por alguns como *barganha* é um estágio onde o indivíduo tenta negociar com Deus e com *entidades divinas*, no sentido do prolongamento da vida, fazendo vários tipos de promessas; a *depressão*, normalmente é a fase seguinte, quando a pessoa já não consegue mais negar a sua

doença e a esperança parece esvair-se, definitivamente. É comum a família também apresentar algumas ou todas as fases pelas quais o moribundo passa, sendo importante, portanto escutar também a família do paciente; *a aceitação* é a fase seguinte e, considerada a curta, ocorrendo mesmo antes do término da vida do doente.

Vejamos como a própria Klüber-Ross (1969, p. 86) a descreve:

“Fraco e, na maioria das vezes, muito debilitado ele também sentirá necessidade de cochilar ou dormir, sempre em intervalos (...). Não é um sono retraído ou um período de descanso para ter a dor aliviada, desconforto ou coceira. É gradualmente uma necessidade de aumentar as horas de sono similar ao sono de um recém-nascido, porém na ordem inversa”.

Como podemos ver, outros sentimentos que não apenas o medo da morte, apodera-se do indivíduo de uma forma muito particular, muito embora sejam descritos de forma didáctica.

## **2 - A TEMPORALIDADE DO SER HUMANO**

“Uma teoria que realmente trata desta questão mais profunda inicia com a observação de que cada espécie parece possuir uma máxima de vida. No caso dos humanos, ela parece ser cerca de 110 a 120 anos”. (Bee, 1997, p. 534)

O que é tempo e o que o tempo significa para o ser humano? Como o indivíduo e as sociedades lidam com o tempo? Finalmente, qual o tempo de vida dos seres segundo as suas espécies e segundo a sua brevidade e longevidade na sua existência? O entendimento do tempo como parâmetro para a vida é essencial? Torna-se evidente que essas importantes dúvidas perpassem pela questão da finitude humana e, mais ainda, encontram-se imbricadas não apenas com o tempo, porém também com o ambiente, espaço e suas actividades.

Hawking (2005 p. 75) diz que no primeiro modelo do universo de Friedmann, a chamada quarta dimensão, o tempo, é finito em extensão portanto segundo esse modelo, o tempo tem um princípio e um fim, pois é um modelo cosmológico do universo a partir do *big-bang*.

A ideia de tempo que temos hoje envolve uma multiplicidade de conceitos, sejam tempo físico, biológico, subjectivo, cultural, entre outros. Por este motivo há grande dificuldade em definir a temporalidade, dificuldade esta causada pela própria polissemia da palavra tempo, o qual já teve alguns mecanismos de medições e outros calendários que não apenas o gregoriano.

As acções, os pensamentos, os sentimentos e os conteúdos subjectivos humanos só existem dentro da dinâmica do tempo. A auto-consciência do ser humano e a consciência do passar do tempo permitem-lhes tomar conhecimento da inexorabilidade de sua finitude e morte. Essa consciência faz com que o tempo seja aliado do homem, porém ao mesmo tempo ele é a definição temporal da sua própria existência.

A Filosofia (tida como mãe de todas as ciências) diz que o tempo é o fluir constante, uma sucessão ininterrupta de acções, pensamentos, e repetições, onde todas as coisas nascem, vivem e morrem. Sobre e sob esta constatação filosófica, os grandes filósofos gregos resumiam a temporalidade da pessoa em seis idades: infância, puerícia, adolescência, juventude, idade adulta e velhice. Por outro lado, Salomão e Confúcio sintetizavam a vida humana em três etapas: juventude, maturidade e velhice. Já Shakespeare classificou a existência humana em sete períodos. E o que nos dizem os nossos filósofos contemporâneos e a própria Organização Mundial da Saúde? Aprendemos que o tempo é dinâmico, contínuo e inexorável para todos e, em consequência disso, uma melhor compreensão da temporalidade certamente, ajudará o ser humano a entender e a aceitar a sua própria finitude, independentemente dos conflitos existenciais que o próprio tempo possa causar.

Trazendo ainda o pensamento filosófico, desta feita para o presente, citemos também um dos mais actuais, comentados e sobretudo contestadores filósofos da actualidade, Steiger (1998, p. 75) no seu trabalho *Compreender a História da Vida: do Átomo ao Pensamento Humano*, onde o mesmo afirma o seguinte:

“O tempo, afirma-se, é a consciência que temos dele. Com a consciência do tempo, entramos no humano tempo cultural, evidentemente sem deixarmos o tempo natural”.

Ainda sobre o pensamento de Steiger este refere-se às etapas do tempo da seguinte forma:

“(…) “No tempo o passado é observável, mas não modificável; ele se liga ao instrumento. O futuro é modificável, mas não observável: liga-se ao utensílio. O presente não se liga a nada; não existe, não tem tempo para existir. Ele é a linha de encontro sem espessura, fictícia e fugidia, entre o passado e o futuro, a crista da onda do passado quebrando-se na praia do futuro e tragando-o inexoravelmente. Se o presente não existe, se o passado não existe mais e se o futuro ainda não existe, começamos a compreender em que sentido o tempo é incompreensível. Em que ele é indefinível... Para o senso comum, entretanto, o presente existe. Ele é a vida do tempo; é trabalho ou sono, alegria ou sofrimento, confiança ou angústia; é juventude ou velhice, bem-estar ou miséria, calor ou solidão; é presente, mas presente que passa e que, com isso, pode mudar tudo. Para o senso comum, o passado e o futuro existem realmente na memória e na inquietação ou na esperança de cada um. Para o senso comum, o tempo é realmente linear e irreversível”. (Idem, p. 208).

Os conceitos de temporalidade determinavam que a consciência era dada a partir da noção do tempo presente e actual. Assim sendo, a percepção era entendida como algo que se formava apenas pelo que ocorre no presente, e, a partir dele é que essa percepção se estenderia, para a frente, no caso do futuro e, para trás, no caso do passado, ambos ausentes porque seus acontecimentos não estariam presentificados ao ser na forma de presença. Na realidade, parece complexo esse entendimento, entretanto, não há como garantir uma forma de consciência que possua a realidade do vivido no presente, que possa apreendê-la na sua originalidade. Só podemos, ao contrário, questionar tal facto na medida em que só conseguimos perceber aquilo que nos faculta significar, o que torna o presente e a sua realidade factores simbólicos. Talvez, essa seja uma das razões pela qual, normalmente o ser humano não é levado a projectar a sua temporalidade, antes de atingir a idade senil.

Abordar a questão do nosso fim passa necessariamente pela dimensão da nossa temporalidade que, como vimos, assume diversos conceitos. Se temos de um lado, o tempo cronológico, o qual é regido convencionalmente, pelo tempo do calendário, do relógio, existe por outro lado o tempo histórico, constituído pela narrativa dos próprios

eventos. Nesse sentido o tempo histórico é sempre um passado interpretativo repleto de eventos, momentos e acontecimentos de instantes no próprio tempo.

Não há como estudar ou discutir o tempo sem a questão ontológica ou filogenética do ser, do indivíduo, da pessoa. Nesse sentido, podemos dizer que Heidegger, considerado o maior representante do movimento existencialista de que se tem conhecimento, procurou na metafísica reconstruir novas bases, mediante a aplicação do método fenomenológico. A sua primeira especulação, puramente ontológica, é dirigida para a solução do problema do ser, mesmo que já tenha sido estudada pela filosofia de todos os tempos, nunca foi resolvido, pois ao invés de estudarem o ser como ele mesmo se apresenta, os filósofos sempre, estudaram um modo, particular de ser, segundo evidencia as ideias de Platão e a substância de Aristóteles.

É importante discorrer um pouco sobre o pensamento de Heidegger, uma vez que para ele a compreensão do ser é, ao mesmo tempo uma determinação do ser do homem. O homem é a porta de acesso ao ser. Nesse ponto Heidegger aplica o método fenomenológico: parte do homem de facto, deixa que ele se manifeste tal qual é, e procura compreender, a sua manifestação.

No seu trabalho e pesquisas antropológicas, ele aponta no homem alguns traços fundamentais, característicos do seu ser, traços estes, que denomina de existenciais. O *primeiro traço existencial* é o *ser-no-mundo* que se encontra em situação num círculo de afecto e interesses; o homem que está sempre aberto para se tornar algo novo. A própria situação presente é determinada por aquilo que ele pretende fazer no futuro: muito do que ele faz hoje, senão tudo, ele fá-lo tendo em vista o que ele pretende ser no futuro, ou seja, o tempo passa a ser uma espécie de determinante e controlador de todas as coisas.

Portanto, neste aspecto ele afirma que a essência, a natureza do homem consiste na sua própria existência.

Agora vem o que de mais importante se relaciona com o tempo, O *terceiro traço existencial* que é a temporalidade. Nesse sentido, o homem é um ser existente porque está essencialmente ligado ao tempo. Essa condição confere ao homem a possibilidade e capacidade de se encontrar sempre além de si mesmo, nas possibilidades futuras. Portanto, assim sendo o homem é *futuro*. Porém para que ele possa viver essa possibilidade, parte sempre de uma situação, na qual ele já se encontra e, neste sentido, ele é *passado*.

Enfim, à medida que ele faz uso das coisas ao seu redor, ele é *presente*. Assim sendo, a temporalidade une a essência à existência, de uma forma que o sujeito tem no seu próprio tempo.

Nesse sentido, a fenomenologia de Heidegger, assim como a de Husserl mostra que a subjectividade é inseparável do pensamento humano, e que a objectividade livre, neutra e externa é inexequível. Da mesma forma, não há conhecimento atemporal, ou fora do campo temporalizante da consciência e é esta mesma consciência que pode conduzir ou não o ser humano para o entendimento necessário sobre a sua finitude.

Enquanto Heidegger (1999), relaciona profundamente *ser e tempo*, definindo o ser humano nesta relação indissociável, como um ser voltado para o advir e o porvir, preocupado com as suas possibilidades, assim como num projecto existencial essencialmente voltado para o futuro, fazemos uma comparação com a psicanálise de Freud, pautada no homem, visto como um ser determinado pelo que ele foi, numa visão na qual o passado é que prevalece. Nesse sentido, fica claro que as vivências de nossos primeiros anos de vida serão decisivas para determinar e definir o destino da nossa saúde ou doença psíquica.

Na verdade, Freud foi, pode considerar-se, o primeiro a apresentar a memória de uma forma não fisiológica. Para ilustrar, pode-se contactar que o neurótico é um prisioneiro do passado, tornando-se neurótico exactamente aquele que é incapaz de encontrar uma forma saudável de desatar os laços e as amarras conflituosas que o aprisionam ao seu passado, impedindo-o, assim de viver novos conteúdos subjectivos e novas conquistas. Hoje, sabemos ser impossível não admitir o peso e a importância que as experiências do passado têm no processo de constituição da subjectividade humana no presente e no futuro. Nesse aspecto, o ser humano é que deve reconhecer a temporalidade como sendo o fio condutor para seu percurso e trajectória no tempo e no espaço, pois o que hoje somos e onde estamos, indubitavelmente teve início no passado, tendo sido construído por aquilo que fomos ontem e, evidentemente, resultará no que seremos amanhã.

Há também uma visão panorâmica do tempo, defendida por Laplanche (1990), no seu estudo *O tempo e o outro*, o qual estabelece as grandes linhas de quatro visões do tempo que dominaram a História do Pensamento Humano. Senão vejamos: o *tempo*

*cosmológico* (ou o tempo do mundo), o *tempo psicológico* (o qual resulta de uma percepção consciente, ou de uma intuição do ritmo das coisas), o *tempo existencial* (a temporização que é formada da existência humana), e, finalmente, o *tempo da história* que distingue os grandes momentos da história da humanidade, assim como o das nossas histórias individuais.

Falando do tempo *cosmológico*, este sugere uma dupla visão que os antigos pensadores gregos tinham do tempo, ou seja, a visão cíclica e a visão mítica. Na visão cíclica, o tempo é um eterno retorno que não se detém no começo nem no fim.

Falar do tempo e não falar da importância e influência que Einstein teve para a temporalidade, especialmente na contemporaneidade, não seria uma observação bem fundamentada, pois poderíamos dizer que o tempo reinventado na sua teoria da relatividade foi, para a modernidade, o que mais influenciou no imaginário do senso comum do homem moderno, contribuindo assim para o verdadeiro significado científico do tempo. Na verdade, Einstein trabalhou nos planos tecnológico e científico, evitando assim, qualquer significado filosófico do conceito de tempo.

Na verdade, Einstein (1998, p. 208) atribuindo à realidade uma quarta dimensão temporal, ao remeter o tempo para um plano inacessível à nossa experiência imediata, porém consistente na sua formulação matemática. Esse facto deu em 1905, um significado filosófico ao tempo, que Santo Agostinho já procurava na Idade Média: a relatividade parece ter revelado o que realmente o tempo é.

Nela, o passado fixa-se na identidade de uma matriz originária, diante da qual o tempo se limita a fluir sempre igual a si mesmo, na cadência dos anos, dos meses, dos dias e das horas, na sucessão de uma temporalidade que tem o fascínio e o mistério de uma acção sagrada, muito marcado pelos principais eventos, pelas grandes festas e pelos grandes ritos religiosos.

Nesse sentido, é importante observar as referências do tempo muito bem destacadas por Steiger, quando o mesmo mostra a dificuldade do homem em fixar as referências na inconsistência do tempo para que não viesse a se perder nele. Mesmo assim, não é rara essa sensação de perda do ser humano, no próprio tempo, especialmente quando o mesmo se vê “sufocado” ou “atropelado” pelo próprio tempo.

No princípio as únicas marcas visíveis, a olho nu, de referências do tempo, são o nascer do sol, o retorno periódico da lua cheia e o retorno mais espaçado da Primavera, em países com quatro estações do ano, fenómeno este que está mudando em consequência do aquecimento global, que é mais uma mudança do tempo, para o homem.

Na verdade, foram necessários milénios para que o homem finalmente conseguisse “marcar” o tempo, uma vez que era impossível demarcá-lo. Assim sendo, estabelecer um calendário atendia as necessidades evidentes, numa tentativa vã de não ficar à mercê do próprio tempo, de poder prever os períodos distintos do tempo, como a chegada da seca, do frio, das plantações e das colheitas e, de tantos outros eventos que marcariam a humanidade para sempre, embora esta passe e o tempo permaneça.

O homem, finalmente passou a entender a sua submissão ao tempo e a sua terminante dependência a essa principal referência que determina sua própria existência e morte. Como resultado há conflitos existenciais, principalmente aqueles relativos à finitude humana, totalmente regida pelo tempo com o avanço da senilidade e o tempo determinado por doenças específicas.

Entretanto, haveria de existir algo que o homem pudesse fazer, no intuito de “dominar” o tempo, nem que fosse, temporariamente. Assim sendo, o relógio mecânico de peso, que funciona movido pela energia do peso, foi aos poucos revolucionando os costumes e a mente humana no sentido do homem se libertar do tempo natural, regido pelos fenómenos naturais, tais quais o sol, a lua, as estações, marés, etc. A harmonização mundial dos calendários e dos horários, conferiu ao homem o “domínio” do tempo.

Sabemos hoje que temos tanto um corpo biológico que é físico, orgânico, como também um corpo psíquico, que é mental, subjectivo e que ambos constituem o ser humano como ser único, que é o sujeito. Essa dualidade corpo/mente é afectada pelo tempo de formas diferentes e, é justamente neste sentido que a temporalidade adquire o seu valor no que diz respeito à finitude humana.

Bem sabemos que os seres vivos nascem, desenvolvem-se, reproduzem-se, envelhecem e morrem e que, essas diferentes fases da vida de um ser constituem o seu ciclo de vida. Portanto, claro está que a morte, se constitui num determinado estágio da vida, muito embora seja sua antagonista. O ciclo de vida dos seres tem duração variável, e é característico de um tipo de ser vivo para outro. Este ciclo de vida pode durar de

alguns minutos apenas ou alcançar centenas de anos, conforme o ser vivo considerado. Algumas bactérias, por exemplo, podem completar o seu ciclo de vida em cerca de 30 minutos, já outros seres, como as sequóias e alguns tipos de pinheiros podem alcançar a proeza de viverem até 4 mil anos.

Hoje sabemos que os vegetais vivem mais do que os animais com quem dividem o mesmo espaço e tempo.

Vejamos na Tabela 1 que se segue, alguns exemplos que indicam a duração média aproximada de vida de alguns animais, inclusive o homem, desde que as condições de dieta alimentar e ambientais lhes sejam devidamente favoráveis.

**Tabela 1- Temporalidade de alguns Animais Vertebrados (em anos)**

<b>Animal</b>	<b>Gestação ou incubação, em dia (média)</b>	<b>Longevidade, no ano (registro exceções)</b>
Baleia	365-547 <sup>1</sup>	nd
Burro	365	18-20 (63)
Cão	53-71 (63)	10-12 (24)
Cabra	136-160 (151)	12 (17)
Camudongo	19-31 <sup>1</sup>	1-3 (4)
Canguru	32-39 <sup>1</sup>	4-6 (23)
Cavalo	329-345 (336)	20-25 (50 +)
Coelho	30-35 (31)	6-8 (15)
Elefante	510-730 <sup>1</sup> (624)	30-40 (71)
Esquilo	44	8-9 (15)
Frango	22	7-8 (14)
Gato	52-69 (63)	10-12 (26 +)
Guiné suíno	58-75 (68)	3 (6)
Hamster dourado	15-17	2 (8)
Hipopótamo	220-255 (240)	30 (49 +)
Humanos	253-303	65 <sup>2</sup> (120)

Leão	105-113 (108)	10 (29)
Lobo	60-63	10-12 (16)
Macaco	139-270 <sup>1</sup>	12-15 <sup>1</sup> (29)
Marmota	31-32	4-9
Ovinos	144-152 <sup>1</sup> (151)	12 (16)
Pato	21-35 <sup>1</sup> (28)	10 (15)
Periquito (Budgerigar)	17-20 (18)	8 (12 +)
Pombo	11-19	10-12 (39)
Porco	101-130 (115)	10 (22)
Raposa	51-63 <sup>1</sup>	8-10 (14)
Rato	21	3 (5)
Urso	180-240 <sup>1</sup>	15-30 (47)
Vaca	280	9-12 (39)
Veado	197-300 <sup>1</sup>	10-15 (26)

**Fontes:** Department of Health and Human Services, National Center for Health Statistics, *National Vital Statistics Reports*, 54 vol., No. 19, 28 de Junho de 2006.

Portanto, de um modo geral, em relação aos seres vivos e, especialmente os Vertebrados, podemos constatar que o ser humano pode viver entre 120 a 140 anos, desde que haja qualidade de vida adequada para tal.

Segundo dados oficiais já registados por órgãos oficiais, o *recorde* da pessoa mais velha, até agora é a francesa Jeanne Calment, a qual viveu até aos 122 anos e 5 meses e meio, o que realmente confirma a expectativa de vida esperada para os humanos. É importante apontar algumas contribuições para o aumento da vida média do ser humano, tais quais a redução da mortalidade infantil, medicina curativa e preventiva eficiente voltada para a saúde pública, alimentação equilibrada, entre outras.

Historicamente considerando o tempo de vida dos humanos que tem mudado com o próprio tempo e com as suas variações ao longo de sua história, observa-se que essas variações incluem condições climáticas, bio tipológicas, qualidade e quantidade

alimentícia, controle da natalidade, endemias, epidemias, pestes, saneamento básico e outros fenómenos da Natureza, saúde pública e, sobretudo, qualidade de vida.

Muitos autores concordam que os idosos são os que mais lidam com o pensamento sobre a morte e, não é apenas a questão senil a causa desse processo, pois aí estão também incluídas perdas, abandono, desamor e, sobretudo solidão.

Fontaine (2000, p. 175) discorre sobre os tabus existentes sobre a morte e reporta-se à década de 60, quando surgiram mais fortemente os primeiros estudos da Tanatologia, defendendo a elaboração de programas de formação das equipas de cuidados que fazem o acompanhamento da morte.

Segundo Vilhena (2006; 2007) a morte é um fenómeno bio-psico-socio-cultural e o contacto com ela torna claro a limitação da vida. De acordo com a autora o idoso encara a morte de forma variada, podendo ser vista tanto no aspecto positivo quanto no aspecto negativo, dependendo muito do momento pelo qual vive o idoso.

Já Macedo (2004, p. 10) acompanha o pensamento de Klüber-Ross e sugere uma aprendizagem para a morte, uma vez que vê *a morte como acontecimento da vida passou do domínio familiar para o domínio dos técnicos de saúde.*

Apenas, como visão cronológica, tomemos (Tabela 2) os dados oficiais da *Encyclopaedia Britannica* (1961), assim como também de outras fontes, para estudos comparativos actuais, posteriores (é importante lembrar que nesta referência o *Homo neanderthalensis* é uma espécie similar do homem moderno, porém ainda um membro do género *Homo*):

**Tabela 2 - Média de vida segundo as Eras**

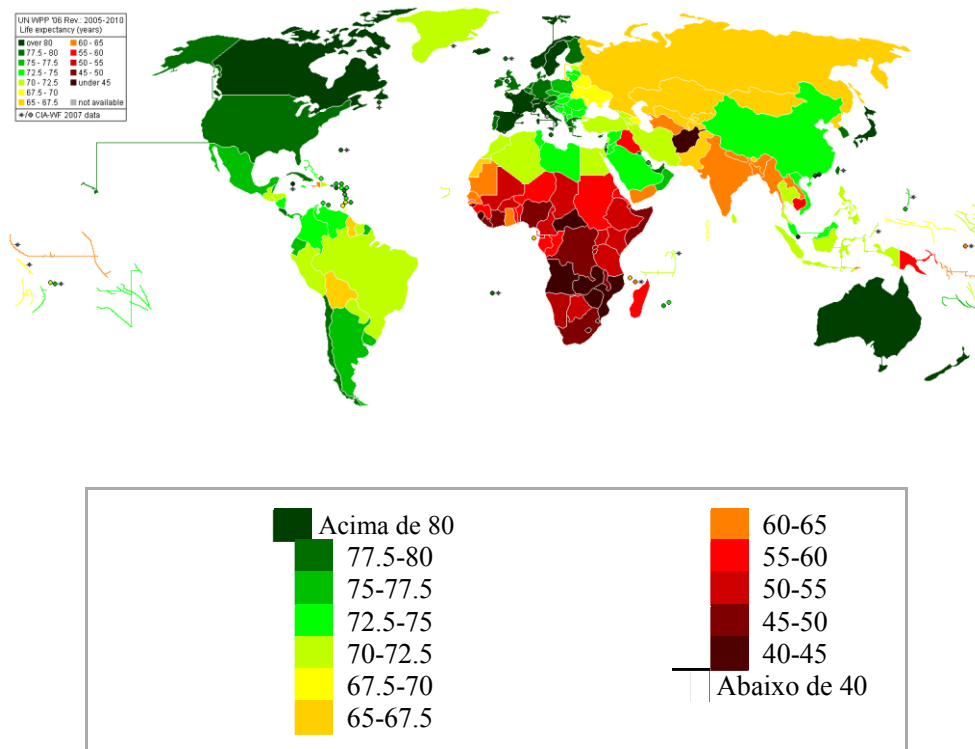
<b>Humanos (por Era)</b>	<b>Média de Vida (anos)</b>
Neandertal	20
Paleolítico	33
Neolítico	20
Idade do Bronze	18
Grécia Clássica	20-30
Roma Clássica	20-30
América do Norte Pré-Colombiana	25-35
Grã-Bretanha Medieval	20-30
Século 20	30-40
Média Mundial (actual)	78

**Fonte:** Enciclopédia Britânica, 1961, p. 23

O gráfico seguinte mostra a expectativa de vida segundo os Continentes, em todo o mundo e a vida média dos humanos (em anos):

### Gráfico 1 - Expectativa de vida segundo os Continentes:





































Dados das Nações Unidas, período 2005-2010







































Vejamos agora os dados colectados pelas Nações Unidas (média para o período entre 2005 a 2010) nos seguintes Países, Federações e Repúblicas:


















Tabela 3 - Média para o período 2005-2010)

Expectativa de vida ao nascimento (anos)				
Posição	País/território	Geral	Homens	Mulheres
	<b>Média mundial</b>	<b>67,2</b>	<b>65,0</b>	<b>69,5</b>
1	Japão	82,6	79,0	86,1
2	Hong Kong (R.P.China)	82,2	79,4	85,1
3	Islândia	81,8	80,2	83,3
4	Suíça	81,7	79,0	84,2
5	Austrália	81,2	78,9	83,6
6	Espanha	80,9	77,7	84,2
7	Suécia	80,9	78,7	83,0
8	Israel	80,7	78,5	82,8
9	Macau (R.P.China)	80,7	78,5	82,8
10	França	80,7	77,1	84,1
11	Canadá	80,7	78,3	82,9
12	Itália	80,5	77,5	83,5
13	Nova Zelândia	80,2	78,2	82,2

14	 Noruega	80,2	77,8	82,5
15	 Singapura	80,0	78,0	81,9
16	 Áustria	79,8	76,9	82,6
17	 Países Baixos	79,8	77,5	81,9
18	 Martinica	79,5	76,5	82,3
19	 Grécia	79,5	77,1	81,9
20	 Bélgica	79,4	76,5	82,3
21	 Malta	79,4	77,3	81,3
22	 Reino Unido	79,4	77,2	81,6
23	 Alemanha	79,4	76,5	82,1
24	 Ilhas Virgens Americanas	79,4	75,5	83,3
25	 Finlândia	79,3	76,1	82,4
26	 Guadalupe	79,2	76,0	82,2
27	Ilhas do Canal ( <del>X</del> Jersey e <del>+</del> Guernsey)	79,0	76,6	81,5
28	 Chipre	79,0	76,5	81,6
29	 Irlanda	78,9	76,5	81,3
30	 Costa Rica	78,8	76,5	81,2
31	 Porto Rico (EUA)	78,7	74,7	82,7
32	 Luxemburgo	78,7	75,7	81,6
33	 Emirados Árabes Unidos	78,7	77,2	81,5
34	 Coreia do Sul	78,6	75,0	82,2
35	 Chile	78,6	75,5	81,5
36	 Dinamarca	78,3	76,0	80,6
37	 Cuba	78,3	76,2	80,4
38	 Estados Unidos	78,2	75,6	80,8
39	 Portugal	78,1	75,0	81,2
40	 Eslovénia	77,9	74,1	81,5
41	 Kuwait	77,6	76,0	79,9
42	 Barbados	77,3	74,4	79,8
43	 Brunei	77,1	75,0	79,7
44	 República Checa	76,5	73,4	79,5
45	 Reunião	76,4	72,3	80,5
46	 Albânia	76,4	73,4	79,7
47	 Uruguai	76,4	72,8	79,9
48	 México	76,2	73,7	78,6
49	 Belize	76,1	73,3	79,2
50	 Nova Caledónia (França)	76,1	72,8	79,7
51	 Guiana Francesa	75,9	72,5	79,9
52	 Croácia	75,7	72,3	79,2
53	 Omã	75,6	74,2	77,5
54	 Bahrein	75,6	74,3	77,5
55	 Qatar	75,6	75,2	76,4

56	 Polónia	75,6	71,3	79,8
57	 Panamá	75,5	73,0	78,2
58	 Guam (US)	75,5	73,3	77,9
59	 Argentina	75,3	71,6	79,1
60	 Antilhas Holandesas (Países Baixos)	75,1	71,3	78,8
61	 Equador	75,0	72,1	78,0
62	 Bósnia e Herzegovina	74,9	72,2	77,4
63	 Eslováquia	74,7	70,7	78,5
64	 Montenegro	74,5	72,4	76,8
65	 Vietnã/Vietname	74,2	72,3	76,2
66	 Malásia	74,2	72,0	76,7
67	 Aruba (Países Baixos)	74,2	71,3	77,1
68	 Macedónia	74,2	71,8	76,6
69	 Síria	74,1	72,3	76,1
70	 Polinésia Francesa (França)	74,1	71,7	76,8
71	 Sérvia	74,0	71,7	76,3
72	 Líbia	74,0	71,7	76,9
73	 Tunísia	73,9	71,9	76,0
74	 Venezuela	73,7	70,9	76,8
75	 Santa Lúcia	73,7	71,8	75,6
76	 Bahrein	73,5	70,6	76,3
77	 Palestina	73,4	71,8	75,0
78	 Hungria	73,3	69,2	77,4
79	 Tonga	73,3	72,3	74,3
80	 Bulgária	73,0	69,5	76,7
81	 Lituânia	73,0	67,5	78,3
82	 China	73,0	71,3	74,8
83	 Nicarágua	72,9	69,9	76,0
84	 Colômbia	72,9	69,2	76,6
85	 Maurícias	72,8	69,5	76,2
86	 Arábia Saudita	72,8	70,9	75,3
87	 Letónia	72,7	67,3	77,7
88	 Jamaica	72,6	70,0	75,2
89	 Jordânia	72,5	70,8	74,5
90	 Roménia	72,5	69,0	76,1
91	 Sri Lanka	72,4	68,8	76,2
92	 Brasil	72,4	68,8	76,1
93	 Argélia	72,3	70,9	73,7
94	 República Dominicana	72,2	69,3	75,5
95	 Líbano	72,0	69,9	74,2
96	 Arménia	72,0	68,4	75,1
97	 El Salvador	71,9	68,8	74,9
98	 Turquia	71,8	69,4	74,3

99	 Paraguai	71,8	69,7	73,9
100	 Filipinas	71,7	69,5	73,9
101	 Cabo Verde	71,7	68,3	74,5
102	 São Vicente e Granadinas	71,6	69,5	73,8
103	 Samoa	71,5	68,5	74,8
104	 Peru	71,4	68,9	74,0
105	 Estónia	71,4	65,9	76,8
106	 Egipto	71,3	69,1	73,6
107	 Marrocos	71,2	69,0	73,4
108	 Geórgia	71,0	67,1	74,8
109	 Irão	71,0	69,4	72,6
110	 Indonésia	70,7	68,7	72,7
111	 Tailândia	70,6	66,5	75,0
112	 Guatemala	70,3	66,7	73,8
113	 Suriname	70,2	67,0	73,6
114	 Honduras	70,2	66,9	73,7
115	 Vanuatu	70,0	68,3	72,1
116	 Trinite e Tobago	69,8	67,8	71,8
117	 Bielorrússia	69,0	63,1	75,2
118	 Moldávia	68,9	65,1	72,5
119	 Fiji	68,8	66,6	71,1
120	 Granada	68,7	67,0	70,3
121	 Estados Federados da Micronésia	68,5	67,7	69,3
122	 Maldivas	68,5	67,6	69,5
123	 Ucrânia	67,9	62,1	73,8
124	 Azerbaijão	67,5	63,8	71,2
125	 Coreia do Norte	67,3	65,1	69,3
126	 Uzbequistão	67,2	64,0	70,4
127	 Cazaquistão	67,0	61,6	72,4
128	 Guiana	66,8	64,2	69,9
129	 Mongólia	66,8	63,9	69,9
130	 Tadjiquistão	66,7	64,1	69,4
131	 Saara Ocidental	65,9	64,3	68,1
132	 Quirguistão	65,9	62,0	69,9
133	 Butão	65,6	64,0	67,5
134	 Bolívia	65,6	63,4	67,7
135	 São Tomé e Príncipe	65,5	63,6	67,4
136	 Paquistão	65,5	65,2	65,8
137	 Rússia	65,5	59,0	72,6
138	 Comores	65,2	63,0	67,4
139	 Índia	64,7	63,2	66,4
140	 Laos	64,4	63,0	65,8
141	 Mauritânia	64,2	62,4	66,0

142	 Bangladesh	64,1	63,2	65,0
143	 Nepal	63,8	63,2	64,2
144	 Ilhas Salomão	63,6	62,7	64,5
145	 Turcomenistão	63,2	59,0	67,5
146	 Senegal	63,1	61,0	65,1
147	 Iémen/Iêmen	62,7	61,1	64,3
148	 Mianmar	62,1	59,0	65,3
149	 Haiti	60,9	59,1	62,8
150	 Timor-Leste	60,8	60,0	61,7
151	 Gana	60,0	59,6	60,5
152	 Camboja	59,7	57,3	61,9
153	 Iraque	59,5	57,8	61,5
154	 Gâmbia	59,4	58,6	60,3
155	 Madagáscar	59,4	57,7	61,3
156	 Sudão	58,6	57,1	60,1
157	 Togo	58,4	56,7	60,1
158	 Eritreia	58,0	55,6	60,3
159	 Papua-Nova Guiné	57,2	54,6	60,4
160	 Níger	56,9	57,8	56,0
161	 Gabão	56,7	56,4	57,1
162	 Benim	56,7	55,6	57,8
163	 Guiné	56,0	54,4	57,6
164	 Congo	55,3	54,0	56,6
165	 Djibouti	54,8	53,6	56,0
166	 Mali	54,5	52,1	56,6
167	 Quênia	54,1	53,0	55,2
168	 Etiópia	52,9	51,7	54,3
169	 Namíbia	52,9	52,5	53,1
170	 Tanzânia	52,5	51,4	53,6
171	 Burkina Faso	52,3	50,7	53,8
172	 Guiné Equatorial	51,6	50,4	52,8
173	 Uganda	51,5	50,8	52,2
174	 Botsuana	50,7	50,5	50,7
175	 Chade	50,6	49,3	52,0
176	 Camarões	50,4	50,0	50,8
177	 Burundi	49,6	48,1	51,0
178	 África do Sul	49,3	48,8	49,7
179	 Costa do Marfim	48,3	47,5	49,3
180	 Malauí	48,3	48,1	48,4
181	 Somália	48,2	46,9	49,4
182	 Nigéria	46,9	46,4	47,3
183	 República Democrática do Congo	46,5	45,2	47,7

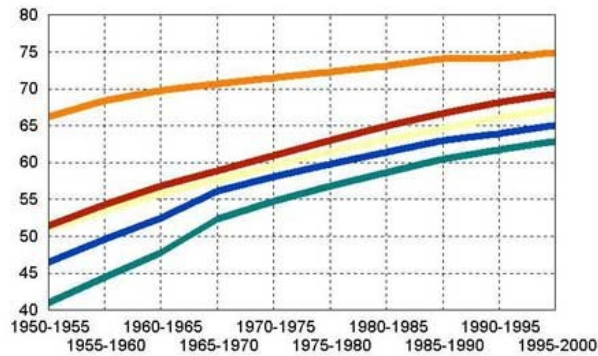
184	 Guiné-Bissau	46,4	44,9	47,9
185	 Ruanda	46,2	44,6	47,8
186	 Libéria	45,7	44,8	46,6
187	 República Centro-Africana	44,7	43,3	46,1
188	 Afeganistão	43,8	43,9	43,8
189	 Vietnã/Vietname	43,5	44,1	42,6
190	 Angola	42,7	41,2	44,3
191	 Lesoto	42,6	42,9	42,3
192	 Serra Leoa	42,6	41,0	44,1
193	 Zâmbia	42,4	42,1	42,5
194	 Moçambique	42,1	41,7	42,4
195	 Suazilândia	39,6	39,8	39,4

Nos países considerados em vias de desenvolvimento como é o caso do Brasil, era de esperar, por causa das condições socioeconómicas, de saúde e ambientais, entre outras, que a expectativa de vida fosse, nestes últimos anos, mais baixa do que nos países considerados avançados. Entretanto, é importante considerar, por outro lado, que muitas vezes o termo “avançado” não inclui muitos factores preponderantes e importantes para uma boa qualidade de vida, tais como, ar puro, comida sem agro tóxicos, poluição de vários tipos, entre outros.

A ONU, considera, desde 1982, o idoso como sendo uma pessoa com idade igual ou superior a 60 anos de idade, para os países considerados em desenvolvimento. O Brasil, segue o Estatuto do Idoso, no seu art. 2º, Inciso I, essa faixa etária como início da senilidade.

Os gráficos seguintes, recolhidos pelo IBGE mostram resultados projectados entre 1950 e 2000:

**Gráfico 1.- Expectativa de Vida (em anos)**

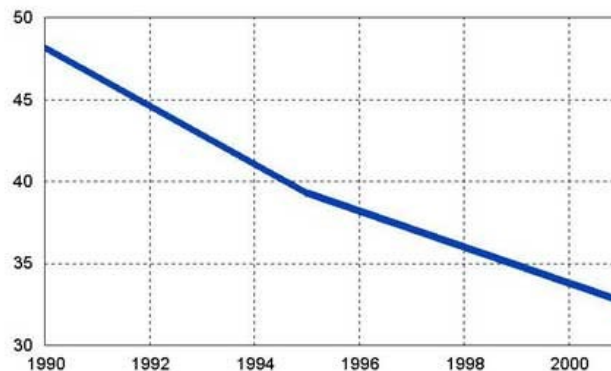


azul = Mundo; castanho = América Latina; vermelho = Países mais desenvolvidos; verde = Países menos desenvolvidos; amarelo = Brasil. Fonte: ONU.

Fonte: IBGE

Como podemos observar no gráfico 1, a razão principal do aumento na expectativa de vida, até à década de 50, foi sem dúvida a diminuição da mortalidade infantil. Por outro lado, a partir daí, uma melhor qualidade e condições de vida contribuíram para uma nova e esperada qualidade de vida depois dos 65 anos.

**Gráfico 2 – Mortalidade Infantil no Brasil (número de mortes até os cinco anos/ 1000 nados)**

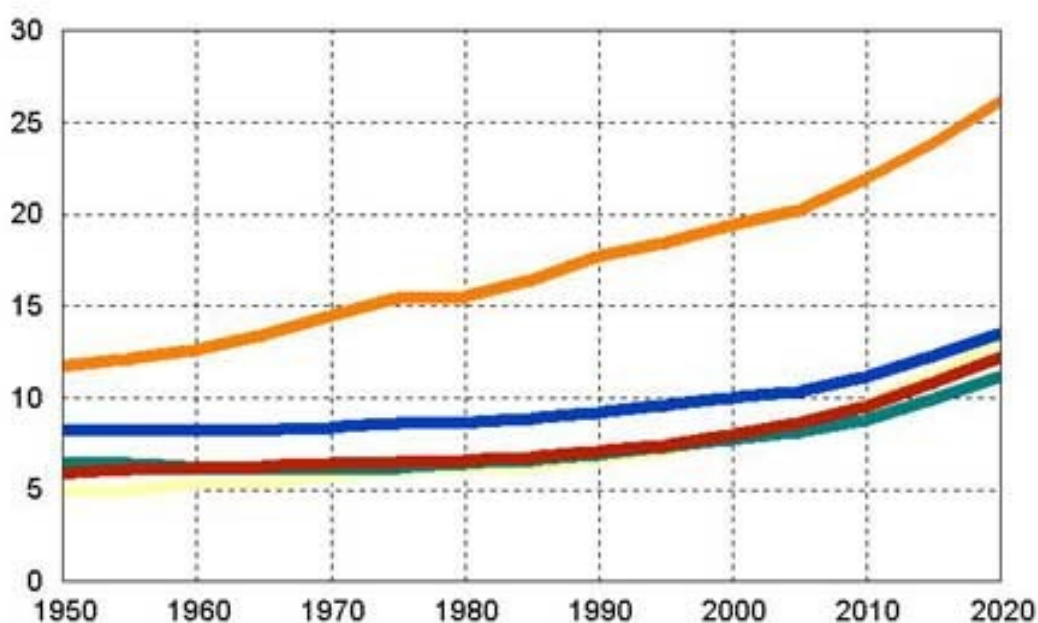


Fonte: IBGE

O aumento considerável na quantidade de idosos em todo o mundo provocou importantes mudanças, inclusive da Previdência, fazendo com que a população mundial

acima de 65 anos tenha aumentado 5,2% nos anos 50, para 6,9% em 2000. Já nos países mais desenvolvidos onde o fenómeno se verifica com mais intensidade: 7,9% de idosos nos meados dos anos 50, hoje 14,3% da população tem mais de 65 anos, portanto um importante aumento de 81%. Por outro lado, nos países menos desenvolvidos, o aumento foi de 31% (de 3,9% no mesmo ano, subindo para 5,1% em 2000. No caso do Brasil, há uma aproximação dos países desenvolvidos, onde a proporção de idosos aumentou em 70% nos meados dos anos 50 para 2000, de 3% para 5,1%, realmente muito próximo dos índices dos países desenvolvidos, como mostram os gráficos 3 e 4:

**Gráfico 3 - Proporção de idosos, sem curva dos mais desenvolvidos**

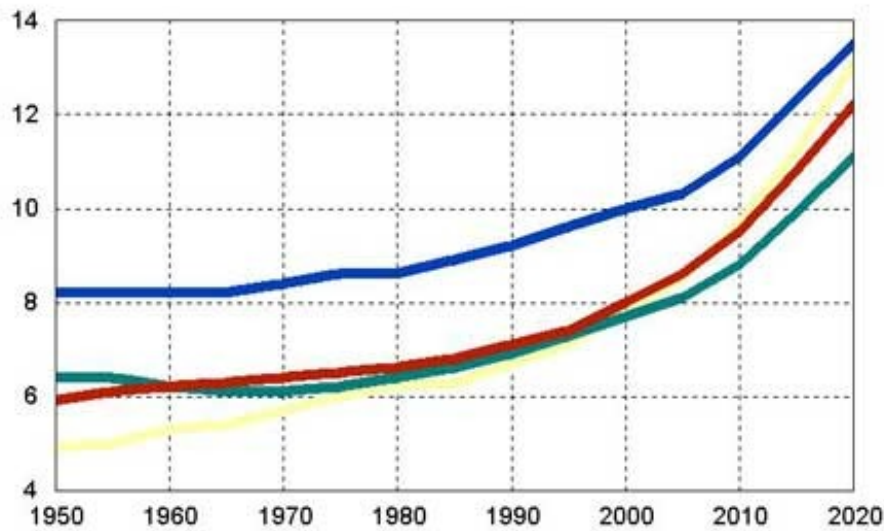


azul = Mundo; marrom = América Latina; vermelho = Países mais desenvolvidos; verde = Países menos desenvolvidos; amarelo = Brasil. Fonte: ONU.

Entre 1995 e 2000, a população de pessoas acima de 60 anos no Brasil teve um aumento de 17,5%, ao passo que a população total aumentou, de 1996 a 2000, apenas 8,1%.

Para 2020, a ONU prevê, segundo as suas projecções, que teremos um aumento de 14,2 milhões de pessoas acima de 60 anos em relação a 2000, perfazendo 13,1% da população total.

**Gráfico 4 – Proporção de idosos, sem curva dos mais desenvolvidos**



azul = Mundo; marrom = América Latina; vermelho = Países mais desenvolvidos; verde = Países menos desenvolvidos; amarelo = Brasil. Fonte: ONU.

Fonte: IBGE

É importante observar que o aumento da expectativa de vida tem corroborado a questão do limite máximo para a idade dos seres humanos, da qual estamos cada vez mais próximo, como se mostrou na tabela da temporalidade (Tabela 1, na página 114-116)

### 3 - MORTE ATRAVÉS DA ARTE

“El nacimiento de la imagen está unido desde el principio a la muerte. Pero si la imagen arcaica surge de las tumbas, es como rechazo de la nada y para prolongar la vida. La plástica es un terror domesticado. De ahí que, a medida que se elimina a la muerte de la vida social, la imagen sea menos viva y menos vital nuestra necesidad de las imágenes”. Debray, 1994)

A riqueza da morte no contexto da Arte tem se tornado um capítulo à parte no que diz respeito à representação da morte na história da humanidade. Como o sentido de Arte é igualmente amplo, indo desde a pintura, passando pela literatura, fotografia, poesia, música, escultura e outras manifestações artísticas diversificadas, torna-se importante escolhermos a pintura e a escultura como os veículos das representações mais frequentes da morte através da Arte, pelo seu valor representativo da visão e sentimento da

morte pelo homem, ao longo da sua existência. Nesse aspecto a religião e a mitologia são importantes e ricos vectores no entendimento dessas representações artísticas.

Talvez, nunca uma das expressões humanas reveladas através de sua própria visão subjectiva ou concreta, tenha retratado tanto a morte, como a arte, seja no desenho, seja na pintura ou em outras manifestações artísticas. Desde o começo da humanidade que o homem deixa para as gerações futuras, a sua visão e sentimento sobre sua finitude, através de pinturas encontradas nas paredes rochosas das cavernas, nas tumbas de pedras ou mármore ou, com mais consciência e abundância, nas telas, após o domínio da própria arte e expressão.

Entretanto, o interessante não é apenas o homem ter representado a sua própria morte através da arte, como uma manifestação de mensagens sobre seu próprio fim, porém tratar, através dessas representações, o conflito, a dor e o medo desse próprio fim, através do processo de transmissão do seu estado interior e subjectivo, como querendo chamar a atenção para a importância do mesmo.

Abordar a morte na arte significa discorrer sobre a iconografia da morte, em especial a iconografia funerária, sobre a qual encontramos muitos estudiosos e pesquisadores do tema, principalmente na Europa e Estados Unidos. Vale a pena salientar que os símbolos, as imagens, documentos visuais, gravuras, pinturas, cerâmicas e azulejos, tudo isso constitui-se num amplo documento que merece atenção para o entendimento da história da morte na arte.

Por outro lado, fica claro que a iconografia da morte, através das suas imagens e símbolos acha-se intrinsecamente relacionada à religiosidade do povo e da sua cultura sacra, muito bem registada através de verdadeiros monumentos, telas, alegorias e imagens simbolizando a própria morte do homem, nas suas diversas formas, ao longo do tempo. No que diz respeito, por exemplo, ao sistema mortuário, a arte é riquíssima em suas representações e iconografia como evidencia Kastenbaum (1983, p. 159-160):

“A arte, como expressão do sistema mortuário, neste caso, ao que parece, representou e talvez intensificou o senso de ansiedade, em vez de oferecer consolação. É difícil encontrar algo de reconfortante nos assustadores e fantásticos exemplos de arte e literatura medievais referentes à morte (28,29,30). Durante essas décadas, floresceram sob todas as formas Artísticas, a Dança da Morte, o Triunfo da Morte, A Arte de Morrer

(*Ars Moriendi*) e o Encontro dos Três Vivos com Três Mortos. A dança da morte originou-se talvez do costume popular de dançar nos prados do vilarejo, transfigurado pela Peste Negra em um medonho rodopio do qual a própria morte participava. De facto, nada era mais comum nas produções artísticas que Representar a Morte como uma pessoa. A Dança da Morte também era representada como uma peça teatral, de forma directa, ou levemente disfarçada sob forma burlesca, cuja comédia era uma fusão de sexo e morte”.

#### Ilustração 9 - A Dança da Morte



**Fonte:** Gravura em madeira de Hans Holbein, 1493

German printed edition, folio CCLXI recto from Hartman Schedel's Chronicle of the World (Nuremberg, 1493), retirado de <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Holbein-death.png>, em 15 de Maio de 2009

Com esta citação, o autor discorre sobre o vasto papel da arte em relação ao fenómeno da morte, tanto do ponto de vista individual, quanto colectivo, valorizando o seu aspecto cultural no âmbito da sociedade e da sua representação social, como bem citou num dos exemplos da Dança da Morte ou dança macabra, que representa a alegoria do final do período medieval (Ilustração 9).

A riqueza da personificação da morte através da arte é vista nas várias culturas de acordo com a visão de cada uma delas, segundo as suas tradições culturais e religiosas. Por exemplo, na iconografia ocidental, segundo a Mitologia, a morte é representada como sendo uma figura esquelética sob um manto negro encapuzado, segurando uma

foice. Essa é a gravura que tem sido mais pintada e desenhada a partir da Idade Média e o impacto que essa imagem, mesmo já tendo sido vista e analisada inúmeras vezes, é sempre de medo, pavor, angústia e, no mínimo, reflexão sobre a finitude humana, como se a vida fosse sempre usurpada ou retirada das pessoas como uma punição ou desmerecimento da vida eterna.

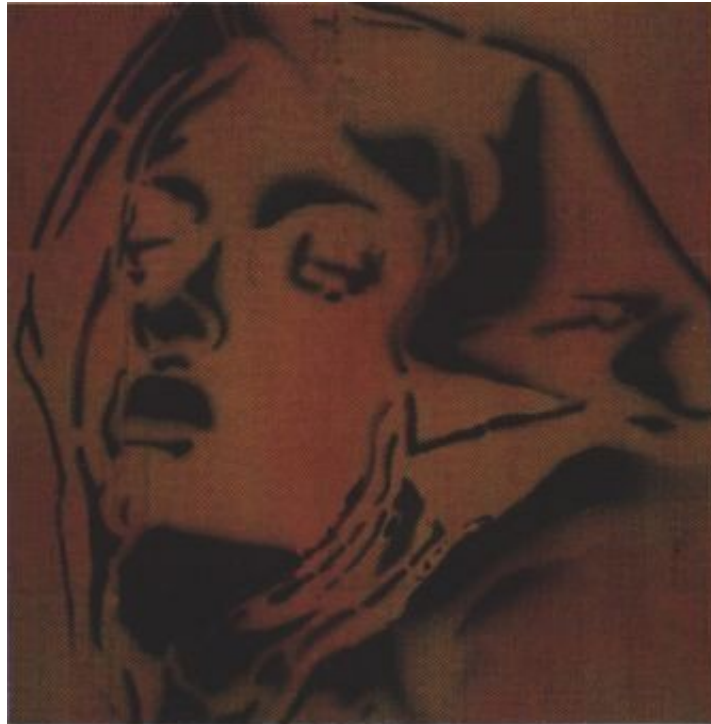
Também encontramos a descrição da imagem da morte, no Antigo Testamento, no texto do Profeta Amós, onde a morte segura numa das mãos o facalhão e na outra um receptor de frutas na forma de um pau com um gancho na ponta, evidenciando que a morte ceifava tanto os que estavam na baixa quanto os da alta escala da sociedade ([http://www.casthalia.com.br/a\\_mansao/preste\\_atencao/ciclo\\_vida.htm](http://www.casthalia.com.br/a_mansao/preste_atencao/ciclo_vida.htm)).

Por outro lado, a morte, ainda na Mitologia e na cultura popular, tem sido vista como Thanatos, o deus da morte enquanto Hades é configurado como sendo o deus do mundo da morte. Como bem lembra Garcia (2002, p. 2) a Morte pode gerar uma forma estética de ser abordada, seja através da pintura, da literatura ou de outros veículos.

Neste contexto, entendemos ser essa visão também bastante rica iconograficamente analisando, uma vez que, a partir do século XV, mais precisamente entre os séculos XVI e XVIII, segundo o próprio Ariès, surge a evocação da morte realista e verdadeira, ou seja, diferentemente do aspecto macabro da presença do próprio cadáver, como era visto na Idade Média, pois contrariamente aos períodos anteriores, a morte era vista agora como objecto de fascínio, associando o erotismo macabro ao mórbido. Isso faz com que, apesar da resistente tradição, o erotismo penetre na arte religiosa, deixando assim um rico acervo alegórico, em muitos dos quais, esculturas sacras representando momentos de êxtase mortal, numa cruel excitação amorosa, mesmo a contra-gosto de tradição moralista religiosa.

Torna-se cada vez mais claro que na arte sacra, evidentemente por força religiosa, se encontra em certos tipos de imagens, seu próprio paradigma. Nesse sentido, tem sido inevitável a constatação do valor cenográfico, seja na pintura, seja na escultura, onde estampam claramente a importância e verificação do martírio e êxtase, simultaneamente. Como exemplos mais conhecidos, podem ser citados o martírio em telas de Rubens ou Caravaggio, assim como o caso do Êxtase de Santa Teresa de Ávila ou a estátua da beata Ludovica Albertoni.

### Ilustração 10 - O Êxtase de Santa Teresa



**Fonte:** Grafito anônimo, Lisboa, 1994, retirado de <http://multiplosestilos.blogspot.com/2010/03/o-extase-de-santa-tereza-bernini.html>, em 15 de Outubro de 2007

No Grafito de Santa Teresa d'Ávila chama a atenção pela sua expressão visual espontânea que inesperadamente irrompeu dos muros da cidade de Lisboa, em 1994, especialmente num dos suportes do viaduto de Alcântara. A representação ali desenhada é uma reprodução a partir da escultura barroca de Bernini (1598-1680), sobre a qual Lacan enfatizou a expressão de tanto desejo, ao mesmo tempo relacionado com a morte. Esta relação, embora muitas vezes contrapondo as tradições ortodoxas religiosas, tem sido, ao longo do tempo, razão de estudos e associações entre o prazer e o momento da morte.

A propósito dessa questão, Xavier (2001) discorre no seu trabalho *A Morte, Símbolos e Alegorias* sobre o valor cenográfico, especialmente nas pinturas e esculturas onde estas assumem extraordinária importância nos temas de martírio e visões de êxtase, demonstrando assim, haver uma íntima relação entre o momento da morte e o prazer.

### Ilustração 11 - O Êxtase místico de Santa Teresa



**Fonte:** Bernini. Catedral Federico Cornaro, 1652, retirado de <http://multiplosestilos.blogspot.com/2010/03/o-extase-de-santa-tereza-bernini.html>, em 30 de Novembro de 2007

O Êxtase místico de Santa Teresa, de Bernini foi feita entre 1645 e 1652 especialmente para a capela do cardeal Federico Cornaro. A escultura representa o êxtase místico de Santa Teresa que, ferida por uma seta de amor divino disparada por um anjo (sugerindo desse modo a flecha do Cupido), resultando numa expressão de dor e prazer, ao mesmo tempo. Assim como a pintura, a escultura barroca é plena de sensualidade e movimento, com a mesma intenção de demonstrar a relação entre o prazer (êxtase) e a morte. De um modo geral, é muito rica a representação simbólica alegórica e de esculturas, principalmente na Europa, como esta de Teresa de Jesus, mais conhecida como o Êxtase de Santa Teresa, uma escultura de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680).

Observando-se a escultura de Santa Teresa de Ávila esta sugere que no acto da sua morte houve um certo prazer, visto esta poder ter sido trespassada por uma seta de amor divino, disparada por um anjo. Esta santa morreu em Alba de Tormes a 4 de Outubro de 1582 e a sua estátua foi talhada para a capela do cardeal Federico Cornaro, tendo sido esculpida durante o período de 1645-1652, seguindo as tendências do estilo

barroco. Hoje ela encontra-se num nicho em mármore e bronze dourado na Capela Cornaro, Igreja de Santa Maria della Vittoria em Roma.

Esta escultura chama a atenção, e alcançou o objectivo do artista. O seu corpo é alongado, tem gestos expressivos e expressões mais simples. Porém é rica em emoções.

**Ilustração 12 - Detalhe (rosto) do Êxtase de Santa Ludovica Albertoni, 1674**



**Fonte:** Cappella Altieri, San Francesco a Ripa, Roma, retirado de <http://multiplosestilos.blogspot.com/2010/03/o-extase-de-santa-tereza-bernini.html>, em 30 de Novembro de 2007

**Ilustração 13 - Detalhe (rosto) do Êxtase de Santa Ludovica Albertoni**



**Fonte:** Cappella Altieri, San Francesco a Ripa, Roma, retirado de <http://multiplosestilos.blogspot.com/2010/03/o-extase-de-santa-tereza-bernini.html>, em 30 de Novembro de 2007

Ludovica ou Luísa, como também era conhecida, esposa, mãe e viúva, da Ordem Franciscana Secular, mística e, por sua vez, mãe dos pobres e enfermos, nasceu em Roma em 1474, numa família dos Albertoni. A escultura do Êxtase de Santa Teresa é maior do que o tamanho natural e representa o êxtase místico, no qual ela morreu. O seu rosto reflecte tanto o sofrimento humano quanto a felicidade celestial. A beata viveu

repetidas experiências de visões e êxtases místicos. O escultor também imprimiu ideia de prazer no momento da sua morte.

Segundo o pensamento francês sobre as mortes em massas como as epidemias, as pestes e outras catástrofes, especialmente no século XIV, que na verdade dizimaram grande parte da população europeia, fez com isso crescer o medo da morte de uma forma generalizada e, conseqüentemente, a sua imagem ser, de certa forma, estereotipada.

Kastenbaum e Aisenberg (1983) relatam-nos que a sociedade do século XIV foi assolada pela peste, pela fome, pelas cruzadas, pela inquisição e por uma série de eventos provocadores da morte em massa. A partir daí, uma série de conteúdos negativos começam a ser associados à morte: conteúdos perversos, macabros, bem como torturas e flagelos passam a relacionar-se com a morte, provocando um total estranhamento do homem diante deste evento tão perturbador. A morte personifica-se como forma do homem tentar entender com quem está lidando, e uma série de imagens artísticas consagram-se como verdadeiros símbolos da morte, atravessando o tempo até aos dias de hoje. Isso, é fundamentalmente importante por poder proporcionar, não apenas aspectos cronológicos sobre a visão da morte, mas também a sua própria imagem pictórica.

Como resultado, é inegável ter surgido tanto um fascínio pela morte quanto, igualmente o esplendor pela vida e, no meio dessa situação, surge uma rica iconografia da morte, através da arte.

“A crescente preocupação com a morte como um terror físico e teológico achou sua expressão no que poderíamos chamar de arte “pop” do século catorze. Certamente, a morte tornara-se um objecto de percepção e de pensamento tão familiar quanto os enlatados dos supermercados e outros objectos a alguns artistas de anos recentes. Representações da morte eram populares no sentido de que estavam em tudo – estátuas, jóias, pinturas, gravuras em madeira, poemas, todos os meios para comunicar uma visão artística do mundo dedicaram-se aos temas mortuários (26). A morte tornou-se a moeda das comunicações interpessoais; de facto, momento *mori* apareceu em moedas, prendas, medalhas, roupas, e todas as espécies de artigos do comércio humano”. (Kastenbaum, 1983, p. 109)

É importante, em consequência dos estudos, registrar a ênfase dada por Xavier (2001) sobre a influência da produção artística e iconográfica existente em Portugal,

como uma das maiores no Norte da Europa e que, sobremaneira, fornece imensa quantidade de acervo histórico, nesse sentido, inclusive no que se refere aos jacentes, tanto do período romântico, quanto gótico. Salienta-se que na arte medieval, os jacentes representavam o defunto como se vivo estivesse, de tal forma que os escultores davam às esculturas, em especial ao rosto, um ar sereno e atemporal. Esta representação, é inegável, tem um efeito muito grande no imaginário das pessoas.

Entretanto, Xavier (2001, p. 39) vai mais além quando menciona o seguinte:

“O espectáculo da morte não se cingiu unicamente à arte tumular...Também nesta altura surge uma nova iconografia da a morte na arte europeia e que se converteria num dos temas favoritos das artes plásticas da época: trata-se da dança macabra”.

O autor chama a atenção para o facto de que na iconografia medieval da dança macabra acontecem mudanças significativas, pois ela adquire uma função de aspecto moral totalmente contrária à da Antiguidade onde o momento de viver é trocado pelo *memento mori*, pretendendo este acabar com toda a ilusão do viver e chamando a atenção para a finitude humana. Vale a pena registar aqui, ainda segundo o autor, que a mais antiga dança macabra representada em pintura é a do Cemitério dos Inocentes, em Paris, datada de 1424.

Enfatizando a ideia da visão da morte ainda na Idade Média, já no seu final, para precisar mais o período, é inevitável dizer que a palavra “macabro” assumia um sentido associativo cada vez mais forte, resultando num sentimento repulsivo e, ao mesmo tempo, funesto, incorporados à morte ao longo do tempo. A propósito disto, salienta-se que a palavra bizarra de origem francesa, surge no século XIV e, em consequência deste pensamento, de certa forma moderna para a época (mais ou menos 1400) a concepção da morte, tanto na arte quanto na literatura assume uma forma fantástica e espectral, como diria o próprio Kastenbaum. Assim sendo, essa visão macabra surge dos conflitos psicológicos do medo e do horror.

Focando a Arte como expressão do sistema mortuário, ainda por essa época surgem, como já nos reportamos, sob as formas artísticas a Dança da Morte, o Triunfo da Morte, a Arte de Morrer (*Ars moriendi*) e o Encontro dos Três Vivos com os Três Mortos, tornando cada vez mais comum as reproduções artísticas para representar a morte como sendo uma pessoa.

É fundamental registrar que, tratando-se de registros artísticos sobre a questão da morte, Ariès (1975, p. 148) aponta o tempo que decorre entre o século XVI e o século XVII, como sendo períodos ricos no que diz respeito a esses registros:

“O corpo morto e nu tornou-se ao mesmo tempo objecto de curiosidade científica e de deleite mórbido. É difícil separar a ciência fria, a arte sublimada (o nu casto) e a morbidez. O cadáver é o tema complacente das lições de Anatomia, objecto das pesquisas sobre as cores do início da decomposição, que não são horríveis ou repugnantes e sim verdes subtis e preciosos para Rubens, Poussin e tantos outros... As estampas de Anatomia não eram reservadas apenas a uma clientela médica; eram também procuradas pelos amantes de belos livros. Da mesma maneira, a dissecação era praticada fora dos anfiteatros; amadores tinham cabinhas de dissecação, onde colecionavam homens sob a forma de veias e músculos”.

Confirmando a afirmação de Ariès, principalmente no que diz respeito ao grande acervo existente em todo o mundo, seja em museus, seja nos anfiteatros de anatomia das universidades médicas, é inegável o registro visual sobre cadáveres dissecados, portanto referindo-se à morte, pintados pelos mais famosos e renomeados artistas. Há também uma indissociável e inerente questão sobre a relação da morte com a arte, uma vez que cadáveres humanos e de animais, foram, muito mais representados no passado do que presentemente, bastante estudados por professores, alunos e artista das Academias e Universidades de Belas Artes. O livro de *Anatomia Humana* de Testut e Latarjet é uma prova disso, pois todas as suas pranchas e figuras foram impecavelmente desenhadas por G. Devy e S. Dupret e encontram-se em todos os seus volumes, demonstrando que a relação da arte com a morte é tão antiga quanto ambas. Portanto, de Da Vinci a Rembrandt, a riqueza das pinturas sobre o corpo morto, para embelezar e exemplificar a vida é riquíssima! Basta olhar o quadro de Rembrandt *Lição de Anatomia do Dr. Tulp*, assim como *Lição de Anatomia do Dr. Deymann*, do mesmo artista. Bartolomeu Passarotti também pode ser igualmente citado pela sua gravura sobre o estudo do corpo humano, na Escola de Belas Artes.

Na verdade, ainda citando Ariès, houve também um fascínio pelo corpo morto, tornando os cadáveres objecto de manipulações, muitos passando a ser dissecados, mumificados e conservados. Portanto, é rica a representação física e psicológica dessa personagem vista por muitos artistas.

Ainda sobre essa mesma questão, voltamos a Xavier (2001, p. 54), no seu trabalho *A Morte-Símbolos e Alegorias*, no qual este se reporta concordando com Ariès, quando o mesmo diz:

“O novo e rápido desenvolvimento que elas (ciências) ganham durante o renascimento explica, pelo menos em parte, a obsessão anatômica típica da época, bem como a base naturalista que alimenta a iconografia macabra. É neste sentido que se torna inevitável uma referência ao papel da ciência. A exploração científica do corpo morto e nu torna-se natural no contexto cultural do Renascimento: a descoberta e exame dos órgãos do vivente e o estudo do esqueleto extravasam os domínios da ciência e invadem o campo da arte. As imagens anatômicas e cirúrgicas, então novidade, interessam tanto ao médico como ao artista”.

Embora possa não ser vista, pela maioria, como uma arte específica, porque não está inserida em modelos de representações artísticas da morte, dentro dos padrões alegóricos de túmulos, estátuas e outras representações normalmente utilizadas pela sociedade, a capela de Évora, poderia muito bem estar inserida nesse contexto, devido à sua imensa representação reconhecida através dos séculos.

Temos visto as mais variadas representações da morte através das suas alegorias, símbolos, pinturas e esculturas, entretanto nenhuma se assemelha em arte no que diz respeito à sua forma e estrutura como a encontrada no Convento de São Francisco, em Évora, Portugal (Fig. 15 e 16). Arriscaríamos denominar esta capela única em todo o mundo como uma espécie de alegoria viva da morte onde as suas colunas, paredes e parte do teto são construídas com partes dos próprios esqueletos de corpos mortos, outrora enterrados nos vários cemitérios das igrejas da região e suas vizinhas, totalizando mais de cinco mil esqueletos ali compactados na arquitetura da famosa capela que, recebe quase diariamente centenas de visitantes vindos de todo o Planeta. Ali, sente-se o clima pesado da presença da morte e, ao mesmo tempo, advêm imediatas reflexões sobre a finitude humana num misto de reverência, respeito e medo da presença da morte e da vida, nesse ambiente sagrado.

Existe uma frase encimando a porta de granito à entrada da Capela chamando a atenção para todos que por ali passem, com o seguinte teor: *“Nossos ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos”*.

Esta Capela que a princípio parece, para a maioria dos visitantes, assustadora aos poucos vai acomodando a emoção e introspecção da pessoa que a visita, de uma forma ou de outra, passa a perceber que a morte é parte da vida, no sentido oposto, como que tentando evidenciar através de sua estrutura física toda a alma e subjectividade que ela emana. Diz ainda a placa granítica que os fins e objectivos da Capela construída pelos religiosos foram, a princípio, os de servir de consolo a uns, e de notícia e curiosidade a outros, de tal forma que ninguém ficasse indiferente a uma capela erguida com restos mortais do próprio ser humano, e que, para além de tudo isso também se destinou à meditação e oração da comunidade ou de quantos ali vão para o encontro com a reflexão de sua própria finitude.

A Capela foi construída no século XVI pelos franciscanos e o monumento físico obedece a uma arquitectura que é formada por 3 naves de quase 20 metros de comprimento por 11 metros de largura, tendo largas frestas do lado esquerdo por onde entra a luz natural. As suas paredes e pilares são revestidos de ossos e caveiras unidos por cimento pardo. As suas abóbadas rebocadas de tijolos brancos são pintadas com motivos alegóricos à morte. O monumento é, na verdade, de arquitectura penitencial de arcarias ornamentadas com filas de caveiras, cornijas e naves brancas, como bem descreve a referida placa de apresentação. Entre os cinco mil crânios ali existentes e vindos de várias igrejas da cidade, está o de um abade brasileiro, cuja referencia, também se faz presente.

**Foto 1 - Capela dos Ossos de Évora**



**Fonte:** Foto do Autor. Évora, 2007

**Foto 2 - Capela dos Ossos de Évora (Corredor lateral)**



**Fonte:** Foto do Autor. Évora, 2007

A propósito da estética e de um “corpo físico” constituído arquitectonicamente por ossos humanos em forma de capela, unicamente encontrada em Évora, com finalidade de culto religioso e, principalmente, reflexivo, e de entendimento da aceitação da morte como uma etapa finita, do desenvolvimento humano, é importante, por outro lado, observar que a ciência também tem demonstrado cadáveres-esculturas reconstituídos, anatomicamente, pela técnica de plastinação desenvolvida pelo médico anatomista alemão Gunther von Hagens (Deleuze, 2005), onde cadáveres humanos, todos artisticamente dissecados e preparados para, chamar a atenção, através da morte, sobre a real beleza e verdadeira constituição macroscópica do corpo humano, impossível de se observar num corpo vivo, tal qual nos é apresentado em seu estado normal e natural.

A exposição tem sido itinerante e tem percorrido os principais centros acadêmicos e de exposições do mundo, causando tanta controvérsia e discórdia, quanta aceitação e elogios sobre a exposição do corpo humano como ele é, na sua constituição macroscopicamente orgânica. Na verdade, Von Hagens teve a coragem de fazer, com tecnologia moderna, exactamente o que Vesalius fez há quinhentos anos atrás: expôs, ao mundo, o corpo humano dissecado como nunca fora antes observado.

#### **Ilustração 14 - Homem Efolado**



**Fonte:** Gravura de Juan Valverde Di Hamusco, 1556 retirado de [Http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomies/Images/1200\\_pixels/valverde\\_p64.jpg](http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomies/Images/1200_pixels/valverde_p64.jpg), em 5 Maio de 2010

Juan Valverde Di Hamusco (1525-1588), espanhol de formação italiana, também estudou em Pádua e, contemporâneo de Vesalius, em cuja obra *De Humani Corporis Fabrica* se inspirou. Assim como a Exposição de Corpos de Von Garten, a obra de Valverde chocou a sociedade da época.

### Ilustração 15 - Homem e a sua pele



**Fonte:** Dissecção anatómica de Gunther von Hagens, 2001 Body Exhibition em Lisboa (Primavera de 2007), retirado de [http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomies/Images/1200\\_pixels/valverde\\_p64.jpg](http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomies/Images/1200_pixels/valverde_p64.jpg) em 30 de Março de 2007.

As polémicas dissecações e exposições do anatomista alemão Gunther von Hagens, apresentam um forte referencial anatomo-tecnológico inspirado no trabalho de Vesalius realizado há pouco mais de 500 anos atrás e que por sua vez, chocou e encantou o mundo ao mesmo tempo com sua *De Humani Corporis Fabrica*. Talvez seja correcto dizer que, hoje, a obra de Von Hagens representa a mais natural e genuína obra de arte sobre a morte humana.

### Ilustração 16 - O Corpo Humano



**Fonte:** foto do autor. Body Exhibition em Lisboa (Primavera de 2007) retirado de [http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomies/Images/1200\\_pixels/valverde\\_p64.jpg](http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomies/Images/1200_pixels/valverde_p64.jpg), em 30 de Março de 2007

Na realidade, ao longo de toda a história da humanidade a arte foi e sempre será utilizada para evidenciar os mais valiosos registos da trajetória do ser humano na Terra e, assim como a vida, a morte também está nesse contexto, fortemente representada pela iconografia, e na arte como um todo.

### Ilustração 17 - Biologia e Morte



**Fonte:** Tela do Autor, 2005

Na verdade, na visão do autor, de acordo com a tela, a morte pode ser vista como uma intersecção da vida, dela fazendo parte enquanto determinante da sua finitude. Por outro lado, a vida acha-se protegida pela Natureza, interagindo com a mesma durante todo o seu processo vital ontogenético.

### Ilustração 18 - Cavaleiro, Morte e Demónio



**Fonte:** Albrecht Dürer, 1513, retirado de [http://translate.google.com/translate?hl=pt-gpair=en%7Cpt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Knight,\\_Death\\_and\\_the\\_Devil](http://translate.google.com/translate?hl=pt-gpair=en%7Cpt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Knight,_Death_and_the_Devil), em 15 de Junho de 2008.

Cavaleiro, Morte e o demónio, também conhecido como *O Cavaleiro*, representa uma alegoria sobre a salvação cristã. O cavaleiro acha-se surpreendido pela morte à sua frente, com seu relógio de areia, como que determinando o seu tempo. Atrás dele está o demónio, como se o perseguisse.

A figura mostra-nos dois cavaleiros em situações e aspecto diferentes. O do primeiro plano tem à sua frente, no chão, uma caveira e uma lápide com os seguintes dizeres: S 1513 e por baixo desta data um A maiúsculo, dentro da qual se encontra um D, também maiúsculo. Entre as duas patas do cavalo do cavaleiro, no primeiro plano observam-se objectos de adorno.

Em segundo plano temos um cavalo a olhar fixamente e com ar de comiseração para a caveira, enquanto o cavaleiro, de chifres na cabeça, símbolo do demónio tentador, olha para o cavaleiro principal de forma ambígua e ameaçadora. Que significado poderá ter a lápide e os objectos de adorno?

Talvez possamos imaginar que o ano 1513 signifique o ano em que o cavaleiro deverá morrer ou já morreu. Quanto às letras A e D podem ser as iniciais da do artista Albrecht Dürer. Se isso é verdade então o artista estaria a ser personificado pelo cavaleiro, ameaçado pela morte. Mas essas iniciais também podem sugerir a frase latina *Ad Dominum* (caminhar) em direcção ao Senhor que se adaptariam a um epitáfio cristão. Relativamente aos objectos de adorno que se encontram já atrás da cabeça do cavalo poderão querer dar a ideia de que tudo o que se relaciona com as vaidades deste mundo devem ficar para trás, ou seja, não irão com o cavaleiro para a outra vida, *Ad Dominum*.

**Ilustração 19 - Os quatro cavaleiros do Apocalipse**



**Fonte:** Albrecht Dürer, 1471/1528, retirado de [http://lj.rossia.org/users/john\\_petrov/166993.html](http://lj.rossia.org/users/john_petrov/166993.html), em 11 de Junho de 2007

Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse constituem a mais conhecida e mais frequente referência da cena do Apocalipse. Depois de abrir os quatro selos, os cavaleiros chegam ao mundo trazendo a praga, a guerra a fome e a morte para a humanidade. Os quarto cavaleiros são: O Conquistador, segurando um arco; a Guerra,

com uma espada; a Fome (inanição) com um par de réguas; a Morte, num cavalo seco, bem perto seguido por Hades. Os quatro cavaleiros têm sido interpretados de várias maneiras. Na Idade Média a primeira interpretação foi para Cristo e a Igreja; porém mais comumente todos os quatro são vistos como os agentes do castigo divino.

**Ilustração 20 - As três idades da Morte**



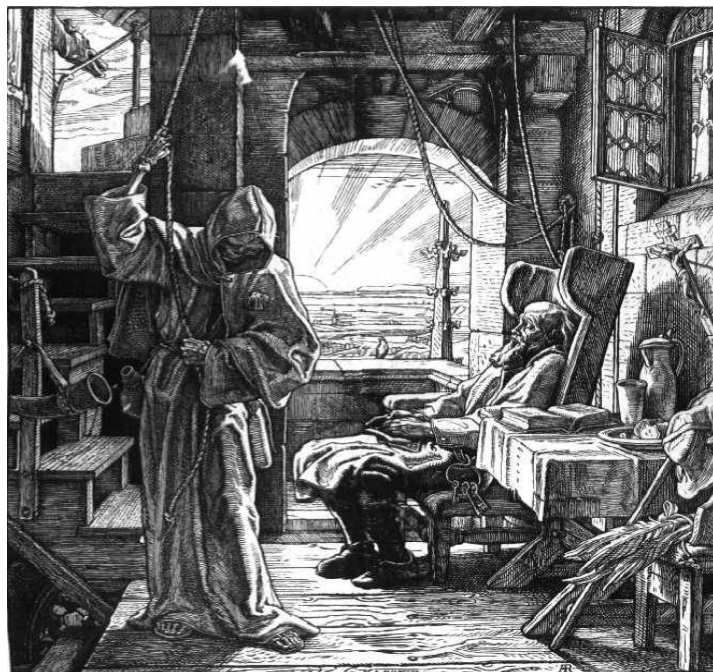
**Fonte:** Hans Baldung Grien, retirado de [http://translate.google.com/translate?hl=pt-PT&langpair=en%7Cpt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Three\\_Ages\\_of\\_Man\\_and\\_Death](http://translate.google.com/translate?hl=pt-PT&langpair=en%7Cpt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/The_Three_Ages_of_Man_and_Death)

Com as Três Idades da Morte, Hans Baldung Grien pintou uma alegoria da vida cheia de símbolos. É uma alegoria da vida, apesar das três mulheres estarem tristes, do nascimento à velhice, não expressando qualquer tipo de ânimo. A morte segura um relógio de areia (ampulheta) na sua mão, símbolo tradicional da passagem do tempo. Ela tem o seu braço ao redor do braço da mulher idosa, conduzindo-a em direção ao mundo.

Mesmo assim, a vida continua: uma das mulheres é uma moça jovem em idade de procriar. A lança, segurada pela Morte, é um claro símbolo de desfloração. A mulher

irá parir uma criança, a qual irá também crescer e um dia se encontrará, ela mesma, nos braços da morte. Tudo deve submeter-se ao tempo, porém a natureza humana sobreviverá, perpetuando-se, assim, o ciclo da vida, provendo-a de beleza e juventude (Museu do Prado, Madrid).

**Ilustração 21 - A Morte como um amigo**



**Fonte:** Xilogravura de Alfred Rethel, 1851, retirado de <http://translate.google.com/translate?hl=pt-PT&langpair=en%7Cpt&u=http://www.myspace.com/erisbandofficial/photos/2041848> , em 12 de Fevereiro de 2007.

Este trabalho de Alfred Rethel foi entalhado em 1851 e tornou-se uma das mais raras representações positivas da Morte, pois nesse contexto a morte apresenta-se como um amigo. É a imagem pacífica de um “batedor de sino”, morrendo numa cadeira enquanto olha o pôr-do-sol. A Morte surge para bater o sino em seu lugar, repicando as badaladas da sua própria morte ao mesmo tempo. É uma visão sensível e emocionante da representação da morte muito bem transmitida pelo artista.

### Ilustração 22 - A Criança

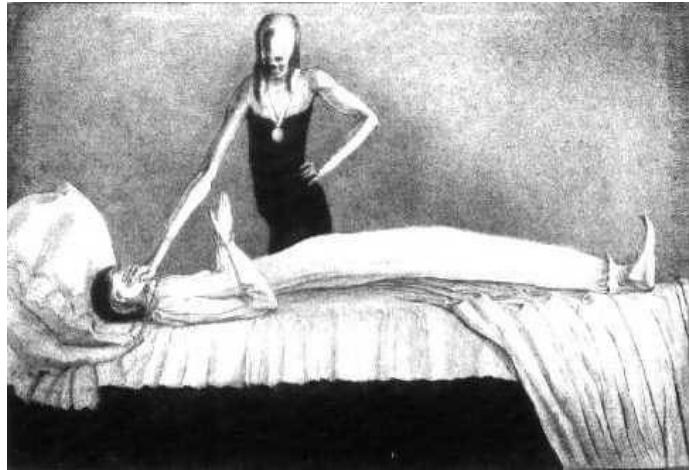


**Fonte:** Max Klinger, 1889, retirado de <http://translate.google.com/translate?hl=pt-PT&langpair=en%7Cpt&u=http://www.flickr.com/photos/repetti/3670442887/>, em 23 de Novembro de 2007.

Este trabalho de Max Klinger, feito em 1889, é parte de uma colecção sobre o tema intitulado *Da Morte*. Vemos nessa representação que a mãe, durante o passeio com a criança adormece num banco. Observa-se o carrinho da criança ao seu lado, vazio, enquanto à direita, a Morte segue o seu caminho, levando a criança que, provavelmente, caiu do seu carro.

A riqueza da representação da arte, nesse particular, em relação à morte é ampla no sentido eclético que cada artista expressa. Assim sendo, mais rico ainda se torna o significado da morte, da perda ou da separação no que diz respeito à finitude humana na visão do artista e na interpretação do espectador.

### Ilustração 23 - O Melhor Médico



**Fonte:** - Alfred Kubin, retirado de [http://translate.googleusercontent.com/translate\\_c?hl=pt-PT&langpair=en%7Cpt&rurl=translate.google.com&twu=1&u=http://www.tumblr.com/tagged/alfred-kubin%3Fbefore%3D1318277504&usg=ALkJrhg1jXJAtY4Z2LjVWTJlyNlBS9r-Zg](http://translate.googleusercontent.com/translate_c?hl=pt-PT&langpair=en%7Cpt&rurl=translate.google.com&twu=1&u=http://www.tumblr.com/tagged/alfred-kubin%3Fbefore%3D1318277504&usg=ALkJrhg1jXJAtY4Z2LjVWTJlyNlBS9r-Zg), em 14 de Março de 2008

Alfred Kubin, *O pastor dos infernos*, o *Goya Australiano*, tinha uma alma torturada e cheia de conflitos. Ele sofria mais enquanto criava, e o tema da Morte tinha um lugar significativo nos seus trabalhos. Um dos seus primeiros desenhos representa a Morte de um homem morrendo numa cama e intitula-se: *O melhor Médico*.

A silhueta feminina da Morte, vestida de preto com uma medalha ao redor do pescoço, é amedrontadora, como se fosse uma mulher a morrer, num corpo longo vestido de branco. Nós temos aqui uma das raras representações da Morte como sendo uma mulher.

No final do século XV surge uma nova forma artística de se ver a arte em relação à morte, especialmente no que diz respeito ao erotismo. Encontramos na literatura vários desenhos e pinturas sobre o tema da Morte e a Moça, que nos remetem à Renascença.

Em muitas danças da Morte, já figura uma representação da Morte com uma bela dama ou uma bela virgem. A imagem de uma mulher jovem também foi encontrada nas Três Idades da Morte. Entretanto, em ambos os casos, não havia traços de erotismo. Mas, com o tema da Morte e a Moça, alguma coisa nova aconteceu. As pessoas descobriram uma fronteira escura entre sexualidade e morte. Neste tipo de iconografia, a jovem dama não estava mais envolvida numa dança, porém numa relação

sexual, o qual irá tornar-se mais erótico à medida que o tempo passa. Diferente da dança da morte, as figuras da Morte e a Moça, não têm nenhum verso explicativo. Atribui-se a isso, este novo tipo de ilustração perdido de certa forma de sua intensidade dramática; seu papel didáctico tornou-se menos importante.

Por outro lado, a sua forma de arte ganhou um tipo de intimidade como se pode observar nas figuras 19, 20 e 21. Entretanto, apesar da sensualidade deste género, ainda tinha um objectivo moralista; ela manteve o ênfase no facto de que a vida é curta como a beleza de uma mulher. O seu corpo, a sua face, o seu cabelo e o seu busto um dia serão comidos pelos vermes.

O tema *A Morte e a Moça*, tem sido, às vezes, usado por alguns artistas como pretexto para representar a nudez feminina, cujo contraste torna o belo e o terror, mais evidentes ainda.

**Ilustração 24 – A Morte e a Moça**



**Fonte:** - Niklaus Manuel Duesch, 1517, retirado de [http://www.lamortdanslart.com/fille/fille\\_manuel.jpg](http://www.lamortdanslart.com/fille/fille_manuel.jpg), em 15 de Janeiro de 2007

A representação do quadro de Niklaus Manuel Duesch pintado em 1517, mostra a transição entre a dança da morte e o tema da morte e a moça, como diz o seu título *Death and the maiden*. Neste contexto artístico a morte é um corpo fétido o qual parece acariciar a jovem num primeiro momento; agarra-a pelo pescoço, beija-a e põe as suas mãos no seu sexo. A garota parece não resistir a esse temível amante.

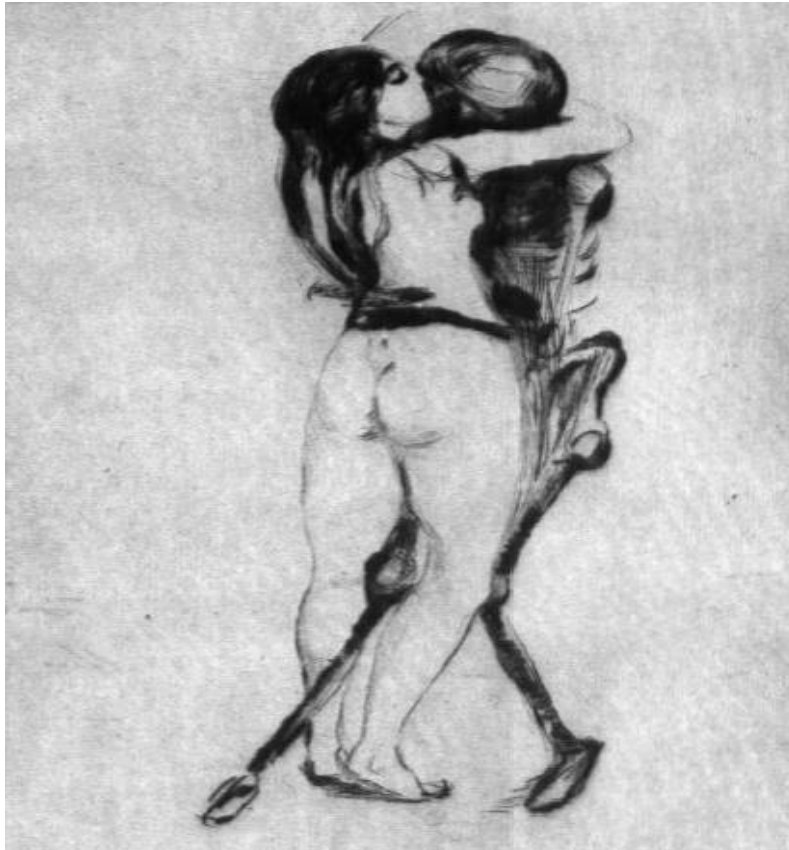
#### Ilustração 25 - A Morte e a Moça



**Fonte:** - Hans Baldung Grien, *Der Tod und das Mädchen*, 1517. Retirado de ({{Pintura | Título = <br /> \*\*\*de:"Der Tod und das Mädchen (Der Tod und die Wollust) | Técnica = <br /> \*\*\*de:"Gefirnißte Tempera, Lindenholz | Dimensões = <br /> \*\*\*de: 30,3 × 14,7"cm | Localização = <br /> \*\*\*de:"Basel | País = <br /> \*\*\* ' "de:") em 11 de Janeiro de 2007

Na ilustração 25, temos *A Morte e a Moça*. Em 1517, Hans Baldung Grien pintou este quadro em que a Morte se aproveita de uma garota puxando-lhe pelo cabelo e forçando-a a descer para o túmulo escavado perto dos seus pés. A morte indica com a sua mão direita o túmulo. A menina, completamente nua, não tenta resistir. A sua boca é melancólica, os seus olhos estão vermelhos e lágrimas escorrem pelo seu rosto. Ela sabe que é o fim.

### Ilustração 26 - A Morte e a Moça



**Fonte:** - Edvard Munch, 1894, retirado de <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0512/Pintura.pdf>, em 13 de Setembro 2008

Edvard Munch completou esta gravura (Ilustração 26) em 1894 um ano depois do original, uma pintura a óleo. Aqui, a morte é um esqueleto; já não existe carne à sua volta. Neste trabalho, Munch não se prende às representações tradicionais. No início da Renascença, a morte era sempre representada numa forma sexualmente agressiva. Nesta imagem, Munch sugere uma vitória do Amor sobre a Morte: a jovem não é dominada pela morte, mas ela abraça-a apaixonadamente.

### Ilustração 27 - O Triunfo da Morte segundo Pieter Bruegel



**Fonte:** Pieter Bruegel, 1562,  
retirado de <http://en.wikipedia.org/wiki/File:TheTriumphofdeath.jpg>, em 10 de Maio de 2010

Nesta visão do fim do mundo, pintado por Pieter Bruegel, *o Velho*, por volta de 1562, a Morte está no centro. Ela está armada com uma foice e cavalga um cavalo manso. Ela empurra os homens para uma abertura cuja porta está marcada com uma cruz – obviamente uma porta de armadilha...uma horda (multidão) de esqueletos invade o precipício; eles ceifam todos os homens sem exceção, o rei bem como a mãe e suas crianças, o cavaleiro assim como as belas damas, o camponês assim como os amantes tocando música sem notarem a presença dos esqueletos atrás deles. Alguns jogadores de baralho tentando defenderem-se das suas espadas; eles ainda não entenderam que qualquer resistência é fútil.

A paisagem reflecte sua morte: as árvores e a grama secaram num inferno de fogo atrás da montanha, os esqueletos matam homens e mulheres em todo o lugar, afogando-os, enforcando-os, degolando-os. Um homem na tentativa de escapar chora por misericórdia, mas em vão, as suas mãos estão acorrentadas. Não há sequer uma promessa de redenção ou ressurreição neste quadro. Esqueletos batem o sino, não há mais esperança alguma.

### Ilustração 28 - O Triunfo da Morte segundo Alfred Rethel



**Fonte:** – Alfred Rethel, 1848 Medieval themes revisited in 19th century music and culture by Erin Brooks Department of Music Faculty Mentor: Elizabeth Markham Department of Music, retirado de <http://www.kunstdirekt.net/Symbole/allegorie/rethel/totentanz6.jpg>, em 30 de Outubro de 2006

Este trabalho de Alfred Rethel (Ilustração 27), é parte duma série de xilografuras entalhadas do ano de 1848. Elas lembram um pouco a dança da morte, porém sem formar um casal com um indivíduo, como noutras gravuras deste tema. Por isso recebeu o nome de *Morte Triunfante*. A própria morte, sentada no seu cavalo em frente duma casa destruída. Aos seus pés, alguns homens estão a morrer nas suas barricadas, à direita, também ele já destruído. À esquerda, uma mulher e uma criança choram, indubitavelmente lamentando a perda do marido e pai.

Este trabalho foi inspirado na repressão sangrenta da revolução de 1848, e representa a morte como o líder e único vencedor da batalha. Rethel viveu a revolução como uma espécie da dança da morte, como formalmente o artista viveu a praga.

### Ilustração 29 - São Jerónimo



**Fonte:** Albrecht Dürer - Olga's Gallery, retirado de <http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt/pt-PT/exposicao%20permanente/obras%20referencia/ContentDetail.aspx?id=215>, em 11 de Janeiro 2007.

O crânio como símbolo da morte é uma representação comum da natureza humana e, ganhou essa conotação desde que esqueletos eram colocados em ossários ao lado de tumbas onde os seus corpos foram enterrados. Depois com o advento da ciência e a utilização do cadáver para o estudo da Anatomia, essa visão passou a ter uma conotação maior ainda como representante do morto, porém nesse caso, como útil para o desenvolvimento da vida, pois o estudo do corpo humano passa a ser, após a Renascença, imprescindível para a medicina, a qual combate a morte. Nesse sentido, estabelece-se um paradoxo, a morte em prol da vida (Ilustração 25).

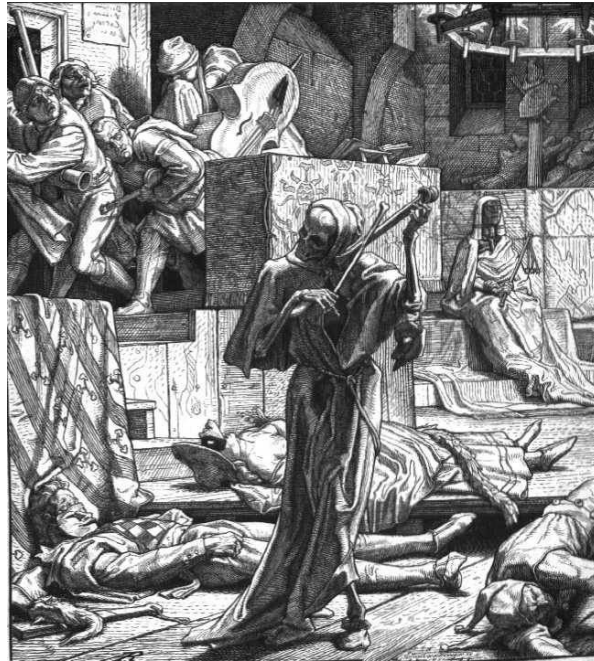
### Ilustração 30 - Caveira com Cigarro Aceso



**Fonte:** Vincent van Gogh's Museum, 1886, retirado de <http://www.ruadireita.com/arte/info/caveira-com-cigarro-aceso/>, em 20 de Dezembro de 2008

Quando Van Gogh, pintou esta tela (Ilustração 30), quis passar a mensagem dos males que a nicotina causa, deixando assim o livre pensar de que o homem também provoca a sua própria morte, quando estimula as indústrias de tabagismo que, através do cigarro, são causadoras de um dos maiores índices de mortalidade moderna. O esqueleto sugere a representação da morte desde a Idade Média.

**Ilustração 31** - Morte como um degolador.



**Fonte:** Alfred Rethel, 1851 The Columbia Encyclopaedia, Sixth Edition, retirado de <http://dianombabydoll.tumblr.com/post/9345875684/alfred-rethel-1851>, em 27 de Dezembro 2008

Este trabalho foi esculpido por Alfred Rethel em 1851. Não foi somente a praga que teve a oportunidade de ser uma nova representação da morte. No século XIX outro tipo de doença infectou grandemente a Europa: a cólera (Ilustração 31).

Rethel desenhou a Morte como uma degoladora e entalhou-a, mais tarde, uma vez que talha era um género popular, naquela época. Ele inspirou-se num acontecimento que foi celebrado pelo poeta Heinrich Heine o qual fez uma brincadeira com a cólera no ano de 1832, num baile de máscara no Carnaval de Paris. Aqui a morte toca violino, enquanto os músicos escapam. Perto deles encontra-se a silhueta de uma figura feminina, enrolada numa capa: símbolo da doença. No solo, algumas pessoas já mortas de cólera, jazem inertes.

A questão da personificação contemporânea da morte, ainda no que diz respeito ao imaginário, tanto individual quanto colectivo, sobre a forma do ser humano ver a morte, nos dias de hoje, apesar de todo os aspectos culturais e sociais, a ideia presente da morte, está a adquirir uma nova configuração e fundamentação contemporâneas, sem que necessariamente, nos apercebamos disso. Por outro lado, fica claro que, no nosso imaginário, a morte assume tanto uma configuração física, quanto disforme ou amorfa, levando-nos a imaginar, ao mesmo tempo, inconstantes e diversificadas formas das suas

representações. A arte de Gustav Klimt (1916), confirma essa tendência, como evidencia a ilustração 32.

**Ilustração 32 - A Vida e a Morte**



**Fonte:** Gustav Klimt, 1916 South Kensington Museum – Londres, retirado de <http://www.pintoresfamosos.com.br/?pg=klimt>, em 23 de Fevereiro de 2008

#### **4 - MORTE ATRAVÉS DAS RELIGIÕES**

Praticar o culto da morte faz parte das nossas raízes culturais e aceitar que cada cultura tenha os seus próprios costumes, hábitos, religiões e modo de encarar a vida é uma obrigação do homem contemporâneo frente aos diferentes grupos sociais. Nesse sentido, a morte pode ser vista como uma grande organizadora cultural que, apesar de todas as diferenças culturais entre os povos, torna o homem, ao mesmo tempo único e igual, no que diz respeito à sua própria finitude como indivíduo no contexto universal.

Esta premissa, embora parecendo um paradoxo, remete-nos a Parkes et al. (2003, p. 67) quando este autor nos lembra que “não existem, emoções universalmente presentes na morte. Os tipos de emoções sentidas, o modo como são expressas e a forma como são compreendidas, são assuntos de cultura”.

Assim sendo, é fundamental que entendamos que todas as religiões adaptaram as suas crenças por influências culturais, voltadas para a fé, mesmo que existam conflitos

por causa dos diferentes credos e práticas religiosas. Sobre essas diferenças e sobre as diferentes formas da prática da fé e dos seus dogmas, que muitas vezes geram resistências e conflitos sociais, Parkes et al (2003, p. 36), refere que: “Estamos em risco de perder um dos mais importantes atributos da religião: o respeito pelo sagrado”.

É, oportuno, nesse sentido, observarmos que a cultura constitui um meio de comunicação com o mundo, meio este que fornece dispositivos capazes de pensar e agir sobre ele. Deste modo, lembramos Lucien Lévy-Brühl (1938), que menciona que cada sociedade possui a sua própria categorização, assim como as suas próprias crenças e valores, com o fim de se ajustar e poder conviver com o mundo e as suas diversas sociedades.

Somente compreendendo esses princípios e, aceitando as particularidades, as diferenças e semelhanças individuais, sociais, religiosas e, sobretudo culturais é que podemos vislumbrar o entendimento e o conhecimento sobre o homem como sujeito ou como um todo e ser capaz de comunicar com o outro e com a diversidade cultural (Ramos, 2001, 2004).

As religiões das diversas sociedades, ao longo do tempo, têm influenciado grandemente as crenças de seus povos e, ao mesmo tempo, são influenciadas pelas diversas culturas, oriundas dos povos entre si, ora separando-os culturalmente, porém mantendo todos a mesma preocupação e indagação sobre a morte.

Há entretanto, consenso tanto pelos aspectos culturais de cada povo, como pelas suas crenças, em particular, fazendo com que haja respeito entre si. Essas diferenças fundamentais de manifestações das diferentes crenças podem ser constatadas nas principais religiões como o Judaísmo, o Cristianismo, o Islamismo, o Budismo e o Hinduísmo, cada uma delas com os seus próprios rituais e atitudes perante a morte.

Assim como a morte não tem sido fácil de ser conceituada, conceituar a cultura apresenta similar dificuldade, dado a sua diversidade e abrangência na evolução de seu significado pelos diversos grupos sociais. Entretanto, entendemos por cultura um conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização.

Nesse sentido, mais uma vez lembramos Morin (2005, p. 53) quando o mesmo afirma que a humanidade advém de uma pluralidade sedimentada em trindades, as quais descreve como sendo as seguintes: trindade indivíduo-sociedade-espécie; trindade cérebro/cultura-espírito e trindade razão/afectividade/pulsão. Sobre esta questão ele aponta:

“O indivíduo humano, na sua própria autonomia, é, ao mesmo, tempo, 100% biológico e 100% cultural. Submete-se à autoridade do superego social e absorve a influência e a norma de uma cultura; vive, sem parar, na dialógica descoberta por Freud entre o *superego*, o *id pulsional* e o ego. O indivíduo encontra-se no nó das interferências da ordem biológica da pulsão e da ordem social da cultura; é o ponto do holograma que contém o todo (da espécie, da sociedade) *conservando-se irredutivelmente singular.*”

Assim sendo, através das diferentes culturas e religiões, a morte configura-se como excelente mediadora, onde é comum e igual para todos, incontestavelmente.

#### **4.1 - A MORTE, SEGUNDO O BUDISMO**

O Budismo, no entender de Parkes et al (2003, p. 116), prega o renascimento ou reencarnação e foi fundado por um príncipe indiano, chamado Siddharta Guatama que viveu aproximadamente entre 563 e 483 a.C., no Nepal. De certa forma, o Budismo é dissidente da tradição hindu, pois o seu fundador foi criado e educado em ambiente hindu, a partir do qual buscou novos caminhos de libertação, sustentados na filosofia dos ensinamentos básicos do budismo que são: evitar o mal, fazer o bem e cultivar a própria mente, purificando o pensamento. O leigo deve praticar três virtudes: a fé, a moral e a benevolência. Para eles, todo o ser humano é iluminado, embora não tenha consciência disso.

No que diz respeito à finitude humana, entre todas as religiões, o Budismo possui uma relação particular com a morte, enfatizando o princípio da não permanência dos seres e consciencializando o ciclo do nascimento, morte e renascimento. Na verdade, para o Budismo, a morte é apenas o começo de uma nova vida, sendo pois vista como uma fase positiva, para a qual os seus adeptos se preparam durante toda a vida.

Após a morte, o espírito volta em outros corpos, subindo ou descendo na escala dos seres vivos (homens ou animais), de acordo com a sua própria conduta. O ciclo de

mortes e renascimentos permanece até que o espírito se liberte do karma (ações que deixam marcas e que estabelece uma lei de causas e efeitos)

**Ilustração 33 - Estátua de Buda no Templo Mahabodhi**



**Fonte:** Deity of Lord Buddha in Mahabodhi Temple, Boddh Gaya. Bihar, retirado de <http://viagensculturais.wordpress.com/2011/02/28/bodhgaya-local-da-iluminacao-de-gautama-buddha/>, em 2 de Fevereiro de 2007

O ritual budista da morte, normalmente inicia-se com o recolhimento do moribundo, o qual se desapega do mundo da ilusão para se preparar para sua partida. Consciente deste estágio, ele reza para merecer uma reencarnação digna e boa. Após a morte, o ritual é procedido com a participação da família, dos monges, da sociedade local e, ainda, um astrólogo que conduz o horóscopo do morto e que, a certa altura, determina que o corpo seja devidamente cremado, pois para os budistas o fogo permite queimar também os pecados e as ligações que o morto tinha com o mundo.

O destino de seu espírito após a morte é determinado pelo seu karma e rituais dos monges, segundo são conduzidos. Sobre esta passagem, Parkes et al. (2003, p. 116), enfatiza:

“O destino de uma pessoa após a morte não é apenas determinado pelo seu auto-criado karma: sendo também determinado pelas energias positivas emanadas a partir das orações sinceras dos monges e entes queridos”.

#### 4.2 - A MORTE SEGUNDO O HINDUÍSMO

Hinduísmo, também denominado Bramanismo (crença na alma universal), é a principal religião da Índia e é, por sua vez, considerada uma das religiões mais antigas do mundo, sendo constituída por várias crenças, entre as quais se destacam três divindades: *Brama* (o Deus impessoal e Criador de todas as coisas), *Vishu* (o Deus conservador) e *Shiva* (o Deus destruidor).

Os hindus acreditam num espírito supremo cósmico, que é adorado de muitas formas, representado por divindades individuais. É considerada uma religião norteadada por quatro livros dos Vedas, que formam um conjunto de textos sagrados que teriam sido enviados pelo Absoluto Divino, proporcionando uma livre comunicação do homem com a sociedade. Por essa razão Delumeau (1999) atesta que o Hinduísmo é um sistema sócio-religioso indissolúvel.

Os livros sagrados evidenciam ainda dois importantes princípios norteadores no Hinduísmo antigo: o *Karma* que é a natureza com a qual os homens nascem e, portanto, decidem o seu destino e os resultados de suas acções e a *Metempsicose* (crença na transmigração das almas, ou seja, a reencarnação num outro ser vivo, após a morte) Assim sendo, a visão hindu de vida após a morte é centrada na ideia de reencarnação, assim como no Budismo

Para os hinduístas, a alma liga-se a este mundo por meio de pensamentos, palavras e atitudes. Quando o corpo morre ocorre a transmigração. A alma passa para o corpo de outra pessoa ou para um animal, a depender das nossas acções, pois, a toda acção, corresponde uma reacção - Lei do Karma. Os hindus possuem crenças distintas, mas todas são baseadas na ideia de que a vida na Terra é parte de um ciclo eterno de nascimentos, mortes e renascimentos.

**Ilustração 34 - Brama, uma das principais divindades do hinduísmo.**



**Fonte:** <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:KamakuraDaibutsu4049.jpg>, em 2 de Fevereiro de 2007

Os rituais sagrados após a morte também seguem uma ordem estética e ritualista baseado na fé, pois é um dever sagrado a família e a comunidade hindu lidarem com a morte. Há também um certo preparo para a morte, sobre o qual o moribundo já tem consciência.

Após a morte, o corpo é lavado pelos familiares incumbidos da tarefa, o qual é ornamentado com flores e conduzido numa procissão para o fogo, cuja pira é acesa pelo filho mais velho, onde é finalmente cremado. Depois de obedecido os devidos rituais da queima do corpo, a viúva desfaz-se da marca de casada e assume o luto, vestindo *saris brancos* por um ano, enquanto os filhos rapam a cabeça, deixando apenas um tufo de cabelo característico.

#### **4.3 - A MORTE, SEGUNDO O ISLAMISMO (RELIGIÃO MUÇULMANA)**

O Islamismo é uma religião monoteísta, também considerada uma das maiores religiões do mundo que surgiu na Península Arábica no século VII, cujos ensinamentos religiosos se baseiam no profeta Maomé (*Muhammad*) e numa escritura sagrada, o Alcorão, o qual não deve ser manuseado por pessoas impuras. Os muçulmanos, assim

como os cristãos, acreditam num Deus único. Os muçulmanos dão a esse Ser Único o nome de Alá.

A palavra Islão, de origem árabe, significa entrega, submissão e obediência voluntária a Deus que é Criador regente do Universo e, assim como a Natureza, a vida é regida por leis naturais e biológicas, seguindo sua ordem através do nascimento, crescimento, vida e morte. Para esta religião, no que diz respeito à vida, esta seria apenas um meio de chegar ao reino de Deus, enquanto a morte um meio de passar para a eternidade, onde a alma aguardará o dia da ressurreição. Esta crença também considera a existência do inferno e do paraíso e que no momento da morte, o Anjo da Morte, anunciará, para os bons, o perdão de Deus e para os maus, a sua ira.

Para o islamismo, Alá (Deus) criou o mundo e trará de volta a vida a todos os mortos no último dia. As pessoas serão julgadas e uma nova vida começará depois da avaliação divina. Esta vida seria então uma preparação para outra existência, seja no céu ou no inferno.

**Foto 3 - A Cúpula da Rocha, em Jerusalém**



**Fonte:** <http://www.minube.pt/fotos/sitio-preferido/1807?user=FreezeMan>, em 25 de Abril de 2007

Após a morte, o corpo do morto repousa sobre uma superfície dura, onde é lavado, os olhos fechados, os pés são reunidos e os braços estendidos lateralmente e depois vestido com roupas brancas e limpas para que o mesmo fique limpo e pronto para receber as orações e demais procedimentos rituais, como o enterro que é realizado

por homens que, depois de jogarem grandes quantidades de areia, abandonam o local para que o sacerdote fique rezando para cumprir as obrigações do próprio rito.

Nesse sentido, para os muçulmanos, a morte é tida como um momento de passagem para outro nível e, no juízo final, ocorrerá a esperada ressurreição, onde as almas retomarão os corpos jovens e, um novo ciclo, se restabelece.

#### **4.4 - A MORTE, SEGUNDO O ESPIRITISMO**

Espiritismo é a crença segundo a qual a essência humana é baseada na existência de um espírito imortal, que pode estar entre os vivos ou não, admitindo vidas sucessivas (reencarnação) ou não e a comunicação entre os vivos e os mortos, geralmente pelo intermédio de um médium, por isso seu principal organizador, atesta:

“A única garantia séria do ensinamento dos Espíritos está na concordância que existe entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares.” (Kardec, 1984a, p. 11)

Os princípios fundamentais do Espiritismo, ( a imortalidade da alma, a reencarnação e a evolução do espírito imortal) não pertencem a pessoas ou partidos e tem sentido universal. A doutrina espírita defende a continuação da vida após a morte num novo plano espiritual ou pela reencarnação em outro corpo. Aqueles que praticam o bem evoluem mais rapidamente. Os que praticam o mal recebem novas oportunidades de melhoria através das inúmeras encarnações. Crêem na eternidade da alma e na existência de Deus, mas não como criador de pessoas boas ou más. Deus criou os espíritos simples e ignorantes, sem discernimento do bem e do mal. Quem constrói o céu e o inferno é o próprio homem.

O entendimento do espiritismo hoje envolve várias doutrinas religiosas e filosóficas que acreditam na imortalidade do espírito sobre o corpo e, principalmente, na possibilidade de se comunicar com os espíritos através de rituais ou naturalmente.

Assim sendo, segundo os seguidores do espiritismo, a morte não existe. O espírito usa o corpo físico como instrumento para se aprimorar e ter suas vivências. Portanto, quando o corpo morre, o espírito desliga-se e permanece no mundo espiritual

estudando e preparando-se para uma nova encarnação. Com a reencarnação, o espírito adquire experiências e evolui noutra corpo sucessivamente.

No que diz respeito aos rituais, as pessoas espíritas velam e enterram os seus mortos da mesma maneira que os demais religiosos velam os mortos, fazem suas preces e procuram manter o equilíbrio porque o espírito do desencarnado pode continuar por perto durante algum período. Apesar do ritual ser semelhante ao dos católicos, por exemplo, os espíritas não usam velas nem flores ou outros ornamentos nas cerimônias fúnebres. O corpo pode ser enterrado ou cremado, conforme o desejo do morto, quando em vida, ou da família. Não há luto no que concerne às vestes ou indumentárias e a vida dos familiares segue normalmente.

#### **4.5 - A MORTE, SEGUNDO O CRISTIANISMO**

O Cristianismo é uma religião monoteísta baseada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tendo herdado a crença do judaísmo, propagando a existência em num único Deus, criador do universo e que pode intervir sobre ele. É a religião predominante na Europa, América, Oceânia e em grande parte de África e partes da Ásia. Como mostra Carmo, (2005, p. 151) sobre a sua importância e a abrangência em todo o mundo:

É, sem dúvida, a mais universal, não só por ser praticada por um terço da humanidade, como por ter chegado a todos os países do planeta, podendo dizer-se que não há sítio, por mais recôndito, onde as missões não tenham chegado.

Para o Cristianismo, a morte é terrena e passageira, pois segundo Cristo e através Dele, cada ser humano tem uma alma imortal e eterna, a qual depois da morte física, ressuscitará um dia, pois Jesus ligou a fé à ressurreição, revelando assim a visão cristã da morte.

Portanto, com essa visão o Cristianismo estabelece na sua crença que a nossa vida, na verdade, possui duas fases distintas, uma biológica que é física (corpo) e outra espiritual (alma), estabelecendo uma passagem de uma para a outra.

Várias outras religiões também estabeleceram, em seus escritos sagrados, suas crenças e preceitos sobre a extinção da vida, porém ainda assim, permanece o mistério sobre a morte e da morte sobre a vida.

Há diferentes correntes no Cristianismo, em virtude da dissidência de seguidores da Igreja católica, como Martinho Lutero, responsável pela reforma no catolicismo, denominada reforma protestante, que ocorreu no início do século XVI e que *protestou* contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica, propondo, assim, uma reforma no catolicismo. No entanto, a maioria das denominações cristãs professa crer na Santíssima Trindade, isto é, que Deus é um ser eterno que existe como três pessoas eternas, distintas e indivisíveis: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

A vida depois da morte está inserida na crença de um *Céu*, de um *Inferno* e de um *Purgatório*. Dependendo de seus actos, a alma se dirige para cada um desses lugares.

A alma é eterna e única. Não retorna em outros corpos e muito menos em animais. Crê na imortalidade e na ressurreição e não na reencarnação da alma. A Bíblia ensina que morreremos só uma vez. Ao morrer, o homem cristão é julgado pelos seus actos em vida, no Juízo Final. Quando os mortos ressuscitarem para uma vida eterna junto a Deus, se eles obtiverem o perdão, alcançarão o céu, onde a pessoa viverá em comunhão e participação também com todos os outros seres humanos. Ao contrário, se for condenado irá para o inferno.

**Ilustração 35 - Cruz, símbolo oficial do Cristianismo**



**Fonte:**[http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.quitandinha.com/images/Broche\\_Cruz\\_Dourada.jpg&imgrefurl=http://www.quitandinha.com/product\\_info.php%3Fproducts\\_id%3D6727&usg](http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.quitandinha.com/images/Broche_Cruz_Dourada.jpg&imgrefurl=http://www.quitandinha.com/product_info.php%3Fproducts_id%3D6727&usg), em 10 de Junho de 2007.

Os rituais de morte seguem uma sequência que têm sido muitas vezes adaptados e obedecidas por serviços de velórios, tanto públicos quanto particulares, como aqueles

que são administrados em hospitais e centros de velórios, porém seguindo todos os preceitos da igreja cristã.

O morto é preparado com técnicas, parciais ou totais de embalsamamento, para que possa resistir à duração da cerimônia de velório, até a duração do enterro. Em seguida, é vestido a preceito, posto no caixão, onde será velado, em sua casa ou em local público, destinado a esse fim. Recebe a unção, espécie de unguento sagrado utilizado na preparação do corpo para a sepultura. Este acto é quando a pessoa ainda está viva) como parte de um processo de embalsamamento, como é descrito na Bíblia: “Ora, derramando ela este unguento sobre o meu corpo, fê-lo preparando-me para a minha sepultura” (Mateus 26:12 Soares, 1964, p. 1212).

Em seguida, há o velório, onde familiares, amigos e pessoas convidadas, prestam suas condolências e respeito e, então o morto é conduzido ao cemitério para ser enterrado, podendo haver no momento orações e despedidas. Há ainda, sete dias depois, a Missa de Sétimo Dia e, um mês depois ainda, a Missa de Trigésimo Dia, para que se reze pela alma do morto. O luto pelo morto, antes uma obrigação, tem evoluído com o tempo, permitindo aos familiares a sua prática ou não.

#### **4.6 – A MORTE ATRAVÉS DA CIÊNCIA**

Com exceção da Filosofia, e diferentemente da Religião, a clara constatação que temos é que a Ciência foi inventada, primeiro para combater a morte e somente depois para procurar entendê-la, como vem acontecendo muito ainda restritamente, hoje em dia.

Esse facto coloca a sociedade humana numa situação paradoxal onde, por um lado tenta conceder ao homem e familiares o direito de morrer e/ou de decidir sobre sua vida e que porventura se encontre ligado a aparelhos da moderna tecnologia médica, mesmo que isso seja completamente inútil para a obtenção da cura de sua doença. Por outro lado, essa mesma ciência tenta conseguir, através de um inteiro conhecimento do genoma humano, o domínio de técnicas na “elaboração” e uso de células-tronco para recuperar tecidos danificados por doenças e traumas orgânicos e, com isso, chegar cada vez mais perto da tão almejada imortalidade humana.

Para a ciência, a morte configura-se como uma perda do corpo físico ou de suas funções vitais orgânicas e a mesma tudo faz para evitar esse processo. Como exemplo, surgem as últimas pesquisas e seus resultados revolucionários como por exemplo, os clones, as tentativas de cópias genéticas de órgãos e até de criaturas vivas, não apenas com a finalidade de cura, mas de renovação do corpo e busca da própria imortalidade, o que resultaria na conquista definitiva sobre a morte. O transplante de órgãos já não é mais mera ficção e, como resultado momentâneo, o banco de órgãos com tal finalidade, é uma realidade.

É inegável o desenvolvimento da ciência em busca da conquista sobre a morte, através de uma série de avanços no âmbito da Biologia, Medicina, Tecnologia e outras áreas científicas em pleno desenvolvimento.

A vitória sobre as doenças, os avanços inegáveis da ciência, o aumento de construções de hospitais, clínicas e hospícios (instituições especializadas em cuidados com pacientes terminais, para se evitar que morra em hospitais ou nas suas residências), tudo isso junto, alimenta o antigo desejo da possibilidade de que a morte seja vencida um dia e, enquanto isso, o que vemos é *uma nova construção social da morte*.

As tentativas no combate à morte, não são de hoje e nem irão cessar com insucessos. A Criobiologia, por exemplo, ciência que estuda o efeito do resfriamento em seres vivos, tem larga aplicação em congelamento de esperma de bovinos e outros bovinos domésticos para inseminação artificial, e que se tornou numa prática comum para o congelamento de esperma, embriões e sangue, e até mesmo de corpos inteiros. Hoje, é incontável a quantidade de embriões congelados que se transformam em animais e seres humanos, antes uma utopia.

A ideia da hibernação humana no intuito de reviver o corpo é recente e foi inspirada na ficção. Em 1967, James Bedford, um americano de 74 anos, foi o primeiro a ter o corpo congelado, depois de falecer de um câncer de pulmão. A partir de então, adeptos do mundo todo se dispõem a pagar altas cifras para manter o corpo conservado após a morte, na esperança de que a ciência encontre um meio de trazê-los de volta à vida, posteriormente.

O aproveitamento de células tronco, por sua vez, é mais uma demonstração do potencial da Criobiologia, considerando-se a questão da Bioética, tão discutida actualmente.

Silverstein (1970), fundador da Fundação para as Pesquisas contra a Doença e a Morte, em Nova York, no seu livro *Conquista da Morte*, defende que a morte está com os seus dias contados, ou seja, prestes a morrer. Afirma que no dia em que o governo gastar menos em projectos governamentais grandiosos e investir nas pesquisas biomédicas voltadas para projectos revolucionários de combate à morte e melhoria da qualidade de vida, a realidade sobre a vida, certamente será diferente. Não deixa de ser uma visão futurista e interessante, no mínimo almejada por todo mundo. Ainda sobre os avanços da ciência no combate à morte, especialmente na área da biomedicina, vejamos o que Silverstein (1979, p. 41) salienta:

“Actualmente vivemos em meio a uma revolução, que terá grande impacto em nossas vidas. É uma revolução biológica. Nas décadas vindouras, nossa compreensão do corpo humano e de suas funções e mecanismos estará praticamente completa. Com tal percepção, teremos adquirido meios de intervenção que poderão eliminar a depressão, a dor, a doença e a morte. A qualidade de vida atingirá novas alturas. A própria vida terá novo significado.

É importante frisar que, o nosso trabalho não pretende questionar os objectivos e eficácia da ciência em prol da vida ou no combate à morte, mas em determinadas circunstâncias poder também evidenciar certo esquecimento ao preparo de um melhor entendimento sobre a morte e, acima de tudo, observar que a ciência deve possibilitar aos profissionais da saúde mais entendimento e humanização para com os pacientes, especialmente os considerados pacientes terminais.

Nesse sentido, Klüber-Ross (1998, p. 154) deverá sempre ser lembrada e citada, por seus estudos e luta sobre a compreensão da questão da morte, onde ela bem enfatiza:

“Os avanços da medicina haviam convencido as pessoas de que a vida deveria ser indolor. Como a morte estava associada à dor, o assunto era evitado. Médicos brilhantes que sabiam como prolongar a vida não compreendiam que a morte era parte dessa mesma vida.

Na verdade, Klüber-Ross (1998, p. 132), com sua larga experiência no trabalho de assistência às cidades europeias destruídas pela guerra pôde constatar trabalhando em hospitais, na sua maioria, com pacientes terminais, tanto na Europa como nos Estados Unidos que a medicina que costumava ser praticada nesses hospitais precisava dar um tratamento mais humanitário, pois como narra a própria autora

“Tragicamente os piores casos – aquelas pessoas que estavam nos últimos estágios de alguma doença, os que estavam morrendo - eram os que recebiam o pior tratamento. Eram colocados nos quartos mais distantes dos postos de enfermagem deixava-se que morressem sozinhos como se a morte fosse contagiosa.”

Retomando e concluindo a questão inicial sobre o papel determinante da ciência em relação ao combate ao envelhecimento e à morte, vejamos o que já se dizia três décadas atrás:

“Agora que é possível elaborar ADN a fim de realizar cópias genéticas de criaturas vivas e mudanças genéticas, o homem pode estar na iminência de obter toda a informação de que necessita para conseguir a imortalidade. Um importante esforço, tal como o que foi dispendido para fazer o homem pousar na Lua, bem poderia compensar a longa busca pela vida eterna e poderia ser realizado neste século. Tal realização permitiria que as pessoas permanecessem no estado de juvenil maturidade que gozaram aos vinte anos e que a maquinaria de DNA e RNA dos mais velhos se regenerasse e consertasse, substituindo o protoplasma doente, danificado e exausto, por novos tecidos e, numa palavra, ser moço novamente.”

(Lamb, 1974, p. 160).

**PARTE II:**  
**INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA**

## **CAPÍTULO 6**

### **ABORDAGEM METODOLÓGICA**

## 1 – PROBLEMÁTICA

Dada a quase inexistência de trabalhos de investigação sobre a *Morte*, no Brasil, o presente trabalho foi desenvolvido numa metodologia de cariz exploratório, recorrendo à análise de tipo quantitativo e qualitativo. Pretendemos compreender aspectos subjectivos dos sujeitos sociais do nosso meio cultural, sendo esta, representada por uma comunidade escolar e universitária de uma cidade brasileira (Natal, RN). Isto no intuito de confrontar os diferentes níveis escolares geracionais e sociais entre si, os quais vão desde as diferenças existentes na família, nas formações escolar e académica, no estatuto social e cultural, na etnia e religiosidade, tudo isso girando em torno da questão de finitude humana e das suas consequências.

Ao nível do instrumento de colheita de dados utilizados utilizou-se o inquérito por questionário, constituído por questões abertas e fechadas. Este instrumento de medida traduz, segundo Fortin (2003, p. 249), “um estudo com variáveis mensuráveis e ajuda a organizar, a normalizar e a controlar os dados, de tal forma que as informações procuradas possam ser colhidas de uma maneira rigorosa”.

É de notar que o questionário não consegue ir tão em profundidade como a entrevista, mas permite melhorar o controlo dos enviesamentos e assim, a elaboração deste questionário fez-se por etapas, tendo sido consultada, numa primeira fase, a literatura relativa ao tema em estudo, tendo por fim a organização de instrumentos de avaliação que correspondessem às grandes linhas do objecto visado pela nossa investigação.

No processo de colheita de dados e antes de empreender propriamente a investigação, solicitou-se a autorização aos Directores para realizar o estudo nos estabelecimentos que iam ser alvo dos inquéritos por questionário. Foi explicado aos mesmos em que consistia o projecto, quem eram os participantes e quais os recursos que eram necessários. Como um dos estabelecimentos a ser consultado era uma Universidade (a nossa) ao solicitar-se a autorização para poder desenvolver o trabalho que tínhamos em vista, foi-nos dada essa autorização verbalmente e de imediato. Submetemos os nossos instrumentos de análise, explicitando, no entanto, os objectivos do estudo e a natureza da participação dos sujeitos.

## 2 – LOCAL DO ESTUDO

O local do estudo, onde decorreu a pesquisa, engloba três instituições de ensino, sendo uma Instituição de ensino superior e duas instituições de ensino médio secundário, da cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil.

As referidas instituições, carregam em si importantes diferenças e situações educacionais, dadas as suas diferenças quanto ao nível, tipo de discentes e objectivos de cada uma delas. A UFRN-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, considerada a mais antiga e mais importante instituição pública do Estado, sendo de referência nacional, em vários dos seus cursos, apresenta um importante universo académico do qual tirámos a nossa amostragem.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, localizada em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, conhecida também como a “Capital Espacial do Brasil”, por ser a única, estrategicamente possuidora de uma base de lançamentos de foguetes espaciais e por causa de sua localização, recebe ventos constantes, condição que lhe concedeu o título, segundo a NASA, de cidade detentora do ar mais puro e renovável do continente. A sua população é estimada em 774.230 habitantes e conhecida também como um dos 15 municípios menos violentos do Brasil, sendo por este motivo a capital mais segura do país.

Localizada nesta cidade e com estas resumidas características, a UFRN, é a principal Instituição académica pública do Estado e é considerada como tendo o melhor ensino superior de todas as universidades federais da Região Nordeste - segundo prova feita pelo ENADE, possuindo sete Centros Académicos e várias unidades suplementares distribuídas por todo o Estado. Conta com mais de 60 cursos para mais de 30 mil alunos, num total de 2 mil professores e mais de 3.100 funcionários técnico-administrativos.

**Ilustração 36 - Vista da Reitoria da UFRN**



**Fonte:** Catálogo UFRN 2009

No que se refere às duas escolas de nível médio, escolhemos uma de ensino público e outra de ensino privado, por entendermos haver marcantes diferenças entre ambas, no que diz respeito tanto à qualidade de ensino, como também ao nível social dos alunos e dos professores, o que certamente contribui para a diversidade da amostra.

O Colégio Estadual do Atheneu Northeriogradense é historicamente um dos Colégios mais antigos do Brasil. Foi fundado no Século XIX, em 03/02/1834, época em que o Brasil era uma Monarquia, pelo então Presidente da Província: Basílio Quaresma Torreão, que também foi o seu Primeiro Director-Geral. O Colégio Estadual do Atheneu Northeriogradense é, portanto, a mais antiga e tradicional Instituição Escolar pública (daí a sua importância maior), fundado antes mesmo do colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro, o qual foi inaugurado três anos depois do Atheneu.

Basílio Quaresma Torreão tinha como objectivo reunir num único prédio, as chamadas *cadeiras de humanidades*, as cinco *aulas maiores* (*Filosofia, Retórica, Geometria, Francês e Latim*), antes autónomas com sedes independentes. Essas disciplinas foram as primeiras a serem leccionadas no Atheneu.

A origem do Nome "Atheneu" foi escolhida pelo próprio presidente da província, por sua vez inspirado na versão portuguesa, ATHENAION, do templo de Atenas (Deusa Minerva da sabedoria) onde se lia e ouvia os sábios (poetas e historiadores) discorrerem da sapiência. Basílio pretendia que assim fosse o Atheneu: A

*Casa da Sabedoria, fiel a seu destino alto e puro*, num jovem país como o Brasil que, praticamente acaba de ser descoberto.

A Sede actual do "Atheneu" é hoje situada à Rua Campos Sales, S/N em Petrópolis, bairro de classe média alta da cidade do Natal, contando com uma clientela de aproximadamente 3.000 alunos. O Colégio, embora hoje viva praticamente da sua tradição e prestígio, continua com a sua missão de ensinar ao nível do Ensino Médio, contando agora também com disciplinas básicas para o Vestibular; tem aproximadamente 250 professores, 21 salas funcionando em três turnos, 60 funcionários e o seu quadro directivo.

A qualidade do ensino no Atheneu não tem mais o estatuto de melhor escola do Rio Grande do Norte, que ostentava no passado, vivendo hoje, muito mais da fama do que propriamente das glórias do presente. Diga-se de passagem que isso deve-se a uma não adequada política governamental para com ensino público secundário no Brasil, como um todo.

**Foto 4 – Vista aérea do Atheneu Norteriograndese**



**Fonte:** Foto do Autor, 2008

No nosso trabalho, a importância deste secular Colégio, serve de referência, pois é a instituição pública mais antiga do país. Assim, é importante que se analise esta questão da finitude humana, neste Colégio, pois este foi o primeiro estabelecimento a promover a educação formal no Brasil.

Para se fazer o estudo comparativo com as duas outras instituições selecionadas foi escolhido o Colégio da rede particular CDF NATAL, pois é uma renomeada instituição de ensino fundamental e médio, com a característica preparatória para o Vestibular, ou seja, com ênfase na preparação de alunos pré-universitários, com o objectivo de serem aprovados nas universidades.

O CDF tem cerca de 1.500 alunos, os quais efectuam os seus estudos desde a 5ª Série ao Pré-Vestibular, com um corpo docente composto de 120 professores. O poder aquisitivo dos alunos e das suas famílias tem o estatuto de classe média simples.

**Foto 5 – Colégio CDF**



**Fonte:** Foto do Autor, 2008

### **3 – MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO**

Os processos empregues na investigação consistiram em:

- pesquisa documental;
- pesquisa de campo

Na pesquisa documental foi feita a recolha de bibliografia especializada acerca de processos metodológicos relevantes para o projecto proposto e sobre o tema da investigação, pretendendo-se, dessa forma, dar continuidade às leituras efectuadas, visando um maior aprofundamento do conhecimento sobre esta temática. A recolha de estatísticas e

de documentação avulsa revestiu-se de todo o interesse no âmbito deste levantamento bibliográfico

No contexto da pesquisa documental, o recurso a suportes telemáticos permitiu o acesso a dados de pesquisa especializados e actualizados, – a Internet, o acesso a centros de documentação, Teses Académicas e de projectos em curso.

Foram consultadas as fontes documentais das seguintes instituições:

*EM LISBOA*

- Universidade Aberta;
- Escola Superior de Enfermagem de Lisboa;
- Biblioteca Nacional;

*NO BRASIL*

- Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Zila Mamede;
- Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da UFRN.
- Biblioteca do Centro de Biociências da Saúde da UFRN.

#### **4 – POPULAÇÃO/AMOSTRA**

A nossa amostra foi constituída por 50 estudantes de uma escola da rede pública de Ensino Médio da Capital do Estado, com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos; 50 estudantes de uma escola da rede particular de Ensino Médio e Preparatório para o Vestibular (da Capital do Estado), com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos; 50 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 17 e 25 anos, matriculados, em diferentes cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e, 47 professores da UFRN, que leccionam várias áreas científicas, com idades compreendidas entre os 30 e 60 anos. Estes reuniram um total de 197 inquiridos, sendo cada grupo de inquiridos composto de homens e mulheres os quais nunca tinham respondido a inquéritos sobre a finitude humana. Em relação ao ensino médio os alunos e alunas foram seleccionados aleatoriamente, de entre duas turmas de uma determinada série do Ensino Médio. Os alunos foram escolhidos através de intervalos iguais, i. e., de dois em dois alunos, até se constituir a população investigada pretendida.

Relativamente aos professores e alunos da Universidade, também estes foram seleccionados aleatoriamente. Solicitámos aos docentes e alunos que preenchessem os inquéritos à medida que estes entravam no Centro de Convivência (local de convívio académico da UFRN), até atingir a população total da dimensão da amostra que se pretendia constituir, num total de 50 docentes e de 50 alunos dessa mesma instituição. Três inquéritos de docentes tiveram depois de ser inutilizados, devido a preenchimento incorrecto

O tipo de amostragem utilizada foi feita essencialmente segundo objectivos do estudo, tendo sido a amostra seleccionada entre aqueles que atendessem os seguintes critérios de inclusão:

- Aceitar participar, voluntariamente, nesta investigação, sendo o seu consentimento e do estabelecimento de ensino ao qual pertence, acordados previamente;
- Pertencer, como estudante e/ou como professor, à rede de Ensino Médio, Público e Privado e à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal RN (Brasil).

Como já foi referenciado, foi utilizado o inquérito por questionário para a colheita de dados, onde se respeitou e se definiu rigorosamente os objectivos pretendidos, as questões orientadoras, a identificação das variáveis relevantes, a selecção da amostra de inquiridos, a elaboração do instrumento em si, que foi testado e administrado posteriormente e, por fim, fez-se a análise dos resultados (Fortin et al 2000).

Neste inquérito por questionário tivemos em conta o número adequado de questões a serem introduzidas e as habilitações do público-alvo. É de salientar que o conjunto de questões foi organizado de forma lógica, evitando as perguntas irrelevantes, tendo por base uma estrutura simples, sem questões demasiado longas.

Depois de delimitado o campo de pesquisa, iniciou-se o contacto com os inquiridos de forma a elaborar-se um inquérito que serviu de base à construção de um pré-teste com 27 questões, obedecendo aos normativos habituais para este tipo de instrumento de pesquisa: a preparação, a formulação e a redacção das perguntas.

A actividade de testagem que se lhe seguiu foi a da aplicação do pré-questionário a 20 indivíduos seleccionados, também eles, aleatoriamente.

Como já foi referido anteriormente, após ter sido feita a análise das respostas dadas ao pré-questionário e ao diálogo, a actividade seguinte centrou-se na construção dos questionários definitivos.

Assim sendo, procedeu-se à aplicação do questionário aos inquiridos, isto é: aos Estudantes da Rede Particular do Ensino Médio, aos Estudantes da Rede Pública do Ensino Médio, aos Estudantes e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Na estrutura do questionário final, os temas apresentados para análise, na primeira parte, foram: os conceitos de morte, as representações da morte e o medo. Na segunda parte do inquérito foi pedido aos inquiridos que desenhassem o que entendiam por representação da morte, para que se pudesse aferir também conteúdos subjectivos em relação à morte, através das suas próprias demonstrações pictóricas.

Os desenhos, são referidos por Klepsch & Logie (1984) como sendo de grande importância na representação gráfica de pensamentos, sentimentos e conteúdos subjectivos do ser humano e são uma das formas de comunicação humana mais primitivas que existe, deixando legados culturais e sociais para gerações subsequentes, através do tempo.

Os estudos sobre o desenho, de um modo geral, relacionam-no à investigação do desenvolvimento da inteligência, cognição, motricidade e afectividade, bem como dos aspectos sociais e culturais do meio ambiente, inclusive da criança e do adolescente Grubits (2003).

Assim sendo, o desenho tem sido utilizado em larga escala como forma para o entendimento de muitos processos e fenómenos psicológicos, tais como, a inteligência e o desenvolvimento cognitivo (Hutz & Bandeira, 2000). Além do mais, o desenho como ferramenta de expressão, tanto externa quanto interna do sujeito, tem-se estabelecido como medida de expressão e inteligência e, o mais importante, como assinala Weschsler (2003), é familiar e comum a todas as culturas, independentemente das experiências académicas anteriores.

O procedimento de desenho (desenhos-histórias e de desenhos de família com histórias), foi introduzido por Trinca (1972), como instrumento de investigação clínica da personalidade. Não se constitui como um teste psicológico propriamente dito, mas como um meio auxiliar de conduzir o exame psicológico. No diagnóstico psicológico, este ocupa uma posição intermediária entre os testes projectivos gráficos e temáticos e as entrevistas semi-estruturadas e não-estruturadas.

Na etapa específica da análise dos desenhos, ainda como importante parte do questionário, a metodologia utilizada é de carácter qualitativo e representativo, tendo sido os dados e os elementos analisados com base na *análise de conteúdo*, o que nos permitiu reconstruir os processos e relações que configuram a experiência pessoal que os entrevistados apresentaram através de seus desenhos, buscando dessa forma compreender e revelar os seus vários significados, por sua vez, guardados na sua subjectividade e inconsciente, inclusive apresentados pelos mesmos pela primeira vez nas suas vidas.

Assim sendo, para analisarmos os desenhos dos entrevistados da nossa pesquisa, utilizamos um procedimento similar ao desenho-história com tema, por ser o mesmo, o que mais atende às expectativas esperadas em relação à representação pictórica e simbólica, sobre essa questão específica.

No final do inquérito, foi solicitado que o entrevistado realizasse um desenho, através do qual explicasse o que representava para ele a morte, como tema pré-determinado. A variação que houve nesse procedimento foi que não foi solicitado ao entrevistado que contasse histórias sobre o desenho, muito embora alguns o tenham feito, assim como, alguns deles atribuíram títulos, como uma forma de explicar melhor a sua representação pictórica ou simbólica, embora houvesse a representação, pictórica ou gráfica do que a morte significava.

Na verdade, essa modificação foi introduzida para focalizar de forma directa algum aspecto do conflito psíquico ou subjectivo que o próprio entrevistado guarda dentro de si e, que dessa forma, pudesse libertar, no sentido de que pudéssemos analisar as suas representações simbólicas sobre a morte, consciente ou inconscientemente, e que através deste procedimento pudéssemos ter uma nítida ideia da focalização da

representação social sobre como se vê a finitude humana, através do seu próprio desenho.

Para apresentar os dados, optamos por utilizar tabelas de frequências, gráficos de barras e gráficos circulares. Estes gráficos de barras, de acordo com Toledo & Ovalle (1981), têm como finalidade comparar grandezas, por meio de rectângulos de igual largura e alturas proporcionais às respectivas grandezas, fazendo com que cada barra (ou coluna) represente a intensidade de uma modalidade do atributo.

Não utilizámos questões abstractas pois poderiam ter mais do que um significado e podiam levar a diferentes interpretações. Estas questões foram sobretudo fechadas, para que não se tornassem ambíguas ou tivessem uma leitura subjectiva. No entanto existem algumas questões de resposta *aberta* que permitem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias opiniões, permitindo deste modo a liberdade de expressão.

Após termos redigido uma primeira versão do questionário utilizámos um pré-teste, necessário para garantir a aplicabilidade do questionário no terreno e avaliar se este se encontrava de acordo com os objectivos inicialmente formulados, i.e., se todas as questões tinham sido compreendidas pelos inquiridos da mesma forma, e da forma prevista pelo investigador; se as respostas alternativas às questões fechadas cobriam todas as respostas possíveis; se não havia perguntas inúteis e inadequadas à informação pretendida, que pudessem ser muito difíceis ou a que os inquiridos recusassem responder, por serem tendenciosas ou propiciadoras de reacções de auto-defesa; se não faltavam perguntas relevantes ou se os inquiridos não consideravam o inquérito demasiado longo e enfadonho.

Este pré-teste do questionário foi validado primeiramente com um pequeno grupo de pessoas que tinham competências para identificar os seus problemas e para dar sugestões com a finalidade de o melhorar e depois foi aplicado a uma pequena amostra de indivíduos que não fazia parte da amostra seleccionada, a qual foi encorajada a fazer observações e sugestões que dissessem respeito aos questionários no seu todo e a cada uma das perguntas. Seguidamente foram de novo reformulados e procedeu-se à redacção final dos questionários e á sua aplicação.

## **CAPÍTULO 7**

### **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

## 1 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Obedecendo à evolução e sequência normal da investigação, temos na sua fase seguinte, após a colheita de dados, a sua análise e interpretação.

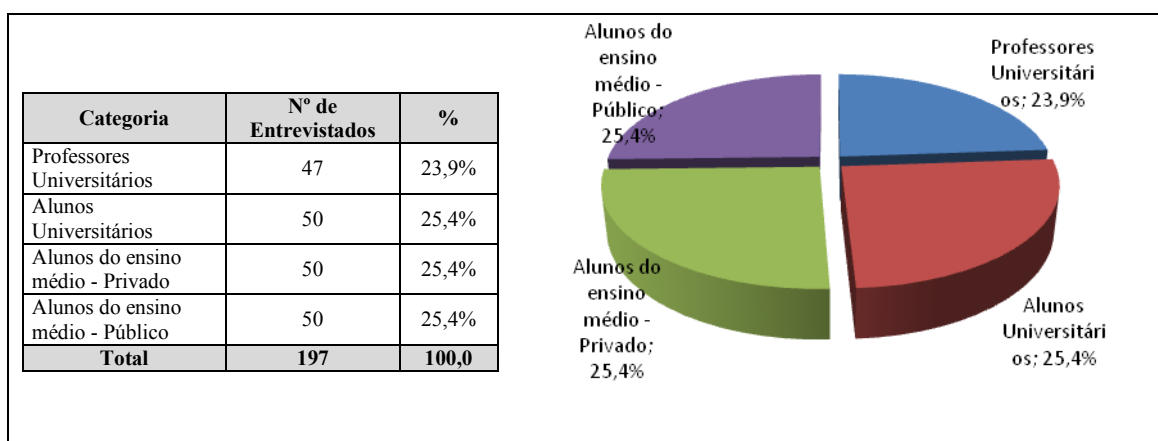
A apresentação e análise dos resultados obtidos, dado a sua ampla especificação e caracterização das questões sobre a morte respondidas, e dos desenhos executados pelos respondentes, tem carácter essencialmente descritivo. A análise quantitativa e qualitativa e a sua interpretação fará parte da apresentação e discussão dos resultados.

É importante que, antes da discussão dos resultados propriamente dita, pudéssemos ter uma caracterização geral da amostra para obter o perfil dos nossos inquiridos a fim de podermos ter elementos para comparar e sobretudo identificar e compreender as suas respostas, de acordo com o perfil apresentado.

### 1.1 - DISTRIBUIÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Conforme dados da Tabela 4, Gráfico 2, os inquiridos estão distribuídos por 3 Instituições de ensino (médio e superior) sendo a UFRN com professores e alunos. De forma intencional seria uma amostra de 50 pessoas em cada categoria: professores da UFRN, alunos universitários (UFRN), alunos do ensino médio privado (CDF), e alunos do ensino médio público (Atheneu). Porém, devido ao facto de 3 inquiridos de professores terem sido inutilizados, a amostra prevista de 200 respondentes ficou limitada aos 197.

**Tabela 4– Distribuição dos entrevistados segundo formação escolar e académica**

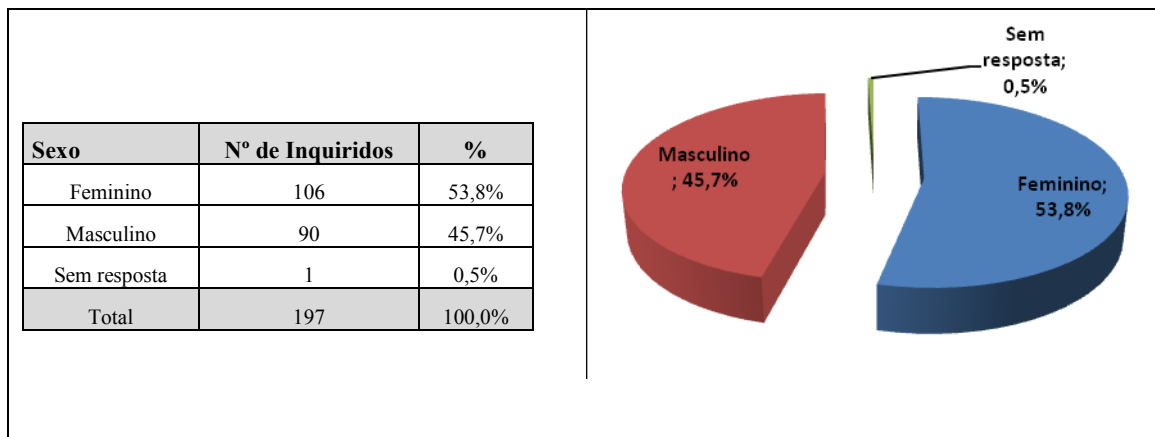


**Gráfico 2 – Distribuição dos entrevistados segundo a formação escolar e académica**

## 1.2 - GÉNERO

Na Tabela 5, em baixo, estão representados o número de entrevistados por sexo, bem como as percentagens correspondentes. Assim, verifica-se que a maioria (53,8%) é do sexo feminino.

**Tabela 5 - Distribuição dos Inquiridos segundo o sexo**

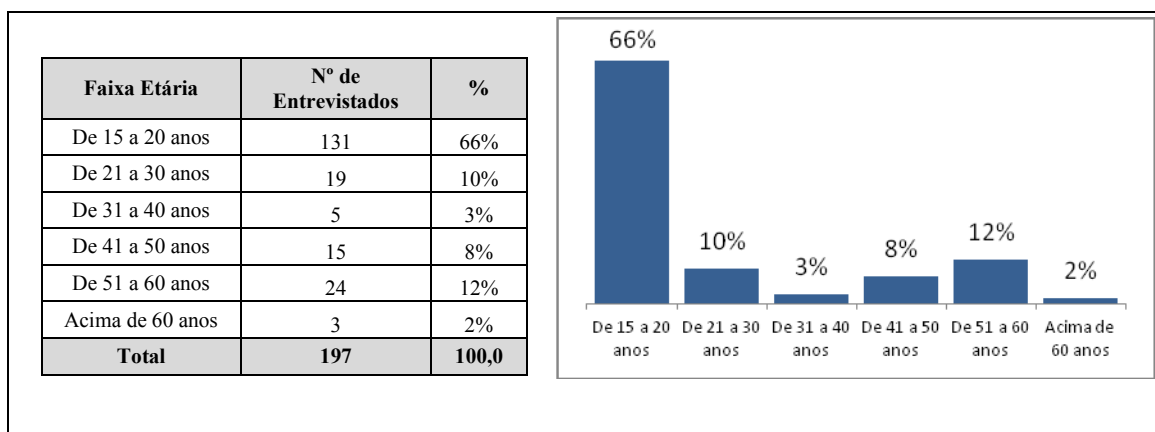


**Gráfico 3 - Distribuição dos Inquiridos segundo o sexo**

## 1.3 - FAIXA ETÁRIA

A Tabela 6 e o Gráfico 4, apresentam a distribuição dos entrevistados segundo a sua idade em escalões etários, verificando-se que 66% dos entrevistados são jovens entre os 15 e 20 anos de idade, pois, trata-se principalmente dos estudantes do último ano do Ensino Médio de duas Escolas: CDF e Atheneu.

**Tabela 6 - Distribuição dos entrevistados segundo a faixa etária**



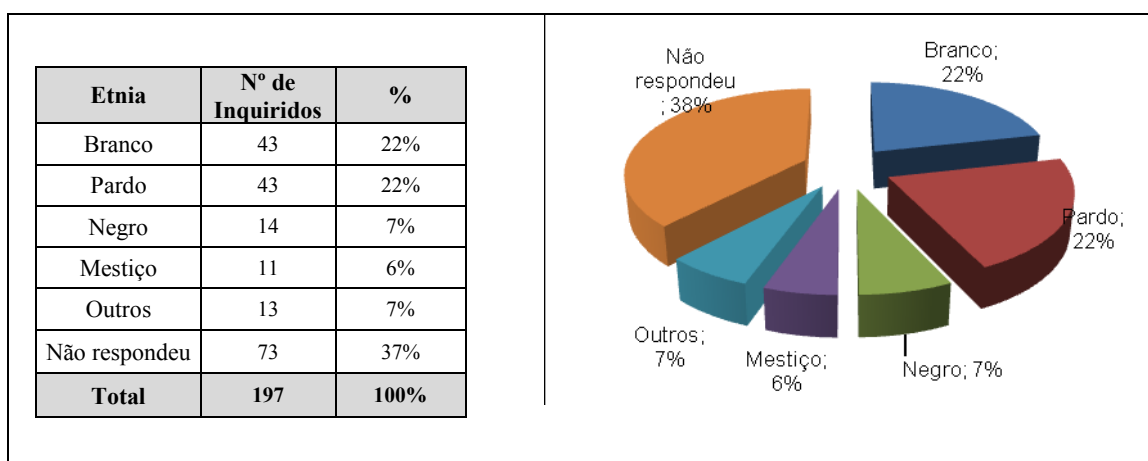
**Gráfico 4 - Distribuição dos Inquiridos segundo a faixa etária**

#### 1.4 - ETNIA

O Brasil é reconhecidamente um país de grande miscigenação racial e este trabalho considerou também a origem étnica e cultural dos entrevistados, assim como a sua nacionalidade e naturalidade.

Na Tabela 7, Gráfico 5, segundo o IBGE, verifica-se que 44% dos respondentes pertencem à *raça parda* ou *branca*, porém, 37% *não responderam* sobre a origem étnica ([http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas\\_pdf/brasil\\_1\\_2.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas_pdf/brasil_1_2.pdf)).

**Tabela 7 - Distribuição dos entrevistados segundo a origem étnica/cultural**

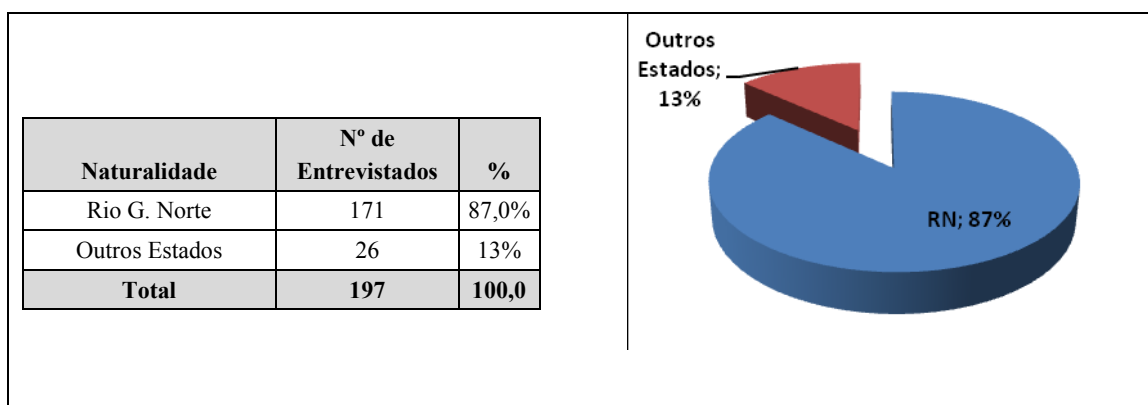


**Gráfico 5 - Distribuição dos entrevistados segundo a origem étnica/cultural**

#### 1.5 - NACIONALIDADE E NATURALIDADE

Na Tabela 8 e Gráfico 6, que se encontram a seguir, verifica-se que 87% dos entrevistados são do Rio Grande do Norte. Quanto à nacionalidade, apenas 1 entrevistado não é de origem brasileira.

**Tabela 8 - Distribuição dos entrevistados segundo a naturalidade (Estado)**

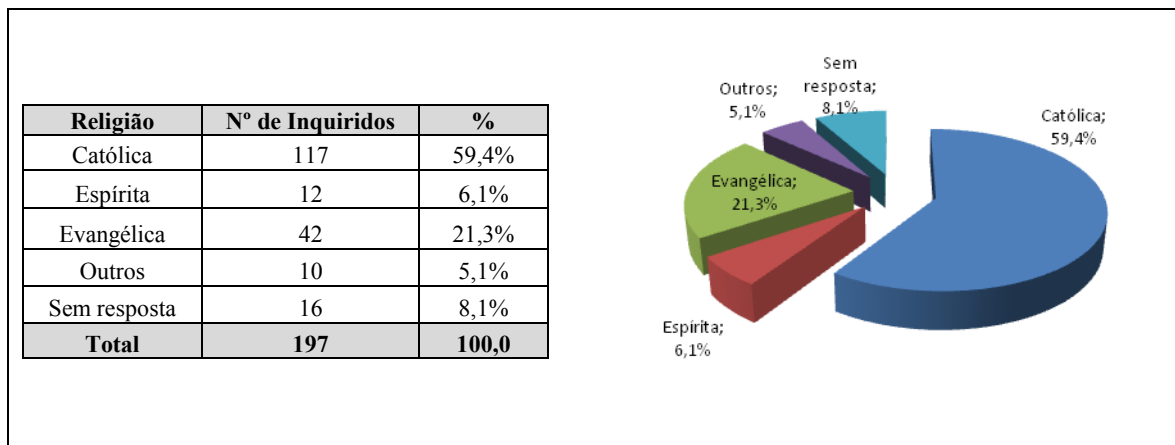


**Gráfico 6 - Distribuição dos entrevistados segundo a naturalidade (Estado)**

## 1.6 - RELIGIÃO

Na Tabela 9 e Gráfico 7, verifica-se que a maioria (59,4%) são *católicos* seguidos de 21,3% *evangélicos*.

**Tabela 9 – Distribuição dos entrevistados segundo a religião**



**Gráfico 7 - Distribuição dos entrevistados segundo a religião**

*Em resumo*, o perfil dos respondes da amostra é caracterizada por ser constituída na sua maioria por brasileiros (do Rio Grande do Norte), católicos e jovens.

## 2 – ANÁLISE DAS QUESTÕES SOBRE MORTE

### 2.1 - QUANTO AO MEDO DA MORTE

Na Tabela 10 a seguir, observa-se que entre as professoras da UFRN, 16 (73%) têm medo da morte, enquanto que, entre os professores, 13 (52%) não têm medo da morte. Em relação aos estudantes da UFRN, 19 (76%), afirmaram que NÃO têm medo da morte, ao passo que entre as estudantes 13 (52%), SIM. As professoras revelam ter mais medo da morte do que os professores. Em resumo, o sexo feminino da UFRN (professoras e alunas) refere ter mais medo da morte do que o sexo masculino.

**Tabela 10 – Tem medo da Morte? (professores e estudantes da UFRN)**

Opinião	Professores-UFRN						Estudantes-UFRN					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	12	48	16	73	28	60	6	24	13	52	19	38
Não	13	52	6	27	19	40	19	76	12	48	31	62
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>22</b>	<b>100</b>	<b>47</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>

Na Tabela 11, abaixo, verifica-se que em relação aos estudantes do CDF, 22 (88%) dos alunos disseram NÃO terem medo da morte, e 14 (56%) das alunas também afirmaram NÃO terem medo da morte.

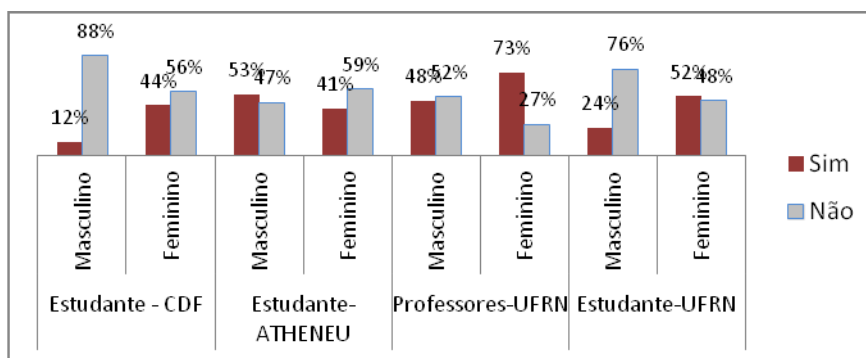
Relativamente aos alunos do ATHENEU, 8 deles (53%), respondem SIM, que têm medo da Morte, enquanto que entre as alunas, 20 respondentes (59%) afirmam que NÃO têm medo da morte. Um aluno do Atheneu não identificou o gênero.

**Tabela 11 – Tem medo da morte?**

Opinião	Estudante – CDF						Estudante-ATHENEU					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	3	12	11	44	14	28	8	53	14	41	22	45
Não	22	88	14	56	36	72	7	47	20	59	27	55
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>34</b>	<b>100</b>	<b>49</b>	<b>100</b>

No geral, manifesta-se uma ligeira tendência para os inquiridos de ambos os sexos responderem NÃO à questão: Tem medo da morte?

No Gráfico 8 a seguir verifica-se que 88% dos *estudantes CDF* respondentes e 76% dos *estudantes UFRN* responderam NÃO terem medo da morte, enquanto que 73% das professoras afirmaram ter medo da morte.



**Gráfico 8 – Tem medo da morte? (Totalidade dos inquiridos)**

## 2.2 - MOTIVOS DO MEDO DA MORTE

Muitos estudiosos do assunto afirmam que ao medo da morte deveria dar-se uma maior atenção por dizer respeito à competência do indivíduo em enfrentar os problemas da vida. No parecer de Astenias (1983, p. 50), uma pessoa:

“Pode temer a perda ou destruição de algo fora de si mesma e que veio a representar sua própria identidade para indicar posses, apegos e outras extensões de nós mesmos no mundo exterior”

Não apenas segundo estudos já efectuados, mas também de acordo com constatações individuais e colectivas, todo o ser humano tem medo da morte, originalmente porque se teme o desconhecido.

A afirmação de que temos medo da morte, alegando ser ela desconhecida, parece-nos um pouco paradoxal, uma vez que o ser humano é o único entre os animais que tem a certeza de seu fim, tendo, portanto a constatação de tal facto diariamente. Na verdade, o termo “desconhecido”, ajusta-se muito mais à questão da não-relação do homem com a morte, da não preocupação do seu entendimento com a própria finitude do que propriamente o termo “desconhecido”. Vejamos como Schiller (2000, p. 73), refere essa questão:

“Uma das marcas que nos diferenciam dos outros seres vivos é que ainda criança descobrimos a sombra da morte. Alguém próximo nos deixa ou interrogamos a imobilidade incómoda de um bichinho de estimação, de uma formiga. A morte está nos programas de televisão, nos jogos com amigos, nos contos infantis, que, a exemplo dos mitos, falam do incompreensível, transmitem o indizível”.

A partir do que os inquiridos afirmaram sobre o medo da morte e continuando a análise dos dados, obteve-se os resultados a seguir apresentados.

Tabela 12 - Os motivos pelos quais alguns professores da UFRN têm medo da morte, estão representados nesta tabela, onde 8 (29%) disseram ser *pele desconhecido*, com maior frequência entre as professoras que alegaram o mesmo motivo.

**Tabela 12 – Motivos pelos quais alguns Professores da UFRN têm medo da morte**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Pelo desconhecido	2	17%	6	38%	8	29%
Pelo apego à vida	1	8%	1	6%	2	7%
Pela falta de experiência	2	17%	0	0%	2	7%
Não quero morrer	1	8%	1	6%	2	7%
Seria o fim	0	0%	1	6%	1	4%
Todos temem	1	8%	0	0%	1	4%
Realidade cruel	0	0%	1	6%	1	4%
Pela forma	0	0%	1	6%	1	4%
É instinto natural	1	8%	0	0%	1	4%
Aprendi a ter medo	0	0%	1	6%	1	4%
É dramático	0	0%	1	6%	1	4%
Tenho filhos	0	0%	1	6%	1	4%
Ela leva pessoas queridas	0	0%	1	6%	1	4%
Não respondeu	4	34%	1	6%	5	18%
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>

Tabela 13 - Em relação aos alunos da UFRN, 3 respondentes (16%) também afirmaram ser *pelo desconhecido*, sendo 2 do sexo feminino. Outras duas pessoas citaram a perda de amigos e familiares como sendo o motivo do medo.

**Tabela 13 – Motivos pelos quais alguns Alunos da UFRN têm medo da morte**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Pelo desconhecido	1	17%	2	15%	3	16%
Pela perda de amigos e familiares	1	17%	1	8%	2	11%
Seria o fim	1	17%	1	8%	2	11%
Gosto da vida	0	0%	2	15%	2	11%
Por ter filhos	1	17%	0	0%	1	5%
Devido à dor	1	17%	0	0%	1	5%
Quero aproveitar a vida	1	17%	0	0%	1	5%
Gostaria de realizar sonhos	0	0%	1	8%	1	5%
Pela maneira como chega	0	0%	1	8%	1	5%
Pelo sofrimento	0	0%	1	8%	1	5%
Pela separação	0	0%	1	8%	1	5%
A vida é boa	0	0%	1	8%	1	5%
Sem resposta	0	0%	2	15%	2	11%
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>	<b>19</b>	<b>100%</b>

Tabela 14 - *O desconhecido* também é motivo do medo entre algumas alunas do CDF (3). Outros motivos pelos quais têm medo da morte é por *não aproveitar a vida* citado por dois alunos e uma aluna.

**Tabela 14 – Motivos pelos quais alguns Alunos do CDF têm medo da morte**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Pelo desconhecido	0	0%	3	27%	3	21%
Por não aproveitar a vida	2	67%	1	9%	3	21%
Pela perda de amigos e familiares	0	0%	1	9%	1	7%
É triste	0	0%	1	9%	1	7%
As pessoas sentirão minha falta	0	0%	1	9%	1	7%
Quero viver muito	0	0%	1	9%	1	7%
Minha família seria prejudicada	1	33%	0	0%	1	7%
Por causa da solidão	0	0%	1	9%	1	7%
Sem resposta	0	0%	2	18%	2	14%
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>

Tabela 15 – Novamente, *o desconhecido* é motivo de medo da morte entre os alunos e alunas do Atheneu, pois, 9 respondentes (41%), fizeram esta afirmação, sendo mais frequente entre os alunos do sexo masculino.

**Tabela 15 – Motivos pelos quais alguns Alunos do ATHENEU têm medo da morte**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Pelo desconhecido	5	63%	4	29%	9	41%
Deixar pessoas queridas	1	13%	2	14%	3	14%
De não ser aceito no céu	1	13%	0	0%	1	5%
Pelo sofrimento	1	13%	0	0%	1	5%
Acabaria com sonhos	0	0%	1	7%	1	5%
Não quero morrer jovem	0	0%	1	7%	1	5%
Por não saber como irá morrer	0	0%	1	7%	1	5%
Gosto da vida	0	0%	1	7%	1	5%
Amo viver	0	0%	1	7%	1	5%
Sem resposta	0	0%	3	21%	3	14%
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

Relativamente à pergunta: Porque têm medo da morte, os respondentes referem: *o desconhecido, a perda, o gostarem da vida*, etc.

Estas respostas demonstram, que o medo da morte não se acha relacionado apenas à questão do morrer, mas também, e principalmente, pela consciência da perda em si e sobretudo por gostarem da vida.

Discorrendo ainda sobre a questão do medo da morte como sendo um sentimento e uma resposta a *algo desconhecido*, porém paradoxalmente consciente, lembramos Feifel (1968), o qual afirma que, além de outras características pessoais e circunstanciais, o medo da morte pode conter o medo da solidão, da perda, da separação de quem se ama e o medo do desconhecido, entre outros. O *apego à família* e amigos pode ser considerado nesta pesquisa como uma das respostas subjectivas e qualitativas mais expressivas.

Alguns estudos apoiam estas informações sobre o medo da *perda de familiares*, amigos e de quem amamos. Porém, é importante também ficar atento para a subjectividade das respostas quando indagamos se temos medo da morte, pois sabemos que culturalmente somos induzidos ao medo da morte e, que, muitas vezes preferimos negá-lo.

### 2.3 – MOTIVOS PARA NÃO TER MEDO DA MORTE

Este medo é um dado muito importante, uma vez que tem fundamentação filosófica, cultural e religiosa muito fortes. Por exemplo, encontramos fundamentação análoga, tanto filosófica quanto religiosa sobre o pensamento desses respondentes. Confrontando com o que disse Schopenhauer (2001, p. 27), verificamos quando o mesmo diz:

“Também a esperança de uma imortalidade da alma vem sempre ligada à de um mundo melhor, prova de que o mundo presente não vale muita coisa. A despeito de tudo isso, em discussões orais e em livros a questão sobre o nosso estado após a morte foi com certeza muito mais abordada do que a do nosso estado antes do nascimento”.

No que diz respeito à morte através da religião, torna-se imperativo evidenciar que o pensamento dos respondentes atendeu perfeitamente a posição das culturas religiosas, como fenómeno universal sobre a morte do ser humano. Acreditar na imortalidade da alma é, por conseguinte, uma forma de não temer a morte, ou no máximo, uma forma de buscar apoio e consolo para o maior conflito existencial humano, que é a morte. Teixeira (2006, p. 71) confirma que “a religião cristã encara a morte como sendo uma passagem, o fim de uma vida terrena cheia de angústia e de pesar e o início de uma nova vida, a vida celeste, junto de Deus”.

Tabela 16 - Dos professores da UFRN, 2 afirmaram não terem medo da morte porque a morte *é o ciclo da vida* e outros dois porque a morte *não é o fim*.

**Tabela 16 – Motivos pelos quais alguns Professores da UFRN não têm medo da morte**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
É o ciclo da vida	2	15%	0	0%	2	11%
Não é o fim	1	8%	1	17%	2	11%
Esqueço	1	8%	0	0%	1	5%
Precisamos aceita-la	0	0%	1	17%	1	5%
É vida	1	8%	0	0%	1	5%
Crê em outra dimensão	0	0%	1	17%	1	5%
Faz parte da vida	0	0%	1	17%	1	5%
A alma é imortal	1	8%	0	0%	1	5%
Por causa da religião	1	8%	0	0%	1	5%
Questão de visao	1	8%	0	0%	1	5%
A alma imortal	1	8%	0	0%	1	5%
É inevitavel	1	8%	0	0%	1	5%
É um processo biologico	1	8%	0	0%	1	5%
Todos vão morrer	1	8%	0	0%	1	5%
Sem resposta	1	8%	2	33%	3	17%
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>19</b>	<b>100%</b>

Tabela 17 - Observa-se, portanto, que entre os alunos da UFRN, 12 (39%) afirmaram não terem medo da morte, *por ser inevitável*, enquanto que outros 6 (19%) também afirmam como os professores: *“é o ciclo da vida”*.

**Tabela 17 – Motivos pelos quais alguns Alunos da UFRN não têm medo da morte**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
É inevitavel	8	42%	4	33%	12	39%
É o ciclo da vida	3	16%	3	25%	6	19%
É necessario	1	5%	1	8%	2	6%
É natural	1	5%	1	8%	2	6%
É uma passagem	1	5%	0	0%	1	3%
Temos que estar preparados	1	5%	0	0%	1	3%
A morte é o retorno	0	0%	1	8%	1	3%
Sou espirita	1	5%	0	0%	1	3%
A vida continua	0	0%	1	8%	1	3%
É o fim	1	5%	0	0%	1	3%
Não penso nela	1	5%	0	0%	1	3%
Sem resposta	1	5%	1	8%	2	7%
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>100%</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>	<b>31</b>	<b>100%</b>

Tabela 18- no que diz respeito aos alunos(as) do CDF, 6 respondentes (17%) afirmaram não terem medo da morte por ela ser *inevitável* e outros 4 respondentes (todos do sexo masculino) afirmam ser o motivo o facto de que “*todos vão morrer*”.

**Tabela 18 – Motivos pelos quais alguns Alunos do CDF não têm medo da morte**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem
É inevitável	5	23%	1	7%	6	17%
Todos vão morrer	4	18%	0	0%	4	11%
É natural	2	9%	1	7%	3	8%
É o ciclo da vida	0	0%	1	7%	1	3%
É propósito de Deus	0	0%	1	7%	1	3%
Confio em Deus	0	0%	1	7%	1	3%
É coisa de outro mundo	1	5%	0	0%	1	3%
Deus está comigo	1	5%	0	0%	1	3%
É uma etapa da vida	1	5%	0	0%	1	3%
É um processo natural	1	5%	0	0%	1	3%
É uma consequência da vida	1	5%	0	0%	1	3%
É o destino de todos	1	5%	0	0%	1	3%
É sem importância	1	5%	0	0%	1	3%
Um dia vem	1	5%	0	0%	1	3%
É uma fase da vida	0	0%	1	7%	1	3%
Vou morar com Deus	0	0%	1	7%	1	3%
É o espírito mais perto de Deus	0	0%	1	7%	1	3%
Deus tem um lugar melhor para mim	0	0%	1	7%	1	3%
Tenho certeza da salvação	0	0%	1	7%	1	3%
Sem resposta	3	14%	4	29%	7	19%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>36</b>	<b>100%</b>

Sobre esta mesma questão, na Tabela 19, pode-se observar que em relação aos alunos(as) do Atheneu, 6 respondentes (22%) não têm medo da morte porque “*todos vão morrer*”, enquanto que 3 respondentes (11%) afirmam não terem medo da morte, porque ela é “*inevitável*”.

**Tabela 19 – Motivos pelos quais alguns Alunos do Atheneu não têm medo da morte**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Todos vão morrer	1	14%	5	25%	6	22%
É inevitável	0	0%	3	15%	3	11%
É natural	2	29%	0	0%	2	7%
É a única certeza da vida	0	0%	2	10%	2	7%
É uma passagem	0	0%	1	5%	1	4%
Quem tem medo da morte não vive	1	14%	0	0%	1	4%
Não dói	1	14%	0	0%	1	4%
É uma passagem	1	14%	0	0%	1	4%
É liberação deste mundo	1	14%	0	0%	1	4%
Nada é para sempre	0	0%	1	5%	1	4%
Deus me espera	0	0%	1	5%	1	4%
É uma viagem	0	0%	1	5%	1	4%
crer no céu	0	0%	1	5%	1	4%
a morte é o começo da vida eterna	0	0%	1	5%	1	4%
Deus está comigo	0	0%	0	0%	0	0%
Sem resposta	0	0%	4	20%	4	15%
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100%</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>27</b>	<b>100%</b>

Em resumo: os inquiridos referem não ter medo da morte, porque esta faz parte do *ciclo da vida*, porque *inevitável* ou *porque todos vão morrer*.

Esse assunto encontra fundamentação em vários autores sobre o estudo do medo da morte, como Kastenbaum e outros. A curta frase de D’Assumpção (2005, p.18) traduz muito bem essa interacção da vida com a morte: “(...) Afinal vida e morte dizem respeito a todos as actividades humanas”. O autor conclui o seu pensamento sobre a união da vida com morte, da seguinte forma:

“A morte é o grande momento de nossa vida, por mais que abominamos essa ideia. Na morte, completamos a vida. Não existe viagem sem chegada. Não existe curso sem formatura. Não existe caminho sem destino. Não existe vida sem morte”.

## 2.4 – A MORTE COMO NECESSIDADE PARA CONTROLO POPULACIONAL DO PLANETA

Na realidade, o que seria do Planeta se as pessoas não morressem? É claro que, entre desejar a própria morte, à superpopulação do Planeta, à luta pela sobrevivência, pela garantia de alimento, por água e ar para respirar, os seres humanos não pensariam duas vezes em optar. Por outro lado, a Natureza é sábia e determinou a morte do indivíduo, não obstante, permitindo-lhe como recompensa, a renovação da espécie, ou seja, o indivíduo morre, a espécie não, esta perdura através do processo reprodutivo, como nos demonstra Morin (1970, p. 54).

“A consciência humana da morte não supõe apenas a consciência do que era inconsciente no animal, mas também numa ruptura no seio da relação indivíduo-espécie, numa promoção da individualidade em relação à espécie, numa decadência da espécie em relação à individualidade”.

A partir do que foi dito sobre a necessidade da morte como controlo populacional e continuando a análise dos dados, obteve-se os resultados constantes da Tabela 20, seguir.

Relativamente aos professores da UFRN, na Tabela 20, 18 (72%) afirmaram ser a favor da morte como controle populacional e 16 (73%) professoras também concordaram. Em relação aos alunos da UFRN, 22 (88%) concordam que a morte deve actuar também como controle populacional e 21 (84%) das alunas, também.

**Tabela 20 – Opinião sobre a morte como controlo populacional do planeta**

Opinião	Professores - UFRN						Estudantes – UFRN					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	18	72	16	73	34	68	22	88	21	84	43	86
Não	7	28	6	27	13	26	3	12	3	12	6	12
S/Resp	0	0	0	0	3	6	0	0	1	4	1	2
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>22</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>

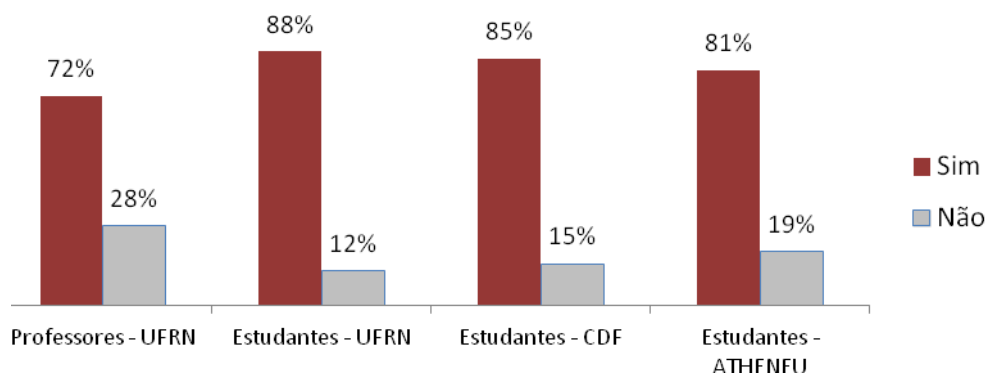
Na Tabela 21, que se encontra a seguir, observa-se que 22 dos estudantes masculinos do CDF (88%) concordam que a morte deve actuar como controlo populacional do planeta e, dentre as alunas desta instituição, 19 respondentes (76%) concebem a morte como controlo populacional do planeta.

No que diz respeito aos alunos do Atheneu, 11 respondentes masculinos (73%) vêm a morte como controlo populacional do planeta e entre as alunas, 27 respondentes (79%) têm a mesma opinião.

**Tabela 21 – Opinião sobre a morte como controle populacional do planeta**

Opinião	Estudantes - CDF						Estudantes – ATHENEU					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	22	88	19	76	41	82	11	73	27	79	38	78
Não	2	8	5	20	7	14	4	27	5	15	9	18
S/Resp	1	4	1	4	2	4	0	0	2	6	2	4
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>34</b>	<b>100</b>	<b>49</b>	<b>100</b>

Em resumo, a maioria (considerando todos os participantes da pesquisa) referem ser a morte necessária como controlo populacional do planeta. O Gráfico 9 ilustra esse resultado.



**Gráfico 9 – Opinião sobre a morte como controlo populacional do planeta**

## 2.5 – QUANTO À DISCUSSÃO SOBRE A MORTE NO MEIO DA CONVIVÊNCIA

Este assunto reflecte bem a questão da cultura da morte, uma vez que, supõe-se que quanto mais se debate e se discute esta questão da finitude humana, mais preparado para o seu entendimento fica o indivíduo, tendo portanto menos conflito existencial.

Como se verifica na Tabela 22, em relação aos professores da UFRN, 11 respondentes (44%) afirmam que a morte é discutida no meio em que vivem, enquanto que entre as professoras, 10 delas (45%) afirmam que *raramente* a morte é discutida no meio em que vivem. Já entre as alunas da UFRN, 12 respondentes (48%) disseram SIM, enquanto que 15 (60%) dos alunos refere *raramente*.

**Tabela 22 – Respostas quanto à discussão sobre a morte no meio em que vivem – Professores – UFRN e Estudantes - UFRN**

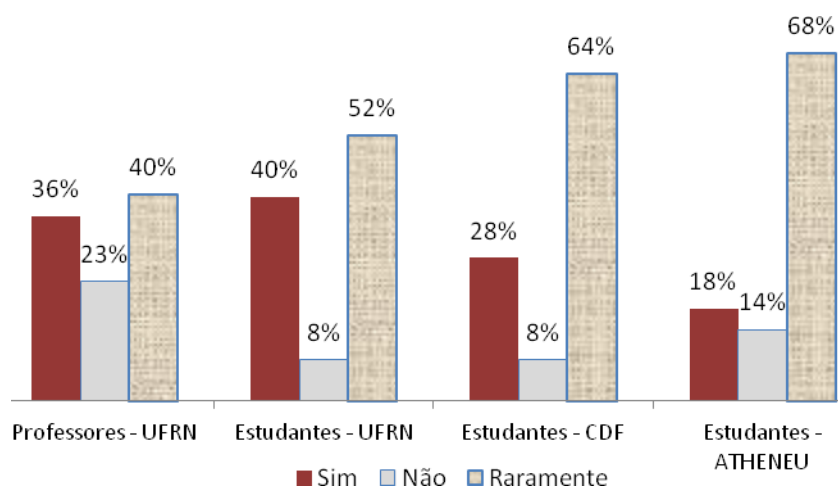
Opinião	Professores - UFRN						Estudantes – UFRN					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	11	44	6	27	17	36	8	32	12	48	20	41
Não	5	20	6	27	11	23	2	8	2	8	4	8
Raramente	9	36	10	45	19	40	15	60	11	44	26	53
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>22</b>	<b>100</b>	<b>47</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>49</b>	<b>100</b>

Na Tabela 23, relativamente aos alunos do CDF, 17 respondentes (68%) afirmaram que *raramente* a morte é discutida no meio em que vivem e dentre as alunas, 15 respondentes (60%) afirmaram o mesmo, ou seja, *raramente* discutem sobre a morte no meio em que vivem. Sobre esta mesma questão e, indicando também a mesma resposta (raramente), obtivemos entre as alunas, 11 respondentes (73%) e para os alunos do mesmo colégio, 23 respondentes (68%). Os estudantes do Atheneu obtiveram o mesmo resultado, ou seja, a maioria discute “*raramente*” esse assunto no meio da convivência.

**Tabela 23 – Respostas quanto à discussão sobre a morte no meio em que vivem – Estudantes – CDF e Estudante - ATHENEU**

Opinião	Estudantes - CDF						Estudantes – ATHENEU					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	7	28	7	28	14	28	2	13	6	18	8	16
Não	1	4	3	12	4	8	2	13	5	15	7	14
Raramente	17	68	15	60	32	64	11	73	23	68	34	69
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>34</b>	<b>100</b>	<b>49</b>	<b>100</b>

Levando-se em consideração que os alunos do ensino médio são os mais jovens desta pesquisa, observa-se que, quanto mais jovens, menos se discute sobre o assunto (Gráfico 10).



**Gráfico 10 - A morte é discutida no meio em que você convive?**

## 2.6 - QUANTO A LEITURA OU INFORMAÇÃO SOBRE A MORTE

A cultura do medo da morte é tão antiga que se perde no tempo. Na verdade, tornou-se cultural negar ou tentar mascarar o medo da morte, quando na realidade ele existe. É compreensível, portanto, que algumas respostas esperadas possam estar dentro deste contexto. A propósito, ao indagarmos sobre “Você lê ou se informa sobre a morte?”, verificaram-se os resultados a seguir.

Na tabela 24 e relativamente aos professores da UFRN, 11 (44%) lêem sobre a morte, enquanto que entre as professoras desta mesma Instituição, 9 (41%) também lêem sobre a morte. Quanto aos estudantes, observa-se que 11 (44%) *Raramente* lêem sobre a morte, enquanto que 12 (48%) das alunas também o afirmam.

**Tabela 24 – Respostas sobre o facto de ler sobre a morte – Professores e Estudantes da UFRN**

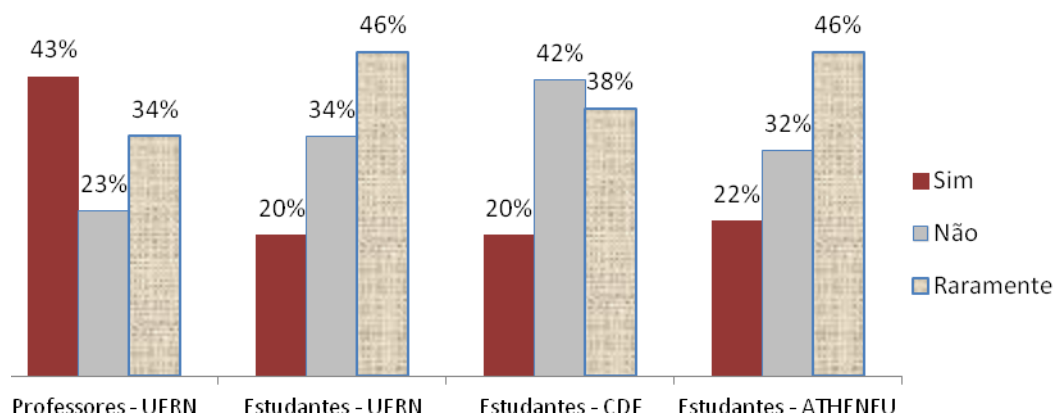
Opinião	Professores - UFRN						Estudantes - UFRN					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	11	44	9	41	20	43	5	20	5	20	10	20
Não	6	24	5	23	11	23	9	36	8	32	17	34
Raramente	8	32	8	36	16	34	11	44	12	48	23	46
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>22</b>	<b>100</b>	<b>47</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>

Na Tabela 25, quanto aos estudantes do CDF, 10 respondentes (40%) *raramente* lêem sobre morte, enquanto que entre as alunas 13 respondentes (52%) NÃO lêem sobre a morte. E ainda, entre os estudantes do Atheneu, 9 respondentes (60%) dos rapazes *raramente* lêem sobre a morte, ao passo que as alunas, 13 respondentes (38%), *não* lêem sobre a morte.

**Tabela 25 – Respostas sobre o facto de ler sobre a morte – Estudantes da CDF e ATHENEU**

Opinião	Estudantes - CDF						Estudantes - ATHENEU					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	7	28	3	12	10	20	3	20	8	24	11	22
Não	8	32	13	52	21	42	3	20	13	38	16	33
Raramente	10	40	9	36	19	38	9	60	13	38	22	45
Total	25	100	25	100	50	100	15	100	34	100	49	100

Em resumo, podemos dizer que os respondentes manifestam *raramente ler* sobre a morte. O Gráfico 11 mostra que grande parte dos professores da UFRN (43%) lêem ou se informam sobre a morte e os demais (estudantes) *raramente* lêem ou se informam sobre a morte.



**Gráfico 11 - Lê ou informa-se sobre a morte?**

## 2.7 – QUANTO À FREQUÊNCIA A VELÓRIOS DE PARENTES E AMIGOS

Despedir-se do ente querido, ser solidário com a família e prestar a última homenagem a amigos e a quem se ama são algumas das atitudes incutidas no comportamento humano, de cunho sociocultural e religioso e que ao longo do tempo se têm tornado rituais que fazem parte da sociedade humana.

Na Tabela 26, e no que diz respeito aos professores da UFRN, 21 (84%) dizem ir ao velório de parentes e amigos, enquanto as professoras, 16 (73%) também afirmaram ir ao velório de parentes e amigos. Relativamente aos estudantes, 17 (68%) dos rapazes, disseram *sim*, e 14 (56%) das alunas, também, disseram *sim*.

**Tabela 26 - Vai ao velório de parentes e amigos?**

Opinião	Professores - UFRN						Estudantes - UFRN					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	21	84	16	73	37	79	17	68	14	56	31	62
Não	2	8	2	9	4	9	4	16	6	24	10	20
Evita	2	8	4	18	6	13	4	16	5	20	9	18
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>22</b>	<b>100</b>	<b>47</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>

Pela Tabela 27, pode-se dizer que os respondentes respondem *sim* à questão: vai a velórios de parentes e amigos. Entre os estudantes do CDF, 11 respondentes (44%) afirmaram ir a velório de parentes e amigos, enquanto que entre as alunas, 13 respondentes (52%), *evitam* ir ao velório de parentes e amigos. Quanto aos alunos do Atheneu, 12 respondentes (80%) disseram *sim*, enquanto que dentre as alunas, 20 respondentes (80%), também disseram *sim*, ou seja: Vão ao velório de parentes e amigos.

**Tabela 27 - Vai ao velório de parentes e amigos?**

Opinião	Estudantes - CDF						Estudantes - ATHENEU					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	11	44	9	36	20	40	12	80	20	59	32	65
Não	5	20	3	12	8	16	0	0	4	12	4	8
Evita	9	36	13	52	22	44	3	20	10	29	13	27
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>34</b>	<b>100</b>	<b>49</b>	<b>100</b>

No Gráfico 12, observa-se que os mais frequentadores de velórios são os professores (mais velhos). Os que menos frequentam são os alunos da escola particular (CDF).

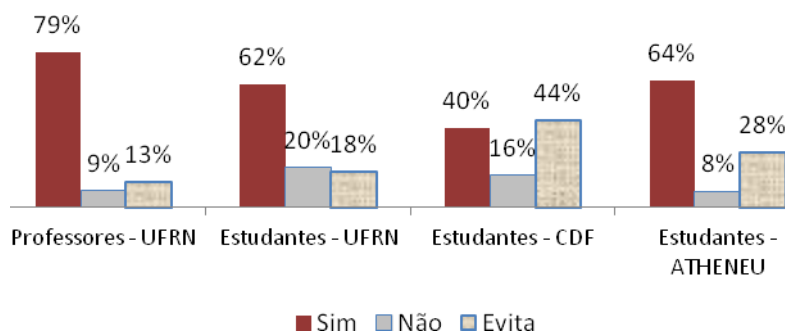


Gráfico 12 - Vai ao velório de parentes e amigos?

## 2.8 – MOTIVOS DA IDA AO VELÓRIO

No que diz respeito à razão pela qual os professores(as) vão ao velório de parentes e amigos, observa-se que 6 respondentes (29%) professores e 7 respondentes (44%) professoras afirmam ser por *solidariedade*. A *obrigação social*, também é outra razão da ida a velórios (Tabela 28)

Tabela 28 - Porque os professores vão ao velório de parentes e amigos?

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Conteúdo	Porcentagem	Conteúdo	Porcentagem	Conteúdo	Porcentagem
Por solidariedade	6	29%	7	44%	13	35%
É obrigação social	3	14%	3	19%	6	16%
Por respeito	2	10%	0	0%	2	5%
Para confortar as pessoas	1	5%	0	0%	1	3%
Por amizade	1	5%	0	0%	1	3%
Por questão cultural	1	5%	0	0%	1	3%
Questão familiar	1	5%	0	0%	1	3%
É natural	1	5%	0	0%	1	3%
Sem resposta	5	24%	6	38%	11	30%
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>100%</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>	<b>37</b>	<b>100%</b>

Relativamente aos estudantes da UFRN, 8 respondentes (26%) afirmaram que vão ao velório por ser *a última despedida* e outros 6 para dar apoio (Tabela 29).

**Tabela 29 - Porque os estudantes (UFRN) vão ao velório de parentes e amigos?**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem
É a última despedida	4	24%	4	29%	8	26%
Para dar apoio	3	18%	3	21%	6	19%
Por solidariedade	2	12%	1	7%	3	10%
É importante	2	12%	0	0%	2	6%
Para confortar as pessoas	0	0%	1	7%	1	3%
Por respeito	1	6%	0	0%	1	3%
Para ver os parentes	1	6%	0	0%	1	3%
Mas se for necessário	0	0%	1	7%	1	3%
É a última despedida	1	6%	0	0%	1	3%
É natural	0	0%	1	7%	1	3%
Por compaixão	0	0%	1	7%	1	3%
Para consolar	0	0%	1	7%	1	3%
Sem resposta	3	18%	1	7%	4	13%
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>31</b>	<b>100%</b>

Em relação aos estudantes do CDF, Tabela 30, 2 respondentes (18%) dos rapazes disseram que vão ao velório para *dar apoio*, ao passo que entre as alunas só 1 respondente (11%) refere *por respeito*. No geral, 28% é por respeito, ou para dar apoio, que vão ao velório de parentes e amigos.

**Tabela 30 - Porque os estudantes (CDF) vão ao velório de parentes e amigos?**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem
Por respeito	2	18%	1	11%	3	14%
Para dar apoio	2	18%	1	11%	3	14%
Por solidariedade	1	8%	0	0%	1	5%
É obrigação social	0	0%	1	11%	1	5%
É a última despedida	0	0%	1	11%	1	5%
Por compaixão	1	8%	0	0%	1	5%
É ético	1	8%	0	0%	1	5%
Por costume	1	8%	0	0%	1	5%
É necessário	1	8%	0	0%	1	5%
Para guardar lembranças	1	8%	0	0%	1	5%
Não sente bem	0	0%	1	11%	1	5%
É última homenagem	1	8%	0	0%	1	5%
Por consideração	0	0%	1	11%	1	5%
São pessoas importantes	0	0%	1	11%	1	5%
Sem resposta	1	8%	2	22%	3	14%
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>	<b>21</b>	<b>100%</b>

Em relação aos estudantes do Atheneu, Tabela 31, 5 respondentes (42%) afirmam ir ao velório de parentes e amigos porque é a *última despedida*, enquanto que 5 alunas (25%), também afirmam o mesmo. O *respeito* também foi considerado apenas por 2 pessoas.

**Tabela 31 - Porque os estudantes (ATHENEU) vão ao velório de parentes e amigos?**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
É a última despedida	5	42%	5	25%	10	31%
Por respeito	1	8%	1	5%	2	6%
Para confortar as pessoas	0	0%	1	5%	1	3%
Por amizade	1	8%	0	0%	1	3%
É obrigação social	1	8%	0	0%	1	3%
É natural	0	0%	1	5%	1	3%
Para dar apoio	1	8%	0	0%	1	3%
Por consideração	1	8%	0	0%	1	3%
É interessante	1	8%	0	0%	1	3%
Gosto	0	0%	1	5%	1	3%
É última homenagem	0	0%	1	5%	1	3%
Por conveniência	0	0%	1	5%	1	3%
Orientação da família	0	0%	1	5%	1	3%
Para mostrar sentimentos	0	0%	1	5%	1	3%
Para marcar presença	0	0%	1	5%	1	3%
Sem resposta	1	8%	6	30%	7	22%
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>32</b>	<b>100%</b>

## 2.9 – MOTIVOS PARA NÃO IR AO VELÓRIO

Relativamente aos professores(as) da UFRN, apenas 2 pessoas responderam ao motivo de não ir ao velório, conforme Tabela 32. Uma professora afirma sentir medo.

**Tabela 32 - Porque os professores (UFRN) não vão ao velório de parentes e amigos?**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Por medo	0	0%	1	50%	1	25%
É programa de indio	1	50%	0	0%	1	25%
Sem resposta	1	50%	1	50%	2	50%
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>100%</b>	<b>2</b>	<b>100%</b>	<b>4</b>	<b>100%</b>

Na verdade, analisando o sentido de *Ter medo* poderia muito bem estar esta constatação muito mais próxima da questão da “*Morte do outro*”. Recorremos a Morin (2005, p. 47), para esta analogia pertinente:

“A morte como ideia de aniquilamento de si mesmo introduz a contradição, a desolação e o horror ao coração do sujeito, ser egocêntrico que é tudo para ele mesmo, mas que se sabe, ao mesmo tempo, um ser para a morte, ou seja, fadado ao nada; essa contradição entre o tudo e o nada se torna a fonte mais profunda da angústia humana: “cada um carrega, com a sua morte minúscula, um cataclismo de fim de mundo”. Mas, essa contradição ao mesmo tempo, a fonte mais profunda da mitologia humana e suscitará os exorcismos mágicos, religiosos, filosóficos, contra a morte. Ritos, funerais, enterros, cremações, embalsamamentos, cultos, túmulos, rezas, religiões, salvação, inferno, paraíso, marcarão as culturas e os indivíduos. Revelam-nos, ao mesmo tempo, o profundo trauma e a marca, doravante capital, da morte na vida humana”.

Na Tabela 33, em relação aos estudantes da UFRN, 3 alunos (30%), alegam não terem tido oportunidade de ir ao velório. Essas 3 pessoas são do sexo feminino.

**Tabela 33 – Porque os estudantes (UFRN) não vão ao velório de parentes e amigos?**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Faltou oportunidade	0	0%	3	50%	3	30%
Não gosto	1	25%	0	0%	1	10%
Prefiro ficar só	1	25%	0	0%	1	10%
É mais um fim	1	25%	0	0%	1	10%
Não gosto de lembrar quando morto	0	0%	1	17%	1	10%
Falta de vontade	0	0%	1	17%	1	10%
Sem resposta	1	25%	1	17%	2	20%
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>100%</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>

No que diz respeito aos estudantes do CDF, Tabela 34 (50%) não vão ao velório porque *não gostam*.

**Tabela 34 – Porque os estudantes (CDF) não vão ao velório de parentes e amigos?**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Não gosta	3	60%	1	33%	4	50%
Não sente bem	1	20%	0	0%	1	13%
Não tem parentes idosos	0	0%	1	33%	1	13%
Aumenta o sofrimento	0	0%	1	33%	1	13%
Sem resposta	1	20%	0	0%	1	13%
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>100%</b>	<b>3</b>	<b>100%</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>

Pela Tabela 35, apenas 4 alunas do Atheneu não vão ao velório. Destas, metade cita o motivo de falta de oportunidade. Nenhum aluno vai ao velório.

**Tabela 35 – Porque os estudantes (ATHENEU) não vão ao velório de parentes e amigos?**

Motivo	Masculino		Feminino		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Faltou oportunidade	0	0%	2	50%	2	50%
Não gosta	0	0%	1	25%	1	25%
Sem resposta	0	0%	1	25%	1	25%
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>4</b>	<b>100%</b>	<b>4</b>	<b>100%</b>

## 2.10 - CHORA A MORTE DE ÍDOLOS (LITERATURA, MÚSICA, ARTE)?

A morte tem-se também caracterizado como perda e não apenas como fim orgânico do sujeito. O ser humano tem demonstrado aflição, vazio e profunda desolação mesmo com a realidade da morte que, para ele, tem representações sociais importantes. As respostas a este tema têm demonstrado que o público investigado reflecte exactamente isso. Assim, segue-se a análise dessa questão.

Relativamente aos professores da UFRN, Tabela 36, 22 respondentes (88%) disseram não chorar a morte de ídolos e, entre as professoras 18 respondentes (82%), também afirmaram não chorar a morte de ídolos. Quanto aos estudantes, 23 respondentes (92%) não choram a morte dos ídolos, ao passo que entre as alunas, 17 respondentes (68%), também não.

**Tabela 36 - Chora a morte de ídolos (literatura, música, arte...)?**

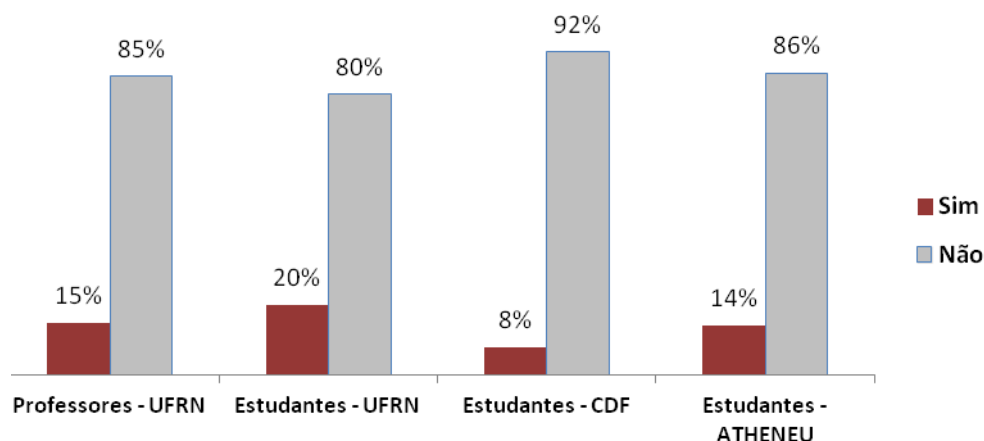
Opinião	Professores-UFRN						Estudantes-UFRN					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	3	12%	4	18%	7	15%	2	8%	8	32%	10	20%
Não	22	88%	18	82%	40	85%	23	92%	17	68%	40	80%
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>	<b>47</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>

Pela Tabela 37, em relação aos alunos do CDF, 24 respondentes (96%) não choram a morte de ídolos, enquanto que entre as alunas, 22 respondentes (88%), também não. Quanto aos estudantes do Atheneu, 14 respondentes (93%), não choram a morte de ídolos e, 28 alunas (82%), também não.

**Tabela 37 - Chora a morte de ídolos (literatura, música, arte...)?**

Opinião	Estudantes - CDF						Estudantes-ATHENEU					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	1	4%	3	12%	4	8%	1	7%	6	18%	7	14%
Não	24	96%	22	88%	46	92%	14	93%	28	82%	42	86%
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>	<b>34</b>	<b>100%</b>	<b>49</b>	<b>100%</b>

Em resumo, constata-se que a maioria não chora a morte dos ídolos, principalmente entre os estudantes da CDF (Gráfico 13).



**Gráfico 13 - Chora a morte de ídolos (literatura, música, arte...)?**

## 2.11 - A MORTE DEVERIA SER ESTUDADA ESCOLAR E ACADEMICAMENTE?

No Brasil, com a evolução educacional e a crescente necessidade da inclusão de temas paralelos, tem surgido a necessidade de estudos e novas áreas de conhecimentos, os quais não constam dos *curricula* normais, tais como a Educação Sexual, a Educação Rodoviária, Questões Ambientais, como Aquecimento Global, entre outros. Por esta

razão, *Os Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) são documentos oficiais de estudo e debates sobre as necessidades da escola moderna e, portanto, servem de apoio imprescindível à educação actual. Infelizmente, a questão da morte ainda não se encontra contemplada nos PCN e, um dos objectivos de nosso trabalho é, também, chamar a atenção para esta necessidade.

A pergunta que se segue permite-nos uma visão escolar e académica de um assunto tão complexo quanto importante para a educação e desenvolvimento humano.

Na Tabela 38, no que diz respeito aos professores da UFRN, 24 deles (96%) afirmam que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente, enquanto que 14 professoras (64%) também disseram que **sim**. Quanto aos estudantes da UFRN, 20 respondentes (80%) disseram **sim**, enquanto que 14 estudantes (56%) disseram que a morte **não** deveria ser estudada escolar e academicamente.

**Tabela 38 - Crê que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente?**

Opinião	Professores-UFRN						Estudantes-UFRN					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	24	96%	14	64%	38	81%	20	80%	11	44%	31	62%
Não	1	4%	8	36%	9	19%	5	20%	14	56%	19	38%
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>	<b>47</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>

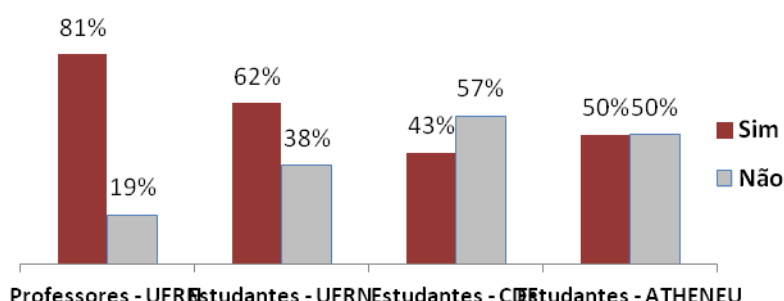
Na Tabela 39, relativamente aos estudantes do CDF, 13 respondentes (52%) disseram **sim**, enquanto que entre as alunas, 17 delas(68%), disseram que **não**. Quanto aos estudantes do Atheneu, 9 respondentes (60%), disseram que **sim**, ao passo que 18 alunas (53%) disseram que a morte **não** deveria ser estudada academicamente.

**Tabela 39 - Crê que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente?**

Opinião	Estudantes – CDF						Estudantes-ATHENEU					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	13	52%	8	32%	21	42%	9	60%	16	47%	25	51%
Não	11	44%	17	68%	28	56%	6	40%	18	53%	24	49%
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>96%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>49</b>	<b>98%</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>	<b>34</b>	<b>100%</b>	<b>49</b>	<b>100%</b>

No geral, observa-se que dos quatro grupos dois opinam que deveria ser estudada a morte nas escolas (professores e alunos da UFRN) enquanto que os outros dois (estudantes do CDF e Atheneu) não pensam da mesma forma (Gráfico 14).

**Gráfico 14 - Acha que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente?**



## 2.12 – RAZÕES PELAS QUAIS A MORTE DEVERIA SER ESTUDADA ESCOLAR E ACADEMICAMENTE

Relativamente aos professores(as) da UFRN, 5 (13%), referem que a morte deve ser estudada escolar e academicamente *para esclarecimento*. Contudo, 10 professores (26%) não responderam a esta questão (Tabela 40).

**Tabela 40 - Porque acha que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? (Professores)**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Para esclarecimento	2	8%	3	21%	5	13%
Faz parte do ciclo vital	3	13%	1	7%	4	11%
Para educar	3	13%	0	0%	3	8%
Para perder o medo	0	0%	2	14%	2	5%
Por causa do tabu	0	0%	2	14%	2	5%
Para compreender a vida	2	8%	0	0%	2	5%
Para conscietizar	1	4%	0	0%	1	3%
Para preparação	1	4%	0	0%	1	3%
Para ser encarada com naturalidade	1	4%	0	0%	1	3%
Para melhor formação profissional	0	0%	1	7%	1	3%
É cultural	1	4%	0	0%	1	3%
Para ter conhecimento sobre o destino	1	4%	0	0%	1	3%
É fato	1	4%	0	0%	1	3%
Diz respeito ao homem	1	4%	0	0%	1	3%
É natural	1	4%	0	0%	1	3%
É uma verdade absoluta para todos	0	0%	1	7%	1	3%
Sem resposta	6	25%	4	29%	10	26%
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>38</b>	<b>100%</b>

Relativamente aos alunos da UFRN, pela Tabela 41, 7 homens (35%) pensam que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente, *para esclarecimento*, ao passo que 4 pessoas (13%), afirmam que *faz parte do ciclo da vida*.

**Tabela 41 - Porque pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? (Alunos UFRN)**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Para esclarecimento	7	35%	0	0%	7	23%
Faz parte do ciclo vital	2	10%	2	18%	4	13%
Para perder o medo	1	5%	1	9%	2	6%
Mais conhecimento	2	10%	0	0%	2	6%
É natural	1	5%	0	0%	1	3%
É polêmico	0	0%	1	9%	1	3%
Para estudar meios de atrasá-la	1	5%	0	0%	1	3%
Para romper com a cultura da perda	1	5%	0	0%	1	3%
Para propagar essa certeza	1	5%	0	0%	1	3%
É importante	1	5%	0	0%	1	3%
É inevitável	0	0%	1	9%	1	3%
Para estudar as diversas causas	1	5%	0	0%	1	3%
Para lutar pela preservação da vida	1	5%	0	0%	1	3%
Para aceitar melhor	1	5%	0	0%	1	3%
Para saber lidar com ela	0	0%	1	9%	1	3%
Ocorre com frequência	0	0%	1	9%	1	3%
É uma fase que todos vão passar	0	0%	1	9%	1	3%
Para estudar o lado espiritual da morte	0	0%	1	9%	1	3%
Sem resposta	0	0%	2	18%	2	6%
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>	<b>31</b>	<b>100%</b>

Na Tabela 42, em relação aos alunos do CDF, 2 respondentes (15%) pensam que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente *para estarmos preparados*, enquanto que as alunas, 3 (38%), *para esclarecimento*.

**Tabela 42 - Sobre a questão: Porque pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? (alunos do CDF)**

<b>Motivo</b>	<b>Masculino</b>	<b>%</b>	<b>Feminino</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Para esclarecimento	2	15%	3	38%	5	24%
Para estarmos preparados	2	15%	0	0%	2	10%
Faz parte do ciclo vital	1	8%	0	0%	1	5%
É polêmico	1	8%	0	0%	1	5%
É importante	1	8%	0	0%	1	5%
Já tem muita coisa para estudar	1	8%	0	0%	1	5%
É algo desconhecido	1	8%	0	0%	1	5%
Para conformar	0	0%	1	13%	1	5%
Para fortalecer-nos	0	0%	1	13%	1	5%
Para conscientizar	1	8%	0	0%	1	5%
Para não sofrer tanto	1	8%	0	0%	1	5%
É interessante	1	8%	0	0%	1	5%
Para aprofundar conhecimento	0	0%	1	13%	1	5%
Para lidar com ela	0	0%	1	13%	1	5%
Acabaria com dúvidas	0	0%	1	13%	1	5%
Sem resposta	1	8%	0	0%	1	5%
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>21</b>	<b>100%</b>

Relativamente aos alunos(as) do Atheneu, 9 (36%), pensam que deveria ser estudado o assunto *para esclarecimento* ou *porque seria interessante*. (Tabela 43)

**Tabela 43 - Sobre a questão: Porque pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente? (Alunos do Atheneu)**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Para esclarecimento	5	56%	2	13%	7	28%
Seria interessante	0	0%	2	13%	2	8%
Para perder o medo	1	11%	0	0%	1	4%
É polêmico	0	0%	1	6%	1	4%
É inevitável	0	0%	1	6%	1	4%
Para aceitar melhor	0	0%	1	6%	1	4%
Para conscientizar	0	0%	1	6%	1	4%
Acontece com todos	1	11%	0	0%	1	4%
É um assunto questionável	1	11%	0	0%	1	4%
Para conhecer o lado científico	1	11%	0	0%	1	4%
Para dar valor a vida	0	0%	1	6%	1	4%
É extraordinário	0	0%	1	6%	1	4%
É necessário	0	0%	1	6%	1	4%
Muitos têm medo	0	0%	2	13%	2	8%
Nem todos aceitam a morte	0	0%	1	6%	1	4%
Para socializar com a realidade	0	0%	1	6%	1	4%
Todos vão morrer	0	0%	1	6%	1	4%
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

### 2.13 – RAZÕES PELAS QUAIS A MORTE NÃO DEVERIA SER ESTUDADA ESCOLAR E ACADEMICAMENTE

Considerando os 9 professores da UFRN, Tabela 44, que responderam que o assunto citado não deveria ser estudado nas escolas, 2 deram como motivo disso o papel da religião.

**Tabela 44 - Razões pelas quais a Morte NÃO deveria ser estudada escolar e academicamente**

Professores UFRN						
Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
É papel da religião	1	100%	1	13%	2	22%
É deprimente	0	0%	1	13%	1	11%
Seria confuso	0	0%	1	13%	1	11%
É natural	0	0%	1	13%	1	11%
É polêmico	0	0%	1	13%	1	11%
Sem resposta	0	0%	3	38%	3	33%
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>

No que diz respeito aos alunos da UFRN, Tabela 45, 2 respondentes (40%) afirmaram que consideram o *assunto sem importância*, enquanto que 2 respondentes (14%) das alunas consideraram que *é algo desconhecido*.

**Tabela 45 - Razões pelas quais a Morte NÃO deveria ser estudada escolar e academicamente (Alunos UFRN)**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
É sem importancia	2	40%	1	7%	3	16%
É algo desconhecido	0	0%	2	14%	2	11%
É papel da religião	1	20%	0	0%	1	5%
É polemico	0	0%	1	7%	1	5%
É uma situacao irreversivel	1	20%	0	0%	1	5%
Já tem muita coisa para estudar	1	20%	0	0%	1	5%
É inevitavel	0	0%	1	7%	1	5%
É um ssunto que dá medo	0	0%	1	7%	1	5%
Já é conhecida	0	0%	1	7%	1	5%
É desnecessário	0	0%	1	7%	1	5%
Devemos apenas viver	0	0%	1	7%	1	5%
É uma fase que todos vão passar	0	0%	1	7%	1	5%
Sem resposta	0	0%	4	29%	4	21%
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>19</b>	<b>100%</b>

Tabela 46: Relativamente aos alunos do CDF, 25% pensam que o assunto sobre a questão da morte não deverá ser estudada nas escolas por acharem desnecessário ou por ser papel da religião.

**Tabela 46 - Razões pelas quais a Morte NÃO deveria ser estudada escolar e academicamente (Alunos CDF)**

<b>Motivo</b>	<b>Masculino</b>	<b>%</b>	<b>Feminino</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
É desnecessário	1	9%	3	18%	4	14%
É papel da religião	1	9%	2	12%	3	11%
É polémico	1	9%	1	6%	2	7%
É sem importancia	1	9%	0	0%	1	4%
Já tem muita coisa para estudar	0	0%	1	6%	1	4%
É inevitavel	0	0%	1	6%	1	4%
É um assunto triste	0	0%	1	6%	1	4%
Prefiro não ouvir comentarios	0	0%	1	6%	1	4%
Não é certo	1	9%	0	0%	1	4%
Perderia o objetivo da escola	1	9%	0	0%	1	4%
A escola é um ambiente alegre	1	9%	0	0%	1	4%
É inutil	1	9%	0	0%	1	4%
Nada sabemos sobre ela	1	9%	0	0%	1	4%
Mexe com com sentimento	0	0%	1	6%	1	4%
É assunto particular	0	0%	1	6%	1	4%
Não é interessante	0	0%	1	6%	1	4%
Sem resposta	2	18%	4	24%	6	21%
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>	<b>17</b>	<b>100%</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>

Na Tabela 47, entre os 24 alunos do Atheneu, 33% disseram que consideram o estudo da morte *desnecessário* como currículo nas escolas.

**Tabela 47 - Porque pensa que a morte *não* deveria ser estudada escolar e academicamente?**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
É desnecessário	1	17%	7	39%	8	33%
É triste	0	0%	2	11%	2	8%
É papel da religião	1	17%	0	0%	1	4%
É natural	0	0%	1	6%	1	4%
É polêmico	0	0%	1	6%	1	4%
Já tem muita coisa para estudar	0	0%	1	6%	1	4%
Não é interessante	1	17%	0	0%	1	4%
Tem coisa mais importnte	1	17%	0	0%	1	4%
Não serve profissionalmente	1	17%	0	0%	1	4%
Nem todos estão aptos	1	17%	0	0%	1	4%
É angustiante	0	0%	1	6%	1	4%
Nada a ver com as aulas	0	0%	1	6%	1	4%
Nem todos estão preparados	0	0%	1	6%	1	4%
Sem resposta	0	0%	3	17%	3	13%
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>

#### 2.14 - GOSTARIA DE VIVER ETERNAMENTE?

A imortalidade sempre foi a busca do ser humano através dos tempos e esse é o seu maior conflito existencial, fazendo com que o homem não aceite lidar com a morte e, nem tão pouco aceitá-la como parte do desenvolvimento humano.

Relativamente aos professores da UFRN, Tabela 48, (64%), disseram que *não gostaria de viver eternamente* e, 12 professoras (55%), também não. Em relação aos alunos da UFRN, 18 respondentes (72%) disseram que *não gostaria de viver eternamente* e, 13 das alunas (52%), também não.

**Tabela 48 - Você gostaria de viver eternamente?**

Opinião	Professores-UFRN						Estudantes-UFRN					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	9	36%	8	36%	17	36%	7	28%	12	48%	19	38%
Não	16	64%	12	55%	28	60%	18	72%	13	52%	31	62%
Sem Resp	0	0%	2	9%	2	4%	0	0%	0	0%	0	0%
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>22</b>	<b>91%</b>	<b>47</b>	<b>96%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>

Em relação aos estudantes do CDF, 15 respondentes (60%) disseram que *não gostaria de viver eternamente*, enquanto que 14 alunas (56%) disseram que sim. Relativamente aos alunos do Atheneu, 8 respondentes (53%) disseram que sim, ao passo que 20 alunas (59%) disseram que não (Tabela 49).

**Tabela 49 - Você gostaria de viver eternamente?**

Opinião	Estudante - CDF						Estudante-ATHENEU					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	10	40%	14	56%	24	48%	8	53%	14	41%	22	45%
Não	15	60%	11	44%	26	52%	7	47%	20	59%	27	55%
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>	<b>34</b>	<b>100%</b>	<b>49</b>	<b>100%</b>

## 2.15 – MOTIVOS PELOS QUAIS GOSTARIA DE VIVER ETERNAMENTE

Considerando (Tabela 50), os 17 professores da UFRN que gostariam de viver eternamente, 30% teriam como motivo a *realização de sonhos* ou pelo facto de acreditar na *eternidade da alma*.

**Tabela 50 – Porque você gostaria de viver eternamente?**

Professores - UFRN						
Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Para realizar sonhos	1	11%	2	25%	3	18%
A alma é eterna	2	22%	0	0%	2	12%
A vida é breve	0	0%	1	13%	1	6%
A vida é eterna	0	0%	1	13%	1	6%
Para fazer o bem	1	11%	0	0%	1	6%
Pela família e amigos	1	11%	0	0%	1	6%
Seria bom	0	0%	1	13%	1	6%
Sem resposta	4	44%	3	38%	7	41%
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>17</b>	<b>100%</b>

As respostas a esta pergunta remetem também para a questão do apego e amor à vida, da convivência com a família, entre outros motivos da relação com o “outro”. Percebe-se que o ser humano almeja a eternidade, porém ele não a quer só para si, pois declina da ideia por não querer ver os seus entes queridos e a quem ama perecerem enquanto ele vive eternamente. Pelo menos, esta é a ideia que obtivemos da maioria dos inquiridos.

Este pensamento, segundo alguns autores e estudiosos do assunto, acha-se arraigado na questão, não apenas antropológica, mas também biopsicossocial. Nesse sentido, este conteúdo encontra ressonância em Morin (2005, p. 80) ao discorrer sobre o sujeito e a morte:

“Pode-se compreender melhor, agora, a consciência humana da morte: esta não é somente a decomposição de um corpo, mas é ao mesmo tempo, o aniquilamento de um sujeito. A objectivação extrema da morte –decomposição e aniquilamento – anda ao lado da subjectivação extrema, pois o sujeito é aniquilado. A morte do ente-querido quebra em quem ama o NÓS mais íntimo e abre um insuperável ferimento no coração de sua subjectividade.”

Quanto aos estudantes da UFRN, Tabela 51, 19 deles gostariam de viver eternamente sendo que 48% seria para *aproveitar o máximo da vida* ou pela *família e amigos* ou ainda para *acompanhar as gerações*.

**Tabela 51 - Porque você gostaria de viver eternamente?**

Estudantes - UFRN						
Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Para aproveitar o maximo da vida	1	14%	2	17%	3	16%
Pela família e amigos	0	0%	3	25%	3	16%
Para acompanhar as gerações	3	43%	0	0%	3	16%
É dádiva de Deus	0	0%	1	8%	1	5%
Para viver o meu proposito	0	0%	1	8%	1	5%
Tem mais coisas para fazer	0	0%	1	8%	1	5%
Viver é bom	0	0%	1	8%	1	5%
Gostaria de ser um vampiro	1	14%	0	0%	1	5%
Seria interessante	1	14%	0	0%	1	5%
Sem resposta	1	14%	3	25%	4	21%
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100%</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>	<b>19</b>	<b>100%</b>

“*Aproveitar o máximo da vida*” também foi citado por 2 alunos e por 1 aluna do CDF.

Observa-se que 3 alunos consideram que *viver é bom*. (Tabela 52)

**Tabela 52 - Porque você gostaria de viver eternamente?**

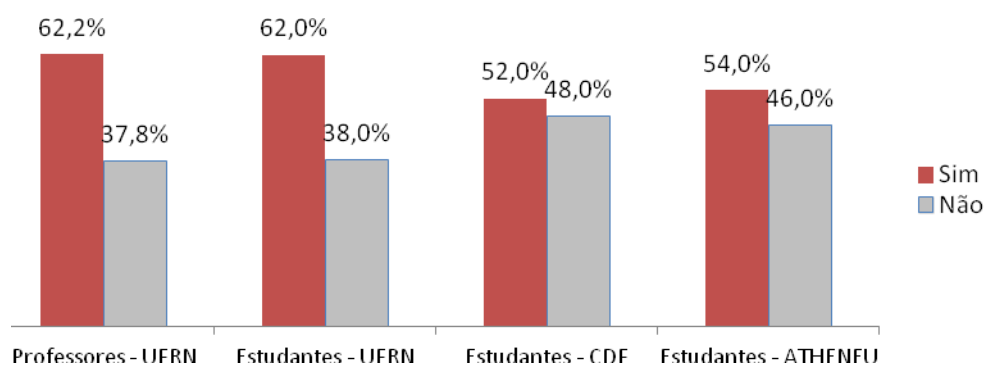
Estudantes – CDF						
Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Para aproveitar o maximo da vida	2	20%	1	7%	3	13%
Viver é bom	3	30%	0	0%	3	13%
Para estar com quem ama	0	0%	2	14%	2	8%
Vou viver eternamente	1	10%	1	7%	2	8%
Deus promete vida eterna	0	0%	1	7%	1	4%
Para ajudar as pessoas	0	0%	1	7%	1	4%
Para estar ao lado de Deus	0	0%	1	7%	1	4%
Para saber até onde chegar	0	0%	1	7%	1	4%
Pela familia e amigos	0	0%	1	7%	1	4%
Todo mundo gostaria	0	0%	1	7%	1	4%
Vou para o céu	0	0%	1	7%	1	4%
A vida é bela	1	10%	0	0%	1	4%
Para desfrutar das alegrias e tristezas	1	10%	0	0%	1	4%
Para evoluir	1	10%	0	0%	1	4%
Para se feliz para sempre	1	10%	0	0%	1	4%
Sem resposta	0	0%	3	21%	3	13%
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>

Entre os 22 alunos(as) do Atheneu, 32% disseram que gostariam de viver eternamente porque *viver é bom* ou porque *a vida é bela* (Tabela 53).

**Tabela 53 - Porque você gostaria de viver eternamente**

Estudantes – ATHENEU						
Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Viver é bom	3	38%	2	14%	5	21%
A vida é bela	1	13%	1	7%	2	8%
Viveremos depois de morrermos	1	13%	1	7%	2	8%
Para não se preocupar com a morte	1	13%	0	0%	1	5%
Para saber até onde chegar	1	13%	0	0%	1	5%
Para testar os limites humanos	1	13%	0	0%	1	5%
Amo a vida e as pessoas	0	0%	1	7%	1	5%
É entrada para outra vida	0	0%	1	7%	1	5%
Existe vida após a morte	0	0%	1	7%	1	5%
Para acompanhar as gerações	0	0%	1	7%	1	5%
Para aproveitar o maximo da vida	0	0%	1	7%	1	5%
Para estar perto de todos	0	0%	1	7%	1	5%
Para não sofrer	0	0%	1	7%	1	5%
Para realizar sonhos	0	0%	1	7%	1	5%
Para ser feliz	0	0%	1	7%	1	5%
Sem resposta	0	0%	1	7%	1	5%
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

Conforme Gráfico 15, a maioria dos respondentes afirma que gostaria de viver eternamente, principalmente os professores e alunos da UFRN.



**Gráfico 15 - Você gostaria de viver eternamente?**

Na Religião Cristã, como por exemplo no Judaísmo, há a crença na vida após a morte, e nesse sentido, as religiões têm, de certa forma, desempenhado um papel importante no que diz respeito ao esclarecimento e interrogações espirituais do homem sobretudo nos assuntos relacionados com a morte. Segundo Levine (2003, p. 120) “(...) Este conceito remete para a crença de que na altura da morte a alma retorna a Deus”.

As tabelas que se seguem ilustram as respectivas respostas dos inquiridos à questão: porque você **não** gostaria de viver eternamente?

## 2.16 – MOTIVOS PELOS QUAIS NÃO GOSTARIA DE VIVER ETERNAMENTE

Ao serem indagados por que não gostariam de viver eternamente, 6 professores e professoras da UFRN (21%) disseram que *cansaria* ou *porque deseja viver o suficiente* ou ainda porque consideram que *tudo tem um limite*. As respostas para esta questão são muito diversificadas (Tabela 54).

**Tabela 54 - Porque você não gostaria de viver eternamente?**

Professores – UFRN						
Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Cansaria	0	0%	2	17%	2	7%
Tudo tem limite	1	6%	1	8%	2	7%
Viver o suficiente	1	6%	1	8%	2	7%
A missão estaria cumprida	0	0%	1	8%	1	4%
A morte é necessária	0	0%	1	8%	1	4%
Não existe eternidade	0	0%	1	8%	1	4%
Não perder saúde mental	0	0%	1	8%	1	4%
O corpo não suportaria	0	0%	1	8%	1	4%
Viver 100 anos	1	6%	0	0%	1	4%
Seria um conflito	1	6%	0	0%	1	4%
Sentiria saudade de outros	1	6%	0	0%	1	4%
Para renovação da natureza	1	6%	0	0%	1	4%
O espírito é mortal	1	6%	0	0%	1	4%
Não perder saúde mental	1	6%	0	0%	1	4%
Não é comum	1	6%	0	0%	1	4%
Sem sentido	1	6%	0	0%	1	4%
Amor pela vida	1	6%	0	0%	1	4%
Seria chato	1	6%	0	0%	1	4%
Sem resposta	4	25%	3	25%	7	25%
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100%</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>	<b>28</b>	<b>100%</b>

Relativamente aos(as) estudantes da UFRN, 10% consideram que viver eternamente seria *chato* ou *desnecessário* ou porque *a vida é uma passagem*. As respostas para esta questão são muito diversificadas (Tabela 55).

**Tabela 55 - Porque você não gostaria de viver eternamente**

Estudantes - UFRN						
Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Seria chato	2	11%	1	11%	3	10%
É desnecessário	1	6%	1	11%	2	6%
A morte é necessária	1	6%	1	11%	2	6%
A vida e uma passagem	2	11%	0	0%	2	6%
A alma é eterna	0	0%	1	11%	1	3%
Pelo sofrimento	0	0%	1	11%	1	3%
As outras pessoas não iriam viver eternamente	0	0%	1	11%	1	3%
Viver o suficiente	0	0%	1	11%	1	3%
Quero morrer jovem	0	0%	1	11%	1	3%
Tudo tem limite	0	0%	1	11%	1	3%
A morte é um processo natural	1	6%	0	0%	1	3%
Todos merecem descanso	1	6%	0	0%	1	3%
Para não ver pessoas morrendo	1	6%	0	0%	1	3%
Para acabar com o sofrimento	1	6%	0	0%	1	3%
Ficaria deslocado no tempo	1	6%	0	0%	1	3%
A vida pode ser agustiante	1	6%	0	0%	1	3%
O sentido da vida baseia-se na morte	1	6%	0	0%	1	3%
Nao evolui espiritualmente	1	6%	0	0%	1	3%
A vida ficaria sem finalidade	1	6%	0	0%	1	3%
O mundo nao presta	1	6%	0	0%	1	3%
Sem resposta	2	11%	4	44%	6	19%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>	<b>31</b>	<b>100%</b>

Pela Tabela 56, quanto aos alunos do CDF, 4 respondentes (27%) afirmaram que não gostariam de viver eternamente para *não ver pessoas morrendo*.

**Tabela 56 - Sobre a questão: Porque você não gostaria de viver eternamente?**

Estudantes - CDF						
Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Para não ver pessoas morrendo	4	27%	0	0%	4	15%
A vida perderia a graça	1	7%	1	9%	2	8%
Seria sem objetivo	2	13%	0	0%	2	8%
Tudo é passageiro	0	0%	2	18%	2	8%
A vida é uma passagem	1	7%	0	0%	1	4%
Cansaria	1	7%	0	0%	1	4%
O mundo é evolução	1	7%	0	0%	1	4%
Seria chato	1	7%	0	0%	1	4%
Tudo tem limite	1	7%	0	0%	1	4%
Viver o suficiente	1	7%	0	0%	1	4%
Só Deus é eterno	0	0%	1	9%	1	4%
No paraíso é melhor	0	0%	1	9%	1	4%
Nunca descobriria o que vem depois	0	0%	1	9%	1	4%
Iria ficar só	0	0%	1	9%	1	4%
Teremos outra chance de viver	0	0%	1	9%	1	4%
Aumentaria o sofrimento	0	0%	1	9%	1	4%
No paraíso é melhor	0	0%	1	9%	1	4%
Sem resposta	2	13%	1	9%	3	12%
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>	<b>26</b>	<b>100%</b>

Pela Tabela 57, os alunos(as) do Atheneu, 9 respondentes (34%) não desejam viver eternamente *para não verem pessoas a morrerem* porque consideram que *tudo tem limite*.

**Tabela 57 - Porque você não gostaria de viver eternamente?**

Estudantes - Atheneu						
Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Para não ver pessoas morrendo	1	14%	4	20%	5	19%
Tudo tem limite	2	29%	2	10%	4	15%
O mundo não é bom	0	0%	3	15%	3	11%
A vida perderia a graça	2	29%	0	0%	2	7%
Creio na vida após a morte	0	0%	2	10%	2	7%
A morte é um processo natural	1	14%	0	0%	1	4%
A vida é muito sofrida	0	0%	1	5%	1	4%
A morte é necessária	0	0%	1	5%	1	4%
Quero passar por todas as etapas da vida	0	0%	1	5%	1	4%
A vida eterna é com Jesus	0	0%	1	5%	1	4%
Sem resposta	1	14%	5	25%	6	22%
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100%</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>27</b>	<b>100%</b>

## 2.17 – SOBRE A CRENÇA NA VIDA APÓS A MORTE

Em relação aos professores da UFRN, 14 respondentes (56%), disseram que *não acreditam na vida após a morte*, enquanto que 11 professoras (50%) também referiram que *não*. Quanto que os Estudantes da UFRN, 19 deles (76%) disseram que *sim*, ou seja, acreditam, ao passo que 17 alunas (68%), também, disseram que *sim* (Tabela 58).

**Tabela 58 - Você acredita na vida após a morte?**

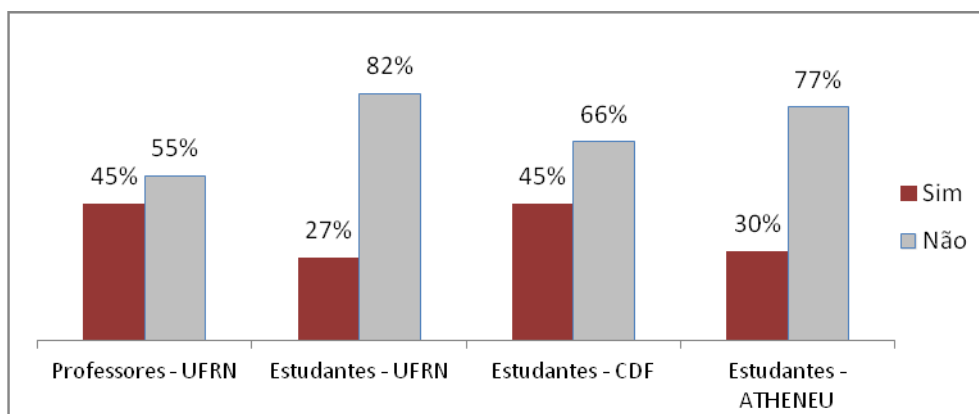
Opinião	Professores-UFRN						Estudantes-UFRN					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	14	56%	10	45%	24	51%	19	76%	17	68%	36	72%
Não	9	36%	11	50%	20	43%	6	24%	6	24%	12	24%
Sem Resp	2	8%	1	5%	3	6%	0	0%	2	8%	2	4%
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>	<b>47</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>

Relativamente aos alunos, Tabela 59, os do CDF, 15 deles (60%) disseram que *sim*, ou seja, acreditam na vida após a morte e, 14 alunas (56%) também. No que diz respeito aos estudantes do Atheneu, 8 deles (53%) disseram que *sim*, e 25 alunas (74%) também disseram que *sim*.

**Tabela 59 - Você acredita na vida após a morte?**

Opinião	Estudantes – CDF						Estudantes-ATHENEU					
	Masculino		Feminino		TOTAL		Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%	Nº de Inquiridos	%
Sim	15	60%	14	56%	29	58%	8	53%	25	74%	33	67%
Não	9	36%	11	44%	20	40%	7	47%	6	18%	13	27%
Sem Resp	1	4%	0		1	2%	0	0%	3	9%	3	6%
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>	<b>34</b>	<b>100%</b>	<b>49</b>	<b>100%</b>

As justificações para os argumentos apresentados referentes a esta pergunta foram vários e de suma importância, inclusive porque encerra o processo de investigação, oferecendo visões e pensamentos qualitativos e subjectivos importantes que reflectem conteúdos pessoais e colectivos.



**Gráfico 16 - Você acredita na vida após a morte?**

## 2.18 - MOTIVOS PELOS QUAIS SE ACREDITA NA VIDA APÓS A MORTE

Relativamente aos professores(as) da UFRN, 6 deles (26%) disseram acreditar na vida após a morte porque crêem que o *espírito evolui* ou porque acreditam que *a vida não acaba aqui* (Tabela 60).

**Tabela 60 - Porque você acredita na vida após a morte?**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
O espírito evolui	2	14%	1	10%	3	13%
A vida não acaba aqui	0	0%	3	30%	3	13%
Pela fé	2	14%	0	0%	2	8%
A vida é espiritual	1	7%	1	10%	2	8%
A alma é eterna	1	7%	0	0%	1	4%
Aprendi na religião	1	7%	0	0%	1	4%
Creio em Deus	1	7%	0	0%	1	4%
Por evidências científicas e religiosas	1	7%	0	0%	1	4%
Por intuição	1	7%	0	0%	1	4%
A vida é uma passagem	0	0%	1	10%	1	4%
Deve existir outra vida	0	0%	1	10%	1	4%
Sem resposta	4	29%	3	30%	7	29%
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>

Pela Tabela 61 e relativamente aos alunos da UFRN, 4 deles (11%) disseram que acreditam na vida após a morte porque *a alma é eterna*, enquanto que outros 6 respondentes (8%) disseram que *a vida não acaba aqui*.

**Tabela 61 - Porque você acredita na vida após a morte?**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
A alma é eterna	3	16%	1	6%	4	11%
Aprendi na religião	2	11%	1	6%	3	8%
Creio em Deus	2	11%	0	0%	2	6%
Crença em um ser superior	2	11%	0	0%	2	6%
A vida é espiritual	2	11%	0	0%	2	6%
A vida não acaba aqui	1	5%	1	6%	2	6%
Acredito em ceu e inferno	1	5%	0	0%	1	3%
Por intuição	1	5%	0	0%	1	3%
É pouco para cumprir nosso dever	1	5%	0	0%	1	3%
Início de um novo estagio	1	5%	0	0%	1	3%
Para encontrar outras pessoas	1	5%	0	0%	1	3%
Pela fé	0	0%	1	6%	1	3%
O espírito permanece	0	0%	1	6%	1	3%
O espírito evolui	0	0%	1	6%	1	3%
Essa vida é uma experiência	0	0%	1	6%	1	3%
Existe vida com Jesus	0	0%	1	6%	1	3%
Por histórias contadas	0	0%	1	6%	1	3%
Sem resposta	2	11%	8	47%	10	28%
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>100%</b>	<b>17</b>	<b>100%</b>	<b>36</b>	<b>100%</b>

Na Tabela 62, verifica-se que entre os 29 alunos do CDF que acreditam na vida após a morte, 2 justificam que foi assim que aprenderam na religião, 7 deles não responderam e os demais deram respostas diferentes.

**Tabela 62 - Porque você acredita na vida após a morte?**

Motivo	Masculin		Feminin		Total	
	o	%	o	%	l	%
Aprendi na religião	1	7%	1	7%	2	7%
A vida é material	1	7%	0	0%	1	3%
A vida sempre recomeça	1	7%	0	0%	1	3%
Essa vida é uma seleção	1	7%	0	0%	1	3%
Existem tempo e espaço grandes	1	7%	0	0%	1	3%
Para fazer em outra vida o que não foi feito	1	7%	0	0%	1	3%
Não estamos aqui a toa	1	7%	0	0%	1	3%
Nossa existencia vai alem do físico	1	7%	0	0%	1	3%
Poque já morri para o mundo	1	7%	0	0%	1	3%
Viverei no ceu	1	7%	0	0%	1	3%
O espírito evolui	1	7%	0	0%	1	3%
A alma é eterna	0	0%	1	7%	1	3%
A morte é um começo de uma vida nova	0	0%	1	7%	1	3%
Aqui na terra é apenas aprendizado	0	0%	1	7%	1	3%
Creio em anjos	0	0%	1	7%	1	3%
Creio em Deus	0	0%	1	7%	1	3%
Creio na reencarnação	0	0%	1	7%	1	3%
Creio no ceu	0	0%	1	7%	1	3%
Não sei ao certo	0	0%	1	7%	1	3%
Nos encontraremos com Deus	0	0%	1	7%	1	3%
Os salvos viverão eternamente com Cristo	0	0%	1	7%	1	3%
Sem resposta	4	27%	3	21%	7	24%
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>	<b>14</b>	<b>100%</b>	<b>29</b>	<b>100%</b>

A respeito dos 33 alunos do Atheneu (Tabela 63) que acreditam na vida após a morte, 5 deles (15%), disseram que *acreditam no céu*.

**Tabela 63 - Porque você acredita na vida após a morte?**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Creio no céu	0	0%	5	20%	5	15%
É um recomeço	1	13%	1	4%	2	6%
Deus existe	0	0%	2	8%	2	6%
Aprendi na religião	0	0%	2	8%	2	6%
A vida não acaba aqui	0	0%	1	4%	1	3%
Não tem sentido morrer	0	0%	1	4%	1	3%
A vida é pouco para o espírito	1	13%	0	0%	1	3%
Creio na vida eterna	1	13%	0	0%	1	3%
Já ouvi testemunhos	1	13%	0	0%	1	3%
Temos almas	1	13%	0	0%	1	3%
Temos um destino após a morte	1	13%	0	0%	1	3%
Creio em Jesus	1	13%	0	0%	1	3%
Creio na reencarnação	1	13%	0	0%	1	3%
Fundamento bíblico	0	0%	1	4%	1	3%
Creio que Deus nos dará outra vida	0	0%	1	4%	1	3%
Cresci aprendendo isso	0	0%	1	4%	1	3%
Deus não fez as pessoas para morrerem	0	0%	1	4%	1	3%
Deus tem um plano para nós	0	0%	1	4%	1	3%
Nova vida	0	0%	1	4%	1	3%
Sem resposta	0	0%	7	28%	7	21%
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>100%</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>	<b>33</b>	<b>100%</b>

## 2.19 - MOTIVOS PELOS QUAIS NÃO ACREDITA NA VIDA APÓS A MORTE

Entre os 20 professores e professoras da UFRN, Tabela 64, que não acreditam na vida após a morte 6 respondentes (30%) justificam dizendo que *a vida termina aqui*.

**Tabela 64 - Porque você não acredita na vida após a morte?**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
A vida termina aqui	3	33%	3	27%	6	30%
O corpo serve de adubo	1	11%	0	0%	1	5%
É um fenômeno biológico	1	11%	0	0%	1	5%
Sou realista	0	0%	1	9%	1	5%
Ninguém voltou dela	0	0%	1	9%	1	5%
Creio na ressurreição	0	0%	1	9%	1	5%
É evolução natural	0	0%	1	9%	1	5%
Sem resposta	4	44%	4	36%	8	40%
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>

Dentre os 12 alunos(as) da UFRN que não acreditam na vida após a morte 4 respondentes (33%), afirmam o mesmo que os professores. Justificam dizendo que *a vida termina aqui* (Tabela 65).

**Tabela 65 - Porque você não acredita na vida após a morte?**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
A vida termina aqui	3	50%	1	17%	4	33%
Faltam evidências	1	17%	1	17%	2	17%
O corpo se decompõe	2	33%	0	0%	2	17%
Creio na ressurreição	0	0%	1	17%	1	8%
Sem resposta	0	0%	3	50%	3	25%
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>12</b>	<b>100%</b>

Na Tabela 66, a mesma opinião é observada entre os alunos do CDF, pois, 2 alunos e 1 aluna referiram o mesmo motivo.

**Tabela 66 - Porque você não acredita na vida após a morte?**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
A vida termina aqui	2	22%	1	9%	3	15%
Aprendi na religião	0	0%	3	27%	3	15%
Fundamento bíblico	1	11%	0	0%	1	5%
Não creio na reencarnação	1	11%	0	0%	1	5%
Não tem porque morrer	1	11%	0	0%	1	5%
Nunca tive prova	1	11%	0	0%	1	5%
Vamos para o céu ou inferno	0	0%	1	9%	1	5%
Voltamos para o pó	0	0%	1	9%	1	5%
Sem resposta	3	33%	5	45%	8	40%
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>100%</b>	<b>11</b>	<b>100%</b>	<b>20</b>	<b>100%</b>

Em relação aos estudantes do Atheneu (Tabela 67) 30% destes afirmam que a falta de evidências ou a decomposição do corpo são motivos para não acreditar na vida após a morte.

**Tabela 67 - Porque você não acredita em vida após a morte?**

Motivo	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
O corpo se decompõe	1	14%	1	17%	2	15%
Faltam evidências	2	29%	0	0%	2	15%
A morte não é uma opção	1	14%	0	0%	1	8%
Assim todos iriam querer morrer	1	14%	0	0%	1	8%
Vida só no céu	1	14%	0	0%	1	8%
A vida termina aqui	0	0%	1	17%	1	8%
Vamos para o céu ou inferno	0	0%	1	17%	1	8%
Sem resposta	1	14%	3	50%	4	31%
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>100%</b>	<b>6</b>	<b>100%</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

### 3 - REPRESENTAÇÕES DA MORTE

Neste trabalho foi solicitado aos inquiridos que citassem algo que para eles representasse a morte. Além disso, pediu-se que indicassem uma palavra, um som, uma cor, um animal, um objecto, um lugar, uma música e um ruído que representasse a morte.

#### 3.1 - REPRESENTAÇÃO GERAL

No total, 163 (83%) das pessoas inquiridas deram representações da morte e 35 (17%) não responderam. No entanto, 21 pessoas (11%) citaram a *“tristeza”* como representação da morte. Esta representação está mais presente entre as pessoas do sexo feminino do colégio Atheneu. A Tabela 68 mostra as principais representações.

**Tabela 68 - Que representação atribui à morte?**

Representações	Professores		Estudantes UFRN		Estudantes CDF		Estudantes Atheneu		Total		Total Geral
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
Tristeza	0	0	3	1	5	5	6	1	14	7	21
Caveira	7	3	0	0	0	0	1	1	8	4	12
Fim	1	1	5	1	2	0	1	1	9	3	12
Saudade	0	3	1	1	1	0	0	1	2	5	7
Passagem	0	0	2	2	1	2	0	0	3	4	7
Cruz	1	0	0	1	3	0	0	1	4	2	6
Choro	0	0	0	0	1	1	2	0	3	1	4
Velório	0	3	0	0	0	0	0	0	0	3	3
Caixão	1	0	0	0	0	0	0	2	1	2	3
Céu	0	0	0	1	0	0	2	0	2	1	3
Desespero	0	0	1	0	0	0	2	0	3	0	3
Dor	0	0	0	0	1	0	2	0	3	0	3
Pecado	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2	2
Naturalidade	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	2
Luz	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	2
Ausencia	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	2
Eternidade	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	2
Despedida	0	0	0	0	2	0	0	0	2	0	2
Outras	7	6	8	15	8	13	6	3	29	37	66
Sem resp.	3	7	5	3	1	2	12	2	21	14	35
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>107</b>	<b>90</b>	<b>197</b>

Neste contexto, podemos observar claramente que o sentimento de tristeza para os alunos do Ensino Médio, neste universo de respondentes, caracteriza mais o sentimento de perda do que para os grupos de estudantes universitários, os quais já estariam vivendo o fim da adolescência, se é que esta fase poderia ser vista como uma atenuante nesta questão. Quanto aos professores universitários não terem usado a palavra *tristeza* como resposta para a representação da morte, neste item específico, pode não significar necessariamente que este grupo não apresente este sentimento frente à perda de um ente-querido ou amigo, pois este estado emocional e subjectivo da pessoa pode estar também representado pela palavra *caveira*, a qual foi citada pelos mesmos.

### 3.2 - UMA PALAVRA

No total, 182 (93%) das pessoas pesquisadas citaram palavras que representavam a morte e 15 respondentes (7%) não responderam. No entanto, 21 pessoas (11%) citaram o “*fim*” como uma palavra que representa a morte. A “*tristeza*” aparece novamente com grande frequência nesta questão. Essas palavras estão mais presentes entre as pessoas do sexo masculino (professores e alunos da UFRN) e do sexo feminino do Colégio Atheneu, respectivamente.

A Tabela 69 na página seguinte mostra as principais palavras.

**Tabela 69 - Sobre a questão: Cite uma palavra, que para si represente a morte**

Palavra	Professores		Estudantes UFRN		Estudantes CDF		Estudantes Atheneu		Total		Total Geral
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
Fim	2	4	5	5	0	2	2	1	9	12	21
Tristeza	2	0	1	2	5	0	7	0	15	2	17
Saudade	0	2	0	3	5	0	2	0	7	5	12
Passagem	1	1	3	0	1	2	1	0	6	3	9
Vida	2	3	0	0	1	0	1	0	4	3	7
Dor	1	0	1	2	0	0	2	1	4	3	7
Caixao	0	0	1	0	0	2	1	1	2	3	5
Medo	0	0	0	0	1	0	0	3	1	3	4
Ausência	1	2	0	0	0	0	0	0	1	2	3
Violencia	0	0	0	0	0	2	0	1	0	3	3
Viagem	1	0	0	0	0	0	1	1	2	1	3
Doença	0	0	1	0	0	0	2	0	3	0	3
Sufrimento	0	0	0	1	0	0	2	0	2	1	3
Descanso	0	0	0	0	0	1	1	1	1	2	3
Foice	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	2
Fogo	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
Certeza	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	2
Transformação	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	2
Despedida	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	2
Sacrificio	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	2
Tiro	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	2
Outras	8	9	9	6	10	10	11	5	38	30	68
Sem resp.	1	3	1	3	0	4	2	1	4	11	15
Total	22	25	25	25	25	25	35	15	107	90	197

Fazendo uma análise comparativa entre os grupos sobre o item “Cite uma palavra que para si represente a morte”, como expressa a tabela 69, podemos observar nas respectivas respostas registradas que outras palavras como *Fim*, *Saudade*, e *Passagem*, também foram citadas por alguns inquiridos. Percebe-se que, segundo estas palavras, os sujeitos respondentes apresentam uma mesma visão, sentimento e subjectividade em relação a uma breve, senão monossilábica, mesmo que imensamente profunda compreensão sobre a morte.

Portanto, através desta verificação comum, constatada entre os entrevistados dos respectivos grupos e representada pelas mesmas palavras citadas, estes traduzem o mesmo pensamento para as diferentes características individuais e socioculturais, onde a formação escolar e acadêmica, idade, religião e outras particularidades constituem importantes diferenças, mas que nesse ponto convergem para um mesmo sentimento.

Fica claro que o entendimento da morte sobressai bem das associações de palavras que cada inquirido fez dessa mesma realidade.

No caso da palavra *Passagem*, presente nas respostas de todos os quatro grupos para a referida pergunta, nota-se um outro sentido religioso quando o indivíduo respondente se refere à passagem como sendo a sua “*Transferência*” de um plano existencial para outro.

Por outro lado, somos levados a conjecturar, ao mesmo tempo, sobre uma passagem de sentido biológico de um estado orgânico para um estado espiritual. Esta situação pode encontrar discreta analogia no que nos diz Steigner (1998, p. 157):

“Na aventura da vida individual, começada na concepção, a morte aparece como o segundo nascimento. O primeiro é aquele no qual o ser humano passa a vida aquática, intra-uterina para a vida aérea, através do estreito túnel vaginal, a fim de desembocar na luz solar. Essa primeira passagem necessária é uma experiência solitária de separação, a qual se realiza geralmente num meio familiar acolhedor e feliz. A morte, vista na terra como um segundo nascimento, marca a passagem do mundo aéreo para o mundo “espiritual” ou “Astral”.

### 3.3 - UM SOM

No total, 155 (79%) pessoas inquiridas citaram um som (Tabela 70) para representar a morte e 43 respondentes (21%) não responderam. No entanto, 30 pessoas (15%) citaram o “silêncio” como um som (ou ausência de som) que representa a morte. Essa representação está mais presente entre as pessoas do sexo masculino, nomeadamente professores da UFRN. O grito, o som do tiro e o choro também foram bastante citados.

A Tabela 70 mostra os principais sons.

**Tabela 70 - Cite um som que para você represente a morte**

Som	Profess		Estud UFRN		Estud CDF		Estud Atheneu		Total		Total Geral
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
Silencio	3	6	2	4	4	4	4	3	13	17	30
Grito	0	0	0	2	2	2	3	3	5	7	12
Tiro	0	0	0	1	2	4	4	1	6	6	12
Choro	1	1	0	1	2	0	5	2	8	4	12
Marcha fúnebre	2	1	1	0	2	0	1	1	6	2	8
Coruja	0	2	0	2	0	0	1	0	1	4	5
Explosao	2	1	0	1	0	0	0	0	2	2	4
Vento	2	0	0	0	0	0	1	0	3	0	3
Bum!	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	2
Gótico	0	0	0	0	2	0	0	0	2	0	2
Calmo	0	0	0	0	0	0	2	0	2	0	2
Outras	5	6	12	9	8	10	7	5	32	30	62
Sem resp.	7	8	10	3	3	5	7	0	27	16	43
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>107</b>	<b>90</b>	<b>197</b>

Apesar da individualidade e da subjectividade de cada entrevistado que, na maioria das vezes, resulta em respostas ecléticas sobre determinadas questões, podemos observar uma tendência agregadora quando todos os grupos apresentaram, entre outras citações, a palavra *Silêncio* para o item *Cite um som que para si represente a morte*. Esse comportamento é diferente de algumas outras representações dos mesmos grupos como o *Som da coruja*, a *Marcha Fúnebre*, *Explosões*, *Tiros*, e tantos outros exemplos verificados na tabela anterior. Em relação a esta questão, os quatro grupos foram unânimes em citar a palavra *Silêncio*, onde 9 professores, 6 estudantes universitários, 8 alunos do CDF e 7 alunos do Atheneu, se manifestaram através da palavra *Silêncio*, para representar a morte.

Também os quatro grupos foram unânimes ao citarem a *Marcha Fúnebre* como o som que representa a morte. Já três dos quatro grupos citaram o *Canto da coruja*, como sendo o som que *representa a morte*, neste contexto. O *canto da coruja* ou *rasga-mortalha*, como é popularmente chamada, é uma ave de rapina, parente dos falconídeos e que, no Brasil, especialmente no Nordeste, é tida como ave agourenta que, ao cantar sinistramente entoando um piado ou chamado muito forte, como o som de um pano ras-

gado, forte e rápido, que seria o pano da mortalha do moribundo, durante o anoitecer, estaria anunciando a morte de alguém, como reza a crença popular. A propósito, esta referência remete para o pensamento imaginário colectivo de que um dos primeiros símbolos da representação da morte foi uma *ave agourenta*.

Como lembra a letra da música “Rasga-Mortalha”, de autoria de *Show* (2006):

“Como o grito de um fantasma amaldiçoado  
 Teu canto ecoa longe nas noites mágicas  
 Para o espanto dos tolos querubins  
 Rasga-Mortalha cruzando o infinito  
 (...)  
 Vejo as cores da morte em sua face tão bela  
 E nem a mais bela consorte  
 Fascinam, hipnotizam como ela...”

Outros sons, como o de *corneta, sinos, flauta, tiros e piano*, foram citados, por respondentes de todos os grupos, conferindo assim, uma grande diversidade de significados para a morte, através do som.

### 3.4 - UMA COR

No total, 184 das pessoas inquiridas (93%) citaram uma cor que representasse a morte e apenas 14 respondentes (7%) não responderam. No entanto, 125 pessoas (64%) citaram a cor *preta* como uma *cor* que para elas representa a morte. Essa cor foi citada principalmente entre as pessoas do sexo feminino. Já 14% responderam que a cor branca representa a morte. A Tabela 71, a seguir, mostra as principais cores.

**Tabela 71 - Que cor atribui à morte?**

Cor	Profess		Estud UFRN		Estud CDF		Estud Atheneu		Total		Total Geral
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
Preto	10	8	18	19	20	13	25	12	73	52	125
Branco	5	4	2	2	3	4	6	1	16	11	27
Vermelho	0	0	0	1	1	5	0	0	1	6	7
Escuro	3	3	0	0	0	0	0	0	3	3	6
Cinza	0	2	1	0	0	0	2	0	3	2	5
Azul	1	2	0	0	0	0	0	0	1	2	3
Outras	1	3	1	1	0	2	1	1	3	7	10
Sem resp.	2	3	3	2	1	1	1	1	7	7	14
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>107</b>	<b>90</b>	<b>197</b>

Segundo Farina (1986, p. 112), no seu livro *Psicodinâmica das Cores em Comunicação*, a respeito do significado psicológico das cores:

“Já vimos que a reacção do indivíduo à cor é uma maneira particular e subjectiva que se pode relacionar com vários factores. Entretanto, os psicólogos estão de comum acordo quando atribuem certos significados a determinadas cores que são básicas para qualquer indivíduo que viva dentro de nossa cultura. As cores constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influenciando no indivíduo para gostar ou não de algo, para negar ou afirmar, para se abster ou agir. Muitas preferências sobre as cores baseiam-se em associações ou experiências agradáveis tidas no passado e, portanto, torna-se difícil mudar as preferências sobre as mesmas”.

O **preto** foi a cor citada não somente pelos respondentes dos quatro grupos como foi a mais destacada de entre todas as outras mencionadas, 125 dos 197 entrevistados, tendo apontado esta cor como *representante da morte*. É importante frisar que, por outro lado, todos os grupos também citaram a **cor branca**, ainda que em menor índice como *representando a morte*.

Citando ainda Farina (1986, p. 113) que descreve sobre as cores preto, cinza e branco, este refere que:

“A palavra branco nos vem do germânico blank (brilhante). Simboliza a luz e nunca é considerada cor, pois de facto não é. Se para os ocidentais simboliza a vida e o bem, para os orientais é a morte, o fim, o nada. A cor preta associa-se ao material: sujeira, sobra, enterro, noite, carvão, fumaça, condolência, morto, fim, coisas escondidas; Associação afectiva: mal, miséria, pessimismo, sordidez, tristeza, frigidez, desgraça, dor, temor, negação, melancolia, opressão, angústia, renúncia, intriga; Associação afectiva sobre a cinza: tédio, tristeza, decadência, velhice, desânimo, seriedade, sabedoria, passado, finura, pena, aborrecimento, carência vital”. (Farina, 1986, p. 113)

### 3.5 - UM ANIMAL

No total, 160 pessoas (81%) inquiridas citaram um animal que representasse a morte e apenas 37 respondentes (19%) não responderam. Tamb, 37 pessoas (19%) citaram o “**urubu**” como um *animal* que para eles representa a morte. Além disso,

outros 3 animais foram citados, tais como: a cobra, a coruja e o corvo, totalizando 53%. A Tabela 72 mostra os principais animais.

**Tabela 72 - Cite um animal que para si represente a morte**

Animal	Profess		Estud UFRN		Estud CDF		Estud Atheneu		Total		Total Geral
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
Urubu	0	2	8	9	8	5	2	3	18	19	37
Cobra/serpente	0	5	2	1	7	1	5	2	14	9	23
Coruja	2	2	4	4	2	1	5	3	13	10	23
Corvo	2	3	2	3	1	4	2	3	7	13	20
Gato	1	0	0	0	3	0	2	0	6	0	6
Morcego	2	1	0	1	1	0	1	0	4	2	6
Rasga mortalha	0	0	2	0	0	1	1	1	3	2	5
Passaro	3	0	1	0	0	0	0	0	4	0	4
Veado	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2	2
Outras	2	5	2	4	3	6	10	2	17	17	34
Sem resp.	10	7	4	3	0	5	7	1	21	16	37
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>107</b>	<b>90</b>	<b>197</b>

**Ilustração 37 - A criança e o Urubu**



**Fonte:** Revista Época, 2005

O urubu é uma ave carnívora, de rapina, pertencente à ordem dos falconídeos e que, por se alimentar de animais mortos e carniças, ocupa o imaginário popular como sendo uma ave de mau-agouro. É muito comum os rituais do urubu serem vistos no Nordeste do Brasil, durante a seca, fenômeno que dizima animais que morrem de fome e sede, enquanto essas aves sinistras se alimentam dos seus restos mortais. Portanto, urubus sobrevoando em círculos no céu sobre animais mortos ou agonizantes, significam morte. A Ilustração, supra indicada, mostra uma triste imagem que envergonha a humanidade, onde dois representantes da morte, a fome e o urubu, numa só cena, são vencedores do fenômeno da vida.

O *canto da Coruja* ou *Rasga-Mortalha*, também representa a morte para o imaginário popular que tem, ao longo do tempo, associado esta ave à morte, como foi descrito anteriormente. Já o Corvo é uma representação bíblica (Gênesis, capítulo 8, versículo 6; Soares, 1964, p. 26) e literária para a morte, ainda bem nítida e presente no imaginário individual e colectivo das pessoas.

A *Cobra*, por outro lado, é um réptil ofídio nocivo e peçonhento. Este animal é reconhecido universalmente, inclusive na mitologia, pelo seu poder devastador de matar com o seu veneno, mas que também pode curar, quando utilizado de forma correcta farmacologicamente. Porém, através dos tempos, a sua imagem assustadora remete para a representação da morte.

### 3.6 - UM OBJECTO

No total, 172 (87%) pessoas inquiridas citaram um animal que representasse a morte e apenas 25 (13%) não responderam. No entanto, 48 pessoas (24%) citaram o “*caixão*” como um objecto que para elas representa a morte. Além disso, outros 3 objectos foram citados: **arma**, **cruz** e **foice**, totalizando 61%. A Tabela 73, a seguir, mostra os principais objectos citados.

Tabela 73 - Cite um objecto que para si represente a morte?

Objeto	Profess		Estud UFRN		Estud CDF		Estud Atheneu		Total		Total Geral
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
Caixão	2	4	8	4	8	6	13	3	31	17	48
Arma	0	4	5	7	3	5	9	1	17	17	34
Cruz	0	4	4	3	5	2	3	2	12	11	23
Foice	2	4	2	2	2	2	1	0	7	8	15
Faca	1	0	0	2	0	5	3	3	4	10	14
Vela	1	0	0	2	0	1	1	0	2	3	5
Crucifixo	0	1	0	0	3	0	0	1	3	2	5
Caveira	1	0	0	0	1	0	1	0	3	0	3
Túmulo	1	0	2	0	0	0	0	0	3	0	3
Outras	4	4	1	3	3	2	1	4	9	13	22
Sem resposta.	10	4	3	2	0	2	3	1	16	9	25
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>107</b>	<b>90</b>	<b>197</b>

Os representantes dos quatro grupos também foram unânimes em citarem as palavras *Caixão*, *Arma*, *Cruz* e *Foice* como representantes da morte, entre outras palavras menos representativas, segundo eles.

Os rituais de pós-morte foram instituídos pelas religiões e praticados de acordo com cada uma das suas crenças e dogmas. *Velar, chorar e enterrar* os seus mortos é um procedimento religioso e sócio cultural com raízes antropológicas. Algumas religiões como o Cristianismo, por exemplo, enterram os seus mortos em *Caixões, Sarcófagos* ou *ataúdes*, que são depositados em covas.

Portanto, todos os grupos de entrevistados citaram, em primeiro lugar, o *Caixão* (48 inquiridos) como sendo a palavra apropriada para representar a morte. Ariès (2002 p. 59) diz que já no século XV “*os sarcófagos de pedra, muitas vezes, comportavam, além dos nomes do defunto, os seus retratos*”.

Para os respondentes, a palavra *Arma* (34 inquiridos), também significa morte, uma vez que todos os dias morrem centenas de pessoas por armas, seja através de guerras ou simplesmente por causa da violência urbana nas grandes cidades de todo o mundo, nomeadamente no Brasil. Em terceiro lugar, foi citada, por todos os grupos, a palavra *cruz* (23 inquiridos), como sendo a mais apropriada para simbolizar a morte. A *cruz* não é apenas o símbolo da Fé Cristã, mas também representa a morte. No que diz respeito à *Foice* (15 inquiridos), ficou constatado que, pelas respostas, também de todos os grupos, esta foi citada como sendo um símbolo da morte que está no imaginário popular das pessoas por questão de simbologia.

### 3.7 - UM LUGAR

O lugar mais citado pelos respondentes representando a morte foi o “**cemitério**” 117 respondentes a que corresponde (60%), pois, o *Cemitério*, segundo o conceito popular, é *o lugar onde são sepultados os cadáveres*. No entanto, 24 pessoas não responderam e outras 56 deram respostas diferentes das que constam na Tabela 74.

**Tabela 74 - Cite um lugar que para si represente a morte**

Lugar	Profess		Estud UFRN		Estud CDF		Estud Atheneu		Total		Total Geral
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
Cemitério	14	15	14	1	22	13	27	11	77	40	117
Inferno	0	0	0	0	1	0	3	1	4	1	5
Hospital	0	0	0	0	0	3	0	0	0	3	3
Outras	7	4	8	23	2	7	4	1	21	35	56
Sem resposta	1	6	3	1	0	2	1	2	14	11	25
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>107</b>	<b>90</b>	<b>197</b>

A questão “cite um lugar que para si represente a morte”, foi a que obteve mais frequência nas respostas dadas por todos os grupos concomitantemente, em comparação com as outras, pois dos quatro grupos, que totalizam 197 entrevistados, 117 citaram o *Cemitério* como sendo a palavra apropriada para representar a morte.

### 3.8 - UMA MÚSICA

No total, 113 das pessoas inqueridas (57%) lembraram-se de uma música que representasse a morte, porém 84 respondentes, correspondendo a 42% não responderam. Entre as que se lembraram, 20 citaram a *Marcha Fúnebre*. A segunda música mais lembrada (pelas mulheres) foi: *Segura na Mão de Deus*. A Tabela 75 mostra as principais músicas evocadas.

Tabela 75 - Cite uma música que para si represente a morte

Música	Profess		Estud UFRN		Estud CDF		Estud Atheneu		Total		Total Geral
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
Marcha Fúnebre	1	3	0	7	1	5	2	1	4	16	20
Segura na Mão de Deus	1	0	5	1	5	0	4	0	15	1	16
Noite Traioeira	0	0	0	0	3	0	3	0	6	0	6
Morte e Vida Severina	0	0	0	0	0	0	2	1	2	1	3
Clássica	0	0	0	0	2	0	0	0	2	0	2
Encontros e Despedidas	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	2
Outras	2	10	7	7	7	16	7	8	23	41	64
Sem resposta	18	12	13	8	7	4	17	5	56	29	84
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>107</b>	<b>90</b>	<b>197</b>

Apesar dos entrevistados já terem citado anteriormente algumas palavras que se referem a um *tipo de som* para representar a morte, esta tabela, é específica sobre o assunto ao inquirir o entrevistado sobre: “cite uma música que para si represente a morte”.

A música *Marcha Fúnebre* foi citada por todos os grupos. É Interessante observar que a música *Segura na Mão de Deus* não trata, especificamente, o assunto da morte, mas acentua a confiança em Deus, assim como a partida na sua companhia e a segurança que nele esperam. Portanto, esta música foi lembrada equivocadamente. A seguir, a letra da referida música:

“Se as águas do mar da vida quiserem te afogar  
 Segura na mão de Deus e vai  
 Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar  
 Segura na mão de Deus e vai  
 Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus,  
 pois ela, ela te sustentará  
 Não temas segue adiante e não olhes para trás  
 Segura na mão de Deus e vai  
  
 Se a jornada é pesada e te cansas da caminhada  
 Segura na mão de Deus e vai  
 Orando, jejuando, confiando e confessando  
 Segura na mão de Deus e vai  
  
 O Espírito do Senhor sempre te revestirá  
 Segura na mão de Deus e vai  
 Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará  
 Segura na mão de Deus e vai”

### 3.9 - UM RUÍDO

Embora o “som” e o “ruído” representem do ponto de vista físico o mesmo fenômeno, a sua percepção para o indivíduo é diferente, o que conduz os inquiridos a responderem com diferenças significantes (Tabela 76). Enquanto o **silêncio** foi o “som” mais citado, o **grito** foi o “ruído” mais citado, principalmente, pelas mulheres. A semelhança é percebida no momento em que o **grito** e o **choro** estão entre as 4 palavras mais citadas no “som” e no “ruído”.

**Tabela 76 - Cite um ruído que para si represente a morte**

Ruído	Profess		Estud UFRN		Estud CDF		Estud Atheneu		Total		Total Geral
	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	
Grito	1	0	1	3	4	1	6	1	12	5	17
Choro	0	0	1	3	2	0	3	1	6	4	10
Pneu	1	1	1	0	0	3	0	1	2	5	7
Din-dom/sino	1	0	0	2	0	1	2	0	3	3	6
Vento	2	0	0	0	0	0	3	1	5	1	6
Coruja	1	1	0	2	0	0	1	1	2	4	6
Rasga mortalha	0	0	1	3	0	1	1	0	2	4	6
Lobo/uivo	0	0	1	2	0	0	2	0	3	2	5
Silencio	0	2	0	0	0	2	1	0	1	4	5
Rugido de porta	0	0	2	1	0	0	0	1	2	2	4
Capinógrafo	0	0	0	0	3	0	0	0	3	0	3
Sopro	3	0	0	0	0	0	0	0	3	0	3
Outras	2	6	8	6	6	7	8	2	24	21	45
Sem resp.	11	15	10	3	10	10	8	7	39	35	74
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>107</b>	<b>90</b>	<b>197</b>

## Síntese

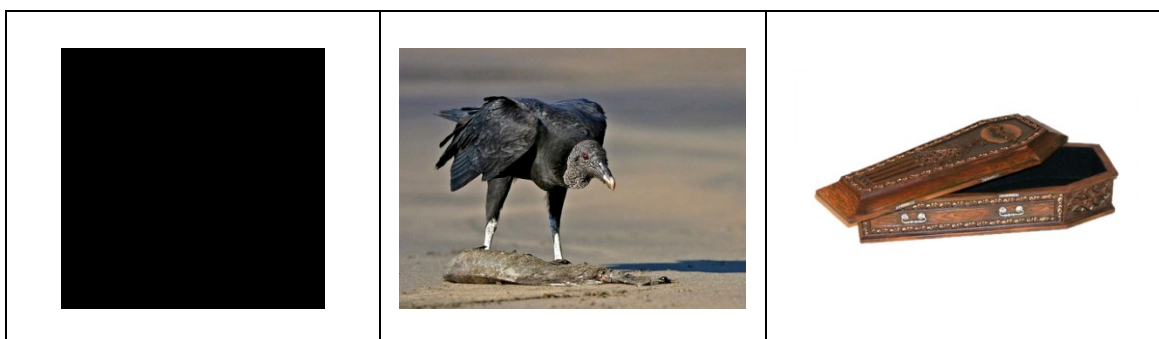
Se fôssemos resumir, em representações pictóricas, o que as palavras da maioria dos respondentes escolheram para simbolizar e representar a morte, teríamos o que se segue:



Sentimento: Tristeza

Palavra: Fim

Som: Silêncio



Cor: Preto

Animal: Urubu

Objecto: Caixão



Lugar: Cemitério

Música: Marcha fúnebre

Ruído: Grito

## **CAPÍTULO 8**

### **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DESENHOS**

## 1 - DESENHOS FEITOS PELOS PROFESSORES (UFRN)

Com o objectivo de melhor analisar os desenhos de todos os entrevistados e ao mesmo tempo não os tornar repetitivos nem demasiado extensos, agrupámos os mesmos em categorias e subcategorias, às quais listámos elementos simbólicos.

Assim sendo, obtivemos o seguinte quadro:

**Tabela 77 - Significados dos desenhos agrupados em categorias**

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	ELEMENTOS SIMBÓLICOS (ICÓNICOS)
Concepção/descrição da Morte	Morte associada à Simbologia Sacra	Caixão, Cruz, Crucifixo
Causas da Morte	Violência, Fenómeno da Natureza, Doenças	Armas (em geral), Seca, Insolação, Congelamento, Desertificação
Consciência da Morte	Sufrimento	Perdas, Lágrimas, Tristeza, Isolamento

Como já foi referido anteriormente, cada grupo e indivíduo inquirido fez o seu desenho, tendo sido a última pergunta do questionário de investigação exactamente esta solicitação para que a morte fosse representada através de um desenho. Este desenho é fundamental para que, através do mesmo, se possa obter a imagem simbólica ou pictórica que cada grupo inquirido e os seus componentes têm da morte. Assim sendo, foi possível seleccionar dentro dos 50 desenhos de cada grupo uma amostra para as devidas comparações entre si. Os demais desenhos que não foram analisados nas referidas amostras encontram-se em anexo (Anexos 5-8).

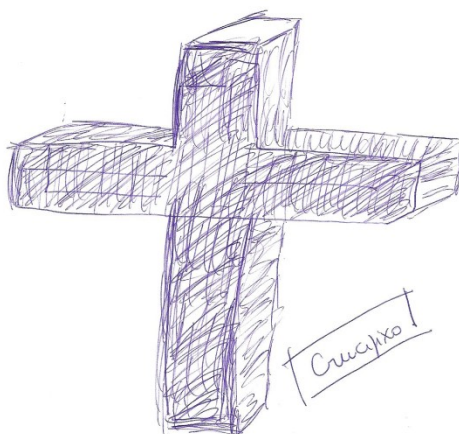
Vejamos, portanto, as categorias, descrições e elementos simbólicos apresentados pelos professores e suas respectivas representações:

**Tabela 78 - Desenhos feitos pelos professores da UFRN para representar a morte**

PROFESSORES DA UFRN		
CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	ELEMENTOS SIMBÓLICOS/ICÓNICOS
1. Concepção/descrição da Morte	Morte associada à Simbologia sacra	Caixão, Cruz, Vela, Crucifixo, Tumba, Rosário, Cemitério
2. Causas da Morte	Violência, Fenómeno da Natureza, Doenças	Armas (em geral), Seca, Insolação, Congelamento, Desertificação
3. Consciência da Morte	Doença/hospital	Perdas, Lágrimas, Tristeza, Isolamento
4. Desconhecido/Incógnita	Nada, Vazio	Interrogação

Entre os desenhos feitos pelos professores, seleccionámos 6 conforme as categorias acima descritas e os seus respectivos elementos. Os desenhos seleccionados (alguns acompanhados de títulos ou curtas descrições) foram os seguintes: *Crucifixo* (cruz), *Interrogação* (desconhecido), *Túmulo*, *Vela*, *Caixão* (morto velado) e *Doente* (enfermaria e morto), os quais são descritos em seguida.

**Desenho 1 - Crucifixo**



Este símbolo, juntamente com a cruz, com a qual muitas vezes se confunde por ser uma variação própria, foi o mais representado pelos inquiridos em geral, entre os outros desenhos elaborados. Embora a cruz seja um dos símbolos humanos mais antigos utilizado por diversas religiões, ela foi escolhida pela Religião Cristã para o relacionar com Cristo. Sabemos que, por questões religiosas e sócio culturais, o *Crucifixo* (Cruz de Cristo) é um símbolo de representação, identificação e veneração cristã, escolhido e

assumido pelos cristãos, após a crucificação de Jesus Cristo, como vida, morte, ressurreição e fé.

Como podemos ver, o desenho é limpo e não apresenta outros elementos que não a cruz, representando o crucifixo e o título do mesmo, demonstrando a intenção clara do entrevistado em focar a sua representação específica.

No que diz respeito à representação simbólica dos desenhos, é importante distinguir a observação empírica da Representação Social através da análise qualitativa do material simbólico, o que torna importante para uma distinção segura das representações de um grupo em relação a outro, como sugere Souza Filho (2004). Nessas abordagens qualitativas ressaltamos a análise de conteúdo, que se constitui num procedimento pautado na descrição de dados simbólicos a partir dos desenhos feitos pelos entrevistados. Assim sendo, Souza Filho, articulando tal método com a teoria moscoviciana, ressalta:

“Em Psicologia Social, a abordagem das representações sociais adopta a Análise de Conteúdo aberta para observar o conhecimento informal em relação a objectos específicos. Neste último caso, o analista não só procura inferir elementos de conteúdo isolados e combinados, como se faria em qualquer análise de comportamento e estrutural, mas, igualmente, considera-os como expressão da autonomia cognoscitiva do sujeito, que também procura transformar a realidade social e natural”.  
(Filho,1996, p.322)

Neste contexto, o símbolo da cruz apresentado pelos entrevistados, remete-nos claramente para a representação de morte, uma vez que foi o que desenhou para este fim, constatando-se assim, que prevalece a questão social e cultural, fundamentada na religião, de que a cruz é um dos mais fortes símbolos utilizados pelo homem para representar a morte.

### Desenho 2 - Interrogação



O simples desenho de uma interrogação, indubitavelmente reflecte o desconhecido, a incógnita, o mistério, ao qual o entrevistado se refere simbolicamente. Este conceito, tanto gráfico, quanto semântico, foi bastante evocado como resultado do inquérito.

### Desenho 3 – Tumba



Esta figura de uma tumba ou túmulo, em cinco traços simples, diz-nos como o inquirido representa a morte, simbolicamente, o que remete para uma forma clara de representar a finitude humana. É inegável a relação desta representação com a associação religiosa, uma vez que a cruz se encontra no topo da tumba, numa posição, não apenas de destaque, mas também de imponência, simbolizando que, ali, naquela tumba está ou esteve a morte, através dos restos mortais de um corpo morto e decomposto.

Regressemos, portanto, às tradições e às histórias às quais se reporta Ariès (2002, p. 59) quando diz que:

“Na Roma antiga, cada indivíduo, às vezes mesmo um escravo, tinha um local de sepultura (*loculus*) e que este local era frequentemente marcado por uma inscrição. As inscrições funerárias são numerosas no começo da época Cristã. Significam o desejo de conservar a identidade do túmulo e a memória do desaparecido". (Ariès, 2002, p. 59)

**Desenho 4 - Mãos rezando à luz de Vela**



Para os cristãos, a vela representa luz, crença, fé e, até vida e morte, como a passagem para outra dimensão ou outro mundo-do-além morte. Esta foi a intenção da representação do entrevistado ao apresentar uma vela, sugerindo o momento quando o moribundo expira, ou por outro lado, a vela também significa velar o lugar do morto, para que este seja iluminado.

**Desenho 5 - Caixão: morto velado**



Velar, chorar e enterrar os seus mortos sempre foi, com todas as evoluções e diferenças culturais, um dos rituais mais antigos adoptados pelo homem como contemplação misteriosa de sua própria morte.

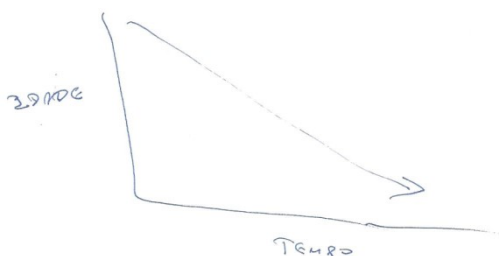
Os rituais fúnebres e a sua evolução, não mudaram muito ao longo do tempo no que diz respeito à sua essência em relação ao sentimento de perda e separação por quem parte. Evidentemente, que este comportamento muda segundo as diversas crenças e religiões, porém o sentimento de separação e perda continua o mesmo.

Sobre alguns aspectos evolutivos do ritual funerário, vejamos o que nos diz Ariès (2003, p. 87):

“Assim se tornou a grande cena da morte, que havia mudado tão pouco durante os séculos, senão milénios. Os ritos dos funerais também se modificaram, (...). Antes de tudo, é importante que a sociedade, a vizinhança, os amigos os colegas e as crianças se apercebam, o mínimo possível, de que a morte ocorreu. Se algumas formalidades são mantidas, e se uma cerimónia ainda marca a partida, devem permanecer discretas e evitar todo pretexto a uma emoção qualquer – assim, as condolências à família são agora suprimidas no final dos serviços de enterro”.

Nesse contexto, o desenho está bem representando pelo entrevistado, caracterizando, em simples traços, o morto no caixão sendo velado por duas pessoas.

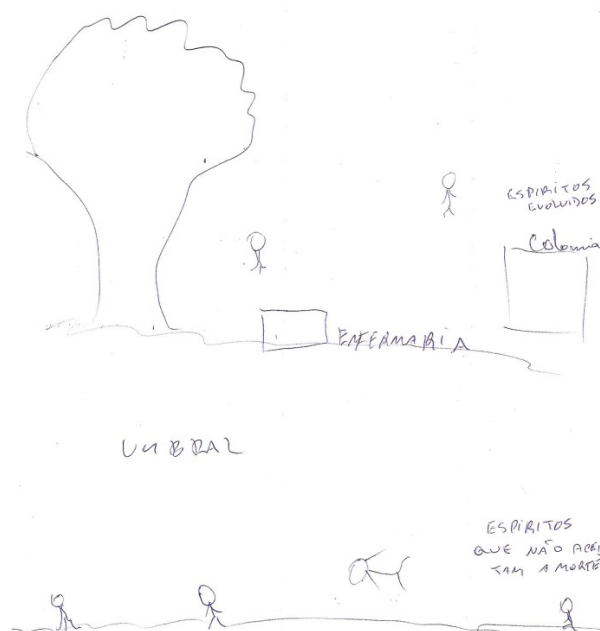
**Desenho 6 – Linhas do tempo**



O desenho 6 representa muito bem, num gráfico de apenas três linhas, a temporalidade do ser humano, através da íntima relação entre tempo e idade do ser

humano. O pensamento deste entrevistado, através de sua representação gráfica para a morte, remete para a opinião de Bee (2005, p. 584), o qual diz em seu estudo que “a morte pode chegar em qualquer idade, no entanto, para a maioria de nós, nas sociedades industrializadas, a morte chega no final da vida adulta”.

**Desenho 7 - Doente, enfermaria e morto**



Bastante rico em elementos, o desenho 7 tende a representar a morte institucionalizada, onde o leito das enfermarias, dos hospitais, das instituições hospitalares e casas de repouso substituíram o aconchego do lar e dos familiares. Assim sendo, e segundo Ariès (2003, p. 293):

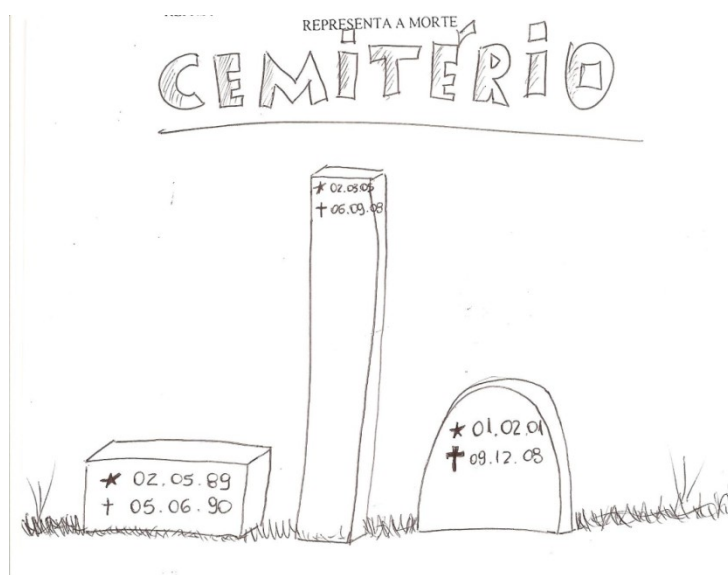
“A morte recuou e deixou a casa pelo hospital; está ausente do mundo familiar de cada dia. O homem de hoje, por não vê-la com muita frequência e muito de perto, a esqueceu; ela se tornou selvagem e, apesar do aparato científico que a reveste, perturba mais o hospital, lugar de razão e técnica, que o quarto da casa, lugar dos hábitos da vida cotidiana”.

## 2 - DESENHOS FEITOS PELOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS (UFRN)

Tabela 79 - Categorias de Desenhos dos Estudantes da UFRN

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS (UFRN)	
CATEGORIAS	ELEMENTOS SIMBÓLICOS/ICÓNICOS
Morte associada à Simbologia Sacro/Religiosa	Caixão, Cruz, Vela, Cemitério
Morte associada à Simbologia Gráfica	Esqueleto com capa e foice, Caveira, Dona Morte
Morte associada aos Fenômenos da Natureza	Céu e sol, Terra seca
Morte associada ao reencontro com ancestrais	Espírito encontrando familiar morte
Morte associada à violência	Homicídio, Armas

Desenho 8 - Cemitério

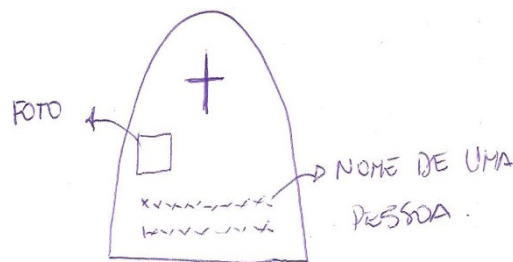


Na categoria Morte associada à Simbologia Sacro/Religiosa o desenho 8 representa, através do desenhado elaborado pelo inquirido, elementos que compõem o cemitério, lugar de despedida, recolhimento, contemplação e, sobretudo, leito dos mortos para a sua morada final ou descanso eterno, já que a vida é transitória.

A tradição cultural do lugar dos mortos, segundo os ritos presentes na contemporaneidade com o objectivo de preservar a memória de quem partiu, é rica, como corrobora Araújo (1991, p. 59):

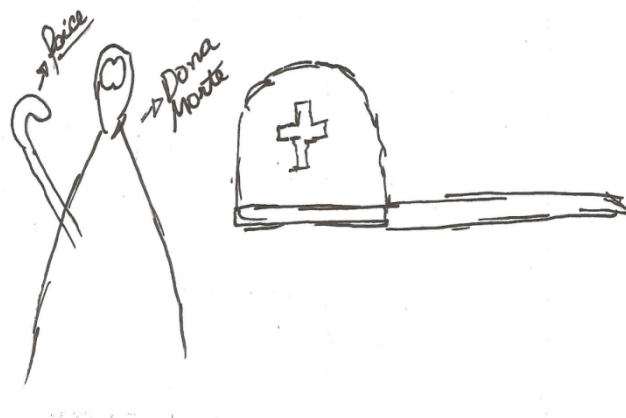
“Mas, na medida em que a morte pelo rito cerimonial resolveu comemorar o momento primordial e simultaneamente histórico da sociedade cristã, ou seja, o mistério da Paixão de Cristo, o tempo *post mortem* tornava-se para os vivos recordação e esperança na ressurreição. Sem levar muito longe essa valorização dinâmica do tempo, imanente ao próprio cristianismo, queremos apenas salientar que quanto mais intensa é a comemoração litúrgica da morte mais aguda se torna a consciência de salvar o tempo de uma vida, de transformar sua recordação em história e, conseqüentemente, em memória que se constrói, age e evoca”.

**Desenho 9 - Lápide caracterizada e identificada**



Apesar do cemitério ser um ambiente colectivo, a preocupação da individualidade do sujeito permanece bem representada, como observamos no desenho 9.

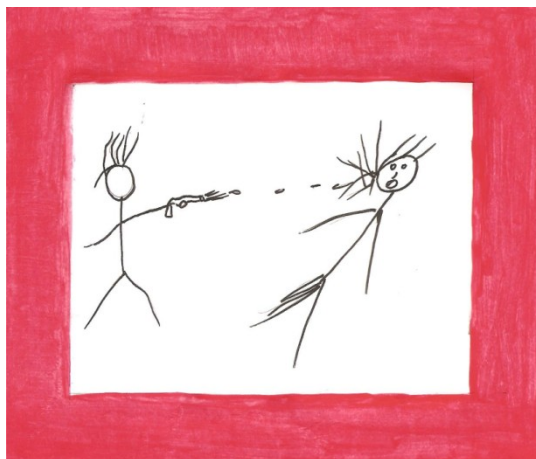
**Desenho 10 – Dona morte em frente a lápide**



Esta categoria representativa foi também bastante bem apresentada pela imponente figura da morte com a cabeça envolta na sua capa e pela foice que segura na sua

mão. No caso da figura escolhida, o inquirido ainda a denominou de “Dona Morte”, empunhando sua foice.

**Desenho 11 – Violência**



O Homicídio é um tipo de morte que significa crime (*hominis excidium*) e consiste no acto de uma pessoa matar outra, ou seja, é uma morte provocada por atentado contra a vida de alguém. O homem mata-se a si próprio, individual e colectivamente, como é o caso das guerras e de homicídios isolados.

Este desenho simples demonstra que o indivíduo apresenta a capacidade de provocar a morte do outro. Do ponto de vista antropológico, social e comportamental, o homicídio destaca-se entre outras atitudes inculcadas na natureza humana como conotação destrutiva individual do sujeito.

É nesse contexto que observa Morin (1970 p. 63) sobre esta tão negativa e impetuosa capacidade humana de eliminar a vida de seu semelhante, conscientemente:

“O homicídio, que aparentemente contradiz tão peremptoriamente o “horror da morte” é um dado humano tão universal como esta. Humano porque o homem é o único animal que mata o seu semelhante sem obrigação vital: embora o sinal do primeiro “crime” pré-histórico conhecido seja muito mais recente do que o da primeira tumba, aquele pobre crânio estilhaçado pelo sílex é uma testemunha sui generis do humano. Universal porque se manifesta desde a pré-história, porque é perpetrado durante toda a história exprimindo a lei (talião, castigo) encorajado pela lei (guerra), ou inimigo da lei (crime)”.

**Desenho 12 – Seca e morte**



No Brasil, assim como na África e outros países tropicais a seca, devastação e falta de água estão intimamente associadas à morte, por ser um fenômeno de desertificação que elimina o alimento e a água dos seus habitantes.

O Nordeste do Brasil é mundialmente conhecido como constituindo grandes áreas tropicais assoladas pela seca e, por conseguinte, é associado à morte dos seus habitantes. Agora, com o fenômeno universal do aquecimento global, a seca, mais do que antes, associa-se à morte de plantas animais e pessoas. O desenho 12, feito por um estudante universitário caracteriza muito bem o seu pensamento sobre a morte pela seca, fenômeno tão antigo quanto a região nordestina e seus sobreviventes, como é lembrada por Souza (1983, p. 23), no seu livro *O Calvário das Secas*, onde o mesmo salienta:

“No Brasil, as secas já respondem por um desfalecimento na nossa população de mais de dois milhões de habitantes, trinta vezes o que nos custou a guerra do Paraguai e, apenas, a terça parte das vidas e das mutilações da maior guerra da humanidade”.

Mais adiante, o autor descreve, com remorso, a imagem da morte de um trabalhador, que lhe ficou para sempre na sua memória, por tê-lo presenciado, ainda quando criança:

“Desta seca guardo a reminiscência de ter visto morrer a primeira criatura humana, um pobre retirante abarracado nas proximidades da casa paterna em Macaíba. Lá se vai bem mais de meio século, mas, no subconsciente da criança que ainda não havia completado cinco anos, nunca mais se apaga a memória do quadro que não recordo sem o espanto próprio daquela idade e que fujo à amargura de descrever” (Souza, 1983, p. 23).

### Desenho 13 - Encontro com os ancestrais



A questão na crença de uma vida após a morte, especificamente por motivos religiosos, ficou muito presente nas respostas dos entrevistados, inclusive graficamente, como demonstra o desenho acima. A crença na Ressurreição, através da visão cristã da morte, é expressa de forma privilegiada na doutrina da Igreja Católica, segundo a qual, àqueles que crêem no Senhor, a vida não é tirada, mas transformada.

### 3 - DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS DO CDF

Tabela 80 - Categorias de Desenhos feitos pelos Alunos do CDF

ALUNOS DO CDF	
CATEGORIAS	ELEMENTOS SIMBÓLICOS/ICÓNICOS
1. Morte associada à Simbologia Sacro/Religiosa	Caixão, Cruz, Vela, Túmulo, Cemitério
2. Morte associada à Simbologia Gráfica	Esqueleto com foice, Caveira
3. Morte associada ao sofrimento	Perda, Separação

**Desenho 14 – Caveira com vela**



Novamente, a imagem da caveira é escolhida como o símbolo para representar a morte. Isso reforça a constatação de que, culturalmente, esta representação tem sido destaque entre as demais. Nesse sentido, o entrevistado simbolizou a morte através da caveira e, utilizou outro elemento igualmente forte, sobre a mesma, que é a vela.

**Desenho 15 - Representação da morte com o seu capuz e foice**



Inserido na categoria “Morte associada à simbologia gráfica”, o desenho enquadra-se perfeitamente neste contexto pictórico, onde a morte é um esqueleto encoberto por uma capa preta, empunhando a sua foice como instrumento de ceifar vidas, como tanto tem sido representado socialmente. Esta descrição encontra-se na lenda de Grim Reaper (ou Anjo da Morte) que é “(...) uma entidade presente no imaginário de várias sociedades desde os primeiros registos históricos. Na cultura Ocidental, a morte é asso-

ciada à figura do ceifador, um esqueleto que porta uma gadanha (sendo que tal imagem geralmente é associada ao “quarto cavaleiro do Apocalipse” (Apocalipse 6, 8 e Apocalipse 14, 14-16). Estes dois textos apocalípticos podem ler-se na Bíblia Sagrada do Padre Matos Soares, 1964, páginas 1484 e 1491 respectivamente.

#### Desenho 16 - Homicídio, lápide e céu

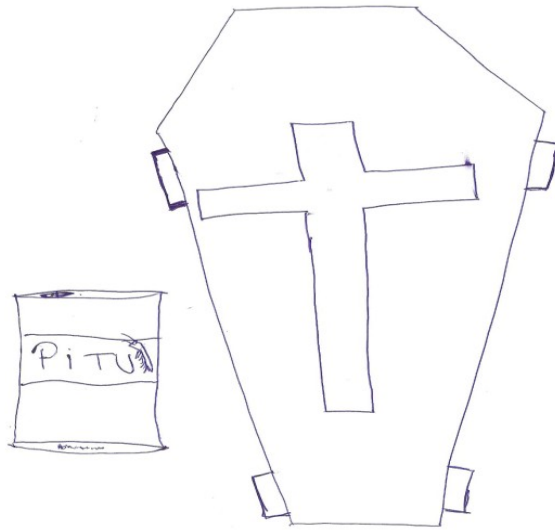


A questão da morte através do homicídio na sociedade actual, é bastante referida pelos adolescentes no seu dia-a-dia, como mostra o desenho supra apresentado. Infelizmente, este fenómeno também está presente nas escolas, o que torna a morte iminente também no seio da educação e comumente no meio social.

Sobre essa questão, Kastenbaum (1976, p. 273), discorre com propriedade nos seus estudos sobre a morte:

“Todos os homicídios são socialmente relevantes. É provável que todos os homicídios, em certa medida, sejam socialmente engendrados. Esta afirmativa é forte, seja ao considerar o assassinato cometido por um psicótico, seja por um não psicótico. O homicídio, afinal, não é cometido nos escuros recessos de uma mente nem mesmo (muito comumente) dentro da enfermaria fechada de um hospital de alienados. Ele irrompe na sociedade externa, real, uma sociedade que de certo modo permite e até encoraja sua ocorrência.”

**Desenho 17 - Álcool e morte**



Algumas *causae mortis*, tanto a nível nacional quanto mundial, acham-se no imaginário das pessoas, inclusive dos jovens, como drogas, álcool, acidentes automobilísticos, violência, e outros. O Desenho 17, acima, ilustra muito bem a representação gráfica feita pelo entrevistado, onde, ao lado de uma lata de aguardente, se encontra um caixão. A aguardente Pitu, é uma das marcas de cachaça mais vendida em território brasileiro, um dos maiores responsáveis por mortes individuais e em massa, no Brasil. É, portanto, uma das associações presentes no imaginário colectivo.

Já o Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas e Psicotrópicos, órgão ligado à Escola Paulista de Medicina atesta que o alcoolismo já atinge milhões de crianças e adolescentes no Brasil e as pesquisas feitas nessa área mostram que, além do próprio álcool, a sua associação às outras drogas, à violência e ao trânsito, mata mais do que qualquer tipo de doença, em todo o mundo.

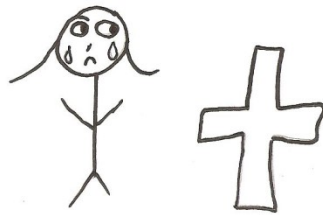
### Desenho 18 – Morte, Inferno e Céu



A ideia de céu e inferno após a morte também se encontra representada graficamente pelos inquiridos, de tal forma, que fica muito bem evidente a sua noção de religião e crença neste contexto. O desenho representado pela fig. 59 mostra o indivíduo morto, entre o inferno e o céu com as suas duas possibilidades após sua morte. É um desenho simples, porém muito representativo, onde o céu e o inferno são separados por uma simples linha em cima da qual está a figura do morto, tendo, por baixo a figura do demónio com seu tridente (no inferno) e, por cima (no céu), a figura de um anjo.

Morin (1970, p. 201) faz considerações sobre a ideia de “*Salvação Universal*” apontando como o Cristianismo vê essa questão em relação à morte: o inferno cristão com seus suplícios horríveis e o ódio incansável de Satã será o espelho do ódio incansável ao que não é cristão. O Juízo Final, ao mesmo tempo que é esperança de ressurreição, traduz também o eterno azedume dos virtuosos que querem que os outros sejam amaldiçoados.

### Desenho 19 – Perda, separação



Embora não pareça, o ser humano está destinado a viver sozinho na maior parte da sua vida e, diferentemente dos outros animais, é o único indivíduo para quem a separação e a solidão parecem mais fortes e significativas do que a própria morte. Portanto, a consciência desta possibilidade e da sua efectivação apavora-o.

Neste desenho, está bem representada a categoria da “Morte associada ao sofrimento” através das lágrimas, da perda e da separação.

A morte, como perda e separação, é abordada por vários estudiosos e pesquisadores do assunto, sendo oportuno citar também Kovács (2002, p. 153), no seu recente trabalho, o qual corrobora, analogamente, o sentido do desenho descrito:

“É a morte da qual todos temos recordações, desde a mais tenra infância, nas inevitáveis situações de separação da figura materna temporárias ou definitivas mas sempre dolorosas. Separação ou morte de figuras parentais, amigos, amores, filhos, todos temos histórias a contar. A perda e sua elaboração são elementos contínuos no processo de desenvolvimento humano. É nesse sentido que a perda pode ser chamada de morte “consciente” ou de morte vivida”.

#### 4 - DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS DO ATHENEU

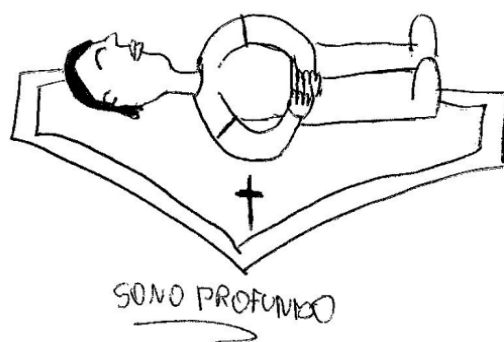
Tabela 81 - Categorias de Desenhos feitos pelos Alunos do Atheneu

ALUNOS DO ATHENEU	
CATEGORIAS	ELEMENTOS SIMBÓLICOS/ICÓNICOS
Morte associada à Simbologia Sacro/Religiosa	Caixão Cruz Vela Túmulo Cemitério
Morte associada à Simbologia Gráfica	Esqueleto com foice Caveira Sono profundo
Morte associada ao sofrimento	Perda Separação
Morte associada à violência	Armas Homicídio

As categorias descritas e analisadas entre os estudantes, especialmente os das escolas de nível médio, os quais se encontram ainda em plena adolescência inicial guardam estreita relação entre si, tanto no que diz respeito às próprias categorias, como nos seus elementos descritivos, como podem ser comparadas nas respectivas tabelas e desenhos.

Essas comparações entre si têm uma importância formativa e social muito grande, pois espelham, de uma forma ou de outra, as informações da família e da escola que têm recebido, sobretudo, a influência que elas exercem sobre eles.

### Desenho 20 - Velório (morto no caixão)

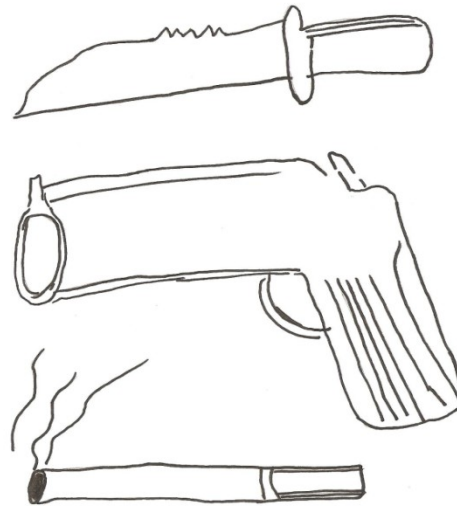


Este desenho, pertence à categoria “Morte associada à Simbologia Gráfica” e, diferentemente dos demais (porém, bem apropriado), representa a morte como sendo um sono profundo, muito embora guarde outros elementos sacros importantes representativos como o caixão e a cruz, além do corpo morto, como se estivesse dormindo o sono eterno.

Não é raro encontrarmos alusões à morte como sendo um tipo de sono, ou vice-versa, principalmente no contexto popular. O próprio Morin (1970, p. 117-118), ao abordar a *Morte-Renascimento* e a *Morte Maternal*, discorre sobre essa questão no sentido de seu conceito cosmo mórfico primitivo da morte:

“A ideia de sono eterno teria sido apenas uma ideia à superfície da experiência e logo a seguir desmentida por ela, se não tivesse criado peso e extensão e não tivesse sido continuada na tépida comunicação de todas as profundas analogias da morte. É o sono originário que reencontra a morte. Há a tripla analogia entre o sono noturno dos vivos, o sono da morte e o sono fetal. Os três estão no nível das “fontes elementares”, nas “profundezas de toda a vida. “A nossa pequena vida é banhada por um grande sono. O sono no berço, o sono no túmulo, o sono na pátria, do qual saímos de manhã, para o qual entramos à noite, e a nossa vida, a curta viagem, a duração entre a emergência, a unidade primeira e o desaparecimento nela”.

**Desenho 21 - Armas e Drogas**



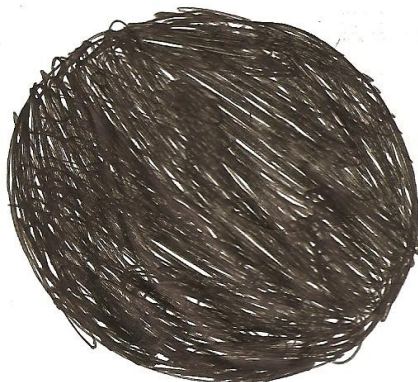
O mundo das drogas envolvendo violência e crimes é uma tônica na sociedade moderna, principalmente entre os jovens, sendo uma das principais causas de mortalidade no Brasil e noutros países. O desenho representa muito bem tal situação que é representada de forma individual, porém traduzindo também o pensamento colectivo.

**Desenho 22 – Perda, separação**



O sentimento de perda pela morte de alguém, estampado num rosto triste de cujos olhos se derramam lágrimas descreve, através de um desenho simples e sucinto (porém marcante), esta categoria associada ao sofrimento.

### Desenho 23 - Buraco negro, vazio

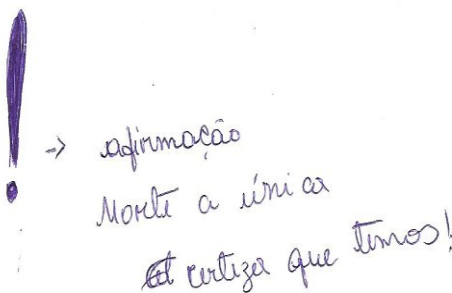


Um dos conceitos mais simples de “buraco negro” é dado por Hawking (2005, p. 83), importante físico da actualidade, da Universidade de Cambridge, quando diz que:

“ (...) Uma estrela que fosse suficientemente maciça e compacta sem deixar escapar: qualquer luz emitida da superfície de uma estrela seria tragada de volta pela atracão da gravidade da estrela antes que conseguisse afastar-se muito. Tais objectos são aquilo que hoje chamamos de buracos negros, porque é isso o que são: vazios negros no espaço”.

O buraco negro desenhado pelo inquirido não pretende rebuscar conceitos físicos, entretanto serviu-lhe para assinalar o sentido de vazio e para expressar a ausência de vida, como uma escuridão.

### Desenho 24 - Certeza da morte



Contrapondo, tanto a interrogação, quanto o seu próprio sentido, este desenho de uma simples exclamação, acompanhado de uma pequena história expressa, que é uma das mais populares frases sobre a morte: “*Afirmção da morte, a única certeza que temos!*”

Analisados alguns exemplos de desenhos, segundo as suas categorias, elementos descritivos e seus significados, é importante confrontar na tabela seguinte, a listagem de todos os desenhos de acordo com todos os respondentes para que se possa, não apenas aferir e enumerar os seus componentes, mas também poder analisá-los observá-los quantitativa e qualitativamente.

**Tabela 82 - Represente graficamente( ou desenho) o que a morte representa para si**

<b>Professores</b>	<b>Estudantes-UFRN</b>	<b>Estudantes-CDF</b>	<b>Estudantes-ATHENEU</b>
09 Cruz	12 Cruz (Crucifixo)	11 Cruz	10 Cruz
06 Sol	07 Caixão	09 Cemitério/tumba	09 Caixão
03 Não representaram (não desenharam)	06 Libertação do Espírito	08 Caixão	06 Cemitério
04 Caveira	04 Tumba/Cemitério	04 Armas	04 Choro
03 Janela	04 Esqueleto com foice	03 Esqueleto com foice	04 Armas
03 Vela	03 Representou (não desenhou)	02 Céu	04 Não representou (não desenhou)
03 Interrogação	02 Escuridão total	02 Caveira/vela	02 Esfera Preta (escuridão)
03 Borboleta	01 Sol	02 Não representou (não desenhou)	02 Espírito libertado
02 Gráfico Descendente	01 Leão	02 Rosto chorando	01 Símbolo Yin/Yang
01 Caixão	01 Seca	02 Sol	01 Estrada de mão única
01 Buraco Negro	01 Reticência (...)	01 Passagem	01 Exclamação
01 Hiena	01 Janela vazia	01 Drogas	01 Flores num jarro
01 Barco no mar	01 Pomba	01 Interrogação	01 Céu e anjos
01 Triângulo dentro da esfera	01 Gráfico ascendente para a morte	01 Espírito sendo liberado	01 Estrelas
01 Enfermaria/Hospital	01 Tiro (assassinato)	01 Ave de rapina	01 Homicídio
01 Demónio	01 Porta		01 Espelho quebrado
01 Serpente	01 Passagem		Esqueleto com foice
01 Seta para cima	01 Armas		
01 Ossos em “X”			
01 Faca			

Saramago (2005, p. 128), no seu romance *As Intermitências da Morte*, refere em determinado ponto, que “a morte em todos os seus traços, atributos e características, é inconfundivelmente, uma mulher”.

Posteriormente, o autor ainda fala sobre a figura da morte, desta vez não se referindo ao gênero da morte, porém, à sua representação como esqueleto, como foi feito pela maioria dos entrevistados, através dos seus desenhos: “Somos testemunhas fidedignas de que a morte é um esqueleto embrulhado num lençol, mora numa sala fria em companhia de uma velha e ferrugenta gadanha que não responde a perguntas” (Saramago, 2005, p. 145).

Kastenbaum (1983, p. 131), numa das suas pesquisas com estudantes universitários, apresenta também importantes depoimentos de entrevistados, neste contexto, como mostra um entre os vários depoimentos do seu trabalho:

“A morte é uma mulher muito velha, de pele horrivelmente enrugada e cabelo comprido, grisalho. Ela é feia que dói, de nariz seco e longo, e lábios estreitos. Alta e esquelética, sempre vestida de preto. São as mãos o que ela tem de mais impressionante: com a forma e garras de longas unhas verdes”.

As últimas figuras evidenciam alguns exemplos de desenhos em como os respondentes dos quatro grupos entrevistados vêem a morte representada graficamente, havendo unanimidade quanto à simbologia representadora da morte.

**Desenho 25 - Aluno do CDF “Senhor Morte”**



**Desenho 26 – Aluno do Atheneu “Senhora Morte”**



**Desenho 27 - Estudante universitário, “Morte e foice”**



**Desenho 28 – Professor universitário, “Morte e foice”**



**Desenho 29 – Professora universitária (morte e foice)**



Analogamente ao exemplo da Tabela 82, só que desta feita com um exemplo gráfico em vez de palavras, confirma-se amplamente a escolha, por todos os grupos, da caveira ou esqueleto empunhando uma foice, como representação da morte, como podemos ver nas figuras seguintes, mesmo com traços individuais de cada uma, a configuração pictórica da morte, mantém-se única, segundo o imaginário dos respondentes

Ao serem observadas tais figuras, algumas pessoas podem também incorrer na questão da identificação da morte, como sendo masculina ou feminina, uma questão milenar ainda não devidamente elucidada pelos grupos culturais ou sociedade específica.

## **CONCLUSÕES**

Para estabelecermos uma síntese do que foi abordado nas duas partes desta pesquisa e seu aprofundamento, no que diz respeito às *Definições e Perspectiva da Morte*, elaborou-se, uma evolução cronológica e bibliográfica, fazendo evidenciar a questão da *finitude humana* desde a antiguidade até à contemporaneidade, uma série de questões imprescindíveis, tais como, as *representações sociais*, as *representações da morte*, a *morte e a arte*, o *medo da morte* e a *temporalidade do ser humano*.

Cada uma destas abordagens contribuiu sobremaneira para um entendimento geral e, ao mesmo tempo, específico sobre a compreensão do ser humano a respeito do seu próprio fim, sua inevitabilidade e do desenvolvimento do sujeito como um todo, no contexto social e cultural

Sobre estes aspectos abordados, considera-se o perfil dos respondentes, levando-se em consideração os níveis social e familiar, baseados nos seus contextos escolar e acadêmico, étnico, religioso, gênero, nacionalidade e idade, pois diferenças e semelhanças, no que se refere às respostas segundo as questões e indagações sobre a morte, foram pautadas nestes contextos.

Quanto ao outro factor importante para o estabelecimento de diferentes respostas sobre as mesmas questões específicas, dadas pelos diferentes respondentes, podemos observar que estas variações e diferenças encontraram fundamentos nos conceitos, nas definições e nas representações sociais nos variados níveis sociais de educação, inclusive levando-se em consideração o ensino público e privado.

Assim sendo, procurámos compreender as respostas dos inquiridos, tendo sido a primeira pergunta: ***Tem medo da Morte? Porquê?***

Apesar de, no geral, **a maioria dos respondentes terem afirmado que não têm medo da morte**, verificou-se que as *professoras* e os *professores* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte revelaram ter mais medo da morte do que os próprios alunos e alunas tanto desta mesma instituição (UFRN), como alunos do Ensino Médio (CDF e Atheneu), respectivamente. Este medo e maior preocupação com a morte não estará relacionado, também, com a experiência de vida e morte e com o ciclo de vida,

que aproxima os professores, no ciclo natural da vida, mais da morte, do que os seus estudantes?

Por outro lado, contrapondo a questão do medo da morte, parcela deste mesmo público que respondeu contrariamente porque não tem medo da morte, ou seja, o motivo pelo qual os respondentes desse universo disseram não terem medo da morte, assentou no facto de terem indicado a **religião e/ou crença** como razão para não temerem a morte, afirmando ser a morte uma passagem e não o fim da existência.

Comparando estes dois universos entre si, fica muito claro que **as professoras temem a morte mais do que os professores**. Em consequência disso, colocámos as seguintes indagações e suposições:

Por que as mulheres temem a morte mais que os homens?

- Será por causa da condição materna, na qual a maternidade, desde a gestação, parto e cuidados da mãe com a prole proporcionam mais o “espírito de apego”, mais proximidade com a “fragilidade humana” do que ocorre com os homens?
- Diferenças individuais e psicológicas não serão factores influenciadores também para que haja essa diferença?

Ainda em relação aos Professores, estes responderam não querer deixar a família/amigos porque a morte é algo desconhecido e dramático, enquanto que as estudantes femininas da mesma Universidade responderam que *gostar da vida* é o principal motivo.

Estas respostas demonstram, que o medo da morte não se acha relacionado apenas relativamente à pergunta: **Por que tem medo da morte?** ou ao medo em si pura e simplesmente, porém **os respondentes referem-se ao desconhecido, ao dramático, ao medo da solidão, ao sofrimento da família e dos amigos e por gostarem da vida**. É interessante observar que, em alguns casos, estes sentimentos surgem associados, como respostas. Verifica-se então, que para estes inquiridos, a morte é uma realidade desconhecida e é algo que faz parte da vida.

Por outro lado, sobre a pergunta **por que não tem medo da morte**, a **maioria disse ser porque faz parte da vida, porque é o ciclo da vida**. Ainda sobre esta questão específica do medo da morte, e, de acordo com as respostas dos demais entrevistados,

observámos ter havido uma considerável diferença entre o que os estudantes pensam sobre o assunto, quando comparados entre si. Os *alunos* dos colégios do Ensino Médio, *Atheneu* e *CDF* não se manifestaram sobre o medo da morte no sentido do desconhecido, enquanto que os *estudantes universitários* (UFRN) masculinos responderam afirmativamente ter medo da morte por ser algo desconhecido. O público feminino deste mesmo universo não se manifestou sobre essa questão.

Na opinião sobre *a morte como controlo populacional do Planeta*, a maior parte dos respondentes crê que a morte faz parte do controlo populacional do planeta.

Quanto à *discussão sobre a morte no meio de convivência, a maioria disse que raramente discute sobre a morte nesse âmbito*, o que, contribui cada vez mais para que a morte continue sendo um tabu e algo desconhecido, evitando mais ainda a sua aceitação e melhor entendimento.

Consideramos que a questão *Lê ou Informa-se sobre a Morte* está intimamente relacionada com a Educação, tanto quanto inserida no âmbito dos Media, há uma clara distinção entre os grupos, onde os professores afirmam que lêem sobre a morte, enquanto os estudantes não lêem ou praticamente, não lêem. Estas diferenças na informação e leitura sobre a morte poderão indicar uma maior preocupação, interesse e sentido de proximidade da morte pelos professores em relação aos estudantes.

Podemos constatar também que a sua negação no seio da família, assim como no meio escolar, tolhe a informação sobre a mesma no sentido de tornar cada vez mais distante e adversa a sua compreensão, até mesmo no âmbito da sua discussão no dia-a-dia ou no quotidiano, o que, sabe-se, ser assunto velado.

Assim sendo, todos os respondentes, com algumas variações, afirmaram não se informarem ou não discutirem sobre a morte ou fazerem isso normalmente ou insuficientemente, nem no ambiente escolar, nem igualmente no ambiente familiar.

Quanto à *frequência a velórios de parentes e amigos, a maioria dos respondentes afirma que sim*, ou seja, vão a velórios de parentes e amigos, enquanto a minoria o evita. *O motivo justificado para essa frequência é a solidariedade*, enquanto que a

*razão alegada pela maior parte dos respondentes para a omissão é o medo e acreditarem aumentar o sofrimento.*

Uma particularidade desta questão é que os estudantes universitários e alunos do Ateneu e CDF afirmaram que *vão* mais a *velórios* do que os evitam, encontrando-se os motivos disso na *solidariedade para com a família e respeito pelo parente e amigo morto*. Entre as razões pelas quais essas pessoas evitam ir a velórios, está *o medo e o incómodo*, por *não se sentirem bem*. Esta situação mostra que caracteriza bem o sentimento de *apoio*. Entretanto, em alguns casos acentuou-se uma *obrigação social* perante a família e os amigos, isso sem levar em conta que o acto de *velar e enterrar os mortos*, se tinha tornado, ao longo da história da humanidade, uma atitude cultural, mas que marca os sentimentos de perda, tristeza e despedida.

Sobre *a morte de ídolos*, a maioria dos respondentes afirmou *não chorar a sua morte*, demonstrando assim que, apenas uma minoria e, especificamente composta de estudantes, disse chorar a morte de ídolos nos seus vários campos representativos, como na música, na literatura, na arte, no cinema, etc.

As respostas à pergunta *A Morte deveria ser estudada escolar e academicamente?*, demonstra essa importante preocupação da discussão da Morte no seio da Educação, e, especificamente no presente trabalho, onde uma ampla *maioria disse sim, a morte deveria ser estudada escolar e academicamente*.

Os principais motivos apontados pelos respondentes do sexo masculino para esta questão é que os mesmos sentem necessidade de haver uma *consciencialização*, para que se possa debelar o medo, quebrar tabus e enfrentar a realidade porque esta faz parte da existência humana. O homem permanece no limbo deste conflito existencial como se tem constatado através da sua postura perante a sociedade e perante si próprio, ao longo do tempo, reconhecendo, no entanto, que a morte faz parte do controlo e da renovação da humanidade.

Por outro lado, as razões pelas quais *a morte não deveria ser estudada escolar e academicamente*, teve *justificativas para a sua negação pelos respondentes, sobretudo pelo facto de que essa questão é papel da religião, é assunto sem importância, é desnecessário*.

No que toca à pergunta *Você gostaria de viver eternamente?* Apesar de, na sua maioria os respondentes terem dito não, podemos observar certa contradição em algumas respostas, uma vez que a morte é o maior tabu da humanidade presentemente e o medo da morte está inserido na subjectividade humana como um sentimento que não se consegue extirpar. Caberia talvez a pergunta: Porque é que o homem não quer viver eternamente se, por outro lado, tem medo da Morte e procura combatê-la veementemente, a todo custo?

Entre os motivos pelos quais responderam *porque gostariam de viver eternamente*, estão aqueles cuja maioria escolheu: *para realizar sonhos e aproveitar o máximo da vida*. Enquanto que sobre a questão *Por que não gostaria de viver eternamente, a maioria que respondeu não, justificou com os motivos: “seria chato, cansativo e para não verem as pessoas que amam, morrerem”*.

Sobre a questão *Você acredita na vida após a morte?* verificou-se que, no somatório de todos os respondentes das quatro categorias de inquiridos, *a maioria acredita na vida para além da morte*, tendo como razões a afirmação de que a alma é eterna. Enquanto que sobre a pergunta *Por que não acredita na vida após a morte, a maioria alegou que a vida termina aqui*.

Sobre as representações da morte, estas evidenciam-se muito fortes e representativas em todos os respondentes das quatro categorias de inquiridos, uma vez que alguns símbolos, palavras e objectos foram apontados, indicando um relacionamento da simbologia com a morte, atitude esta praticada pelo ser humano, através dos tempos e ainda fortemente presente na actualidade.

Assim sendo, quando os respondentes foram indagados com a pergunta *Que representação você daria à Morte?*, a maioria citou a caveira, muito embora podemos observar que o **Caixão** e a **Cruz** também foram bastante evocados pelas quatro categorias, de um modo geral.

Segundo as justificações para tal resposta, identificou-se que o *caixão e o morto velado* revelam o silêncio, e a tristeza que advém da separação e perda para quem fica, sendo o objecto mais citado como representante da Morte, com 53 referências, praticamente o dobro em relação à **Cruz** que é o símbolo mais visto em todo o mundo, como

seu representante. Mesmo assim, a maioria dos respondentes citou o *caixão* como sendo o objecto mais comum que para si representa a Morte.

Ainda segundo as suas respostas, obviamente alicerçadas no aspecto religioso, a *cruz* que simboliza o martírio, mas que sugere ser uma encruzilhada entre o bem e o mal, entre o sofrimento e a luz, sendo o equilíbrio entre a matéria e a energia, isto é, entre a vida e a morte biológica ou a passagem desta para outra dimensão, é a mais representativa.

A respeito de outras representações indagadas, como *uma palavra que represente a morte*, por exemplo, *a maioria respondeu fim*, seguida de *tristeza* e *passagem*.

Quando questionados sobre que *som* representaria a morte, os respondentes na sua maioria, disseram *silêncio*, seguido da palavra *choro*. Entretanto, podemos perceber que em relação ao *Som*, muito mais difícil de ser associado à Morte pelos respondentes, verificamos, ainda, uma variedade de respostas sem entretanto uma predominância marcante de um som específico sobre outros. Entretanto, o *Som do Sino* de igrejas, o *Ruido das Corujas*, o *Sibilar do Vento*, o *Som da Corneta*, o *Estrondo do Trovão*, dentre outros, foram os mais citados pelos inquiridos como sendo os sons que representariam a morte, em sua associação.

Sobre *uma cor que representaria a morte*, foi a *Cor Preta* a mais fortemente associada à morte, pelos inquiridos das quatro categorias de respondentes, entretanto é válido também registar as cores *Castanha* e *Roxa*, seguida da *Cor Branca*, a qual foi também citada. Em relação à *cor*, que sabemos constituir estímulo psicológico para a sensibilidade humana quando associada à Morte, notámos forte tendência cultural relacionada aos ritos e imaginário popular: o *doente*, *a enfermeira* e *o morto*, simbolizam a morte institucionalizada, onde a instituição assume o lugar da família, como no caso dos hospitais e clínicas de repouso.

A respeito da *representação da morte, vista através de um animal*, pelos respondentes, a *sua maioria citou o urubu*, seguido da *coruja* e *corvo*.

No que diz respeito a *um objecto como representante da morte*, grande parte dos respondentes citou o *caixão*, seguido de *cruz* e *foice*. Sobre este contexto, observá-

mos ao longo deste trabalho que a *Representação da morte com seu capuz e foice* é uma personificação da morte e sua foice ceifadora antevê-se, portanto, como forte símbolo representativo da morte, apontado pelos respondentes.

Em relação a *um lugar como representante da morte*, a maioria dos respondentes foi taxativa em citar *cemitério* como representante da morte. Sobre isso, é interessante observar que o *cemitério* é um lugar de despedida, de recolhimento, de contemplação e, sobretudo, é o lugar no qual os restos mortais descansam, ficando, porém ainda, como um “elo institucionalizado” entre o morto e a família.

Sobre *uma música para representar a morte*, duas músicas foram escolhidas, pela maioria, quase que preferencialmente iguais: *Marcha Fúnebre e Segura na Mão de Deus*.

Quanto a *um ruído que represente a morte, a maioria dos respondentes citou grito*, como sendo o ruído que representa a morte, principalmente enfatizado pelas mulheres nas suas respostas.

Assim verificamos que, de acordo com as respostas dos inquiridos, a comunidade escolar da Cidade de Natal lida com a morte e suas representações através de elementos individuais psicossociais, culturais e simbólicos, alguns convergentes, outros divergentes, como foi devidamente constatado acima, pelas **Representações da morte nos meios escolar e universitário natalenses (Natal, Brasil)**.

Portanto, arrematando esta conclusão, vemo-nos estimulados a apontar, resumidamente, algumas recomendações e sugestões finais como parte do que gostaríamos de ver realizadas como vertentes possíveis deste trabalho:

- A necessidade de tornar o tema sobre a morte discutido no âmbito e educação familiares;
- Necessidade urgente da preparação de profissionais multidisciplinares para proporem estudos curriculares sobre a questão da morte e finitude humana, no âmbito do ensino em todos os seus níveis;
- Necessidade da Ciência e das pesquisas se debruçarem mais especificamente sobre o entendimento da Morte, em vez de combatê-la apenas, para que haja melhor preparação, aceitação e melhor convivência com a certeza da morte da

parte do ser humano e nas culturas, tanto na colectividade, quanto nos grupos e indivíduos.

E, para reflexão final, gostaríamos de citar Fernando Pessoa:

“Deus costuma usar a solidão  
Para nos ensinar sobre a convivência.  
Às vezes, usa a raiva para que possamos  
Compreender o infinito valor da paz.  
Outras vezes usa o tédio, quando quer  
nos mostrar a importância da aventura e do abandono.

Deus costuma usar o silêncio para nos ensinar  
sobre a responsabilidade do que dizemos.  
Às vezes usa o cansaço, para que possamos  
Compreender o valor do despertar.  
Outras vezes usa a doença, quando quer  
Nos mostrar a importância da saúde

Deus costuma usar o fogo,  
para nos ensinar a andar sobre a água.  
Às vezes, usa a terra, para que possamos  
Compreender o valor do ar.  
Outras vezes usa a morte, quando quer  
Nos mostrar a importância da vida.”

Fernando Pessoa

([http://www.pensador.info/poemas\\_de\\_morte/2/](http://www.pensador.info/poemas_de_morte/2/))

## BIBLIOGRAFIA

- Aday, R. H. (1984). *Belief in Afterlife and Death Anxiety: Correlates and Comparisons*. *Ómega* 15 (1): 67-66.
- Airès, P. (1997). *Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Teorema.
- Ariès, P. (1992). *O Homem perante a morte* (vols. I e II). Lisboa: Publicações Europa-América.
- Ariès, P. (1989). A morte domada; Huizinga e os temas macabros. In: *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco.
- Airès, P. (1988). *Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média*. Lisboa: Teorema.
- Ariès, P. (1977). *L'homme devant la mort*. Paris: Éditions du Seuil.
- Ariès (1975). *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. Editora: Ediouro: Brasil.
- Ariès, P. (1974). *Western Attitudes toward death: from the Middle Ages to the present*. Johns Hopkins Press.
- Alves-Mazzoti, A. J. (2000). Trabalho Infanto-Juvenil: Representações de Meninos Trabalhadores, seus Pais, Professores e Empregadores. In: *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Paredes Moreira e Oliveira (Organizadoras). Goiânia: AB.
- Amâncio, L. (1999). Apresentação. In A. Oliveira (Ed.). *O Desafio da Morte*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Amâncio, L. & Carapinheiro, G. (1993). Dimensões do poder e do saber, uma abordagem exploratória. In M. Gonçalves (Ed.). *Comunidade Científica e Poder*. Lisboa: Edições 70.
- Ampos, D. (2000). *Psicologia da Adolescência* (17.<sup>a</sup> ed.) Petrópolis: Vozes.
- Araújo, C. (1991). *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- Bakhtin, M. M. (1986). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, J. & Sureda J. (1987). Análisis de correspondencias y técnicas de clasificación. *Infancia y Aprendizaje*, 39-40, 171-186.
- Bee, H. (2005). *O Ciclo Vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Bell, B. D. & Batlerson, C. T. (1975). *The Death Attitudes of Older Adults: A Path-Analytical Exploration*. *Omega* 10 (1): 59-75.
- Bengenston, V.; Cuellar, J. & Ragan, P. (1977). Stratum Contrasts and Similarities in Attitudes Toward Death. *Journal of Gerontology* 32 (1): 76- 88.
- Benzécri, J. (1976). *L'Analyse des correspondances*. Paris: Dunod.

- Berelson, B. (1968). *Behavioral sciences*. In D.L. Sills (Ed.). International encyclopedia of the social science (pp. 41-45). New York: Macmillan.
- Berelson, B. (1952). *Content analysis in Communication research*. Glencoe, III: Free Press.
- Bernardes, A. (1981). *Evolução da Medicina*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Bíblia de Jerusalém* (1981). São Paulo: Paulinas.
- Blank, R.J. (2000). *A Morte em Questão*. São Paulo: Edições Loyola.
- Bossa, N. (2000). O normal e o patológico na adolescência. In V. Oliveira & N. Bossa (Eds.). *Avaliação psicopedagógica do adolescente* (4.ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Bouça, D. (1997). *Madrugada de lágrimas – Depressão na adolescência*. Porto: Edinter.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Bourdieu, P. (1974). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Bradbury, M. (1999). *Representations of Death*. London and New York: Routledge.
- Bromberg, M. H. P. F. (1994). Famílias enlutadas. Em M. J. Carvalho (Coord.), *Introdução à Psicologia* (pp. 243-262). Campinas: Editorial Psy.
- Buarque, A. (2004). *Mini Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa* (7ª Edição). São Paulo: Editora Posivo.
- Carmo, C. M. (2005). *Relações lexicais, interdiscursividade e representação: o sincretismo e a questão racial em corpus de jornais e revistas brasileiras* (Tese de Doutorado). Belo Horizonte: FALE/UFMG.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação*. Guia para Auto-aprendizagem. Universidade. Aberta.
- Carreira, S. (2000). Fowles & Saramago. Entre a ficção e a história. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Carvalho, A. et al. (1989). *Temática da Morte no Ensino Secundário: Perspectivas de Abordagens*: Santarém.
- Carvalho, M. R. F. (2003). Entre a busca da verdade e a identificação do consenso: reflexões sobre a pesquisa em representações sociais. In: Coutinho, M.P.L. et al. (Org.). *Representações Sociais: abordagem interdisciplinar*. João Pessoa: Editora Universitária UFPb.
- Carvalho, R.E. (2004). *Educação Inclusiva: com pingos nos “is”*. Porto Alegre: Mediação.
- Chaplin, J. (1981). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Cisia (1989). *Système portable pour l'analyse de données textuelles SPAD.T*. Sèvres: Cisia.
- Coelho, P.F.P & Falcão, E. B. M. (2006). Ensino Científico e Representações Sociais de Morte Humana. *Revista Iberoamericana de Educación*. Vol. 39. N°3.

- Coelho, J.F. & Falcão, E. (2004). *Ensino científico e representações sociais de morte humana*. Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde. Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ).
- Coimbra, C. (2001). *Operação Rio: o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana. A mídia impressa e os discursos de segurança pública*. Rio de Janeiro: Editora oficina do autor e Intertexto.
- Coleman, J. C. (1988). *Intimate Relationships, Marriage, and Family*. New York: Macmillan.
- Coutinho, M.P.L. (2003). *Representações Sociais: Abordagem Interdisciplinar*. João Pessoa. Editora Universitária (UFPB).
- Couto, R. C. (1999). *Historia indiscreta da ditadura e da abertura*. Brasil: 1964-1985. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- Cox, H. (1993). *Later Life the Realities of Aging*. (3rd ed). Englewood Cliffs. New Jersey: Prentice Hall.
- Crepet, P. (2002). *A dimensão do vazio*. Porto: Ambar.
- Cutler, N. E. (1979). *Age Variations in the Dimensionality of Life Satisfaction*. Journal of Gerontology 34(4): 573-578.
- D'Assumpção, E. (2005). *Biotanatologia e Bioética*. São Paulo: Paulinas.
- Dattel, A. & Neimeyer, R. (1990). *Sex Differences in Death Anxiety: Testing the Emotional Expressiveness Hypothesis*. Death Studies 14 (1): 1-11.
- Froidmon, de H. (1996). *Os Versos da Morte. Poema do século XII*. São Paulo: Ateliê Editorial / Editora Imaginário.
- Deaux K. and Philogene, G. (2001). *Representations of the Social*. Blackwell Scientific Publications. Edit Delete.
- Debray, R. (1994). *Vida y Muerte de la Imagen – Historia de la Mirada em Occidente*. Edittions Gallimard: Barcelona.
- Deleuze, G. (2005). *Foucault*. 5ª Edição. São Paulo: Brasiliense.
- Delumeau, J. (1999). *El Catolicismo de Lutero a Voltaire*. Tradução espanhola, 1973 Barcelona: Editorial Labor.
- Delumeau, J. (1999). *História do medo no Ocidente – 1300 – 1800*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DI Giacomo, J. (1993). *Techniques d'analyse de données nominales. Apontamentos para Métodos de Investigação*. Lisboa: ISCTE.
- Difel, A. (1989). *Memória e Sociedade*. Fiker: São Paulo.
- Doise, W. (2001). Un project européen pour la psychologie sociale. In F. Buschini, & N. Kalampalikis (Eds.). *Penser la vie, le social, la nature*. Paris: Maison des Sciences et l'Homme.
- Doise, W. (1993). Debating social representations. In G. Breakwell, & D. Canter (Eds.). *Empirical Approaches to Social Representations*. Oxford: Clarendon Press.
- Doise, W., Clémence, A. & Lorenzi-cioldi, F. (1992). *Représentations sociales et analyses de données*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

- Doise, W. (1989). Attitudes et représentations sociales. In D. Jodelet (Ed.). *Les représentations sociales*. Paris: PUF.
- Doise, W. (1984). Social Representations, inter-group experiments and levels of analysis. In R. Farr, & S. Moscovici (Eds.). *Social Representations*. Cambridge: Doise, W. (1982). *L'Explication en Psychologie Sociale*. Paris: PUF.
- Doise, W. (1982). *Les explications en Psychologie Sociale*. Paris: PUF.
- Donne, J., (1624). *Devotions upon Emergent Occasions. XVII: Nunc Lento Sonitu Dicunt, Morieris*. vol III. Henry Alford, ed. London: John W. Parker, 1839. 574-5.
- Drolet, J.L. (1990). Transcending Death During Early Adulthood: Symbolic Immortality, Death Anxiety, and Purpose in Life. *Journal of Clinical Psychology*, 46 (2): 148-159.
- Duarte, L. (2005). *Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira*. In: Heilborn, M.L. et al. (Orgs.). *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Duby, G. (1990). Le mental et le fonctionnement des sciences humaines. *L'Arc. Revue trimestrielle. Chemin de repentance*. Paris: (72): 1-95, out. /Nov. Dez.
- Durkheim, E. (1985). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. (7ème ed). Paris: PUF.
- Durlak, J. A. (1972). Relationship between attitudes toward life and death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*; 39:463.
- Duveen, G. (2000). Introduction: The power of ideas. In G. Duveen. *Social Representations: Explorations in Social Psychology*. Cambridge: Polity Press.
- Einstein, A. (1999). *A Teoria da Relatividade Especial e Geral*. Contraponto: Rio de Janeiro.
- Elejabarrieta, F. (1993). *El Metodo de Enquesta: Tecnicas linguisticas de obtencion de informacion*. Barcelona: Universitat Autonoma de Barcelona.
- Elias, N. (2001). *A solidão dos Moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- Encyclopaedia Britannica do Brasil* (1961). Publicações Rio de Janeiro: São Paulo.
- Epicuro (1973). *Antologia de textos*. São Paulo: Abril Cultural.
- Falcão, E. B. M. & LINO, G. G. S. (2004). O paciente morre: eis a questão. In
- Farina, M. (1986). *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 4 ed. São Paulo: Edgard Blucher.
- Farr, R. (1993). Theory and method in the study of social representations. In G. Breakwell, & D. Canter (Eds.) *Empirical approaches to social representations*. Oxford: Clarendon Press.
- Feifel, H, & Jones, R. (1968). *Perception of Death as Related to Nearness to Death*. Proceedings of the 76th Annual Convention. American Psychological Association 3:545-546.

- Ferreira, A. (1990). *A AFC como método de tratamento de informação qualitativa: Usos e apropriação do alojamento em Telheiras*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Lisboa: ISCTE.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia – O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Afrontamento.
- Flint, G. A.; Gayton, W.F.; and Ozman, K.L. (1983). Relationship between Life Satisfaction and Acceptance of Death by Elderly Persons. *Psychological Reports* 53:290.
- Florian, V. & Har-Even, D. (1984). *Effects of Sex and Religious Belief*. Omega 15.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fortin, M. F. (2003). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Franke, K. J. and Durlak, J. A. (1990). *Impact of life factors Upon Attitudes toward Death*. Omega 21 (1): 41-49.
- Frankl, V. E. (1965). *The Doctor and the Soul*. New York: Knopf.
- Frazier, P. & Foss-Goodman, D. (1988). *Death Anxiety and Personality: Are they truly related?* Omega 19 (3): 265-274.
- Freud, S. (1923). *O Ego e o Id*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol.XIX. Rio de Janeiro. IMAGO 1974.
- Freud, S. (1957). *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, eds. J. and A. Strachey, A. Freud, and A. Tyson (Hogarth).
- Froidmont, H. de. (1996). *Les vers de la mort*. Paris: Champion.
- Garcia, A. (2006) O drama de Brás Luís de Abreu - o médico, as malhas da Inquisição e a obra. In *A Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI. Cadernos de Cultura* Nº XX / Novembro, pp. 6-22.
- Geldard, K. & Geldard, D. (2000). *Counselling Adolescents*. London: SAGE.
- Geraldi, J. W. (1984). Concepções de linguagem e ensino do português. In *O texto na sala de aula; leitura e produção*. Cascavel: Assoeste.
- Gesser, G.; Wong, P. T. P. & Reker, G. T. (1988). *Death Attitudes across the Life-Span: The Development and Validation of the Death Attitude Profile*. (DAP). Ómega.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: S.P. Atlas.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- Grollman, E. A. (1990). *Falar sobre a morte*. Boston, MA: Beacon Press.
- Grubits, S. (2003). A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. *Psicologia em Estudo*. Maringá. 8, 97-105.
- Hair, J. (Ed.) (1992). *Multivariate data analysis*. New York: Maxwell.
- Hawking (2005). *Black Holes: From the Big Bang to Black Holes*. Bantam Edition.
- Heidegger, M. (2005). *O Ser e Tempo*. (14ª ed). Rio de Janeiro: Vozes.

- Heidegger, M. (1999). *O Ser e o Tempo* (3 volumes). Petrópolis: Editora Vozes.
- Heidegger, M. (1989). *Ser e Tempo II*. Petrópolis: Vozes.
- Hennezel, M. (1997). *Diálogo com a Morte*. (2ª ed.) Lisboa: Editorial Notícias.
- Herzlich, C. (1991). A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. *Physis*, 1: 23-26.
- Hutz, C. S. & Bandeira, D.R. (2000). Desenho da figura humana. In: Cunha, J.A.(Org) *Psicodiagnóstico - V*, (pp. 507-518). 5ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Jesuino, J. (1993). A psicologia social europeia. In J. Vala, & M. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jodelet, D. (2001) (org.). Representações Sociais: Um domínio em Expansão. In: *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Jodelet, D. (1991). *Madness and social representations*. London: Harvester Wheatsheaf.
- Jodelet, D. (1984). Les représentations sociales: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Ed.). *Psychologie Sociale*. Paris: PUF.
- Jovchelovitch, S. (1995). Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações sociais. In: Guareschi, Pedrinho e Jovchelovitch, Sandra (orgs.) *Textos em representações sociais*. (8 ed). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C. G. (1977). *O Homem e Seus Símbolos*. Brasil: Ed. Nova Fronteira.
- Justin, R. (1988). *Adult and Adolescent Attitudes Toward Death*. *Adolescence* 23 (90): 429-435).
- Kardec, A. (1984a). *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. São Paulo: IDE.
- Kardec, A. (1984b). *O livro dos espíritos*. Araras, São Paulo: IDE.
- Kastenbaum, R e Aisenberg, R. (1983). *Psicologia da Morte*. São Paulo: Novos Ubrais.
- Kastenbaum, R. (1976). *The psychology of death*. New York: Springer Publishing Co.
- Kastenbaum, R. (1967). *The mental life of dying geriatric patients*. *Gerontologist*. Pt. I, 97-100.
- Klepsch, M. & Logie, L. (1984). *Crianças desenharam e se comunicam: uma introdução aos usos projetivos dos desenhos infantis da figura humana*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kluber-Ross, E. (1998). *A roda da vida*. (5ª Ed.). São Paulo: Ed. Sextante.
- Kluber-Ross, E. (1996). *Sobre a Morte e o Morrer*. (7ª Ed.). São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Klüber-Ross (1979). *Perguntas e respostas sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kluber-Ross, E. (1969). *On Death and Dying*. UK. London: Tavistock Publications.
- Kovacks, M. J. (2003). *Educação para a morte. Temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Kovacks, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: SP Casa do Psicólogo.
- Lamb, D. (2001). *Ética, morte e morte encefálica*. S. Paulo: Office Editora.
- Laperrière, A. (1992). L'Observation directe. In *Recherche sociale : De la problématique à la collecte des données*. 2<sup>a</sup> éd. Québec: Prées de l'Université du Québec.
- Laplanche, F. (1990). "O tempo e o outro". Exposição apresentada nas jornadas da Associação Psicanalítica de França. Junho de 1990.
- Laplantine, F. (1986). A doença e o sagrado, a medicina e a religião, a cura e a salvação: da antropologia médica à antropologia religiosa. In *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laufer, M. (2000). *O adolescente suicida*. Lisboa: Climepsi.
- Le Goff, J. (1984). *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, volume II.
- Lebart, J. et al. (1977). *Techniques de la description statistique*. Paris: Dunod.
- Legrée, J. (2002). *O Médico, o doente e o filósofo*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Leming, M. (1979). *Religion and Death: A Test of Thesis*. Omega 10(4): 347-363.
- Lester, D. (1990). The Collett-Lester Fear of Death Scale: The Original Version and a Reversion. *Death Studies* 14:451-468.
- Lester, D. (1972). Studies in Death Attitudes II. *Psychological Reports* 30: 440.
- Levine (2003). *O Beijo Da Morte*. São Paulo: Bradesco.
- Lévy-Brühl L. (1938). *L'Expérience mystique et les symboles chez les Primitifs*. 1 vol. Paris : Félix Alcan.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1997). *Questions de méthodologie en sciences sociales*. Lausanne: Delachaux & Niestlé.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1983). L'analyse factorielle des correspondances dans les sciences sociales. *Revue Suisse de Sociologie*, 2, 565-390.
- Lucien Lévy-Brühl (1938), *A experiência mística e os símbolos entre os primitivos. La mentalité Primitive*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lusociência. 3<sup>a</sup> Edição. Loures: Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Macedo, J. (2004). *A necessidade de uma educação para a morte*. Tese de Mestrado não publicada. Universidade do Minho. Braga.
- Madeira, M. C. (2000). Representações Sociais e Educação: Importância teórico-metodológica de uma relação. In: *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Paredes Moreira e Oliveira (organizadoras). Goiânia: AB.
- Malinowski, B. (1948). *Magic, Science, and Religion and other Essays*. New York: Free Press.
- Marcelli, D. (2002). *Os estados depressivos na adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Martin, d. & Wrightsman, L.S. (1965). The Relationship Between Religious Behavior and Concern about Death. *Journal of Social Psychology* 65:317-323.

- Mello, J. M. S. (2007). *Medicina e sua História*. Rio de Janeiro: Ed. EPUC.
- Melo, E. C. P. & Cunhay, F. T. S. (2004). *Fundamentos de Saúde*. Rio de Janeiro: RJ, Senac.
- Mendonça, M. (1995). *Silenciamentos produzidos em questões de leitura*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Campinas: Brasil.
- Menezes, R. A. (2000). *Difíceis decisões: uma abordagem antropológica da prática médica em CTI*. Dissertação. Mestrado em Saúde Colectiva. Instituto de Medicina social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- Minayo M.C. S. (1994). O conceito das representações sociais dentro da sociologia clássica. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes; 1994.
- Mónica, M. F. (2011). *A Morte*. Lisboa: FFMS.
- Montaigne, M. (2000-2001). Como filosofar é aprender a morrer. *Os ensaios*. São Paulo: Martins Fontes.
- Morin, E. (2005). *Cultura e Barbárie Europeias*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, E. (2001). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.
- Morin, E. (1999). *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*. 3ª Edição. São Paulo: Cortez.
- Morin, E (1997). *O Homem e a morte*. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- Morin, E. (1990). *Ciência com consciência*. Portugal: Publicações Europa-América.
- Morin, E. (1988). *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Morin, E. (1970). *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Morin, S. (1961). *La Psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (1998). Prefácio. In P. Guareschi, & S. Jovchelovitch (Eds.), *Textos em Representações Sociais*. (4.ª ed.) Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, F. (1994). *Equipes dão certo*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Moscovici, S. (1984). The Phenomenon of Social Representations. In R. Farr, & S. Moscovici (Eds.). *Social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In: J.P. Forgas (org.). *Social Cognition - Perspectives on Everyday understanding*. London: Academic Press.
- Moscovici, S. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Moscovici, S. (1977). *A sociedade contranatura*. Amadora: Bertrand.
- Nóbrega, S. M. (2001). Sobre a teoria das Representações Sociais. In: *Representações Sociais: Teoria e Prática*. João Pessoa: Universitária.
- Nogueira, M. A. (1999). *A Formação docente e a Educação para a Morte* (11ª edição). Hucitec: São Paulo.
- Nunes, B. (2002). *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- O'Barr, J. (1989), *O Corvo* (filme). Tribue-Média Services/WD Publications.
- Oliveira, A. (2008). *O Desafio da Morte*. (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Âncora Editora. Paidós Studio. Barcelona, 2001.
- Oliveira, A. (2007). *Ilusões na Idade das Emoções*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Oliveira, A. (2004). *Ilusões: A Melodia e o Sentido da Vida na Idade das Emoções – Representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Oliveira, A.; Sampaio, D. & Amâncio, L. (2004). Perscrutando o fim... – Representações sociais da morte e do suicídio na adolescência. In J. Vala, M. Garrido, & P. Alcobia (Eds.), *Percursos da investigação em Psicologia Social e Organizacional*. Lisboa: Colibri.
- Oliveira, A. (2003). *Solidão: para que te quero?... “O Desafio da Morte” – Convite a uma viagem interior*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Oliveira, A. (2001). *Sobreviver*. Lisboa: Âncora Editora Oliveira, A. & Amâncio L. (1998). Pertenças sociais e formas de percepção e representação da morte. *Psicologia*, 12 (1), 115-137.
- Oliveira, A. & Amâncio I. & Sampaio, D. (2001). Arriscar Morrer para Sobreviver. *Análise Psicológica*, 19 (4), 509-521.
- Oliveira, A. & Amâncio L. (1999). A influência do contexto na percepção e nas representações sociais da morte. *Psicologia*, 12 (2), 213-235.
- Oliveira, A. (1999). *O Desafio da Morte – convite a uma viagem interior*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Oliveira, A. & Amâncio, L. (1998) *Pertenças Sociais e Formas de Percepção e Representação da Morte*. In *Psicologia* Vol. XVI, No 12. Lisboa Oliveira, A. (1995). *Percepção da Morte: a realidade interdita*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE.
- Orlandi, E.P. (2000). *Discursos e leitura*. São Paulo: Cortez.
- Parkes et al. (2003). Differential correlates of physical activity in urban and rural adults of various socioeconomic backgrounds in the United States. *J EpidemiolCommunity Health*. 57:29-35, 2003.
- Pereira, H. (1987). Tratamento de questionários: o ponto de vista da AFC. *Análise Social*, 23 (4), 733-745.
- Poe, E. E. (2009). *Edgar Ellan Poe – Obra Poetica Completa*. Editora Tinta da China,
- Poe, E. A. (2002). *Complete Tales & Poems*. Edison, NJ: Castle Books.
- Polgar, S. (1966). A evolução e as doenças da humanidade. In *Panorama da Antropologia*. Lisboa: Fundo de Cultura.
- Pollak, J. (1980). Correlates of Death Anxiety: A Review of Empirical Studies. *Omega* 10 (2): 97- 121.
- Pommereau, X. (2001). *L'adolescent suicidaire*. Paris: Dunod.
- Powell. F.&Thorson, J. (1991). Construction of Death Among those High in Intrinsic Religious Motivation: A factor-Analytic Study. *Death Studies* 15 (2):131-138.

- Quinn, P.K. & Reznikoff, M. (1985). The Relationship between Death Anxiety and the Subjective Experience of Time in the Elderly. *International Journal of Aging and Human Development* 21 (3): 197- 209.
- Ramos, N. (2004). *Psicologia Clínica e da Saúde*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ramos, N. (2001). Comunicação, cultura e interculturalidade: Para uma comunicação intercultural. *Revista portuguesa de pedagogia*. (35,2); 155-178.
- Rée, J. H. (2000). *História e verdade em Ser e Tempo*. São Paulo: UNESP.
- Reigota, M. (1999). *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense.
- Reis, J. J. (1991). *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do séc. XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Reis, E. (1990). *Análise factorial das componentes principais: um método de reduzir sem perder informação*. Lisboa: Giesta, ISCTE.
- Relvas, A. P. (2006). *O Ciclo Vital da Família*. Porto: Edições Afrontamento.
- Revista Brasileira de Ciências Sociais – VOL. 19 Nº. 55
- Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653) 12.
- Rey, F. G. (1998). *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo: Thompson Learning Ltda.
- Rey, F. G. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Rey, F. G. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Ribas, J. B. C. (2007). Deficiência: Uma Identidade Social, Cultural e Institucionalmente Construída. *Revista Integração*, Ano 4, No. 9.
- Ribas, J. B. C. (2007). Deficiência: “uma identidade social, cultural e institucionalmente construída.” *Integração*, MEC/Secretaria de Ensino Fundamental.
- Fundamental, ano 04, n. 09, p. 4-7, 1992.
- Robbins, R. (1989). Gender and Sex-Role Stereotypes. *Death Studies* 13(6):579-591.
- Robinson, J.P.; Shaver, P.R. & Wrightsman, L.S. (eds.) (1991). *Measures of social psychological attitudes*, Vol. 1: Measures of personality and social psychological attitudes. San Diego, CA: Academic Press.
- Rodrigues, J, C. (1983). *Tabu da Morte* Rio de Janeiro: Achiamé.
- Rojas, R. A. O. (2001). *El Cuestionario*; [online] [consult 2009-06-22].
- Roth, N. (1978). Fear of Death in the aging. *American Journal of Psychotherapy*, 32:552-560.
- Sampaio, D. (1999). Prefácio. In: Oliveira, A. *O Desafio da Morte: Convite a Uma Viagem Interior*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Sampaio, D. (1991). *Ninguém morre sozinho*. Lisboa: Caminho.
- Santos, M. (2000). Representação Social e Identidade. In: *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Paredes Moreira e Oliveira (organizadoras). Goiânia: AB.
- Saramago, J. (1982). *Memorial do convento*. São Paulo: Círculo do Livro.

- Schiller, P. (2000). *A vertigem da imortalidade: segredos, doenças*. São Paulo: Companhias das Letras.
- Schopenhauer A. (2001). *O mundo como vontade e representação*. São Paulo: Contraponto.
- Secretaria de educação fundamental (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde – Temas transversais*. Vol. 10. 3ª Edição. Brasília: MEC/SEF.
- Shneidman, E. (1996). *The suicidal mind*. Oxford: Oxford University Press.
- Shneidman, E. (1981). *Suicide Thoughts and Reflections, 1960-1980*. London: Human Sciences Press.
- Silverstein, A. (1979). Silverstein, A. (1979). *Conquista da morte*. Editora: Bertrand Brasil.
- Singleton, R.; Straits, B.C.; Straits, M.M.&McCallister, R.J. (1988). *Approaches to Social Research*. New York: Oxford Press.
- Smith, R. (2001). *Lições Sobre a Morte*. Lisboa: Ed. Estampa.
- Soares, M. (2000). *Linguagem e Escola: Uma perspectiva social*. São Paulo: Ática.
- Soares, M. (1964). *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Edições Pulinas.
- Sontag, S. (1984). *A Doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Grall.
- Souza Filho, E.(1996): A dimensão grupal/identitária na produção de representações sociais, in: Nascimento-Schulze. *Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.
- Souza, E. (1983). *Instituto Nacional do Livro*. Brasília: Fundação José Augusto.
- Sprithalll, N. & Collins, W. (1999). *Psicologia do Adolescente – Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Steiger, A. (1998). *Compreender a História da Vida, do Átomo ao Pensamento Humano*. Rio de Janeiro: Ed. Paulus.
- Stengel, E. (1980). *Suicídio e tentativa de suicídio*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Templer, D.; Ruff, C. & Franks, C. (1971). Death Anxiety: Age, Sex and Parental Resemblance in Diverse Populations. *Developmental Psychology* 4: 108.
- Thomas, L.V. (1978). *Mort et pouvoir*. Paris: PBP.
- Toledo, G.L. & Ovalle, I.I. (1981). *Estatística básica*. São Paulo: Atlas.
- Torres, W. (2002). O conceito de morte na criança. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 31(4), 9-34.
- Trica, W. (1972). *O desenho livre como estímulo de apercepção temática*. Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP.
- Vala, J. (1981). Grupos sociais e representação social da violência. *Psicologia*, 2 (4), 329-342.
- Vander, Z. (1993). *Sociology the Core*. (3rd. ed). New York: McGraw Hill.

- Vianna, A & Picceli, H. (1993), O Estudante, o Médico e o Professor de Medicina perante a Morte e o Paciente terminal. *Revista da Associação Medica Brasileira*. vol.44 n.1. São Paulo.
- Vilhena, V. (2006/2007). Pensar a morte. *Revista transdisciplinar de Gerontologia*. Universidade Sénior Contemporânea Editora.
- Wagner, W. (1998). Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 3-25). Goiânia: AB.
- Wagne R, K. D. & Lorion, R.P. (1984). Correlates of Death Anxiety in Elderly Persons. *Journal of Clinical Psychology* 40 (5): 1235-1240.
- Wechsler, D. (2003). *Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças (WISC III)*. Lisboa: CEGOC.
- Westman, A. A.; Canter, Francis, M.; Boitos, T. M. (1984). Denial of Fear or of Death in Young and Elderly Populations. *Psychological Reports*, 55:413-414.
- Wiersma, W. C. (1999). *Research methods in education: An introduction*. Toronto: Adlyn et Bacon.
- Wolfgang, W. (2000). Sócio-Gênese e Características das Representações Sociais. In: *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Paredes e Oliveira (organizadoras). Goiânia: AB.
- Xavier, P. A. (2001). *A Morte-Símbolos e Alegorias*. Lisboa: Livros Horizontes.



**JUAREZ E SILVA CHAGAS**

**REPRESENTAÇÕES DA MORTE  
NOS MEIOS ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO  
NATALENSES (NATAL, BRASIL)**



**DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA  
ESPECIALIDADE EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA MARIA NATÁLIA RAMOS**

**ANEXOS**

**UNIVERSIDADE ABERTA  
Lisboa, 2011**

Juarez e Silva Chagas

**REPRESENTAÇÕES DA MORTE NOS MEIOS ESCOLAR  
E UNIVERSITÁRIO NATALENSES (NATAL, BRASIL)**

Tese para obtenção do Grau de Doutor em Psicologia.

Universidade Aberta

Lisboa, 2011

## ÍNDICE

ANEXO 1 - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS PROFESSORES - A.....	3
ANEXO II - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO DIRIGIDO A ESTUDANTES DA UFRN - B.....	8
ANEXO III - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ESTUDANTES CDF - C.....	13
ANEXO IV - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ESTUDANTES ATHENEU - D.....	18
ANEXO 5 – DESENHOS FEITOS PELOS PROFESSORES UFRN .....	23
ANEXO 6 – DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS UFRN.....	42
ANEXO 7 – DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS CDF.....	56
ANEXO 8 – DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS ATHENEU.....	72

**ANEXO 1 - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS  
PROFESSORES - A**

O presente Questionário aplicado em Escolas selecionadas de Natal e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte faz parte duma investigação de grande interesse social e académico, que está inserida no Doutoramento de Juarez Chagas, Professor do Centro de Biociências da UFRN a ser apresentada na Universidade Aberta, com a qual a UFRN mantém convénio académico.

**A sua opinião não somente é importante para este trabalho, como também decisiva no contexto social, escolar e académico.**

Neste questionário, não **existem respostas certas ou erradas**, mas somente a opinião pessoal daquele que o preenche, ficando este sempre no anonimato e confidencialidade, porquanto as respostas se destinam a fins de investigação científica.

O resultado da referida pesquisa será enviado também para esta Instituição, onde ficará à disposição de quantos tiverem interesse em consultá-la.

**Neste sentido, agradecemos a cada um e cada uma, assim como também a esta Instituição, pela sua valiosa colaboração.**

## I PARTE - Inquérito por Questionário - Professores

Preencha os quadros e/ou assinale com um X e, quando necessário, responda porque

1. Idade  Sexo : Masc  Fem
2. Origem étnica/cultural
3. Naturalidade  Nacionalidade
4. Há quanto tempo reside no lugar
5. Formação académica  Curso   
Pós-graduação
6. Instituição académica
7. Área académica: Humanidades  Tecnológica  Saúde  Artes   
Outras
8. Disciplina(s) que leciona
9. Religião  Praticante Sim  Não
10. Tem medo da morte Sim  Não   
Porque ? \_\_\_\_\_
11. Acha a morte necessária como controle populacional do Planeta Sim  Não
12. A morte é discutida no meio em que você convive Sim  Não  Raramente
13. Lê ou informa-se sobre o assunto Sim  Não  Raramente
14. Vai a velórios de parentes e amigos Sim  Não  Evita-os   
Porque? \_\_\_\_\_
15. Chora a morte de ídolos (literatura, música, arte) Sim  Não
16. Cite uma palavra, que para você represente a morte

17. Pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente Sim  Não   
Porque? \_\_\_\_\_
18. Que representação você atribui à morte (uma palavra apenas)
20. Cite um som que para você represente a morte
21. Que cor você atribui à morte (uma palavra apenas)
22. Cite um animal que para você represente a morte
23. Cite um objeto que para você represente a morte
24. Cite um lugar que para você represente a morte
25. Cite uma música que para você represente a morte
26. Você gostaria de viver eternamente Sim  Não
27. Se pudesse escolher, qual faixa etária optaria para a sua finitude? 120 a 140 anos   
150 a 200 anos  200 a 300 anos  acima de 300 anos   
Porque? \_\_\_\_\_
28. Você acredita na vida após a morte Sim  Não   
Porque? \_\_\_\_\_
29. Você acredita na vida após a morte Sim  Não   
Porque? \_\_\_\_\_

**II PARTE -REPRESENTE GRAFICAMENTE (OU DESENHE) O QUE  
PARA VOCÊ REPRESENTA A MORTE**

**ANEXO II - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO DIRIGIDO A  
ESTUDANTES DA UFRN - B**

O presente Questionário aplicado em Escolas selecionadas de Natal e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte faz parte duma investigação de grande interesse social e académico, que está inserida no Doutoramento de Juarez Chagas, Professor do Centro de Biociências da UFR a ser apresentado na Universidade Aberta, com a qual a UFRN mantém convénio académico.

**A sua opinião não somente é importante para este trabalho, como também decisiva no contexto social, escolar e académico.**

Neste questionário, não **existem respostas certas ou erradas**, mas somente a opinião pessoal daquele que o preenche, ficando este sempre no anonimato e confidencialidade, porquanto as respostas se destinam a fins de investigação científica.

O resultado da referida pesquisa será enviado também para esta Instituição, onde ficará à disposição de quantos tiverem interesse em consultá-la.

**Neste sentido, agradecemos a cada um e cada uma, assim como também a esta Instituição, pela sua valiosa colaboração.**

## I PARTE - Inquérito por questionário - Estudantes

Preencha os quadros e/ou assinale com um X e, quando necessário, responda porque

01. Idade  Sexo Masc  Fem

02. Origem étnica/cultural

03. Naturalidade  Nacionalidade

04. Há quanto tempo reside no lugar

05. Formação acadêmica  Curso

06. Instituição acadêmica

07. Área acadêmica: Humanidades  Tecnológica  Saúde  Artes

Outras

08. Religião  Praticante Sim  Não

09. Tem medo da morte Sim  Não

Porque? \_\_\_\_\_

10. Acha a morte necessária como controle populacional do Planeta Sim  Não

11. A morte é discutida no meio em que você convive Sim  Não  Raramente

12. Lê ou informa-se sobre o assunto Sim  Não  Raramente

13. Vai a velórios de parentes e amigos Sim  Não  Evita-os

Porque? \_\_\_\_\_

14. Chora a morte de ídolos (literatura, música, arte) Sim  Não

15. Cite uma palavra, que para você represente a morte

16. Pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente Sim  Não

Porque? \_\_\_\_\_

17. Que representação você atribui à morte (uma palavra apenas)

18. Cite um som que para você represente a morte

19. Cite um som que para você represente a morte

20. Que cor você atribui à morte (uma palavra apenas)

21. Cite um animal que para você represente a morte

22. Cite um objecto que para você represente a morte

23. Cite um lugar que para você represente a morte

24. Cite uma música que para você represente a morte

25. Você gostaria de viver eternamente Sim  Não

Porque? \_\_\_\_\_

26. Se pudesse escolher, que faixa etária optaria para a sua finitude?

120 a 140 anos  150 a 200 anos  200 a 300 anos  acima de 300 anos

Porque? \_\_\_\_\_

26. Você acredita em vida após a morte Sim  Não

Porque? \_\_\_\_\_

27. Você acredita na vida após a morte Sim  Não

Porque? \_\_\_\_\_

**II PARTE - REPRESENTE GRAFICAMENTE (OU DESENHE) O QUE  
PARA VOCE REPRESENTA A MORTE**

**ANEXO III - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ESTUDANTES CDF - C**

O presente Questionário aplicado em escolas selecionadas de Natal e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte é parte da investigação de grande interesse social e acadêmico, sendo também pesquisa de Doutorado, realizado na Universidade Aberta de Lisboa, com a qual a UFRN mantém convênio acadêmico.

Este estudo é coordenado pelo **Prof. Juarez Chagas**, do Centro de Biociências da UFRN.

**Sua opinião não somente é importante para este trabalho, como também decisiva no contexto social, escolar e acadêmico.**

Neste questionário, não **existem respostas certas ou erradas**, mas somente a opinião pessoal de cada pessoa que o responde. **As respostas são exclusivamente anônimas e confidenciais**, não havendo, portanto identificação de quem o responde destinando-se somente para fins de investigação científica.

O resultado da referida pesquisa será enviado também para esta Instituição, onde ficara a disposição de quantos interessarem consultá-las.

**Neste sentido, agradecemos a cada um e cada uma, assim como também a esta Instituição, pela valiosa colaboração.**

## I PARTE - Inquérito por questionário - Estudantes

Preencha os quadros e/ou assinale com um X e, quando necessário, responda porque

1. Idade  Sexo Masc  Fem
2. Origem étnica/cultural
3. Naturalidade  Nacionalidade
4. Há quanto tempo reside no lugar
5. Formação acadêmica  Curso
6. Instituição acadêmica
7. Área acadêmica: Humanas  Tecnológica  Saúde  Artes   
Outras
8. Religião  Praticante Sim  Não
9. Tem medo da morte Sim  Não   
Por que? \_\_\_\_\_
10. Acha a morte necessária como controle populacional do Planeta Sim  Não
11. A morte é discutida no meio em que você convive Sim  Não  Raramente
12. Lê ou se informa sobre o assunto Sim  Não  Raramente
13. Vai a velórios de parentes e amigos Sim  Não  Evita-os   
Por que? \_\_\_\_\_
14. Chora a morte de ídolos (literatura, musica, arte) Sim  Não
15. Cite uma palavra, que para você represente a morte
16. Pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente Sim  Não   
Por que? \_\_\_\_\_
17. Que representação você atribui a morte (uma palavra apenas)

18. Cite um som que para você represente a morte
19. Que cor você atribui a morte (uma palavra apenas)
20. Cite um animal que para você represente a morte
21. Cite um objecto que para você represente a morte
22. Cite um lugar que para você represente a morte
23. Cite uma música que para você represente a morte
24. Você gostaria de viver eternamente      Sim  Não   
Porque? \_\_\_\_\_
25. Se pudesse escolher, qual faixa de idade optaria para sua finitude?  
120 a 140 anos  150 a 200 anos  200 a 300 anos  acima de 300 anos   
Porque? \_\_\_\_\_
26. Você acredita em vida após a morte      Sim  Não   
Por que? \_\_\_\_\_
27. Você acredita em vida após a morte      Sim  Não   
Por que? \_\_\_\_\_

**II PARTE - REPRESENTE GRAFICAMENTE (OU DESENHE) O QUE  
PARA VOCÊ REPRESENTA A MORTE**

**ANEXO IV - INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ESTUDANTES  
ATHENEU - D**

O presente Questionário aplicado em escolas selecionadas de Natal e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte é parte da investigação de grande interesse social e acadêmico, sendo também pesquisa de Doutorado, realizado na Universidade Aberta de Lisboa, com a qual a UFRN mantém convênio acadêmico.

Este estudo é coordenado pelo **Prof. Juarez Chagas**, do Centro de Biociências da UFRN.

**Sua opinião não somente é importante para este trabalho, como também decisiva no contexto social, escolar e acadêmico.**

Neste questionário, não **existem respostas certas ou erradas**, mas somente a opinião pessoal de cada pessoa que o responde. **As respostas são exclusivamente anônimas e confidenciais**, não havendo, portanto identificação de quem o responde destinando-se somente para fins de investigação científica.

O resultado da referida pesquisa será enviado também para esta Instituição, onde ficara a disposição de quantos interessarem consultá-las.

**Neste sentido, agradecemos a cada um e cada uma, assim como também a esta Instituição, pela valiosa colaboração.**

## I PARTE - Inquérito por questionário - Estudantes

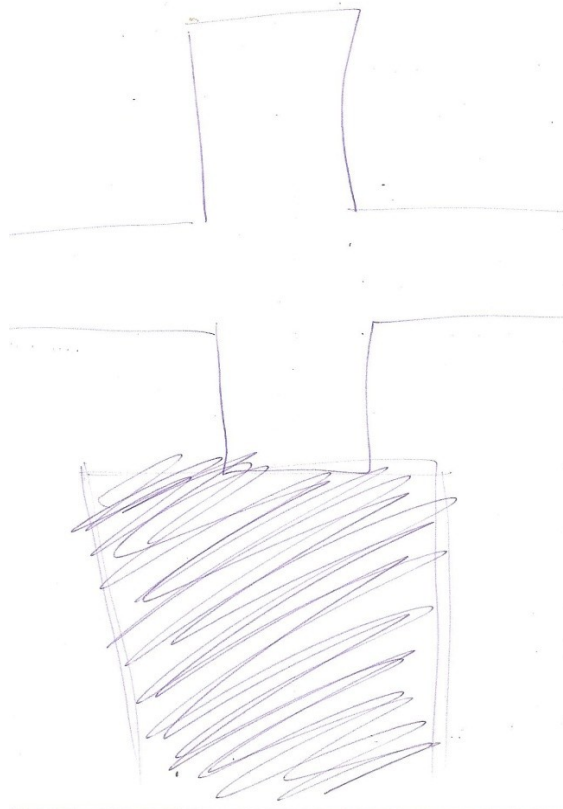
Preencha os quadros e/ou assinale com um X e, quando necessário, responda porque

1. Idade  Sexo Masc  Fem
2. Origem étnica/cultural
3. Naturalidade  Nacionalidade
4. Há quanto tempo reside no lugar
5. Formação acadêmica  Curso
6. Instituição acadêmica
7. Área acadêmica: Humanidades  Tecnológica  Saúde  Artes   
Outras
8. Religião  Praticante Sim  Não
9. Tem medo da morte Sim  Não   
Porque? \_\_\_\_\_
10. Acha a morte necessária como controle populacional do Planeta Sim  Não
11. A morte é discutida no meio em que você convive Sim  Não  Raramente
12. Lê ou informa-se sobre o assunto Sim  Não  Raramente
13. Vai a velórios de parentes e amigos Sim  Não  Evita-os   
Porque? \_\_\_\_\_
14. Chora a morte de ídolos (literatura, musica, arte) Sim  Não
15. Cite uma palavra, que para você represente a morte
16. Pensa que a morte deveria ser estudada escolar e academicamente Sim  Não   
Porque? \_\_\_\_\_
17. Que representação você atribui à morte (uma palavra apenas)

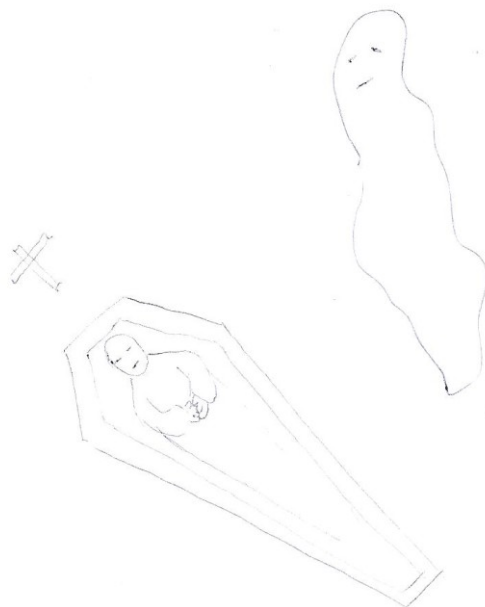
18. Cite um som que para você represente a morte
19. Que cor você atribui à morte (uma palavra apenas)
20. Cite um animal que para você represente a morte
21. Cite um objecto que para você represente a morte
22. Cite um lugar que para você represente a morte
23. Cite uma música que para você represente a morte
24. Você gostaria de viver eternamente      Sim  Não   
Porque? \_\_\_\_\_
25. Se pudesse escolher, qual faixa de idade optaria para sua finitude?  
120 a 140 anos  150 a 200 anos  200 a 300 anos  acima de 300 anos   
Porque? \_\_\_\_\_
26. Você acredita em vida após a morte      Sim  Não   
Porque? \_\_\_\_\_
27. . Você acredita em vida após a morte      Sim  Não   
Porque? \_\_\_\_\_

**II PARTE - REPRESENTE GRAFICAMENTE (OU DESENHE) O  
QUE PARA VOCÊ REPRESENTA A MORTE**

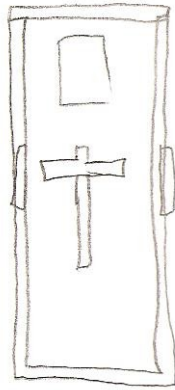
**ANEXO 5 – DESENHOS FEITOS PELOS PROFESSORES UFRN**



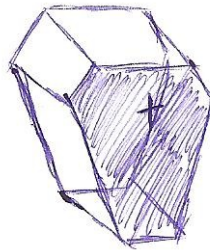
Desenho 1



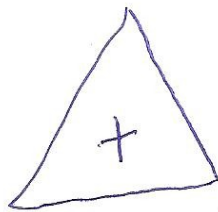
Desenho 2



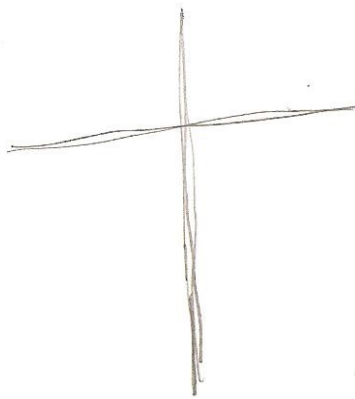
Desenho 3



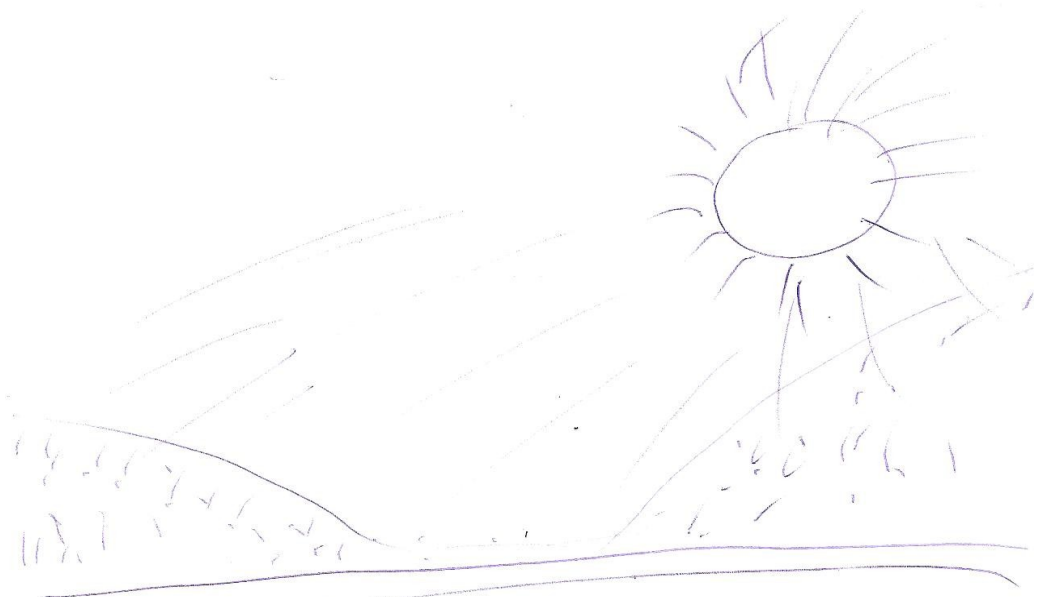
Desenho 4



Desenho 5

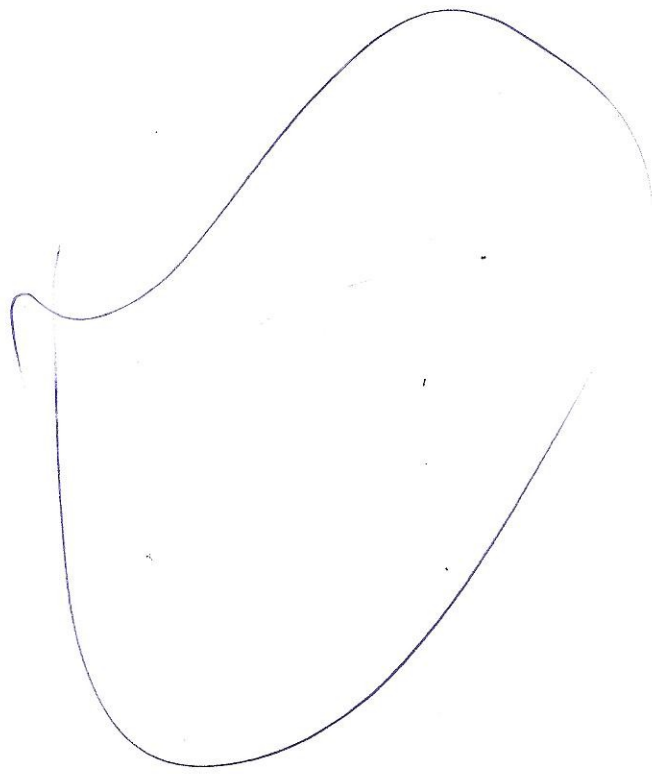


Desenho 6



*Início de um novo período.*

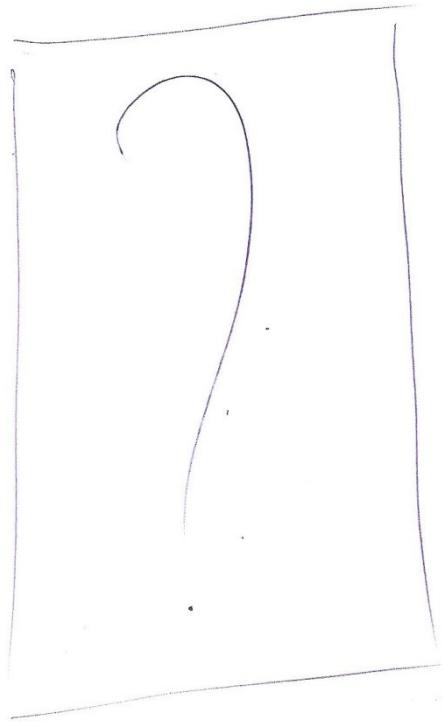
Desenho 7



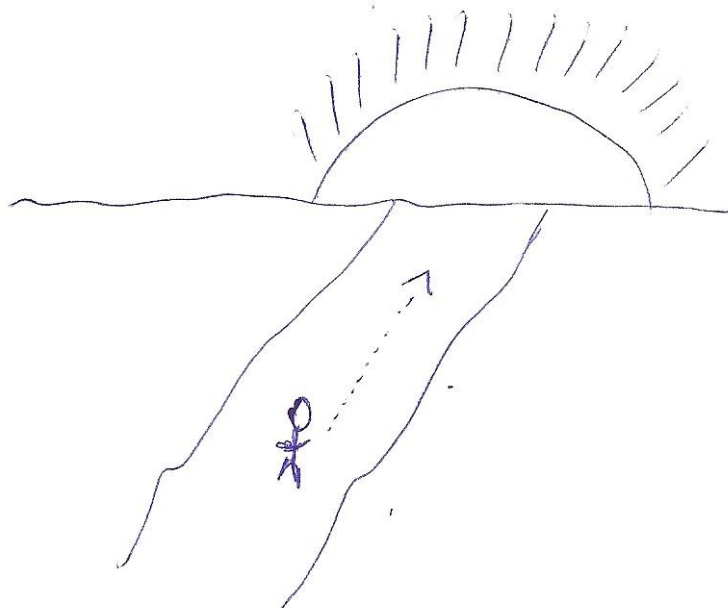
Desenho 8



Desenho 9



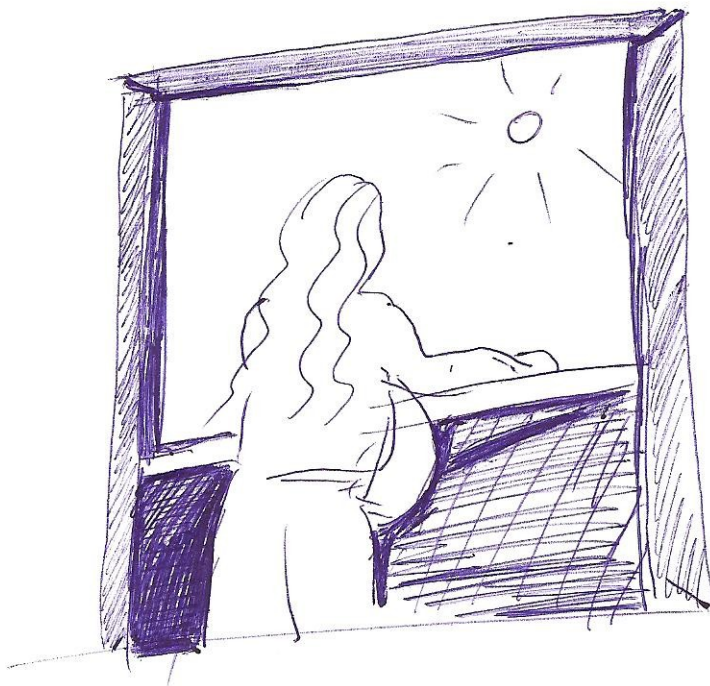
Desenho 10



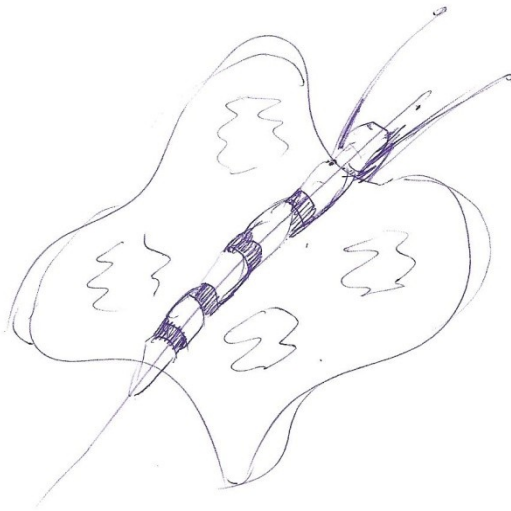
Desenho 11



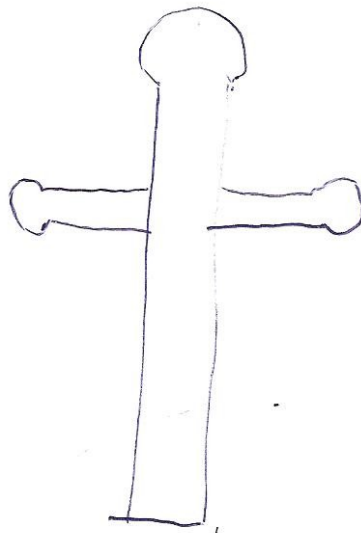
Desenho 12



Desenho 13



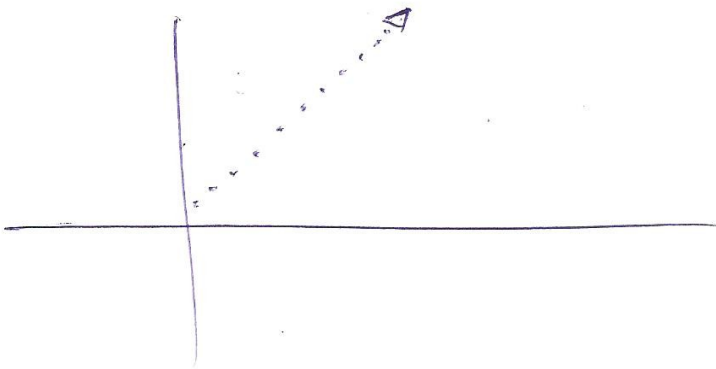
Desenho 14



Desenho 15



Desenho 16

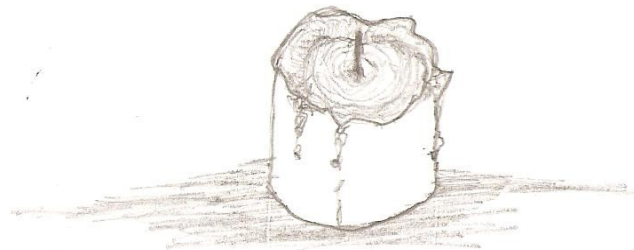


→ = A morte é um fenômeno de natureza biológica! Já morremos inúmeras vezes e continuaremos a passar por outras mortes

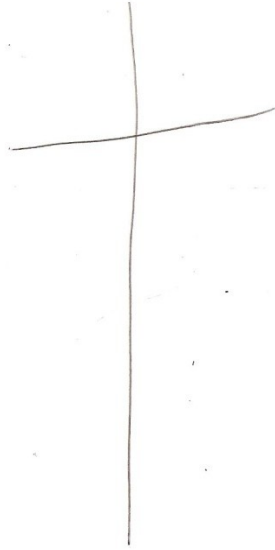
Desenho 17



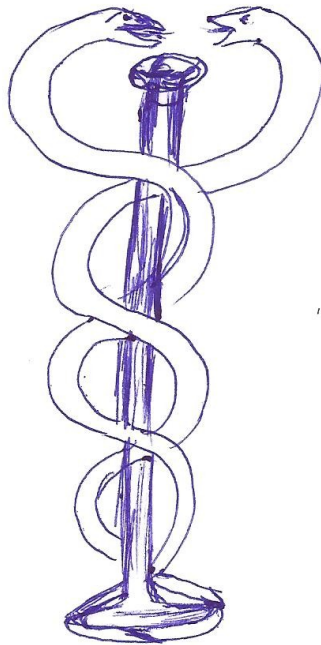
Desenho 18



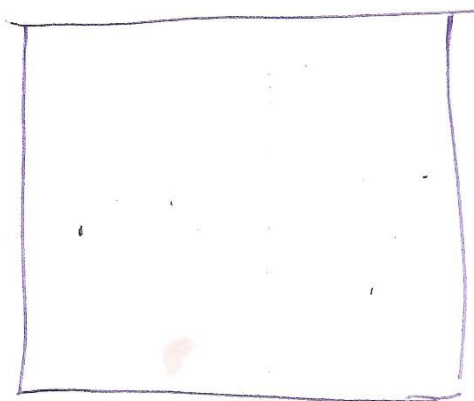
Desenho 19



Desenho 20



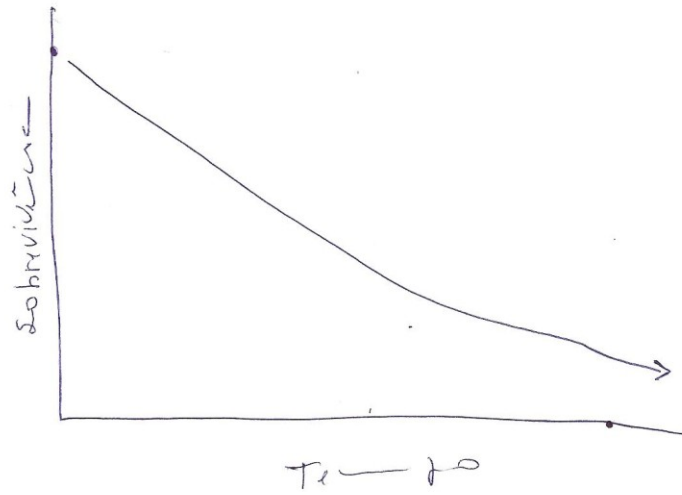
Desenho 21



Desenho 22



Desenho 23



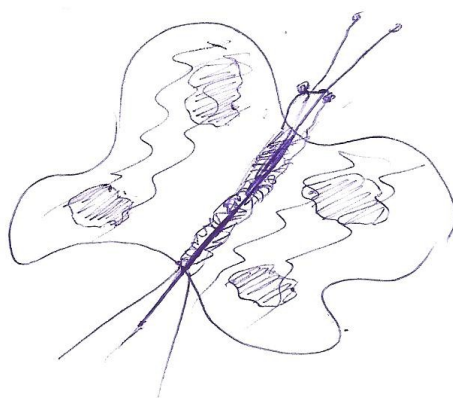
Desenho 24



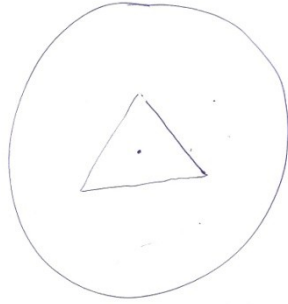
Desenho 25



Desenho 26

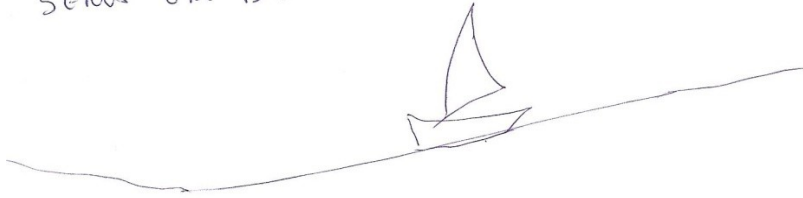


Desenho 27

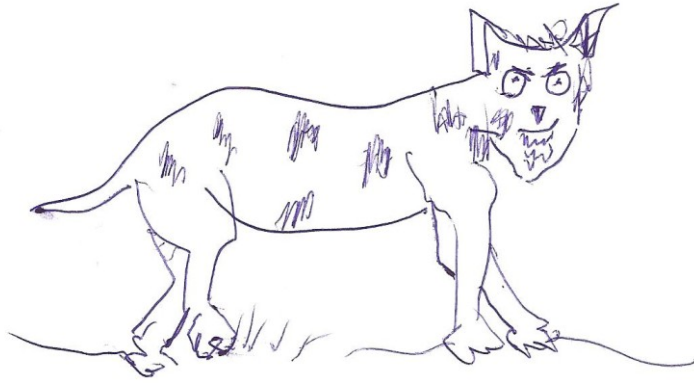


Desenho 28

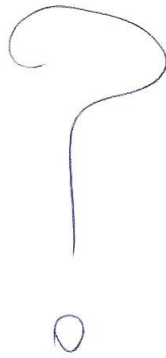
NÃO SEI DESENHAR, MAS  
SERIA UM BARCO EM ALTO MAR.



Desenho 29



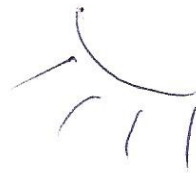
Desenho 30



Desenho 31



Desenho 32



Desenho 33



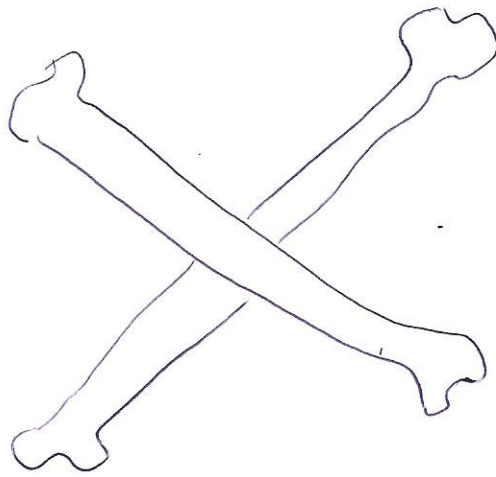
Desenho 34



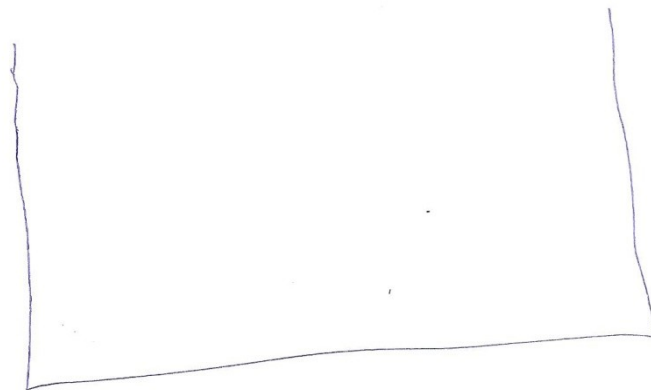
Desenho 35



Desenho 36

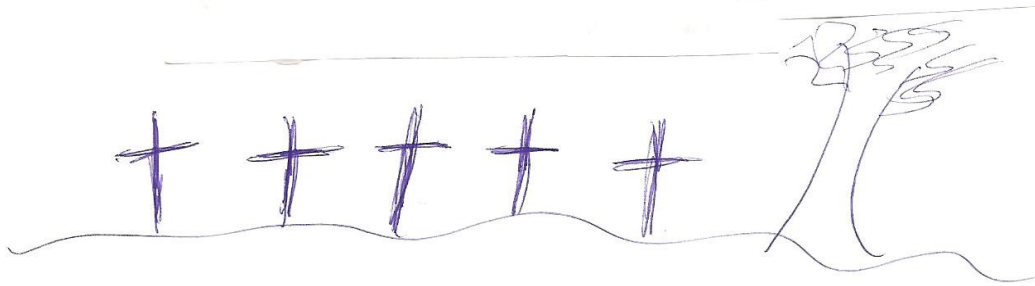


Desenho 37

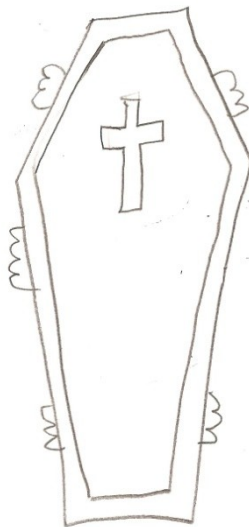


Desenho 38

**ANEXO 6 – DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS UFRN**



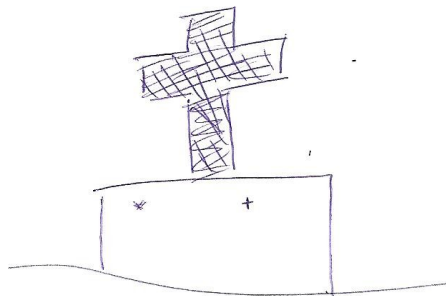
Desenho 1



Desenho 2



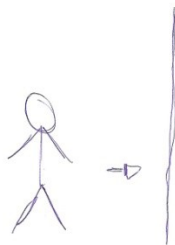
Desenho 3



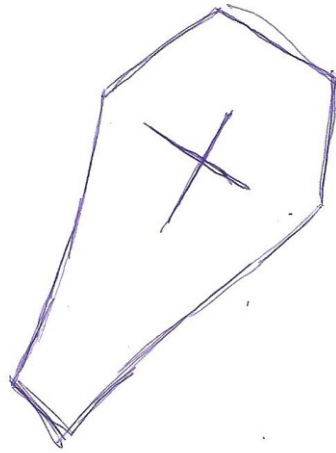
Desenho 4



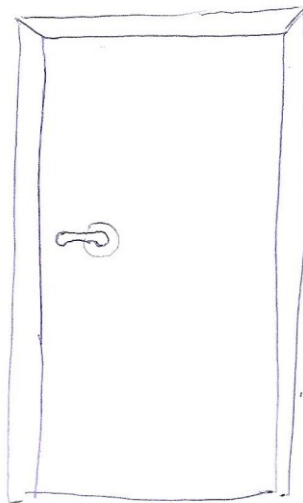
Desenho 5



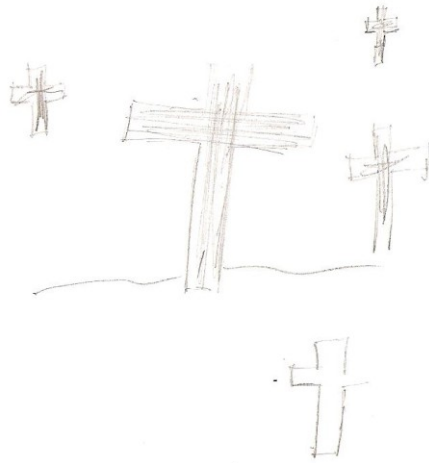
Desenho 6



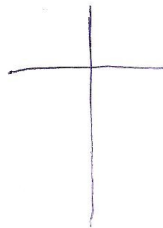
Desenho 7



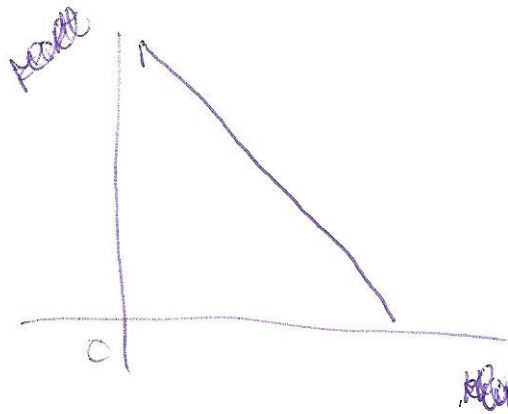
Desenho 8



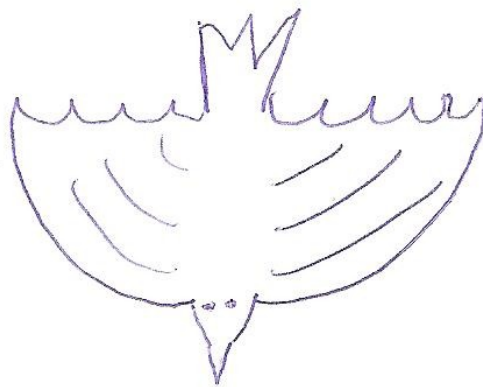
Desenho 9



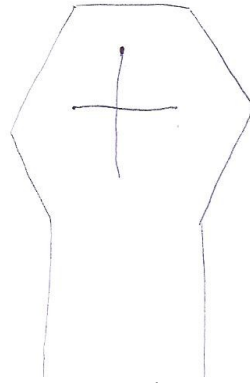
Desenho 10



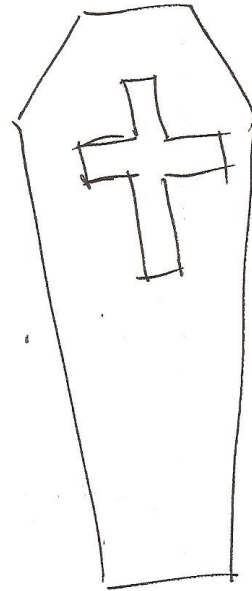
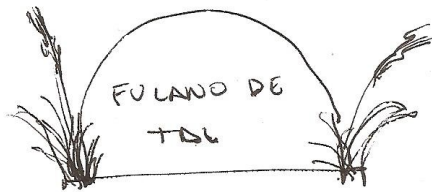
Desenho 11



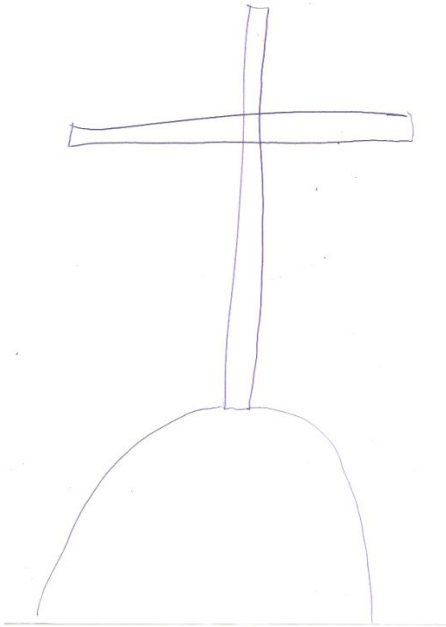
Desenho 12



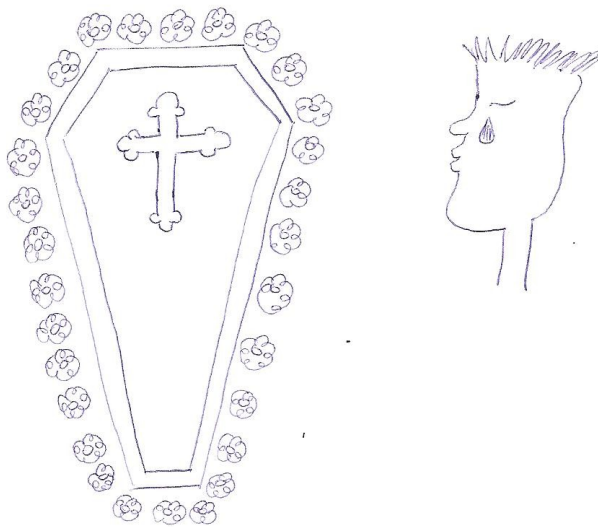
Desenho 13



Desenho 14



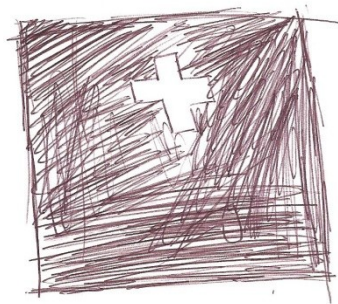
Desenho 15



Desenho 16



Desenho 17



Desenho 18

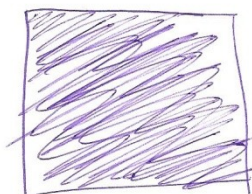


Desenho 19

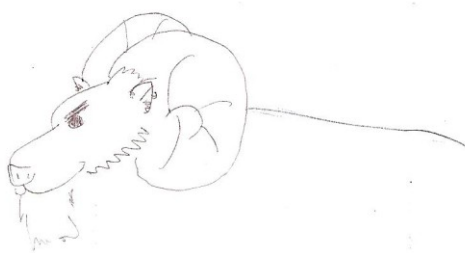


simbolo

Desenho 20



Desenho 21



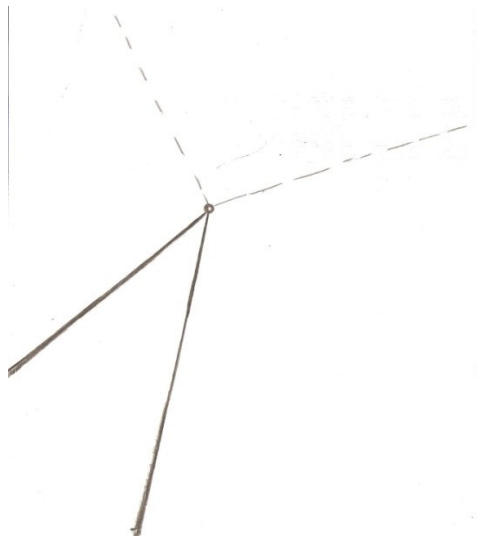
Desenho 22



Desenho 23



Desenho 24

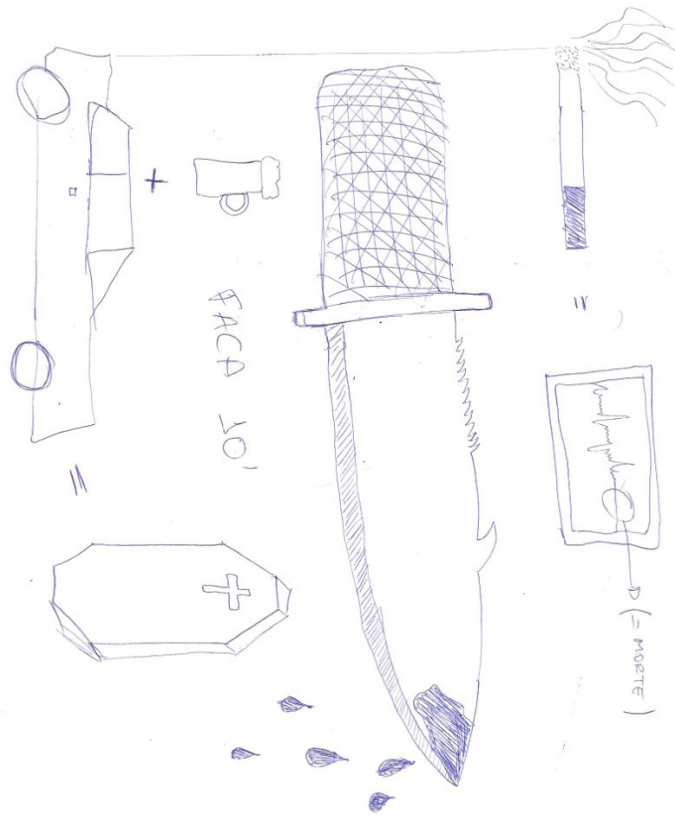


Desenho 25

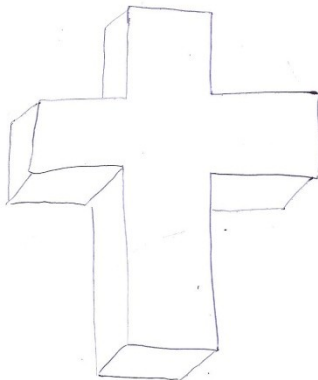


Desenho 26

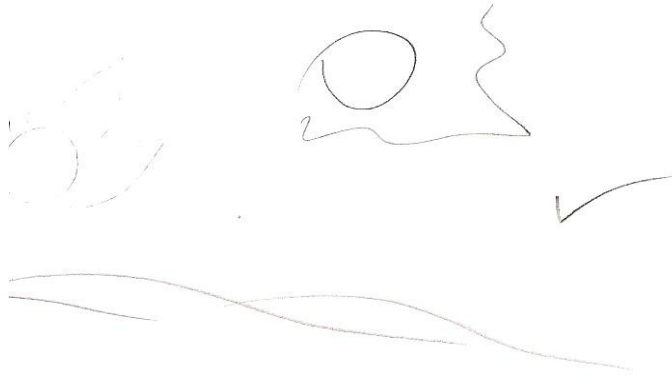
**ANEXO 7 – DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS CDF**



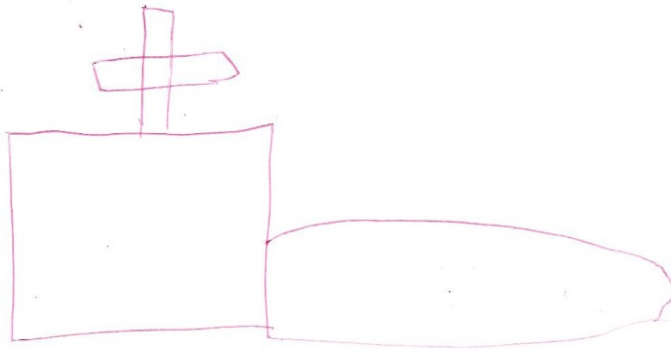
Desenho 1



Desenho 2



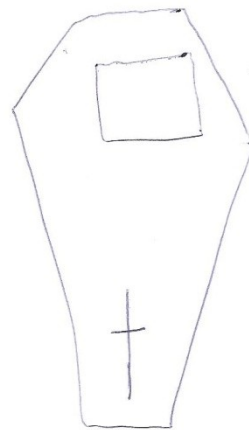
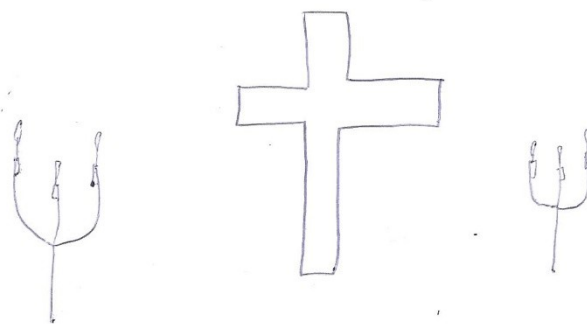
Desenho 3



Desenho 4



Desenho 5



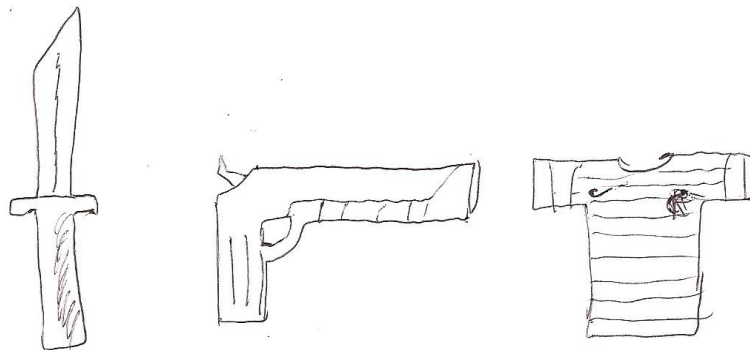
Desenho 6



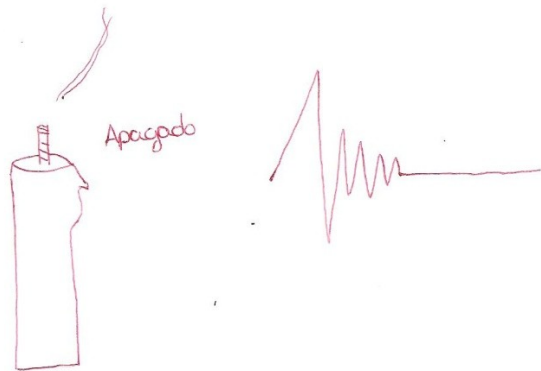
Desenho 7



Desenho 8



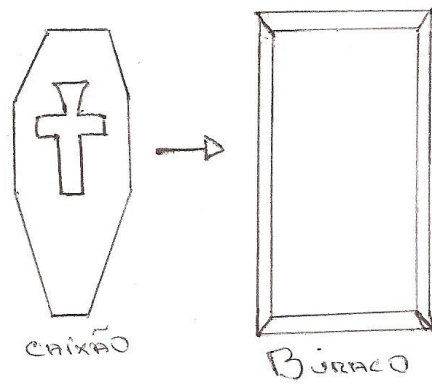
Desenho 9



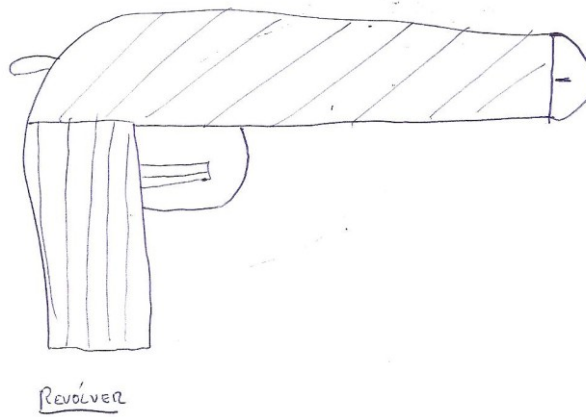
Desenho 10



Desenho 11



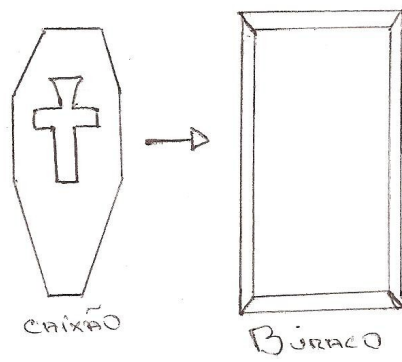
Desenho 12



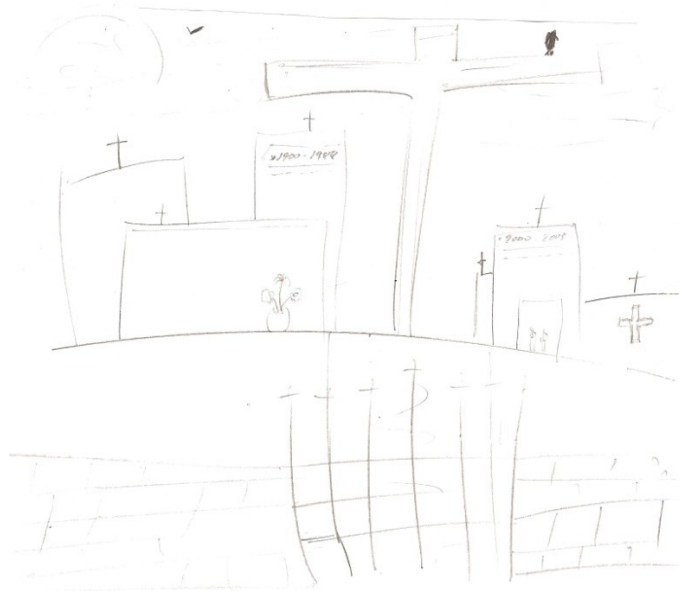
Desenho 13



Desenho 14



Desenho 15



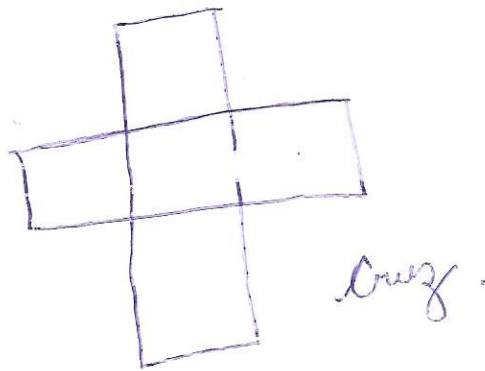
Desenho 16



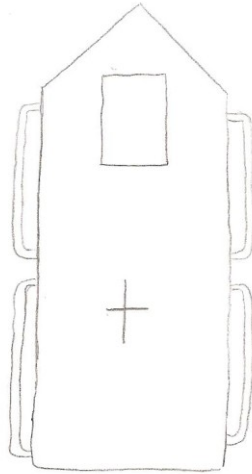
Desenho 17



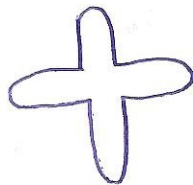
Desenho 18



Desenho 19



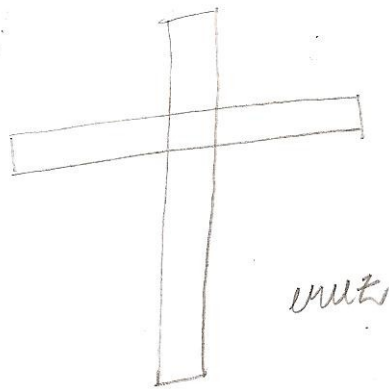
Desenho 20



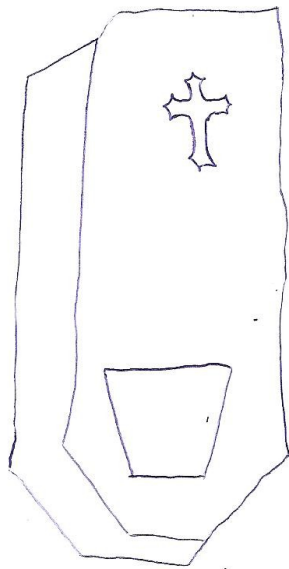
Desenho 21



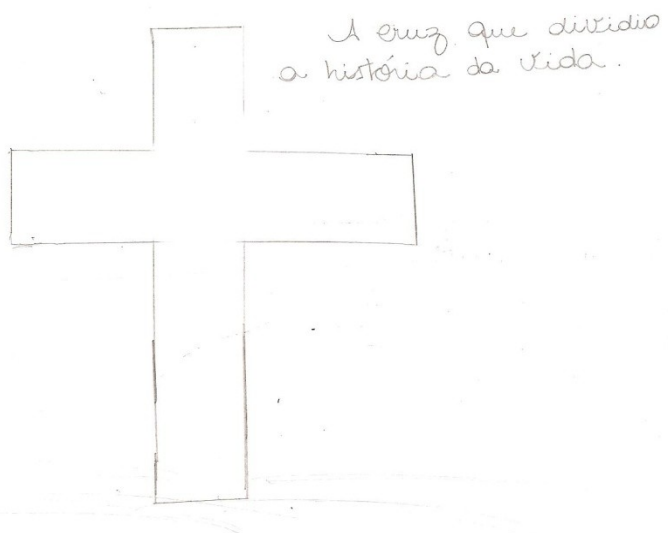
Desenho 22



Desenho 23



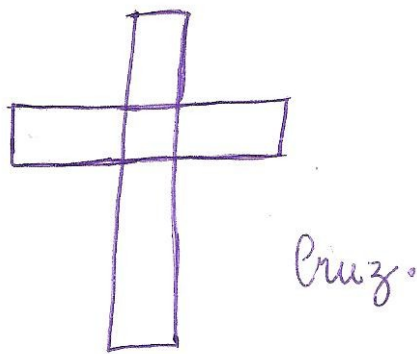
Desenho 24



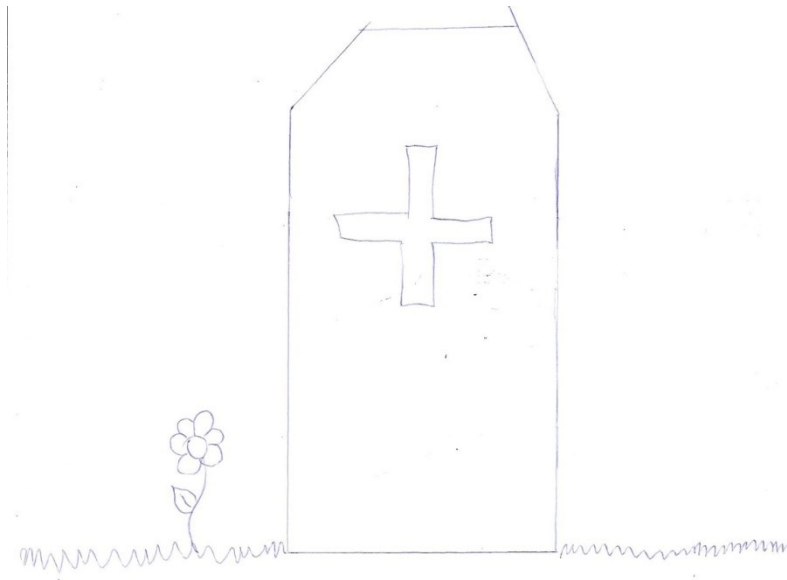
Desenho 25



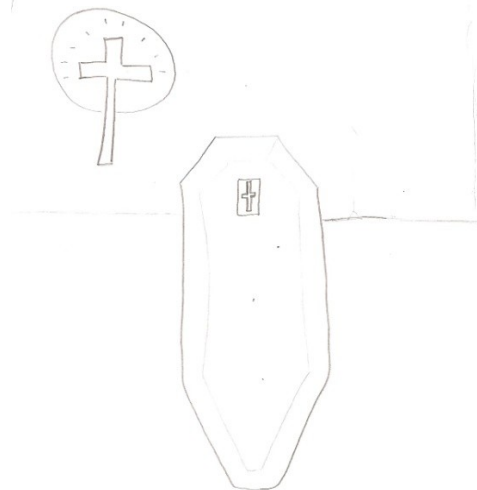
Desenho 26



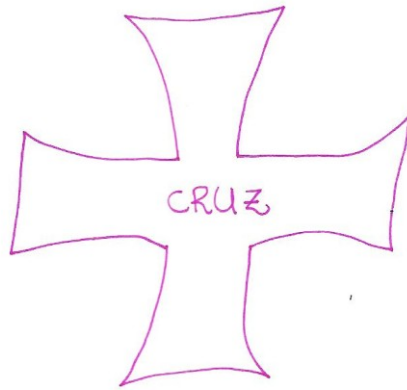
Desenho 27



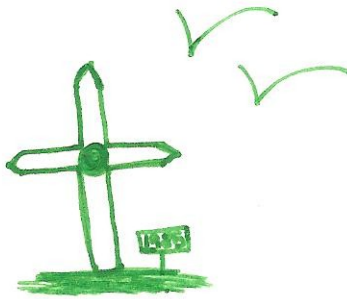
Desenho 28



Desenho 29



Desenho 30



Desenho 31

**ANEXO 8 – DESENHOS FEITOS PELOS ALUNOS ATHENEU**



Desenho 1



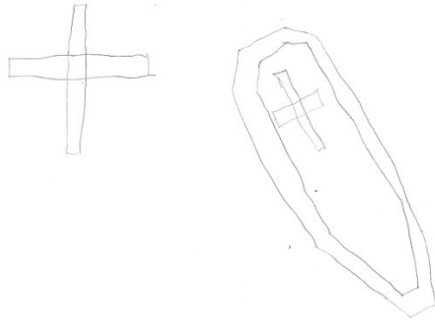
Desenho 2



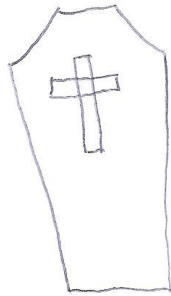
Desenho 3



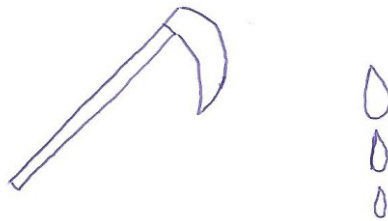
Desenho 4



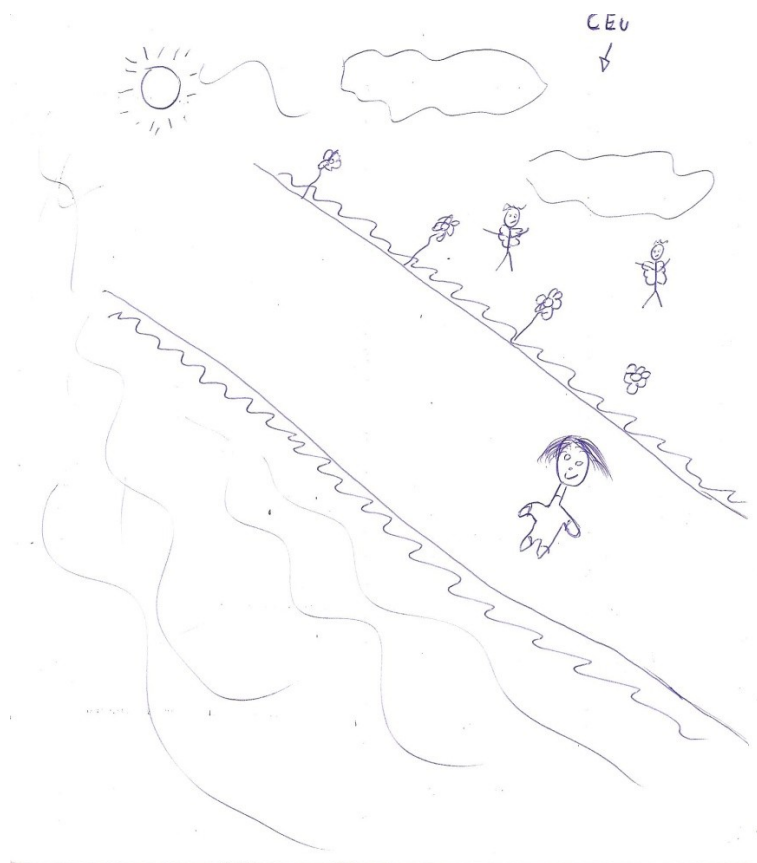
Desenho 5



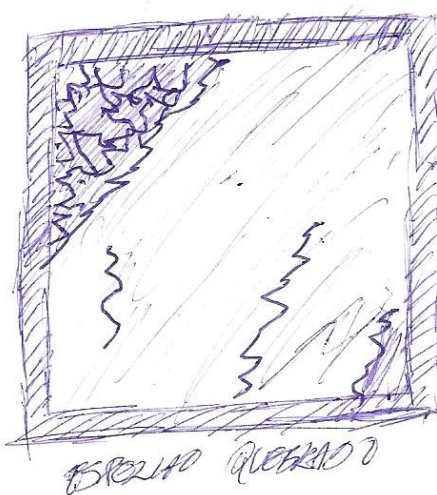
Desenho 6



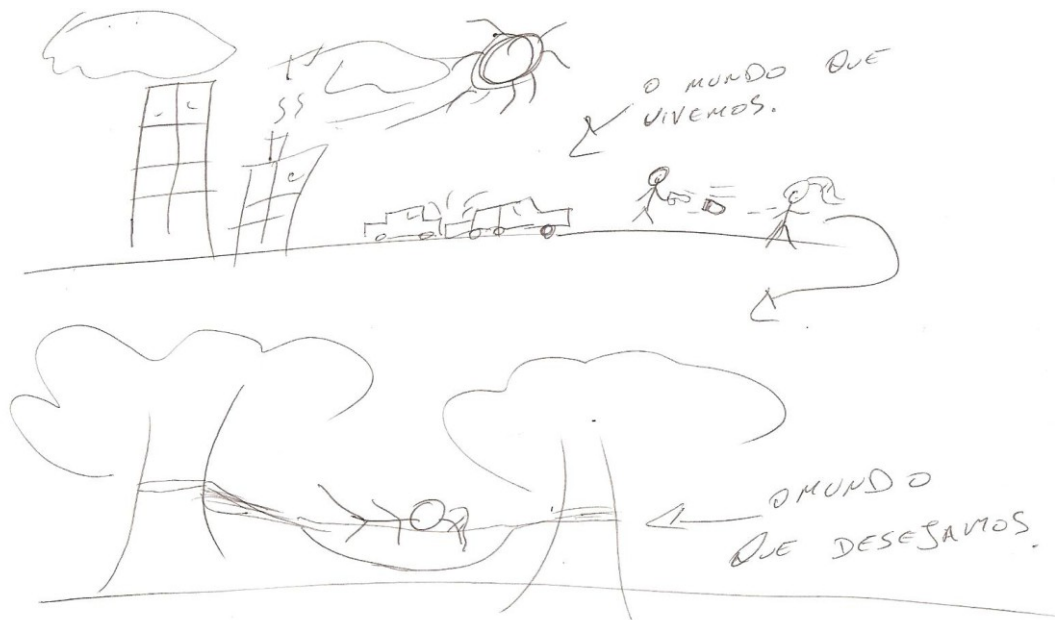
Desenho 7



Desenho 8



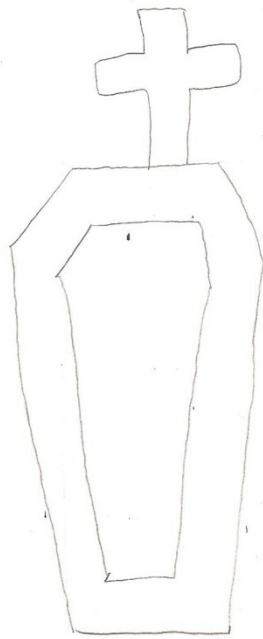
Desenho 9



Desenho 10



Desenho 11



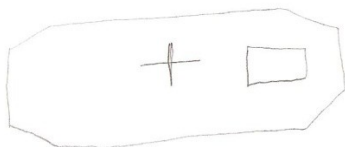
Desenho 12



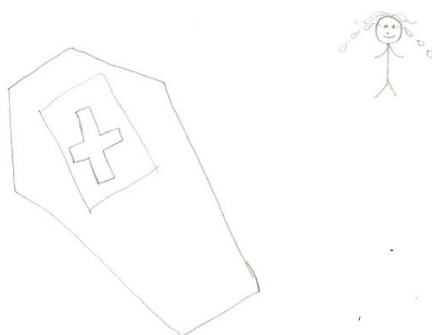
Desenho 13



Desenho 14



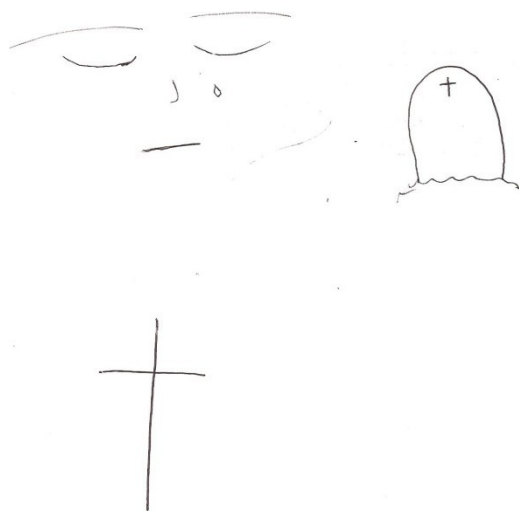
Desenho 15



Desenho 16



Desenho 17



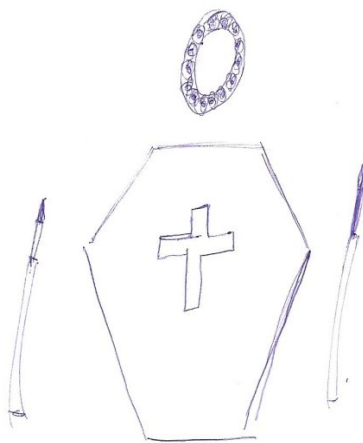
Desenho 18



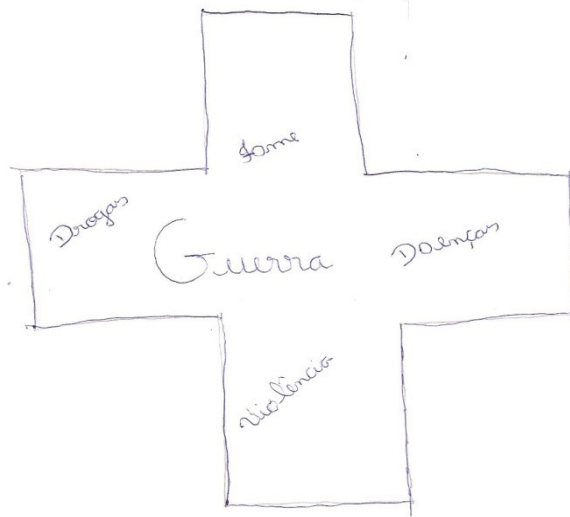
Desenho 19



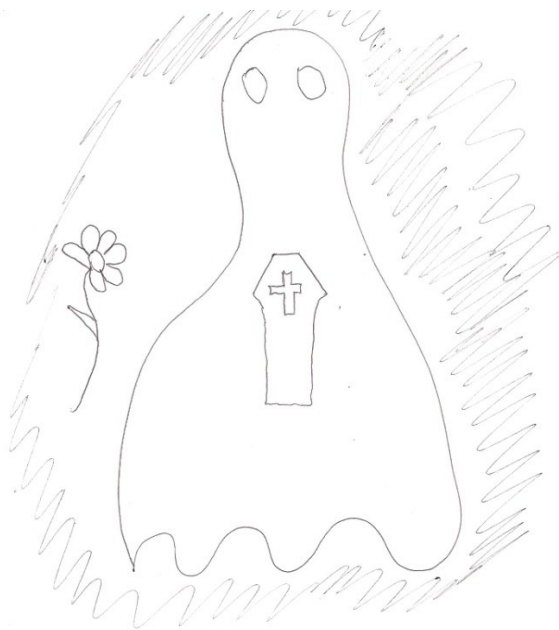
Desenho 20



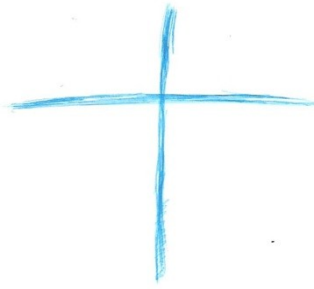
Desenho 21



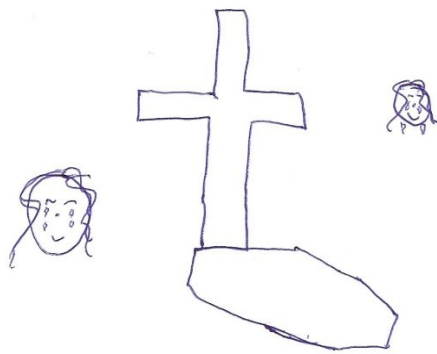
Desenho 22



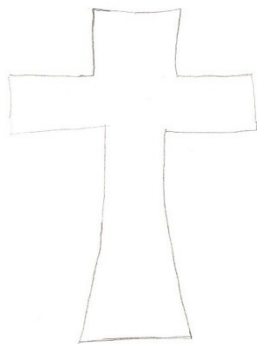
Desenho 23



Desenho 24



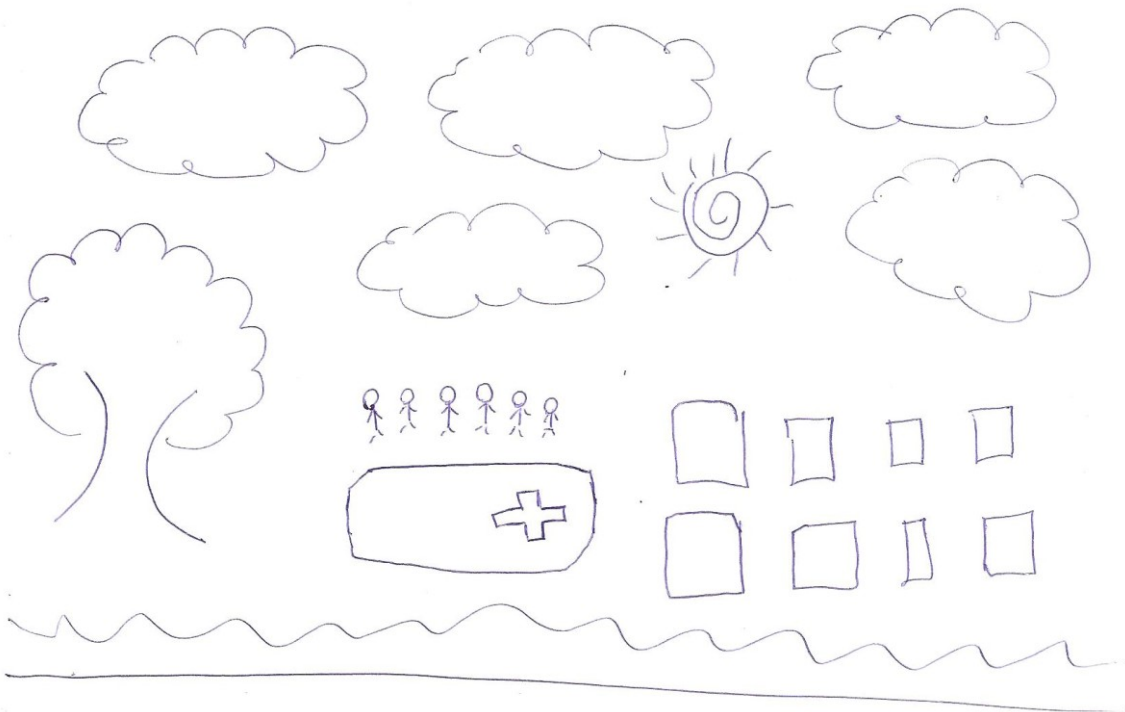
Desenho 25



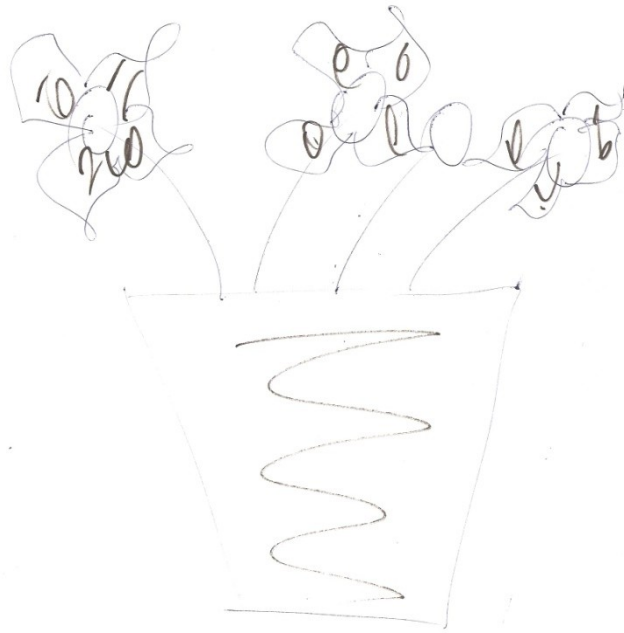
Desenho 26



Desenho 27



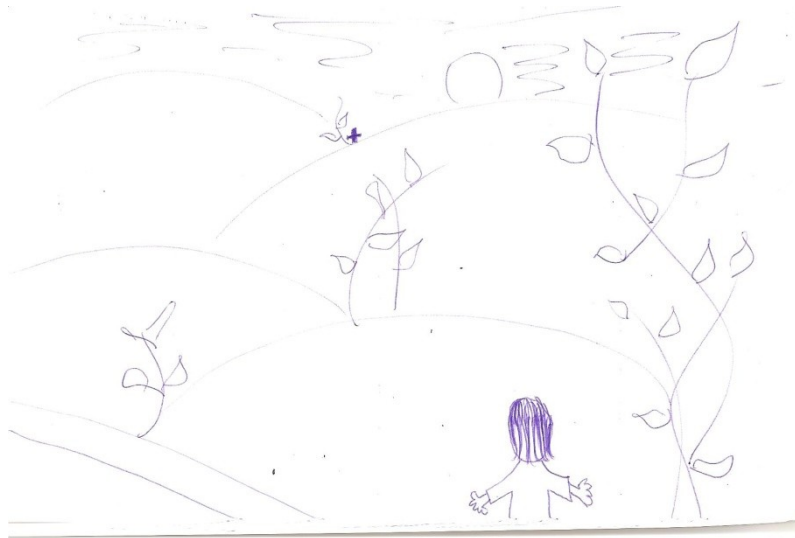
Desenho 28



Desenho 29



Desenho 30



Desenho 31